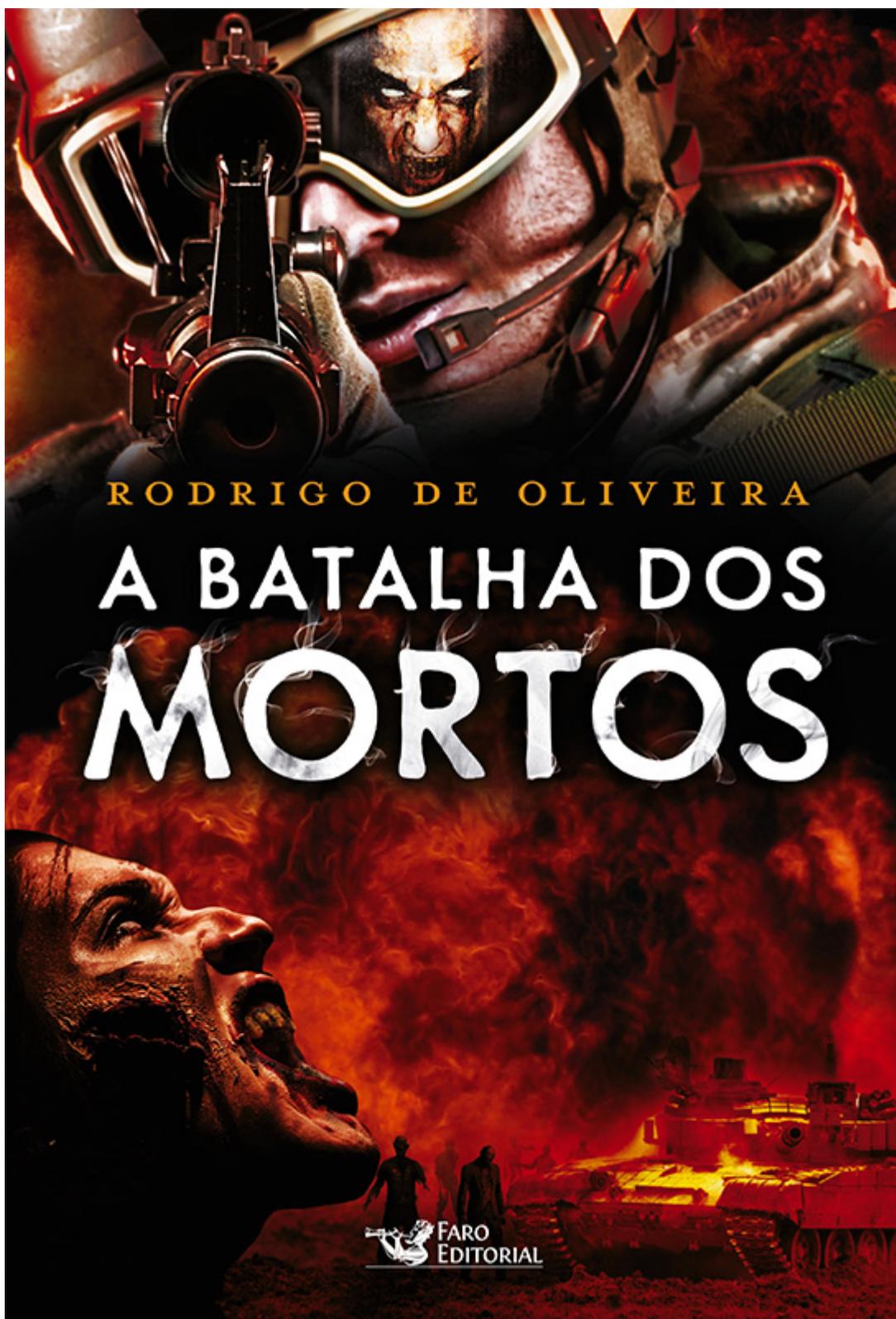




RODRIGO DE OLIVEIRA

A BATALHA DOS MORTOS





RODRIGO DE OLIVEIRA

A BATALHA DOS MORTOS

FARO EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A BATALHA DOS MORTOS



RODRIGO DE OLIVEIRA

A BATALHA DOS MORTOS



*Para meu pai, José Antônio,
e minha mãe, Maria de Fátima.*

E naqueles dias, os seres tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate.

Apocalipse (9:9) — A visão da guerra

SUMÁRIO

CAPA

ROSTO

DEDICATÓRIA

EPIGRAFE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 – **TAUBATÉ**

CAPÍTULO 2 – **O RESGATE**

CAPÍTULO 3 – **A BOCA DO INFERNO**

CAPÍTULO 4 – **O PLANO**

CAPÍTULO 5 – **O CERCO**

CAPÍTULO 6 – **O CORONEL**

CAPÍTULO 7 – **UMA VISITA INESPERADA**

CAPÍTULO 8 – **COMANDO**

CAPÍTULO 9 – **A SENHORA DOS MORTOS**

AGRADECIMENTOS

O AUTOR

CRÉDITOS

INTRODUÇÃO



IVAN TENTAVA RESPIRAR, mas cada mínima porção de oxigênio alcançava seus pulmões com dificuldade extrema. A criatura diante de si o segurava fortemente pelo pescoço com sua mão seca, forte, dura como aço. Seus pés balançavam no ar, tentando inutilmente alcançar o chão.

Ele segurava o pulso da zumbi com ambas as mãos, imprimindo um esforço sobre-humano para afrouxar a pressão em sua garganta. Acima de tudo, Ivan tentava ganhar tempo. Não podia acreditar na força descomunal do ser que permanecia indiferente às suas investidas contra ele, ao seu desespero.

A zumbi sustentava seus mais de noventa quilos com facilidade, como uma criança segura um brinquedo. Era isso que Ivan representava para ela naquele momento: um muito aguardado brinquedo. Ou troféu.

Ivan olhou em volta, procurando algum sinal de vida. Rezava para avistar algum soldado, um dos seus companheiros de armas, mas não via ninguém. Tudo indicava que não havia outros sobreviventes.

Em todas as direções ele só enxergava zumbis. Milhares de criaturas, incontáveis. Eram tantos que ocupavam todos os espaços possíveis. Estavam entre as casas destruídas, os Urutus espatifados, os corpos de seus amigos e amigas que agora eram dilacerados pelas feras sedentas de sangue. Todos mortos. E Ivan seria o próximo a morrer, não tinha dúvida. Começava a ver alguns dos seus comandados se levantar, renascidos do inferno e convertidos em mortos-vivos devoradores de homens.

Todo o bairro estava em ruínas, com árvores e postes tombados por todos os lados. Casas, prédios, muros, nada fora poupado. Até

mesmo carros enferrujados que jaziam abandonados havia mais de um ano por aqueles lados se achavam de rodas para cima. Alguns veículos, sem donos desde o evento que transformara dois terços dos humanos em mortos-vivos, estavam completamente retorcidos como se fossem de papel.

Mais adiante Ivan avistava peças de artilharia destruídas e um caminhão de transporte de militares todo achatado, de cabeça para baixo, com algumas rodas ainda girando teimosamente, enquanto a carroceria pegava fogo. Uma grossa coluna de fumaça subia para o céu e um cheiro acre se espalhava ao sabor do vento. No céu, as primeiras aves carniceiras começavam a voar em círculos, atraídas pelo odor da morte.

Ivan se obrigou a olhar para o rosto da criatura monstruosa que o segurava com força. Tentava reunir coragem; não queria que seus últimos momentos fossem dominados pelo absoluto terror. Ele sentia que a desgraçada queria isso; ela desejava quebrar seu espírito antes de trucidar o seu corpo, e esse prazer Ivan roubaria dela.

O mais perturbador era que se tratava de um rosto assustadoramente familiar. Um rosto conhecido, a face outrora bela de uma mulher. Mas, nos olhos brancos e leitosos do ser, Ivan enxergou o Abismo. Não viu nada menos do que o Inferno, porque aquela criatura era a personificação do Mal. Um demônio que fora libertado sobre a Terra para esmagar o que havia sobrado da humanidade.

Ivan se perguntou como pudera permitir que as coisas chegassem àquele ponto. Se ele tivesse sido menos teimoso, se tivesse escutado os inúmeros avisos. Mas não escutou ninguém. Ele ignorou todos os conselhos, e agora aqueles que o seguiram estavam mortos. E a única pessoa que poderia tentar salvá-lo se encontrava longe dali.

Naquele momento, morrer não seria uma tragédia. Muito pelo contrário, seria um imenso alívio.

— O que está esperando, sua piranha? Mate-me! — Ivan gritou com imensa dificuldade, usando o pouco que restava de suas energias.

Sua cabeça girava, e ele começava a sentir náuseas. Sabia que em breve perderia os sentidos. Estava ferido, sangrando, e não

conseguia mais respirar.

Vendo a patética tentativa de Ivan demonstrar coragem, a criatura grunhiu de um modo que parecia rir. Uma risada diabólica, sarcástica e infernal, daquelas que se ouvem apenas em filmes de terror.

Estela, me perdoe, Ivan pensou. A culpa é toda minha. Você tinha razão o tempo todo.

Enfim, sua visão escureceu, e ele mergulhou na escuridão.

CAPÍTULO 1

TAUBATÉ



O GRUPO DE FUGITIVOS aguardava pacientemente o melhor momento para avançar. Era noite alta, e todos sabiam que poucas pessoas, além dos vigias, estariam acordadas naquele momento. Mesmo os outros prisioneiros como eles dormiam, após um dia estafante de trabalho árduo.

Isabel, uma mulher esguia, de trinta anos, ia à frente, observando a movimentação dos homens encarregados de vigiar aquela parte do pátio. Seus cabelos eram escuros e encaracolados, a pele, morena clara, e os olhos, negros. Perdera as belas curvas de seu corpo desde que fora capturada, porém mantinha as lindas feições, um rosto com contornos fortes e cheios de personalidade.

Eram ao todo seis pessoas. Além de Isabel, participavam daquela ação desesperada quatro homens e mais uma mulher, que aguardavam em silêncio, escondidos à sombra produzida pelo galpão ao lado do pátio.

Estavam todos dentro do Comando de Aviação do Exército, o gigantesco quartel que servia de centro de treinamento de pilotos de helicóptero, e que preparava soldados para missões de combate que envolviam transporte de tropas e cobertura aérea. Era também conhecido como Brigada Ricardo Kirk, uma homenagem ao primeiro oficial aviador da história do exército brasileiro, cujos restos mortais repousavam num monumento ali mesmo, dentro do complexo.

Naquele local eram treinados pilotos, técnicos em manutenção, líderes de esquadrões e todo o contingente de profissionais necessário para ações de combate aéreo com helicópteros. Tratava-se de um complexo fortificado que ocupava uma área de duzentos e sessenta e quatro hectares, e que abrigava o QG do Comando de Aviação do Exército e o Centro de Instrução de Aviação de Taubaté.

Ficava de frente para outro ponto de referência de Taubaté, o Hotel Mazzaropi, famoso por ser considerado um dos melhores hotéis-fazendas do Brasil, e que agora se achava destruído por um incêndio gigantesco ocorrido no dia da grande infestação de zumbis.

O Comando de Aviação do Exército era tão grande que possuía três hangares, uma torre de controle de tráfego aéreo, um pátio de estacionamento de aeronaves, heliporto e até mesmo uma pista de decolagem que permitia pousos de aviões de grande porte.

Acima de tudo, o quartel era cercado em todas as direções por grossas grades de arame, bem como uma cobertura de arame farpado, o que tornava aquele local praticamente intransponível para os mortos-vivos daquela região.

Um local que parecia ideal para sobreviver ao inferno que se instalara, se não fosse pelo fato de que era controlado por um grupo de psicopatas. Era daquele campo de concentração que Isabel e seus companheiros tentavam fugir naquele momento. Eles sabiam dos riscos. Se fossem pegos, Emmanuel iria fazê-los implorar para morrer, assim como fizera com outros que ousaram desafiar seu poder.

Todos permaneciam em silêncio, protegidos pelas sombras. O galpão tinha mais de dez metros de altura e trinta metros de largura, com imensas portas de correr que davam acesso ao prédio amplo. Ficava pouco à frente da construção onde se posicionavam os vigias armados que observavam a tudo de cima do telhado. Daquele ponto, um potente refletor alimentado por um gerador a diesel iluminava todo o pátio, mas mantinha na penumbra a lateral do galpão que servia de esconderijo para o grupo.

— Por quanto tempo mais iremos esperar? — Marcelo perguntou para Isabel.

Ele era um homem rude, com jeito de matuto. Uma pessoa criada na roça e que mal sabia ler e escrever, e se tornara o melhor amigo daquela moça, que liderava o bando.

— Pelo tempo que for necessário. Duvido que eles fiquem lá a noite toda sem um momento sequer de distração. Não são tão disciplinados assim. Antes de isso tudo começar, não passavam de dois traficantes de porta de escola. — Isabel não deixava, nem por um instante, de observar os dois homens.

— Eles até podiam ser dois vagabundos lá fora, mas aqui têm rifles de longo alcance, e atiram muito bem. E têm autorização para atirar para matar — Marcelo respondeu, preocupado.

Isabel continuava vigiando. Se estivesse mais perto talvez conseguisse captar algo que permitisse saber se eles planejavam se afastar do posto de vigilância, mas daquela distância era impossível.

— Consegue captar alguma coisa daqui? — Alessandra sussurrou.

Ela era a outra mulher do grupo. Negra, quarenta e poucos anos, estatura mediana, um pouco acima do peso e tão valente e turrona quanto Isabel.

— Não, nada. Precisaria estar muito mais perto. Mas tudo bem, já sabíamos que estaríamos no escuro, certo? Vamos seguir o plano e esperar o momento adequado. — Isabel tentava passar segurança para os demais.

Mas ela mesma estava apavorada. Se alguém desse pela ausência deles, iria caçá-los sem piedade.

Do ponto em que eles estavam até a cerca de proteção eram cerca de cinquenta metros de distância, por isso escolheram tentar a fuga por aquele ponto.

As outras opções de escapatória implicavam um espaço muito maior a ser percorrido. Dali eles conseguiriam chegar até o cercado em poucos segundos. Em seguida, Marcelo se encarregaria de cortar a cerca com o alicate o mais rápido possível, e então correriam na direção da mata.

O entorno do quartel, outrora bem cuidado, agora era coberto pelo mato que crescia junto à cerca. Seria a única vantagem deles; uma vez tendo ultrapassado o cercado poderiam correr para dentro do matagal, o que dificultaria a ação dos atiradores e dos homens de

Emmanuel, que, segundo Isabel acreditava, partiriam em seu encalço.

Todos sabiam que não era por coincidência que Emmanuel designara seus melhores atiradores para proteger aquele flanco. Podia ser a opção mais viável para fuga, mas era também a mais perigosa. Se do lado de fora o capim podia servir de camuflagem, do lado de dentro tratava-se de um espaço aberto e bem iluminado. Se eles fossem avistados, seriam crivados de bala, sem piedade. E, caso os atiradores não os matassem, Emmanuel na certa não os perdoaria.

Outra coisa que assustava a todos eram os zumbis. Correriam praticamente às cegas, e ficaria cada vez mais escuro à medida que se afastassem do quartel. E eles não faziam ideia de quantas criaturas estariam vagando naquela área.

O que eles sabiam era que de tempos em tempos alguns mortos-vivos se aproximavam da cerca, espiavam a movimentação e chegavam até mesmo a rosnar para as pessoas e socar a tela de arame. Porém, esses episódios sempre eram breves, e a feras invariavelmente se retiravam.

Passaram-se longas duas horas de espera sem que nada mudasse. Os dois vigias não se afastavam do seu posto de observação nem por um instante sequer, e o ânimo do grupo começava a ceder.

A cada novo sinal de que seus companheiros estavam esmorecendo, Isabel falava algumas palavras de incentivo.

— Não se preocupem, tenho certeza de que é tudo mera questão de tempo. Aposto que daqui a pouco eles vão querer comer alguma coisa — Isabel argumentou.

— E se eles se revezarem? — Alessandra franziu a testa.

— Os caras estão ali principalmente para garantir que não tem nenhum zumbi dentro do quartel. Isso ficou bem claro quando me aproximei de Emmanuel, outro dia. — Isabel sentiu um calafrio, pois aquele homem realmente a deixava apavorada. — Faz tempo que ninguém tenta fugir, e os últimos que tentaram foram punidos com a morte. Assim, eles consideram as tentativas de fuga uma preocupação do passado.

— Mesmo assim eles podem não querer deixar o posto sem ninguém por medo dos zumbis — Alessandra argumentou. — Eu

mesma morro de medo daquelas coisas, quase tanto quanto de Emmanuel.

— Eles estão mais relaxados, tenho observado isso em todos nos últimos tempos. Estão muito autoconfiantes pelo fato de fazer algum tempo que não sofremos nenhuma invasão. — Isabel meneou a cabeça. — E como hoje não teve nenhum incidente, aposto que mais cedo ou mais tarde...

Mas Isabel se interrompeu ao perceber a movimentação no telhado do prédio onde os homens faziam a vigilância.

Uma senhora de cabelos grisalhos, aparentando quase sessenta anos, se aproximou de ambos, com um pequeno volume embrulhado com um pano de louça numa das mãos e uma jarra na outra. Isabel era capaz de apostar que ela levava o jantar da dupla de vigias.

— Atenção, eu acho que esta pode ser a nossa chance! — Isabel falou, animada. — Ela trouxe a comida dos dois. Tenho certeza de que um não vai ficar esperando enquanto o outro come. Aposto que vão parar para comer juntos.

Isabel tinha razão. Os dois desembrulharam os pratos e cheiraram a comida, famintos. Um era Jacinto, moreno e baixinho, com cabelos encaracolados. O outro se chamava Nestor, era negro e magrelo, com cabelos bem curtos, quase rapados. Ao que tudo indicava, nenhum dos dois contava mais do que vinte e dois anos.

— Esse seu picadinho com batata é o que há, dona Mariana! — elogiou Nestor, animado. — Meu estômago está roncando!

— Então, aproveita para comer, que eu trouxe bastante. Nunca vi alguém comer tanto. Você mais parece um poço sem fundo! É magro de ruim! — Dona Mariana sorria. Apesar da situação em que eles se encontravam, ela simpatizava com os dois rapazes. Não podia deixar de pensar também que era graças a pessoas como eles que havia tempos ela não se preocupava com os zumbis. Suas preocupações se voltaram apenas para os vivos.

Os dois fizeram mais alguns comentários e agradeceram à dona Mariana, dispensando-a em seguida. Depois, sentaram-se no cascalho que cobria o telhado, com os pratos de comida em mãos; não sem antes darem uma última olhada para o pátio.

O momento era aquele.

— É agora pessoal, vamos! — Isabel sussurrou. — Fiquem todos juntos e permaneçam abaixados. Marcelo, você está com o alicate preparado?

— Sim, está na mão. — Marcelo engoliu em seco e olhou para o telhado, onde não se via ninguém.

Os vigias não estavam visíveis daquele ponto. Era agora ou nunca.

Isabel avançou devagar, adentrando o pátio iluminado, o tempo todo de olho no telhado do prédio vizinho, tentando enxergar a dupla de atiradores. Mas realmente parecia que os dois se achavam entretidos com a comida. O palpite dela estava certo. O resto do grupo a seguia de perto.

— Vamos rápido! Todos juntos e em silêncio! — Isabel ordenou em voz baixa, avançando com cuidado na direção do cercado, com os demais logo atrás de si.

Venceram rápido a pequena distância até a cerca de arame. Isabel sacou a chave de fenda que conseguira roubar de outro prisioneiro que ajudava com a manutenção do local, e ficou vigiando enquanto Marcelo desempenhava sua tarefa. Ele começou a cortar a grossa trama de arames que compunham a cerca.

Marcelo se esforçava para ser mais rápido, mas estava complicado. Era uma tela de arames grossos e muito difíceis de cortar. Para separar o primeiro segmento ele gastou quase um minuto, e pelo visto teria que cortar dezenas até conseguir uma abertura grande o suficiente para que um adulto fosse capaz de passar.

Após minutos angustiantes, Marcelo prosseguia cortando lentamente. Os demais do grupo começavam a se desesperar; a qualquer momento os dois vigilantes retornariam a seus postos. Assim, eles ficavam pressionando o pobre homem o tempo todo, o que o deixava ainda mais nervoso.

Suas mãos grossas tremiam e suavam. Em determinado momento, Marcelo chegou a deixar o alicate cair no chão, o que produziu um baque seco que fez com que todos prendessem a respiração e olhassem ao mesmo tempo para o telhado.

Durante segundos que pareceram horas observaram o posto de vigilância, rezando para que os atiradores não voltassem. Mas

ninguém apareceu, e os protestos recomeçaram:

— Tome cuidado, homem! Quer matar todos nós? — um homem falou entre os dentes.

— Você disse que já havia feito isso antes! Por que está demorando tanto? — outro disparou, nervoso.

— Fiquem em silêncio! Vocês só estão piorando as coisas! — Isabel repreendeu ambos num tom um pouco mais alto, se arrependendo imediatamente.

Mais uma vez todos olharam para cima, com medo de serem descobertos.

Marcelo continuava tentando avançar na sua tarefa. Cada novo pedaço cortado dava-lhe mais ânimo, mas era um avanço lento, arrastado. O alicate não estava bem afiado, mas foi o melhor que conseguiram arranjar. Chegaram a fazer uma verdadeira festa quando obtiveram aquela ferramenta sem levantar suspeitas.

— Marcelo, você garantiu que levaria uns três minutos. Já se passaram dez e ainda não tem espaço para nenhum de nós atravessarmos! — Isabel afirmou, aflita.

O desespero tomava conta dela, aquela mulher tão valente se sentia como se estivesse com um alvo pintado nas costas.

Seus olhos dançavam febrilmente nas órbitas, ora olhando para o amigo, que lutava com a cerca, ora para o telhado, esperando o momento em que um dos atiradores surgiria. Se isso acontecesse, o que fazer? Isabel pensava seriamente em correr e torcer para ser abatida a tiros. Seria um destino muitíssimo mais agradável do que ter que sentir o peso da fúria de Emmanuel.

* * *

Em seus primeiros dias presa naquele inferno, Isabel ouviu diversas histórias sobre a maldade do líder daquele bando de maníacos. A mais assustadora de todas falava de como ele havia trancado um dos carcereiros da penitenciária na qual cumpria pena junto com centenas de zumbis, para que as criaturas devorassem o infeliz vivo.

Isabel se perguntava se aquilo de fato ocorrera ou se era apenas uma história horrenda arquitetada com o intuito de manter a disciplina. Ela só acreditou de verdade quando presenciou uma cena similar.

Um homem que fora aprisionado no quartel apenas alguns dias após a chegada de Isabel tentou fugir depois de maus-tratos inenarráveis. Ele descobriu uma parte do pátio na qual era possível cavar um pequeno túnel passando sob a cerca, o que lhe garantiria a liberdade.

Os guardas de Emmanuel frustraram os planos do infeliz e entregaram-no para o chefe sanguinário. Um dos capangas até cogitou matar o fugitivo ali mesmo e inventar alguma desculpa, permitindo assim um final rápido e digno para o pobre coitado, mas seus companheiros não aceitaram a sugestão. No fundo, morriam de medo do que poderia lhes acontecer caso fossem descobertos. E por isso o que se seguiu foi digno de um filme de terror.

No dia seguinte, todos foram chamados até o pátio atendendo a uma convocação urgente de Emmanuel. Todos caminharam apressados, pois sabiam que o chefe não tolerava atrasos e tinha uma verdadeira obsessão por humilhações e castigos públicos.

Emmanuel era um homem de estatura mediana, cerca de cem quilos, pele de um moreno escuro, calvo e usava um cavanhaque sempre impecável. E era conhecido por ter controlado com mão de ferro um grupo de extermínio que durante anos aterrorizou o ABC Paulista.

Emmanuel e sua gangue de dezenas de homens foram presos numa operação de guerra que combinou forças da polícia militar, da polícia federal, e até mesmo do exército.

Emmanuel cumpria sua pena de mais de trezentos anos de cadeia no Presídio Doutor José Augusto César Salgado quando a aproximação do planeta Absinto desencadeou o apocalipse zumbi, e agora ele era o ditador do seu pequeno império particular. Mas naquele dia ele estava de visível bom humor, o que deixou Isabel ainda mais temerosa do que o normal.

O homem que todos temiam mais do que mil mortos-vivos se achava sobre a caçamba de uma caminhonete do exército. Estava

cercado por vários homens armados de fuzis e escopetas, usando armas roubadas do gigantesco arsenal do quartel. Emmanuel adorava se vestir de soldado, apesar de nunca ter servido as forças armadas antes.

— Bom dia, meus queridos amigos! É um prazer falar com vocês hoje, neste belo dia de sol! — Emmanuel começou, sorridente, ignorando totalmente o fato de que era uma manhã nublada e um tanto fria. — Quero dizer mais uma vez que é com muita humildade que procuro administrar esta nossa comunidade de sobreviventes. Sei que muitos de vocês passaram por grandes provações para conseguir chegar até aqui, e por isso tento dar condições dignas para que todos nós possamos viver nossas vidas em paz.

Isabel sempre se perguntava, ao ouvir esses discursos cuidadosamente escritos, se era tudo ironia ou se ele de fato acreditava nas próprias palavras. Se a segunda opção fosse verdadeira, Emmanuel era muito mais louco do que todos supunham.

— Tudo que eu peço sempre é que vocês colaborem com seu trabalho e respeito às minhas leis e ordens. Em troca, vocês sempre poderão contar com meu ombro amigo e minha generosa proteção — Emmanuel prosseguiu.

Ninguém sorria, e poucos se atreviam a encará-lo.

— Tenho certeza de que todos sabem que eu odeio ter que tomar decisões difíceis e aplicar punições a quem quer que seja. Qual pai gosta de punir os próprios filhos? Qual irmão quer ter de aplicar um corretivo no caçula da família? Comigo não é diferente, meus amigos!

Ao ouvi-lo, muitos se arrepiaram.

Estava óbvio que o propósito daquela convocação era punir alguém, e essa sempre era uma experiência apavorante para todos. Já haviam visto de tudo, de homens espancados até a morte ao estupro coletivo de uma jovem, praticado na frente de todos.

Naquela ocasião, Isabel sentiu tanto medo, ódio e repulsa que assim que teve oportunidade acabou vomitando tudo que havia comido. Daquela vez, no entanto, o espetáculo seria diferente, e esse era o motivo do bom humor de Emmanuel.

— Mas infelizmente não posso permanecer indiferente a pessoas que não sabem apreciar tudo que tenho feito para manter nossa família a salvo. Não posso fechar os olhos para um ato de delinquência que poderia ter colocado as vidas de todos nós em risco — Emmanuel afirmou, sério.

Sério até demais, quase revelando o monstro que existia debaixo daquela máscara de ironia combinada com boas intenções.

— Ontem à noite, nossos heroicos vigias flagraram um criminoso que cavava um túnel sob a nossa cerca. Esse bandido tentava violar nossa segurança para fugir, sem se importar com o fato de que milhares de zumbis poderiam ter invadido nosso oásis de paz e tranquilidade — Emmanuel prosseguia com seu pequeno teatro, sem se incomodar se estava sendo convincente ou não. — Este canalha foi detido imediatamente e trazido até mim. Trata-se de um réu confesso que não demonstrou nenhum remorso por seus atos repugnantes. E desde então tenho deliberado com meus companheiros e conselheiros sobre quais medidas devemos adotar para impedir que outros crimes similares ocorram, garantindo, assim, o bem-estar de todos nós.

Isabel mal conseguia respirar.

— Foi uma decisão difícil, e me corta o coração anunciá-la, mas concluímos que, se ele deseja tanto ir lá para fora junto com os zumbis, então é isso que acontecerá — Emmanuel sentenciou.

Houve um ligeiro burburinho entre os presentes, mas durou pouco. Ninguém se atreveria a discutir as ordens daquele homem e correr o risco de acabar sendo punido também.

Logo em seguida, o infeliz que tentara fugir foi trazido pelos capangas de Emmanuel. Ele era alto e magro, e tinha pouco mais de vinte anos. Estava apenas de calça jeans, descalço, sem camisa e com as mãos algemadas às costas. Seu nome era Tadeu, e estava visivelmente assustado, com receio do que aconteceria.

O homem ficou parado diante daquela pequena assembleia de pessoas temerosas que aguardava qual seria o próximo acontecimento. Depois de alguns instantes, trouxeram um pequeno caminhão baú bastante alto sobre o qual havia um capanga com um balde.

O veículo rumou até um dos portões de entrada e parou rente à grade, e o homem começou a jogar lá de cima o conteúdo do recipiente para o lado de fora. Estava cheio de sangue de boi, que se espalhou rapidamente pelo asfalto que cobria aquela área.

Depois disso, os homens de Emmanuel começaram a dar tiros para o alto. O barulho era seco e alto, e se propagou por várias centenas de metros naquele espaço tão aberto.

O cheiro de sangue sendo carregado pelo vento somado ao barulho dos disparos teve o efeito do som de sirene para o almoço. Em menos de um minuto, o primeiro zumbi surgiu e rumou na direção do portão. Assim que ele se aproximou, começou a bater na tela de aço tentando inutilmente entrar, diante dos olhares assustados dos demais. Ele era esquelético e tinha a pele escurecida pelo sol, cabelos ralos e dentes podres.

Em instantes, outras criaturas começaram a chegar em grupos cada vez maiores, se acotovelando junto ao portão e próximos do caminhão. Bastaram dez minutos para que se reunissem mais de cinquenta zumbis.

O condenado à morte olhava para os mortos-vivos, petrificado. Quase dava para ouvir seus dentes batendo de medo, e até mesmo uma sutil mancha de urina começou a surgir na calça jeans na altura da virilha. Ele tentava manter o controle, mas cedia rápido ao terror.

Isabel assistia àquela cena num misto de medo e piedade do rapaz apavorado. Mas tentava pensar positivo. Quem sabe ele conseguiria correr e se embrenhar na mata... Ele era jovem, talvez tivesse uma chance contra um bando de zumbis lentos.

Ela olhou em volta, tentando encontrar a única pessoa daquele lugar capaz de se opor a Emmanuel, mas ele não estava lá, decerto porque não concordava com as insanas demonstrações de poder daquele canalha.

Emmanuel se aproximou de Tadeu e falou em tom solene:

— Você foi condenado por traição e por colocar em risco a vida de seus camaradas. Por seus crimes o sentencio à morte. Quais são as suas últimas palavras?

Tadeu olhou bem para Emmanuel e tomou uma decisão muito difícil: a de não se curvar diante do seu algoz. Assim, nada disse

— simplesmente cuspiu na cara dele.

Emmanuel também não emitiu nenhum protesto, apenas limpou o rosto com a mão e mandou os homens prosseguirem com o combinado. Enquanto isso ele se voltou mais uma vez para seus expectadores.

— É uma lástima, mas a punição para este homem perigoso e sem educação não seria justa se não déssemos a chance de os zumbis cumprirem seu papel disciplinador. Ele poderia perfeitamente fugir por ser mais rápido e depois poderia se tornar uma ameaça para todos nós, pessoas de bem. Por isso, algumas providências serão necessárias. — E um sorriso mal disfarçado surgiu no rosto de Emmanuel.

O rapaz sentenciado à morte engoliu em seco, pois sabia que aquilo era um péssimo sinal.

Um dos capangas de Emmanuel surgiu com um martelo na mão, e todos compreenderam o que aconteceria. O condenado também percebeu, e por fim tentou escapar. Ele fez menção de fugir e chegou a dar meia dúzia de passos, mas foi logo contido por diversos membros do grupo de Emmanuel, que o arrastaram de volta para perto dos demais que apenas assistiam àquele teatro sádico.

Três homens o seguraram firme pelo tronco e pelos braços, enquanto um deles apoiava o pé esquerdo do rapaz sobre um bloco de construção, mantendo-o firmemente parado. O infeliz finalmente começou a chorar de pânico e balbuciou algumas palavras.

— Por favor, não! Perdoe-me, não vai acontecer de novo...
— Tadeu engasgava com as próprias palavras.

— Você se arrepende dos seus crimes? — Emmanuel inquiriu o rapaz com suavidade.

— Sim, muito! — ele respondeu cheio de esperança.

— E promete nunca mais cometê-los? — Emmanuel perguntou.

— Sim, prometo pela alma da minha mãe! — Tadeu apressou-se em dizer.

Emmanuel se virou para sua plateia e abriu os braços de forma dramática.

— O criminoso se arrependeu sinceramente, meus amigos. Isso é digno de admiração. Porém, na aplicação da justiça palavras são

insuficientes para apagar nossos erros... — Emmanuel suspirou, com fingido pesar. — Podem prosseguir.

O homem com o martelo bateu com violência, esmagando os ossos do pé do infeliz. O rapaz gritou com a dor aguda, enquanto várias pessoas, incluindo Isabel, desviavam o olhar ou cobriam os rostos com as mãos.

O capanga de Emmanuel continuou a tarefa monstruosa, quebrando um dedo de cada vez. A cada novo golpe, mais gritos eram ouvidos. Ele bateu tantas vezes e com tamanha força que o bloco de concreto que servia de apoio se despedaçou.

Quando enfim soltaram Tadeu, ele desabou no chão, de dor. Não conseguia ficar de pé e mal conseguia respirar de tanto sofrimento. Mas o pior estava por vir.

Os homens de Emmanuel o agarraram e o arrastaram para cima do caminhão que estava próximo do portão, usando uma escada que trouxeram havia pouco. Puxaram para cima da carroceria do baú o infeliz, que se debatia e gritava de dor, medo e ódio.

— Eu vou matar você, Emmanuel! Maldito seja! Eu vou voltar do inferno apenas para arrancar seu coração, seu filho da puta! — Tadeu esbravejava diante da massa de zumbis sedentos de carne, que agora estavam completamente enlouquecidos junto ao portão, observando o homem sendo segurado na beira do caminhão.

E assim, sem maiores cerimônias, os capangas de Emmanuel soltaram as algemas e empurraram o infeliz de cima do caminhão. Tadeu voou sobre a cerca e caiu no meio dos zumbis alvoroçados.

Impossibilitado de correr, o pobre homem tentou lutar com as criaturas, em vão. Empurrou o primeiro que se aproximou. Na sequência, esmurrou o seguinte. Tentou até derrubar um terceiro atacante, mas em seguida uma das criaturas o atacou por trás, agarrando-o pelos cabelos e mordendo com violência sua jugular. Puxou com tanta força que a pele esticou demais, até se romper fazendo o sangue jorrar.

O condenado gritou de dor novamente, com lágrimas transbordando de seus olhos. Outro zumbi mordeu seu braço, outro cravou os dentes em seu abdômen, e em questão de segundos Tadeu foi cercado e mordido por todos os lados, sentindo o sangue jorrar

por todas as partes. A dor era tanta que ele já não conseguia mais gritar. Assim, engoliu todo o sofrimento até que, por fim, sua alma desabou em direção ao Abismo.

Isabel começou a chorar também, rezando para que aquilo acabasse logo. Como Emmanuel se encontrava relativamente próximo, ela pôde captar o que ele sentia. E era pura euforia. O maldito amava o show que preparou.

* * *

Isabel voltou para a realidade e tentou afugentar aquelas lembranças apavorantes. Precisava manter a calma e se concentrar em fugir dali imediatamente. E para isso dependia de Marcelo.

— Vamos, querido, você está indo bem — Isabel incentivou, com suavidade.

— Desculpem-me, é aço temperado! É muito duro. — Marcelo, que apertava o alicate com as duas mãos, fez mais uma seção de arame se romper.

Agora já tinham uma abertura de quase meio metro. Mais um pouco e conseguiriam se arrastar para fora.

Depois de mais quase cinco minutos, finalmente Marcelo conseguiu uma abertura pela qual conseguiriam se esgueirar. Seria apertado e difícil, mas era possível. Isabel deu um beijo no rosto do amigo e chamou o primeiro:

— Você vai à frente, Ricardo. Depois o Marcelo, o Hugo e o Plínio. Em seguida, a Alessandra, e por último, eu. Fiquem atentos aos zumbis, está bem?

Ricardo passou primeiro; ele era magro e jovem, e não teve maiores dificuldades. Mas quando Marcelo estava atravessando, ouviram um barulho vindo do meio do matagal como se algum animal estivesse remexendo os arbustos.

— Que diabos que... — Ricardo começou a falar quando um zumbi pavoroso, sem os lábios e sem as bochechas, surgiu.

O morto-vivo, magro, com cerca de quarenta anos, não hesitou um segundo sequer: agarrou Ricardo pelo braço e mordeu seu ombro com força, rasgando a carne e deixando os músculos à mostra.

Pego de surpresa, Ricardo gritou de dor, sentindo o sangue lavar seu braço. Seus companheiros entraram em pânico diante daquela cena. Marcelo se apressou em passar logo pela cerca e começou a bater no zumbi, que permanecia agarrado ao braço de Ricardo, tentando abocanhar mais um naco de carne.

Marcelo bateu com o alicate de corte na testa da criatura, que oscilou, soltando o pobre homem, que caiu no chão, de joelhos, segurando o ombro ferido. Em seguida, desferiu mais um golpe, que rachou a cabeça do morto-vivo, fazendo-o cair para trás.

Hugo passou logo pelo buraco e agarrou Ricardo, tentando colocá-lo de pé. Ele sabia que o amigo não tinha mais do que poucos minutos antes de se transformar, mas não podia simplesmente deixá-lo para trás.

— Vamos, meu amigo, eu tiro você daqui e... — Hugo sussurrava para Ricardo, que mal conseguia se levantar, quando um estampido alto e seco rompeu o silêncio da noite.

O crânio de Hugo explodiu diante dos olhos atônitos de Ricardo, encharcando seu rosto de sangue e massa encefálica do companheiro. O homem baleado caiu estatelado como um boneco de pano desengonçado.

Alessandra e Isabel gritaram de pavor ao mesmo tempo. Isabel olhou para trás. Seu pior pesadelo virava realidade: os atiradores avistaram o grupo, e efetuavam disparos.

Plínio acabara de ultrapassar a cerca quando um novo tiro passou zunindo sobre a sua cabeça, e ele se precipitou para a mata. Alessandra estava petrificada, mas Isabel a empurrou pelo buraco na cerca às pressas. A amiga se feriu nas pontas do arame recém-cortado.

Marcelo começou a puxar Ricardo, tentando fazê-lo se mexer, mas ele caiu no chão em convulsão — chegara o momento de Ricardo se despedir da humanidade e seguir seu caminho nas trevas. Tudo ao seu redor começou a girar, e ele sentiu um vórtice tragá-lo para baixo.

— Por favor, matem-me! Não me deixem assim! — Ricardo implorou, mas então não conseguiu mais falar; sua língua enrolou

dentro da boca, e os espasmos fizeram seu corpo tremer violentamente.

Porém, Marcelo não lhe deu ouvidos.

Os tiros pipocavam por todos os lados. Assim que Alessandra atravessou a cerca e se colocou de pé, uma bala entrou nas suas costas, varando seu coração e abrindo um buraco do tamanho de uma laranja em seu peito. A mulher caiu de joelhos sem emitir um único ruído, e depois caiu com o rosto contra o chão de terra.

Isabel viu a amiga se estatelar, fulminada, mas não teve tempo para sentir tristeza. Ela passou pelo buraco na cerca, agarrou Marcelo pelo braço e correu para a mata, lançando um último olhar para o amigo que se debatia e espumava no chão. Em breve ele seria mais um morto-vivo vagando pelo mundo à procura de alguma vítima; mais um dentre bilhões.

Os dois entraram no matagal ouvindo um último tiro, e depois o som estridente de uma sirene tocando, o aviso padrão de que algum zumbi invadia o quartel ou alguém tentava fugir. Em ambos os casos era uma mera questão de minutos para que vários homens armados surgissem. Mas Isabel, no fundo, achava que não viriam atrás deles. Não à noite, e naquela mata infestada de criaturas.

Marcelo e Isabel correram no matagal de mãos dadas, tentando enxergar algo. Naquele ponto a iluminação do quartel quase não os alcançava; estavam correndo praticamente às cegas.

— Para onde vamos? Não faço ideia de onde estamos, podemos estar correndo em círculos. — Isabel olhava em volta, com medo de encontrar com outro zumbi.

— Iremos naquela direção. Está vendo aquela árvore? — Marcelo apontou para um pinheiro com um galho partido. — Vamos marcar aquele lugar e seguir naquela direção. Quando chegarmos lá, marcamos outro ponto de referência e seguimos em frente, e assim por diante. Dessa forma não andamos em círculos.

Isabel seguiu o amigo sem discutir, pois ele tinha muito mais experiência que ela nesses assuntos. E então Isabel começou a sentir tristeza pelos demais companheiros. Três estavam mortos e um corria sozinho pela mata, com medo e talvez ferido.

— Será que Plínio conseguiu? Será que ele fugiu, Marcelo?

Isabel e Marcelo avançavam abrindo caminho pelo capim alto, sempre olhando para trás tentando ver se eram seguidos.

— Não faço ideia, espero que sim. Acho que ele não foi atingido pelos tiros, e isso já é uma vantagem muito grande. — Marcelo parava de tempos em tempos para checar se seguiam na direção correta.

Ambos estavam cansados, suados, e agora os pernilongos os estavam enlouquecendo, picando-os e zunindo por todos os lados.

Continuaram avançando no meio da escuridão, sobressaltando-se ao menor barulho. Se deparassem com algum zumbi, teriam sérios problemas. Como arma, Isabel trazia apenas uma chave de fenda, e Marcelo, um alicata de corte; era muito pouco para o tipo de perigo que poderiam ter que enfrentar, mas precisavam seguir em frente. Eles sempre souberam que era mais do que provável que tivessem de passar por isso, mas decidiram que valia a pena correr o risco.

Andaram por cerca de quarenta minutos, aos poucos se acostumando com a escuridão; já não estava tão difícil enxergar para onde caminhavam. Também se sentiam mais calmos. A mata, ao que tudo indicava, não se achava tão infestada quanto supunham, pois não encontraram nenhum zumbi.

O cheiro de capim misturado com orvalho impregnava o ar, e aquilo era, de certa forma, reconfortante.

Estavam quase chegando ao segundo ponto de referência quando ouviram um grito que os fez estacar. Isabel sentiu o sangue gelar nas veias; era um grito de homem vindo de algum lugar muito próximo deles, não mais do que uns trinta metros de distância. Os dois se abaixaram e puseram-se a sussurrar:

— O que foi isso? — Isabel perguntou.

— Alguém está em apuros. Será Plínio? — Marcelo olhava em volta, alerta.

— Temos de procurar por ele, não podemos abandoná-lo! — Isabel se sentia angustiada com a possibilidade de o amigo estar em perigo.

— Precisamos seguir em frente, não fazemos ideia da direção de que veio o grito. Plínio não devia ter se afastado tanto. Ele nos deixou para trás, e agora está por conta própria. — Marcelo não parecia disposto a se arriscar pelo amigo fujão.

— De forma alguma! Todos nós estávamos com medo. Poderia ter sido eu no lugar dele, ou você — Isabel protestou.

— Não podemos perder tempo, precisamos... — Marcelo foi interrompido por outro grito bem mais próximo.

Também ouviram o barulho de arbustos sendo remexidos e galhos quebrados.

— O som veio de lá! Vamos! — Isabel apontou na direção da origem do ruído.

Imediatamente ela começou a correr para aquele lado, com Marcelo nos seus calcanhares protestando enquanto tentava acompanhar a amiga.

Em questão de segundos viram uma movimentação no meio do capim. Parecia haver alguém lutando ali. Estavam próximos demais quando começaram a ouvir os rosnados e gemidos dos zumbis. Chegaram a uma pequena clareira no meio da mata, e então viram a cena dantesca.

Plínio se debatia no chão, com um grupo de meia dúzia de zumbis esfarrapados se debruçando sobre ele, atacando-o. As criaturas rasgavam sua pele com as próprias mãos e dentes, enquanto o sangue do pobre coitado jorrava contra o mato alto.

— Não! Deixem-no em paz! — Isabel gritou e avançou contra o grupo de mortos-vivos. O que sobrava nela em coragem faltava em bom senso.

O primeiro zumbi era uma mulher de cabelos compridos e totalmente ensebados. Isabel puxou-a para trás e enfiou a chave fenda na sua nuca, penetrando até o fundo do crânio. A criatura desabou, como se fosse uma máquina desligada de repente da tomada.

Os zumbis olharam na direção dela, mas, antes que o primeiro se levantasse, Isabel enterrou a chave de fenda no seu olho, despachando-o para o inferno também. Marcelo imitou-a, cravando o alicate de corte no olho de outra criatura.

Os três zumbis restantes abandonaram Plínio e ergueram-se, olhando para o homem e a mulher diante de si. Seus rostos eram caretas demoníacas. Todos eles possuíam olhos brancos como leite, e dois tinham os rostos esfacelados. Mas a aparência de um deles não

era tão grotesca quanto a dos demais porque ele havia renascido fazia pouco tempo, apenas uma hora antes. Contudo, o rosto e a boca estavam sujos de sangue, e entre os dentes arreganhados como os de um cão selvagem viam-se fiapos de carne humana.

— Ai, não... Ricardo, é você? — Isabel falou ao ver o companheiro que abandonaram à própria sorte tão pouco tempo antes, e que agora se transformara num demônio matador de homens.

Porém, Ricardo não existia mais. A fera olhou para os dois amigos e avançou com os braços esticados na direção deles, no que foi imitado pelos outros dois zumbis.

Marcelo, um homem forte — resultado do trabalho duro do campo —, agarrou Ricardo pelo braço e puxou-o, fazendo com que a criatura caísse no chão, desajeitada. Enquanto isso, Isabel agarrou o zumbi que avançou contra ela e enfiou a chave de fenda no seu queixo, enfiando a peça no seu crânio. Marcelo golpeou o outro atacante na cabeça, derrubando-o. Depois, desferiu seguidos golpes até arrebentar seus miolos.

Ambos se viraram para Ricardo, que já se levantava com o rosto distorcido pela fúria. Essa era a natureza perturbadora dos zumbis: tornavam-se verdadeiros maníacos diante de um ser humano, sempre.

Ficaram os três parados por um instante. Isabel olhava o amigo, pesarosa, sentindo imensa piedade dele. Soube que não conseguiria fazer o que era necessário, e falou rapidamente com Marcelo:

— Por favor, encerre esse assunto. Vou ver Plínio, está bem? — E ela se virou para o amigo caído.

Isabel nem conseguiu ouvir a resposta de Marcelo. Quando ela girou o tronco, deu de cara com Plínio, um monstro de rosto desfigurado. O pescoço estava arrasado, as orelhas, os olhos e até mesmo o nariz foram dilacerados e arrancados fora. Quase não dava para reconhecê-lo. Isabel não tinha se dado conta do tamanho do estrago que os zumbis produziram. E mesmo sem enxergar nada Plínio atacou Isabel, que soltou um grito de terror.

Marcelo ia começar a lutar com Ricardo quando foi pego de surpresa pelo grito da amiga, e por isso instintivamente olhou para trás. Foi o momento de distração que Ricardo precisava. Ele agarrou

o braço do ex-agricultor e mordeu com violência, arrancando um naco de carne entre o pulso e o cotovelo. Marcelo urrou de dor e o empurrou, derrubando-o. Em seguida, se voltou para a amiga, que estava em apuros.

Plínio avançou contra Isabel, derrubando-a no chão. Ele caiu sobre ela, desengonçado, tentando mordê-la a todo custo.

Isabel empurrava o zumbi enlouquecido com toda a força, tentando se livrar dele. Mas Plínio era pesado e muito mais forte, uma vantagem considerável naquelas circunstâncias. Ela ainda segurava a chave de fenda, mas não havia como golpear o desgraçado.

De repente, Isabel sentiu o peso sobre si aliviar. Marcelo agarrara Plínio e puxara-o, jogando-o de cara no chão. Ato contínuo, ele pisou várias vezes na nuca do zumbi, esmagando sua cabeça contra o piso de terra.

Mas nem teve tempo de saborear seu triunfo, pois Ricardo o atacou pelas costas e o mordeu de novo, dessa vez rasgando sua jugular com os dentes afiados.

Marcelo berrou de dor e agarrou seu atacante pela camisa, tentando puxá-lo. Mas era inútil; Ricardo se atracou com ele e tornou a mordê-lo, dilacerando totalmente seu pescoço.

Ao ver aquela cena, Isabel gritou de fúria e se colocou de pé num salto. Rodeou os dois homens e enterrou a chave de fenda na nuca de Ricardo, que desabou.

Sentindo o aperto de seu atacante afrouxar, Marcelo também caiu para a frente. Isabel jogou Ricardo de lado e ajoelhou-se ao lado do amigo ferido, que agonizava no chão.

— Meu Deus do céu, Marcelo, me perdoa! A culpa é minha!
— Isabel colocou inutilmente a mão no pescoço do amigo, de onde o sangue jorrava sem parar.

— Tudo bem, minha irmã... A culpa não é sua, você fez a coisa certa... — Marcelo balbuciou, sentindo a cabeça girar. Sabia que estava indo embora. Sua vida escoava, veloz, como a areia de uma ampulheta.

— Não vou conseguir! Sou incapaz de fazer isso sozinha! — Isabel chorava, enquanto suas roupas e mãos se encharcavam com o

sangue do amigo.

— Consegue sim... é importante, todas aquelas pessoas precisam de ajuda... alguém tem que deter Emmanuel, você é a única esperança delas... — Marcelo falava com dificuldade.

— Marcelo, por favor, eu preciso de você! — Isabel implorou, apavorada.

— Desculpe, minha querida, agora você terá de continuar sozinha... Pode me fazer um último favor? — Marcelo a olhava de forma débil.

— Claro, meu amigo, o que você quiser... — As lágrimas caíam copiosamente dos olhos dela.

— Faz aquilo de novo. É tão maravilhoso. É tão... mágico. — Marcelo pediu, sorrindo.

Isabel olhou para o amigo e não pôde dizer “não”. Estava aflita, apavorada e esgotada, mas devia sua vida a ele, e não lhe negaria aquele último pedido. Por isso, ela segurou as duas mãos do colega no meio do peito dele, fechou os olhos e fez o que Marcelo pediu, o passe de mágica que ele tanto admirava.

— Você está pensando que eu sou forte e completamente capaz de realizar essa tarefa. Você tem certeza de que eu consigo... e está prometendo que tomará conta de mim lá do céu... — Isabel sentenciou, aos prantos. Ela se sentia agradecida pelo voto de confiança do parceiro.

— Meu Deus, minha querida, quem é você? Isso que você faz é simplesmente fantástico... — Marcelo, maravilhado, sentia seu corpo afundar na direção do limbo.

Foi quando Isabel ouviu, atrás de si, o som de galhos sendo pisados e arbustos sendo remexidos, o que causou sobressalto nela e em Marcelo. E Isabel viu um grupo de zumbis se aproximando por diversas direções, dezenas de criaturas mortíferas atraídas pelo cheiro de sangue e morte daquele lugar.

— Vá embora! Fuja daqui e encontre ajuda! Localize alguém capaz de deter aquele monstro! — Marcelo gritou, no limite de suas forças.

— Eu nunca vou esquecê-lo! — E Isabel saiu correndo, no meio da mata, abandonando o parceiro à própria sorte.

Isabel travou os dentes quando começou a ouvir os gritos de dor e desespero de Marcelo, que vinham da escuridão atrás de si, e correu em disparada noite adentro, limpando as lágrimas com as mãos.

* * *

Isabel acordou cedo naquele dia, antes das seis da manhã. Estava ansiosa demais para continuar dormindo. Na realidade, ela passou a noite toda pensando nos eventos que supostamente ocorreriam naquele dia.

Levantou-se da desconfortável cama da cela da delegacia, que vinha lhe servindo de abrigo nos últimos dias. Fazia quase uma semana que Isabel conseguira realizar a dramática fuga do quartel onde estivera presa durante meses.

Recordou os momentos de terror que enfrentara, correndo pela mata no meio da escuridão com criaturas cercando-a por todos os lados. Dezenas, talvez centenas de mortos-vivos que tentaram matá-la a todo custo. No entanto, toda vez que ela pensava em desistir, as palavras de Marcelo voltavam à sua cabeça.

O amigo deixara a cargo dela uma missão importante, e Isabel continuaria tentando até o fim. E foi isso que lhe deu a força necessária para sair viva daquela mata.

Acima de tudo, Isabel pensara no seu amado, que ficara no quartel e que ela queria a todo custo reencontrar.

Depois de horas perdida no matagal, Isabel finalmente chegou a uma estrada e correu como o vento, seguindo as placas que indicavam os bairros mais próximos do centro de Taubaté. Caminhou e correu durante muito tempo, sempre procurando se esconder quando encontrava algum zumbi.

Enfiou-se debaixo de carros, entrou em terrenos baldios tomados pelo mato, e até mesmo numa lixeira, para despistar os malditos mortos-vivos que infestavam não só aquela cidade como o mundo inteiro. Ela não desistiria. Isabel não tinha autorização para desistir.

Avançar era complicado e perigoso; por todos os lados avistava aqueles seres. E ela não dispunha de uma única arma de verdade, apenas a chave de fenda.

O cenário desolador dos lugares desertos lhe causava arrepios, mas era imprescindível prosseguir. Suas melhores opções eram as apavorantes ruas escuras, as vielas e os matagais. Isabel aprendia, a cada segundo, a suprimir o terror. Afinal, entregar-se ao medo seria sua ruína.

Certo dia, Isabel deparou com uma criatura no meio do mato. Um homem de terno e gravata, talvez algum empresário que estivesse trabalhando naquele sábado fatídico e se transformara num monstro. Ele rosnou, selvagem, com seus dentes podres e olhos brancos, e avançou contra ela.

Isabel correu durante a noite mata a dentro, com a fera nos seus calcanhares, e chegou, enfim, a uma grande área descampada. O homem era forte, e pelo menos um palmo mais alto. Deveria ter uns vinte e cinco quilos a mais que ela; portanto, um adversário imbatível para uma mulher assustada e munida apenas de uma ferramenta como arma.

A perseguição durou uns trinta minutos, o que deixou Isabel morta de cansaço. Sua única vantagem era ser mais rápida. Mas o desgraçado a caçava de forma implacável. E como estavam em campo aberto, ela não conseguia despistá-lo.

Ao avistar uma árvore, ela se escondeu atrás do tronco. Sentiu um ímpeto de subir; duvidava que o zumbi conseguisse segui-la. Mas e depois? E se surgissem outros? A ideia de morrer de fome sobre uma árvore não estava nos seus planos.

Isabel se apoiou no tronco, tentando respirar. Pelas suas contas não dispunha de mais do que trinta segundos de vantagem. Passado esse intervalo ela teria que recomeçar a correr. Mas até quando?

Para sua sorte, e azar do zumbi, ao lado do tronco havia um longo galho caído. Ele tinha cerca de três metros de comprimento, e o primeiro segmento media um metro e vinte de madeira pura, sem nenhum galho ou folha. E também não era muito grosso.

Aquilo era perfeito. Isabel pisou no galho no ponto em que desejava quebrá-lo e puxou com força para cima a extremidade oposta. A madeira grosseira e ressecada machucou suas mãos, mas ela insistiu até a estrutura rachar.

Olhou para trás e conferiu seu perseguidor, que estava cada vez mais próximo. Ou ela quebrava de vez aquele galho ou precisaria voltar a correr.

Isabel virou a madeira do lado oposto, pisando sobre a parte já rachada, e repetiu o gesto, partindo a peça em duas.

Virou-se na direção do seu inimigo com o porrete improvisado nas mãos — sua espessura era a de um punho, e pesava cerca de dois quilos e meio; portanto, pesado o suficiente para causar um belo estrago, mas de fácil manuseio.

— Vem, seu putto! Vem cá! — Isabel gritou, reunindo sua coragem.

Nas aulas de programação neurolinguística da faculdade os professores costumavam dizer que o brado fazia a bravura florescer. Estava na hora de provar a veracidade da teoria.

Quando o zumbi chegou a poucos passos, Isabel se adiantou, encurtando a distância. E desferiu um golpe lateral com toda a força, atingindo a criatura na têmpora.

O zumbi girou e caiu espatifado no chão, mas logo começou a se levantar, de costas para Isabel.

Ela não lhe deu essa chance. Vibrou um segundo golpe de cima para baixo com tanta força que o pedaço de madeira se partiu ao meio, rachando a cabeça do zumbi e rasgando seu couro cabeludo, de onde o sangue jorrou. Ele desmoronou de novo, com a cara contra o chão.

Com sua arma inutilizada, Isabel sacou a chave de fenda e sentou-se sobre as costas da criatura ferida, que continuava deitada. E começou a estocar a fera com a ferramenta.

Golpeou várias vezes, com selvageria. Furou as costas, a nuca, os ombros e parte do rosto.

A cada golpe descarregava um pouco da sua raiva, do seu cansaço, da sua revolta por estar naquela situação miserável. Enfim, um dos golpes penetrou pela nuca dentro da caixa craniana. O zumbi estremeceu uma última vez, e depois parou completamente.

Isabel ergueu sua chave de fenda ensanguentada e soltou um grito para a noite, de vitória e desafio, com o sangue escorrendo-lhe pelo pulso e antebraço. Pela primeira vez em muito tempo se sentiu menos vulnerável. Antes de ir embora, cuspiu na criatura abatida.

— Eu acabo com mil iguais a você se for preciso, maldito! — afirmou. E Isabel voltou a andar pela mata.

No dia seguinte, encontrou uma casa abandonada e em condições seguras. Era uma residência bastante humilde, com apenas três cômodos, paredes levemente encardidas e piso bastante velho. Os móveis eram bem antigos, talvez houvessem sido comprados de segunda mão.

Ela aproveitou para dormir um pouco, procurar comida e água, e também para conseguir roupas mais quentes e secas. Mas não ficou mais do que algumas horas. Tão logo se sentiu mais recuperada, juntou numa mochila tudo de útil que podia carregar e seguiu em frente.

Foi um alívio quando Isabel achou um Celta abandonado com a chave no contato. Jogou as coisas dentro do carro e saiu dirigindo.

Passou por cenários que lembravam o resultado de uma guerra. Muitos carros destruídos no meio da rua, muitos corpos caídos nas calçadas e esquinas, restos do desigual confronto entre humanos e zumbis. Havia lixo espalhado, e muito mato que crescia desordenadamente, o que conferia aos bairros da cidade um aspecto de total abandono.

Em meio a todo aquele caos, Isabel caminhava pelas calçadas, sempre lenta e com muito cuidado. O mais assustador, entretanto, era o silêncio. Nem mesmo os pássaros cantavam mais em Taubaté; o tempo parecia ter congelado naquele lugar.

A calma só era rompida quando surgiam os zumbis, e eles sempre surgiam. Sozinhos ou em pequenos grupos, de tempos em tempos apareciam, e nesses momentos Isabel mandava a precaução às favas e acelerava o Celta da forma que dava, até deixar seus perseguidores para trás.

Taubaté era uma cidade morta.

Após muito procurar, Isabel enfim achou o que buscava. No coração do bairro Continental localizou uma delegacia de polícia que não estava cercada de zumbis. Parecia abandonada, mas lá dentro talvez houvesse um equipamento com o qual era muito familiarizada, e que seria sua única esperança.

Isabel estacionou o carro e seguiu até a porta da delegacia, que tentou abrir, sem sucesso. Estranhou a entrada trancada. Era capaz de apostar que aquele lugar já fora saqueado; armas eram as primeiras coisas que as pessoas procuravam naqueles dias caóticos.

Deu a volta no pequeno prédio de dois andares tentando achar uma forma de entrar, mas a porta dos fundos também estava trancada. Quando voltou para a entrada principal, tomou um susto: havia um grupo de cerca de quinze zumbis subindo a rua deserta que era repleta de árvores espalhadas pelas calçadas.

Caminhavam daquele jeito desengonçado, descoordenado e lento que dava a falsa sensação de serem criaturas inofensivas. Mas cada um daqueles miseráveis era uma verdadeira máquina de matar, implacável e cruel.

Isabel ficou congelada diante da delegacia ao ver a cena aterrorizante. Não havia como chegar até o carro antes de ser alcançada pelos mortos-vivos, e não dispunha de nada além da velha chave de fenda e uma faca que conseguira na casa onde se escondera para se defender.

Quando pensou em recuar sorratamente, uma das criaturas a viu, soltou um urro selvagem e começou a mancar na direção dela, sendo imediatamente imitada pelas demais. Isabel entrou em pânico e correu para os fundos da delegacia.

Ao chegar à parte de trás do prédio Isabel se deu conta do erro fatal: não havia saída. Ele era cercado por muros altos cobertos de cacos de vidro e uma cerca elétrica que já não funcionava fazia muito tempo. Achava-se em uma armadilha letal, presa como um rato na ratoeira.

Ela fez menção de dar a volta no prédio, mas algumas das criaturas se aproximavam pelo outro lado também. Seres furiosos e famintos vindos da esquerda e da direita. Não havia chances de escapar.

Isabel sentiu o coração disparar dentro do peito; não podia acreditar que conseguira chegar tão longe para acabar daquele jeito.

Correu até a porta dos fundos da delegacia mais uma vez; a única esperança era entrar no prédio. Como estava trancada também, ela começou a esmurrar a porta de madeira maciça, mas nada

aconteceu. Então, seu tempo se esgotou: o primeiro zumbi surgiu pela lateral do edifício, o primeiro de muitos.

Isabel virou-se de costas para a porta, e sacou a faca e a chave de fenda. Podia morrer, mas não se entregaria sem luta. Venderia caro cada gota de sangue que aquelas coisas fossem arrancar de seu corpo.

Sentiu a boca amarga e as mãos se encharcaram de suor. E um medo incontornável que fazia o sangue gelar dentro das veias.

Entretanto, quando a primeira fera se precipitou na sua direção, o inimaginável aconteceu. A porta se abriu às suas costas, e duas mãos a agarraram pelo braço e a puxaram desajeitadamente para dentro. Isabel tropeçou e bateu a cabeça no chão.

Um homem alto e corpulento com cabelos bem ralos e grisalhos pulou por cima dela e ficou em frente da porta. Com um Taurus calibre .38 nas mãos, ele começou a disparar, explodindo os miolos do zumbi mais próximo.

Isabel começou a se levantar, apressada, e sentiu o mesmo par de mãos ajudando-a a se erguer. Por fim, viu quem era. Tratava-se de uma senhora de cerca de sessenta e cinco anos, baixinha, rosto redondo e cabelos completamente brancos.

— Hilton, fecha a porta! — ela gritou.

O homem deu um último disparo, descarregando o revólver, e bateu a porta com violência, trancando-a em seguida. Do lado de fora, os zumbis começaram a esmurrar a madeira e as janelas, furiosos, tentando entrar a qualquer custo.

Isabel, agora de pé, ficou parada no pequeno cômodo que parecia ser uma espécie de copa, diante dos seus dois salvadores. Eles aparentavam ter mais ou menos a mesma idade, e olhavam um tanto inseguros para ela, que ainda empunhava a faca numa das mãos e a chave de fenda na outra.

— Mocinha, antes de qualquer coisa, passe isso aí para cá — o homem ordenou, referindo-se às armas de Isabel.

— E por que eu faria isso? — Isabel perguntou, dando um passo para trás arisca.

— Essa é a condição para eu deixar você ficar aqui: sem armas!
— Hilton respondeu em voz de comando, mostrando o revólver para

ela.

A senhora que ajudou Isabel assistia a toda a cena, assustada.

— Desculpe, mas seu revólver está descarregado. Eu contei os tiros — Isabel respondeu, ferina e disposta a não se deixar intimidar.

— Acalme-se, menina, está tudo bem. Só queremos ter certeza de que podemos confiar em você. Por favor, entregue suas armas — a senhora argumentou, em tom tranquilizador.

— E eu preciso ter certeza de que posso confiar em vocês — Isabel disparou, ainda insegura.

— Nós a salvamos, não é verdade? Isso não é prova suficiente de nossas intenções? — a senhora argumentou, enfática.

Isabel avaliou bem aqueles dois e viu que talvez não estivesse mesmo sendo razoável. Tratava-se de um casal de idosos simpáticos que lembravam muito os seus avós. Mas ela realmente precisava ter certeza, e por isso fez um pedido que deixou ambos cismados.

— O senhor pode me dar sua mão por um instante? — Isabel pediu, esticando a mão esquerda e segurando as armas com a direita.

— O que você quer com isso, menina? Não estou gostando disso! — Hilton a encarou, desconfiado.

— É uma coisa minha. Se o senhor estiver sendo sincero quando diz que é de confiança, então não tem com que se preocupar. — Isabel esticou mais a mão, mas com um pé sempre atrás.

Hilton olhou para a outra mulher como se quisesse saber a opinião dela. A idosa fitou para Isabel dos pés à cabeça, avaliando-a. Em seguida, acenou com a cabeça para ele, encorajando-o.

— Pense bem no que você vai fazer, garota. Estou velho, mas não estou morto. — Hilton esticou a mão, sempre alerta.

Isabel hesitou por um instante, e por fim segurou a mão dele com firmeza. Os idosos ficaram perplexos com aquela cena. O olhar de Isabel parecia longínquo, como se ela enxergasse algo que não estava ali. Após alguns segundos, ela soltou a mão de Hilton e voltou ao normal. Cedeu e entregou a faca e a chave de fenda.

— Muito prazer, meu nome é Isabel.

* * *

Isabel e seus anfitriões sentaram-se para comer alguma coisa. Não havia grandes opções, na realidade, apenas um pouco de comida enlatada. A mulher chamava-se Scheyla, e, ao contrário do que Isabel imaginou de imediato, ela e Hilton não formavam um casal. Eram apenas duas pessoas que se encontraram em meio ao caos e se uniram para sobreviver.

Comiam em silêncio, ouvindo o barulho dos zumbis mexendo nas portas e janelas. O grupo de criaturas que perseguira Isabel insistia em não ir embora, e agora só restava rezar para que eles não conseguissem entrar.

— Há outras armas aqui? — Isabel perguntou, rompendo o silêncio incômodo.

— Não — Hilton respondeu, seco, deixando claro que não estava muito confortável com sua visitante.

— Infelizmente só conseguimos esse revólver que está com Hilton, querida, sinto muito. Mas eu espero que você não precise de um aqui, acho que estamos seguros.

— Muito obrigada por me acolherem. Eu achei que estava perdida — Isabel falou, sincera.

— Sim, eu sei. — Hilton, pelo visto, não facilitaria as coisas.

— Não se preocupe, querida, é um prazer recebê-la aqui. — E Scheyla lançou um olhar de reprovação para Hilton.

Ele percebeu e deu de ombros.

Após mais alguns instantes de silêncio, Hilton decidiu parar de fingir que estava tudo bem. Ele queria uma explicação, e queria já. E se não gostasse da resposta, colocaria Isabel para fora daquele lugar nem que fosse na marra.

— Isabel, que diabos foi aquilo? — Hilton a encarou com olhar penetrante.

— Na realidade, eu procurava uma delegacia, pois precisava de ajuda. Quando vi esta aqui, achei que havia encontrado o que buscava, mas não esperava ser cercada pelos zumbis, por isso...

Hilton, decidido a não se deixar despistar, e sem a menor paciência para jogos, a interrompeu:

— Você sabe muito bem que não é disso que eu estou falando, não se faça de idiota!

Isabel engoliu em seco. Scheyla ficou em silêncio, olhando para o tampo da mesa de madeira descascada. Ela desaprovava a atitude do amigo, mas também ficara cismada com o que Isabel havia feito, fosse lá o que aquilo significasse.

— Acho que não entendi... — Isabel tentava escapar da pergunta.

— Você parecia disposta a cortar a minha garganta. Depois, pediu para segurar a minha mão, e aí mudou totalmente, ficou calma, serena e está aqui posando de hóspede exemplar. Quem diabos é você, e o que foi aquilo que você fez? — Hilton perguntou, com aço no olhar.

— Ah, sim, desculpe! Achei que você estava falando de outra coisa. É muito simples, eu sou psiquiatra, e usei uma técnica criada por um estudioso inglês chamado Peter Ellis, que consiste em segurar as mãos de uma pessoa e sentir seus batimentos cardíacos. Pela pulsação eu consigo identificar se meu interlocutor está mentindo ou não, se está estressado, relaxado, e assim por diante. — Isabel sorriu. Parecia aliviada por ter esclarecido os fatos, e até voltou a comer.

— Ora, é mesmo uma técnica muito interessante e útil, você não concorda, Scheyla? — Hilton dirigiu para a outra mulher um sorriso estranho, que deixou Isabel um tanto incomodada. — Diga-me, Isabel, você aprendeu esta técnica na faculdade?

— Sim, durante meu estágio, na realidade. — Isabel mordeu um pedaço de salsicha, remexendo-se, desconfortável, na cadeira.

— Fantástico. E onde estudou? — Hilton mostrava vivo interesse, porém sua expressão era um tanto enigmática.

— Na Unitau, apesar de ser do Rio Grande do Sul. — Isabel sentia a tensão crescer naquele ambiente apertado.

— Bá, tchê, você é gaúcha, então? — Hilton perguntou, imitando o sotaque sulista.

— Sim, da serra gaúcha! Sou de Canela. Vocês conhecem? — Isabel, efusiva, olhou para Scheyla também, tentando envolvê-la na conversa.

— Sim, eu estive lá alguns anos atrás. Visitei também Gramado, Bento Gonçalves, Nova Petrópolis, Garibaldi... — Hilton sorriu.

— Conheço todas essas cidades! — Isabel falou, animada.
— Inclusive o melhor vinho que tomei na minha vida foi numa vinícola chamada...

— Isabel, você acha que sou imbecil? — Hilton deu um murro na mesa.

Isabel se levantou de um salto, olhando em volta, assustada. Não fazia ideia de onde eles guardaram suas armas, e Hilton já havia recarregado o revólver que trazia na cintura.

— Vou esclarecer uma coisa, menina: eu sou professor de psiquiatria. E sei muito bem quando alguém está mentindo. Por isso, posso afirmar que não existe nenhuma técnica que permita segurar a mão de uma pessoa e decifrar todo o estado de espírito dela. E, só para sua informação, Peter Ellis é o criador do Viagra. Quando for inventar uma mentira desse tamanho, tenha a decência de pesquisar melhor antes.

Scheyla tentava acalmar Hilton, em vão.

Isabel pensou em correr para fora, mas isso seria estupidez. Ela continuava ouvindo o som dos zumbis mexendo na porta, e por isso sabia que sair seria suicídio.

— Vamos! Responda o que foi aquilo ou eu lhe encho de bala!
— Hilton arrancou o Taurus da cintura.

— Calma, não precisa tanto! — Scheyla protestou, tentando apaziguar a situação. Estava com um péssimo pressentimento sobre o que podia acontecer, pois Hilton já demonstrara em outras situações que sob estresse podia ser muito explosivo.

Isabel congelou diante do revólver. Sabia o que fazer para encerrar aquele assunto, mas morria de medo de se expor. Tinha coisas a revelar que provocavam reações bastante diversas nas pessoas. Algumas ficavam maravilhadas, mas outras passavam a tratá-la como se ela fosse a encarnação do diabo.

— Vou contar até três, Isabel. Estou farto das suas mentiras. Um, dois e...

— Está bem, Hilton! Calma, eu vou explicar, certo? — Isabel ergueu ambas as mãos em sinal de rendição.

— Muito bem. Estou esperando. — Hilton continuava apontando a arma para ela.

— Você pode me emprestar uma bala de revólver, por favor?
— Isabel pediu com naturalidade.

— Por que diabos você quer isso? O que está planejando?
— Hilton sentia a paciência por um fio.

— Você quer uma explicação, não é? O que eu tenho para contar não pode ser descrito em palavras, precisa ser mostrado. Eu preciso de uma bala — Isabel disse com firmeza, estendendo a mão aberta e virada para cima.

Hilton parecia na dúvida, e mais uma vez olhou para Scheyla, buscando aprovação. Ela também parecia perplexa, mas no fundo tinha uma boa sensação sobre aquela moça. Com um leve aceno, ela incentivou-o a fazer o que lhe era pedido.

Ainda hesitante, Hilton enfiou a mão em um dos bolsos e pegou a bala de revólver, sem nunca desviar o olhar de Isabel. Em seguida, colocou o projétil sobre a mesa.

Isabel se aproximou da mesa e olhou para a bala. Não queria fazer aquilo, mas a experiência mostrava que era a única forma de as pessoas acreditarem no seu dom. Seu incrível dom.

Ela posicionou ambas as mãos espalmadas acima da bala. Olhava fixo para o objeto, como se buscasse se concentrar, sob os olhares curiosos de Hilton e Scheyla. E eis que logo em seguida o impossível aconteceu.

Lentamente, suavemente a bala começou a rolar de um lado para o outro no tampo, como se estivesse enfeitiçada, sob os olhares assombrados dos dois idosos. Hilton ficou tão perplexo que o revólver caiu da sua mão e quicou preguiçosamente no chão.

* * *

Scheyla tentava beber a água na única caneca de plástico de que dispunha quando queria matar a sede, mas estava praticamente impossível fazer aquilo sem tremer.

Ela segurava o copo com as duas mãos, e nem assim conseguia se controlar. Não era para menos; acabara de presenciar um fenômeno autêntico, praticado por uma criatura singular.

Hilton também estava perplexo. Nunca imaginou presenciar uma cena daquelas.

Isabel os observava com tranquilidade, pois já estava acostumada com aquele tipo de reação; era sempre igual.

— Isabel, como pode? — Scheyla perguntou. — Isso é impossível!

— Bom, sou forçada a discordar, não acham? Impossível definitivamente não é. — Isabel sorriu.

— Sim, mas você há de convir que não é normal! Como pode acontecer isso? — Hilton indagou, perplexo.

— É uma longa história, e sinceramente nem sei se tenho uma explicação satisfatória. Mas antes de contar tudo que sei eu gostaria de abordar um assunto bem mais importante. Há um rádio por aqui?

— Sim, está lá em cima — Hilton respondeu, um pouco decepcionado. Ele queria mesmo era falar dos dons espetaculares de Isabel. Nem mesmo os zumbis o incomodavam naquele momento.

— Podem me mostrar? — Isabel se encheu de esperança. Aquela era a sua prioridade, nada mais importava.

Os dois idosos levaram-na até uma saleta suja e abafada no segundo andar do edifício, onde um velho rádio juntava pó e teias de aranha. Exatamente o que ela precisava.

— Nós o tínhamos visto aí, mas como não temos energia elétrica, não vai ter muita utilidade — Hilton observou.

— Pelo contrário! Meu pai era especialista em radioamador, e ele dizia que muitas delegacias possuem baterias de carro ou até mesmo *nobreaks* para que os comunicadores continuem funcionando em caso de apagão. Deve ter algo por aqui em algum lugar. — E Isabel começou a procurar em armários e estantes.

Hilton e Scheyla ajudaram-na na empreitada. Passados menos de dez minutos, Isabel encontrou o que desejava. Era um conjunto de quatro baterias de carros interligadas e adaptadas a uma pequena mesa com rodinhas. O conjunto acabava em uma extensão de fio de cobre grosso, e na ponta havia um transformador com duas tomadas elétricas.

Isabel cruzou os dedos e ligou o transformador. E soltou um grito de empolgação quando a pequena luz vermelha surgiu. Aquela

engenhoca gerava energia elétrica suficiente para fazer o rádio funcionar por um tempo limitado, mas teria que ser o suficiente.

Arrastaram o equipamento e o conectaram no rádio, cujo painel, com seus diversos ponteiros e botões, logo acendeu. Agora vinha a parte mais importante, que era procurar ajuda. Em algum lugar haveria alguém transmitindo, Isabel podia jurar. E isso não tinha nada a ver com seu dom fantástico, ela simplesmente acreditava que existia alguma pessoa que poderia ajudar.

Começou a passar várias frequências, uma após a outra; e tudo continuava no mais absoluto silêncio. Aquilo era esperado, ela sabia que quando encontrasse alguém transmitindo se sobressairia na calmaria.

Depois de horas tentando diversas frequências diferentes, Isabel começava a se preocupar. Sabia que aquele aparato de baterias era uma medida paliativa, um recurso de emergência para sanar interrupções no fornecimento de energia elétrica. Não tardaria para aquilo se esgotar.

Foi quando ela ouviu. Uma voz que se sobressaía no silêncio que pairava sobre o mundo todo. Uma voz feminina falando de forma límpida que fez com que Isabel saltasse na cadeira de emoção.

— Aqui é do Condomínio Colinas, tem alguém na escuta? Estou transmitindo da colônia de sobreviventes de São José dos Campos, tem alguma pessoa ouvindo? — A mulher falava de forma enfadonha, demonstrando estar muitíssimo entediada.

— Sim, estou ouvindo! — Isabel gritou no microfone com tanta empolgação que quase deixou a pobre operadora surda.

* * *

Aquele contato era o motivo de Isabel se levantar cedo. Supostamente o dia do resgate chegara. Fazia dois dias que ela conversara com Ariadne, a operadora de rádio da tal colônia de sobreviventes, passara o endereço de onde estavam e pedira ajuda. Ariadne lhes disse para aguentarem firme e continuarem naquela frequência, pois ela voltaria em cinco minutos.

Isabel, Hilton e Scheyla esperaram, apreensivos, olhando o tempo todo para o transformador cuja luz estava cada vez mais fraca, dando a entender que era mera questão de tempo para o rádio parar de funcionar. Foi quando uma voz de mulher falou com eles. Mas era uma voz diferente.

Ariadne era simpática, mas não passava confiança, parecia ser uma pessoa insegura. Quem falou com Isabel transbordava energia e competência; era claro que se tratava de alguém de liderança.

— Isabel, você está na escuta? — a mulher perguntou.

— Sim, estou. Com quem eu falo?

— Meu nome é Estela. E eu irei pessoalmente resgatá-los dentro de no máximo dois dias. Você está me entendendo?

— Estou entendendo sim, Estela, você não faz ideia do quanto rezei por este dia! — Isabel sentia as lágrimas queimando-lhe os olhos.

— Vocês estão em segurança? Conseguem esperar tanto tempo?

— Acho que sim, Estela. Estamos cercados de mortos-vivos, mas não me parece que eles vão conseguir invadir este lugar tão cedo.

— Perfeito, Isabel. Eu e meu marido, Ivan, lideramos esta comunidade e iremos salvar vocês. Não saiam daí, combinado?

Antes que Isabel pudesse responder, o rádio apagou completamente, e a comunicação foi cortada. Mas não fazia diferença, conseguiram o mais importante.

E assim aguardaram dois dias, sonhando com a chegada da cavalaria. Comiam, conversavam, faziam planos. Será que aquele lugar para o qual seriam levados era mesmo seguro? Será que estariam a salvo?

Isabel narrou para seus companheiros de esconderijo os horrores vivenciados no quartel durante seu encarceramento. Os abusos sofridos, os companheiros de infortúnio torturados e assassinados, o sadismo de Emmanuel. Scheyla e Hilton ouviram tudo chocados. Não imaginavam que seria possível, numa situação caótica como aquela, haver um grupo de pessoas capazes de fazer tantas barbaridades.

— Só nos resta torcer para não estarmos indo para uma arapuca semelhante. — Isabel exalou um suspiro.

Mas no fundo ela sentia que era diferente. Estela parecia ser de confiança.

De repente, ouviram um barulho grotesco de madeira sendo quebrada, e os três se ergueram de um salto. Aquilo só podia significar uma coisa: os zumbis estavam invadindo o prédio.

Foram até a sala onde outrora funcionara a recepção da delegacia e depararam com o terrível pesadelo. Os zumbis finalmente quebraram a janela de madeira, que ficava sempre fechada. Por aquela abertura algumas criaturas enfiavam as mãos, tentando agarrar o que pudessem, tateando em volta da janela pela parte de dentro.

Através do buraco, Isabel, Scheyla e Hilton viram que o grupo de criaturas aumentara sobremaneira. Já passavam de cem zumbis, que se acotovelavam na frente da delegacia.

— Meu Deus, estamos perdidos!

O grito de Scheyla chamou a atenção dos zumbis que se acotovelavam na janela, que começaram a rosar e grunhir, agora excitados com a visão de suas presas.

Logo em seguida, uma das folhas da janela de madeira foi arrancada. As criaturas só não conseguiam invadir porque existia uma fina grade de metal pelo lado de dentro servindo de barreira. Mas os zumbis agora se agarravam na fina peça e puxavam juntos, com força, fazendo as hastes oscilarem para a frente e para trás a cada novo puxão.

Isabel começou a olhar em volta, tentando pensar numa forma de atrasar as criaturas. Sabia que estavam perto de conseguir, tinham que resistir mais um pouco.

Fugir do prédio era impossível. Se saíssem pela porta dos fundos, seriam obrigados a passar pela frente para chegar até a rua. E se aquelas coisas invadissem o local, não haveria nada para protegê-los.

— Teremos que nos trancar no banheiro! — Isabel falou às pressas para os outros dois.

— Ficaremos encurralados! Estamos mortos! — Hilton gritou, cedendo ao desespero.

— É preciso ganhar tempo. Eles vão chegar, eu tenho certeza!
— Isabel gritou de volta, sentindo o coração disparar.

E então a primeira grade de ferro cedeu, arrancada do lugar pelas feras. A invasão começaria a qualquer momento; por aquele espaço uma criatura menor já seria capaz de se esgueirar para dentro. Hilton pegou o revólver e apontou para a abertura, com as mãos trêmulas, mas Isabel o impediu.

— Temos poucas balas. Por favor, reserve algumas para nós mesmos. Eu me recuso a virar comida para esses bichos, prefiro a morte. — Isabel tinha lágrimas nos olhos. Estava cansada de fugir, lutar, ter esperança, cair no desespero novamente num ciclo frequente. Ela queria paz.

Mas antes que Isabel concluísse o raciocínio, a cabeça de um dos zumbis explodiu, como num passe de mágica. Uma fração de segundo depois eles ouviram um estampido de um tiro, incrivelmente distante. Todos os mortos-vivos olharam para trás, desviando a atenção do trio acuado.

Os três se entreolharam, mas, antes que pudessem falar alguma coisa, o mesmo fenômeno se repetiu. Outro zumbi teve a cabeça destruída, e depois um barulho distante se fez ouvir. Scheyla se sobressaltou com aquilo.

Passaram-se poucos segundos, e alguns zumbis que se afastaram da janela tentando localizar a origem do som já faziam menção de voltar. Porém, um dos seres teve uma perfuração que entrou nas costas e saiu no ombro direito, fazendo o sangue jorrar de tal forma que respingou dentro da recepção.

De novo o estampido do tiro chegou depois. O zumbi girou nos calcanhares com o impacto, mas antes que pudesse esboçar uma reação seu crânio foi despedaçado. A bala atravessou direto, passou pela janela e se alojou na parede do pequeno cômodo, deixando um rastro de massa encefálica.

Por fim, o grupo de criaturas recuou totalmente e seguiu para a rua, deixando a delegacia para trás. Nada atraía mais os zumbis do que o som de um disparo.

— O que está havendo? Alguém está atirando! — Scheyla falou, cheia de esperança. — Que arma especial é essa? Por que ela atira antes e faz barulho depois?

— Pode parecer impossível, mas eu acho que sei o que está acontecendo. — Hilton começava a acreditar que milagres eram reais. — Alguém está disparando com uma arma tão potente e de uma distância tão grande que a bala chega antes do som. Estamos falando de um tiro a cerca de um quilômetro de distância, talvez mais! Só os melhores franco-atiradores do mundo são capazes de tal proeza.

Quando ouviu aquilo, Isabel se aproximou da janela e avistou ao longe, bem no fim da rua, a sombra de um tanque de guerra. Ao ver aquela cena, ela teve certeza de que estavam todos salvos. O esperado casal estava ali.

Ivan e Estela finalmente haviam chegado.

CAPÍTULO 2

O RESGATE



TUDO ACONTECEU MUITO RÁPIDO. Aquelas três pessoas sempre imaginaram um grupo tão numeroso de zumbis como algo imbatível, impossível de se vencer. Mas aquela equipe de resgate era bem treinada e estava fortemente armada. Desde o momento em que conseguiram se organizar para sobreviver, todos os dias se preparavam exatamente para situações iguais àquela.

O primeiro blindado desceu a rua acelerando. Na parte de cima havia dois soldados. O que portava um rifle com mira telescópica era o autor dos disparos inacreditáveis realizados apenas alguns momentos antes; o outro se achava posicionado atrás de uma metralhadora de grosso calibre. Ambos vestiam fardas do exército e usavam equipamento de guerra completo.

Em instantes, começaram os disparos com a potente metralhadora que não fazia perfurações — abria crateras, fosse na parede ou no corpo de zumbis, que caíam em velocidade vertiginosa e sem opor resistência.

Logo atrás do primeiro veículo de combate vinha um segundo blindado sobre o qual um soldado segurava uma arma desconhecida, com um cano demasiadamente longo. Nem Isabel nem os demais viram nada similar até então.

Mas logo descobriram do que se tratava. Quando o soldado acionou o gatilho, uma coluna de fogo disparou do artefato incendiando vários zumbis. Era um lança-chamas. Aquele grupo

atacava com equipamentos sofisticados e pesado poder de fogo. Não era à toa que Estela afirmou com convicção aquele resgate.

À medida que os zumbis se aproximavam dos blindados tentando alcançar seus atacantes, outras armas começaram a disparar, agora de dentro dos Urutus. Eram sons variados, provenientes dos diversos modelos de armas empregados, porém todas automáticas.

Nenhum zumbi conseguiu chegar perto dos tanques. A última criatura teve o crânio esfaqueado vários metros antes de chegar perto dos atacantes. Então, os tiros cessaram.

O primeiro veículo se adiantou até chegar à porta da delegacia, finalmente estacionando. Dele, seis pessoas desembarcaram, todas fortemente armadas com fuzis e metralhadoras. Traziam também pistolas automáticas à cintura, além de granadas de mão e rádios. Parecia um verdadeiro esquadrão de elite, caminhando em formação, protegendo os flancos e a frente.

O grupo se aproximou da janela despedaçada, de onde Isabel e seus companheiros observavam a aproximação daqueles que, esperavam, fossem seus salvadores.

No centro do grupo estavam os dois soldados que estiveram à frente de disparos, um com o rifle de mira telescópica e o outro que operara a metralhadora de alto calibre, e que agora empunhava um fuzil automático. Eles checaram primeiro se os zumbis abatidos de fato estavam mortos. Em seguida, um deles se aproximou da janela e retirou o capacete. E uma longa cabeleira desceu-lhe até a cintura, para surpresa dos três. O exímio soldado atirador era uma bela mulher de pele morena e olhos castanhos.

— Boa tarde. Acredito que você seja Isabel. Acertei? — A mulher esboçava um sorriso simpático.

— Sim, sou eu mesma.

— Eu sou Estela, e este é o meu marido, Ivan. — Ela indicou o homem que vinha ao seu lado, o atirador que operava a metralhadora.

Ivan sorriu. Ele tinha um semblante sereno, cabelos loiros e olhos verdes.

Isabel estendeu a mão para Estela, pelo buraco na janela. Hilton e Scheyla observaram-na. Agora eles sabiam por qual motivo Isabel

fazia questão daquele contato. Um simples aperto de mãos bastava para Isabel.

Estela, durante o contato, reparou no olhar de Isabel, que imediatamente ficou fora de foco. Foi algo de um segundo, mas ela notou. Logo em seguida Isabel abriu um enorme sorriso. A sensação que teve foi de algo bom demais para ser verdade.

— Vamos, pessoal! Devemos nos apressar, temos uma viagem para fazer! — E Isabel correu para pegar as suas coisas, diante do olhar de perplexidade de seus salvadores.

* * *

Todos embarcaram nos Urutus sem demora. Isabel praticamente correu na frente dos demais. Sentia-se tão feliz que tinha vontade de dançar. Mil vezes imaginara encontrar um grupo de pessoas como aquele, e agora acontecera. Talvez Deus tivesse decidido olhar por ela, afinal.

Estela e Ivan observavam com curiosidade a jovem tão empolgada. Hilton e Scheyla mostravam a reação padrão das centenas de pessoas que eles resgataram durante aqueles meses, desde que formaram a comunidade de sobreviventes do Condomínio Colinas. Estavam intimidados e desconfiados.

Era sempre assim, todos ficavam com medo quando eles chegavam. Afinal de contas, um grupo com tanto poder de fogo seria capaz de fazer o que quisesse sem que ninguém pudesse impedir.

Isabel, no entanto, estava absolutamente confiante. E eles se alegravam pela tranquilidade dela, que se comportava como uma adolescente; algo muito incomum.

— Que bom que você está tão à vontade! — Estela comentou, sorrindo. — Já tivemos que dopar alguns sobreviventes para conseguir colocá-los no Urutu. Você está tão bem que até parece que nos conhece.

— E conheço mesmo! — Isabel se acomodou num dos assentos do blindado.

Hilton e Scheyla se entreolharam, preocupados ao perceber que Isabel se achava perto de revelar o seu fantástico segredo. Estela a

encarou, perplexa e franzindo a testa.

— Sério mesmo? Não me recordo de você, Isabel. De onde nos conhecemos?

— *Nós* não nos conhecemos, Estela. Eu conheço você. — Isabel frisou bem a última parte.

— Acho que não entendi... — Ivan comentou abrindo a boca pela primeira vez. — Como pode conhecer minha mulher, e ela não conhecê-la? Você é algum tipo de espiã? — Ele falou em tom de brincadeira, mas seu olhar indicava que estava um tanto preocupado com o rumo daquela conversa.

— É simples e complicado ao mesmo tempo. Mas eu posso dizer com segurança que vocês criaram uma colônia de sobreviventes com mais de duas mil pessoas, têm dois filhos biológicos e oito adotivos, são casados há pouco mais de dez anos e eram analistas de sistemas antes dessa loucura toda. Você, Ivan, é ex-militar, e os dois juntos formam um casal muito completo. — Isabel piscou, marota.

Ivan e Estela ficaram assombrados. Hilton e Scheyla se encolheram nos seus assentos, com medo do que aquela pequena exibição poderia causar. Os demais soldados que ocupavam o veículo e vinham em silêncio se entreolharam, surpresos.

— Não é possível! Tentamos contato com vocês várias vezes nos últimos dias! Tenho certeza de que não nos conhecemos e que você não falou com mais ninguém do nosso grupo. Quem lhe contou tudo isso? — Estela a fitava, espantada. — Qual é a explicação, Isabel?

Apesar do espanto, Estela mantinha total serenidade, pois tinha certeza de que aquela moça não era uma ameaça.

— É uma longa história... — E pela primeira vez na vida Isabel não receava revelar seu segredo. Pelo contrário, estava ansiosa. Sentia que era a coisa certa a ser feita.

— É uma longa viagem — Ivan falou. — Devido às condições de abandono da estrada e à quantidade enorme de zumbis que vagam pela Dutra, devemos levar quase duas horas para chegar. Acho que é o suficiente, certo?

— Creio que sim. Mas mantenham a mente aberta — Isabel respondeu, sorrindo.

— Nada mais é capaz de me causar espanto, minha cara — Ivan comentou, bem-humorado.

Ele estava prestes a descobrir-se completamente enganado.

A HISTÓRIA DAS GÊMEAS

ALEX E CARLA CASARAM-SE no início do ano de 1987. Eram jovens e apaixonados, e moravam na pequena cidade de Canela, no coração da serra gaúcha, Rio Grande do Sul. Ambos eram professores e davam aulas na rede municipal de ensino.

Nos primeiros tempos da nova vida a dois, viviam numa casa pequena, porém confortável, com uma varanda minúscula e um quintal com gramado. Moravam próximos da cachoeira do Caracol, a principal atração turística da cidade, e iam para o grande parque municipal quase todos os finais de semana.

Estavam casados havia pouco mais de oito meses quando Carla engravidou. Foi tudo muito inesperado, mas os dois ficaram felicíssimos com a novidade. Apesar de não terem planejado, o casal sempre sonhou com um bebê para completar aquele lar.

Iniciaram os preparativos para a chegada da criança. Reformaram o segundo quarto da casa, pintaram as paredes, trocaram o piso, compraram berço e outros móveis. Ganharam muitos presentes de amigos e parentes, que também queriam participar daquela família que estava aumentando. Os nomes já estavam escolhidos.

— Se for menino, minha escolha é Felipe. Mas se for menina, deve se chamar Jezebel — Carla falou.

— Jezebel? Nunca ouvi falar de alguém chamado Jezebel. Tem certeza de que gosta desse nome? — Alex perguntou, surpreso.

— Claro que sim. É um nome lindo, de uma rainha. E é um nome bíblico, sabia? — Carla acariciou o ventre.

Alex conhecia bem a história bíblica do Primeiro Livro dos Reis do Antigo Testamento, que falava de uma rainha fenícia que perseguira

o profeta Elias por não acreditar na religião do Deus único, e que acabou sendo jogada do alto de um prédio e morreu estatelada no chão. Mais tarde, teve o seu corpo devorado por cães. Alex não estava satisfeito com aquele nome.

— Meu bem, na cultura católica Jezebel virou sinônimo de mulher sedutora, que não mede esforços para alcançar seus objetivos, você sabia? Não lhe parece um mau presságio? — Alex ponderou.

— Não me diga que você acha que um personagem marca todas as pessoas de mesmo nome. — Carla olhou para o marido, surpresa. — Conheci uma Jezebel muitos anos atrás. E foi uma das pessoas mais adoráveis que já conheci na vida.

— Sério? E o que houve com ela? Você nunca me falou dessa moça antes. — Alex a encarou, curioso.

— É que ela morreu. Foi um acidente de carro, quando era adolescente... — Carla já imaginava qual seria o próximo comentário de Alex.

— Viu só? É um péssimo presságio! Acho que devíamos escolher outro nome. — Alex suspirou, vitorioso.

Mas Carla não se convenceu. Aquele era o nome com o qual ela sempre sonhara. Significava, para ela, uma pessoa forte, independente e segura de si.

Aquelas eram qualidades que ela priorizava, e torcia muito para que sua criança as tivesse, fosse uma menina ou um menino.

E assim os meses se passaram.

Canela era uma cidade minúscula, não dispunha de muita estrutura de saúde. Por isso um exame de ultrassom para determinar o sexo da criança era algo bastante complexo, implicava uma longa fila de espera ou viajar até a capital do estado, Porto Alegre, distante mais de cem quilômetros.

Em virtude dessas dificuldades e de agradá-los a ideia de descobrir o sexo da criança no momento do parto, eles não fizeram esse tipo de exame no pré-natal. Como a gestação evoluía perfeitamente bem, não viram necessidade de enfrentar tamanha dificuldade.

A única preocupação ficava a cargo do excesso de peso de Carla, que engordou muito. A barriga estava imensa, mas, como Carla já

havia optado por uma cesariana, o parto não seria um problema.

No oitavo mês de gestação, Carla pediu para Alex levá-la até Gramado, o município vizinho que era cartão-postal de toda a serra gaúcha. Tratava-se de uma cidade linda, com casas e prédios em estilo europeu e que atraía centenas de milhares de turistas todos os anos.

Carla desejava comprar mais algumas peças para o enxoval, pois o bebê nasceria em pleno inverno, e seria necessário reforçar o acervo de algumas roupas mais quentes para o rigoroso frio gaúcho.

As duas cidades eram tão próximas que muitas pessoas moravam em uma e trabalhavam, faziam compras e até mesmo estudavam na outra. E aproveitando tal proximidade, Alex e Carla se dirigiram a Gramado, naquele dia de junho de 1988.

Eram mais ou menos quatro horas da tarde. Chovia muito, e Alex dirigia seu velho Chevette. Foi tudo muito rápido e violento. Alex derrapou numa poça d'água, e o carro, completamente fora de controle, invadiu a faixa da outra mão, e foi atingido por um ônibus intermunicipal.

O choque fez o carro virar bruscamente de novo, dessa vez de volta para a sua pista, ficando atravessado por poucos segundos. Então um Fusca atingiu a porta do motorista, espatifando-se contra a lateral do Chevette.

O Chevette ficou atravessado na pista, amassado por todos os lados. Quando a equipe de resgate chegou, já encontrou o motorista do Fusca morto. Alex, com traumatismo craniano. Porém, era Carla quem demandava os maiores esforços. Ela estava muito ferida e com o pulmão perfurado por uma costela fraturada. Carla esmagara o rosto contra o para-brisa do carro e fraturou o crânio, o nariz e o maxilar.

Assim que teve início o atendimento, Carla, ainda presa nas ferragens, sofreu uma parada respiratória em função do ferimento no pulmão, e começou a perder o pulso. O quadro era desesperador.

Os médicos começaram o processo de ventilação para evitar a falta de oxigênio no cérebro dela e da criança, mas não era possível afirmar se Carla ou o bebê ficariam com sequelas.

A retirada de Carla das ferragens levou mais de uma hora e, quando finalmente terminavam de cortar a lataria, ela sofreu uma parada cardíaca.

Os médicos tentaram reanimá-la diversas vezes, sem sucesso. O coração de Carla se rendera aos ferimentos e nunca mais voltaria a bater novamente. A jovem mulher de vinte e seis anos estava morta.

Diante do quadro gravíssimo, os médicos teriam de tomar uma decisão rápida. Precisavam tentar salvar o bebê.

Enquanto os médicos decidiam que tipo de procedimento seria feito, uma das médicas, que estava com uma das mãos sobre o corpo de Carla, sentiu a barriga mexer. A criança dentro do ventre parecia disposta a sobreviver a todo custo.

— O bebê mexeu! Precisamos fazer algo! — a médica gritou.
— Precisamos realizar o parto, já!

Dentro do carro de resgate, os médicos realizaram a cesariana de emergência, abrindo o ventre de Carla e tirando um bebezinho prematuro. Uma menina chorou pela primeira vez menos de dez minutos depois que sua mãe deixou o mundo. Mas as surpresas ainda não haviam terminado.

Os médicos perceberam que havia algo mais ali. Suspeitaram de uma segunda criança, o que imediatamente se confirmou. Eram duas meninas minúsculas e frágeis que nasciam prematuras, sobreviventes de uma enorme provação, desafiando todas as probabilidades.

Foram levadas com máxima urgência para o hospital e encaminhadas à UTI neonatal. Os médicos precisavam realizar diversos exames minuciosos para conseguir saber qual era o estado de saúde dos bebês.

Alex permaneceu em coma por uma semana. Quando enfim recobrou a consciência, ficou alvoroçado para ter notícias da família.

— Como estão minha mulher e meu filho? — Alex perguntou, ansioso, com dificuldade, mas desesperado. Ele ainda estava na UTI, ligado a diversos aparelhos.

O médico que o acompanhava, um homem de meia-idade, era um tipo prático, que falava o necessário, sem rodeios. Por isso quase sempre assumia a complicada tarefa de passar uma notícia ruim para

quem quer que fosse. Ele cercou-se de profissionais para poder conversar com Alex, com receio de que a notícia agravasse seu estado de saúde.

— Sinto muito, Alex, sua esposa não resistiu aos ferimentos. O quadro dela era muito grave, não houve nada que pudesse ser feito — doutor Aníbal falou em tom grave.

Alex foi tomado de assombro, se desesperou. Enfiou o rosto entre as mãos e urrou como um animal ferido. A junta de médicos assistiu ao sofrimento do pobre homem em silêncio, enquanto ele era amparado pela mãe e pela psicóloga do hospital.

Quando Alex começou a voltar a si, outro médico tomou a palavra. Ele era o pediatra responsável pela UTI neonatal, e também tinha notícias para passar.

— Alex, sou o doutor Eric, e quero lhe dizer que sentimos muito pela sua esposa, mas podemos falar que suas filhas estão estáveis e evoluindo de forma satisfatória. Acredito que elas vão ficar bem. — O médico lhe dirigia um olhar esperançoso.

Alex pensou ter ouvido errado. Suas filhas estavam bem? Ele não imaginava que seu bebê pudesse ter sobrevivido àquilo, e muito menos que era mais de um.

— Você disse filhas? Então, são gêmeas?

Ao aceno do médico ele voltou a falar:

— Graças a Deus, isso é um milagre!

— Sim, são duas menininhas lindas. O hospital inteiro foi vê-las — dona Mirna, mãe de Alex, falou. — Você tem motivos de sobra para ter orgulho das duas, elas foram muito valentes. — E esboçou um sorriso, acariciando os cabelos do filho.

Alex limpou as lágrimas dos olhos com as mãos, tentando se acalmar. Aquilo era algum alento, como se Deus houvesse iluminado seu caminho, talvez até mesmo tentado compensá-lo por sua grande perda. Sentia então que precisava ser forte, pelas meninas e por Carla também. Não podia fraquejar naquele momento.

Doutor Eric retomou a palavra:

— Alex, preciso fazer-lhe um alerta.

Alex olhou assustado para a mãe e depois para o médico. De repente, ficou preocupado com o bem-estar de suas filhas.

— O que houve? Algo errado com as minhas meninas?

— Fique calmo, não sabemos se houve algo de fato. Mas tivemos complicações significativas. — O doutor Eric prosseguiu: — O fato é que elas ficaram sem oxigênio por algum tempo, e não sabemos ao certo o que isso produzirá em seu desenvolvimento.

— E o que isso significa? — Alex não podia acreditar que, depois de tudo, algo de ruim ainda poderia acontecer com o que sobrou de sua família.

— Você precisa ter calma e paciência. Não temos respostas conclusivas ainda. Elas parecem normais; é cedo para afirmar se algo aconteceu. — Doutor Eric tentava acalmar o pobre homem.

Mas Alex não se convenceu.

— Qual o problema com o oxigênio? O que pode ter acontecido?

— Ele precisava de uma resposta; do contrário, enlouqueceria.

Doutor Eric olhou de forma significativa para a psicóloga do hospital. Parecia pedir autorização a ela. Tinha receio da reação de Alex com o que tinha a revelar.

A psicóloga, uma senhora também de meia-idade, olhou para Alex e balançou a cabeça em sinal positivo.

— A falta de oxigênio pode causar lesões cerebrais variadas numa pessoa, sobretudo num bebê. E esse quadro pode ser agravado em crianças prematuras como as suas meninas. Mas isso não significa que elas tenham algum problema, tudo isso são meras probabilidades.

— E o que essas lesões podem acarretar? — Alex indagou, embora temesse a resposta.

— Elas podem causar paralisia cerebral — doutor Eric respondeu por fim, parando de fazer rodeios. — E parece ser o caso das duas meninas. As tomografias de ambas indicam lesões cerebrais leves, incrivelmente similares.

Alex começou a chorar compulsivamente. Sua mãe e a psicóloga tentavam acalmá-lo. Ele não tinha clareza do que aquilo significava, mas sabia que era algo muito ruim.

— Minhas filhas vão ter problemas, não é? Elas vão ter retardamento mental e esse tipo de coisa, certo?

— Alex, não apressemos as coisas, mas também não vamos confundir as situações. Meu colega, doutor Chaves, poderá falar desse assunto com mais propriedade. — E Eric passou a palavra para o neurologista pediatra, que estava com eles.

— Senhor Alex, suas filhas sofrerão de encefalopatia crônica não progressiva, mais conhecida como paralisia cerebral. E as pessoas nessa condição têm a mesma inteligência de uma pessoa normal, mas podem ter dificuldades motoras, de fala, audição ou até mesmo visão, e isso pode acarretar problemas de aprendizado. E podem ter dificuldade para andar ou até mesmo realizar tarefas cotidianas corriqueiras, como escovar os dentes ou tomar banho. Mas existem casos em que a evolução é normal e as crianças se desenvolvem perfeitamente bem. — O médico tentava esclarecer jovem pai e dar-lhe esperança.

— E no dia a dia, elas vão sofrer ou sentir dor? Como será o futuro? — Alex perguntou, apreensivo.

— Se elas realmente desenvolverem um quadro de paralisia cerebral, além dos possíveis distúrbios que citei poderão vir a sofrer de epilepsia — doutor Chaves informou.

Alex recostou-se na cama, sentindo-se derrotado. Carla estava morta, e o futuro das suas filhas era incerto. Sentia-se desamparado e completamente inapto para lidar com aquela situação.

Era horrível pensar naquilo, mas talvez fosse melhor que todos houvessem morrido; poderiam estar todos juntos com Carla no Céu.

Outra torrente de lágrimas tomou conta de Alex.

— Calma, meu querido, eu e seu pai ajudaremos em tudo. — Dona Mirna acariciava os cabelos de seu filho com os olhos rasos d'água. Queria poder fazer mais por ele. — Alex, eu preciso perguntar: Carla sempre disse que se fosse uma menina o bebê se chamaria Jezebel. E a outra criança? Você pensou em outro nome de menina?

Alex não havia se preparado para aquela situação. Precisava ser forte, ter calma. Suas filhas dependiam dele, e agora eram o que dava sentido à sua vida. Por elas, lutaria pela vontade de continuar vivo. Ficou em silêncio por instantes, olhou para a mãe e anunciou:

— Isabel. Ela se chamará Isabel.

Tão logo pôde se levantar da cama no hospital, Alex foi vê-las. Ele pegou ambas no colo com muito cuidado por um breve momento, e ao fazer isso chorou de emoção.

* * *

Alex voltou para casa quatro semanas depois do acidente, e suas filhas permaneceram mais algumas semanas no hospital.

Eram pequeninas e tranquilas. Raramente choravam, segundo as enfermeiras, e tinham um apetite impressionante. Aquilo deixou Alex otimista; talvez as crianças se desenvolvessem normalmente. De fato as gêmeas pareciam completamente normais.

No entanto, logo na primeira noite em casa, o pesadelo de Alex teve início. Isabel sofreu uma violenta convulsão. Ele deixou Jezebel aos cuidados da sua irmã, que passaria uns dias em sua casa, e correu para o hospital com a filha em crise. Isabel precisou ser tratada com anticonvulsivos. Três dias depois, foi a vez de Jezebel enfrentar um episódio similar.

Aquilo passou a ser a rotina de Alex. As crianças definitivamente passaram a apresentar problemas. Os meses iam a vinham, e elas não conseguiam manter o pescoço firme, não rolavam, não engatinhavam, quase não se mexiam. Eram sem dúvida crianças muito felizes. Jezebel era a mais risonha das duas, um bebê que gargalhava por qualquer brincadeira. Mas o desenvolvimento delas era lento demais.

Alex procurou vários especialistas, levou as meninas para fazer fisioterapias diversas e consultou inúmeros psicólogos. Os resultados eram parcos e lentíssimos.

O pai, entretanto, não desistia. Sua vida eram as filhas, nada mais importava. Quando não estava no trabalho estava com elas, ou providenciando algo para as duas.

Aceitou participar de diversos protocolos médicos com medicamentos experimentais. Para diminuir as convulsões, para aumentar o tônus muscular, para tratar a falta de firmeza da coluna cervical. Alguns poucos resultados foram observados, mas nada que desse indicação de que as crianças conseguiriam ter uma vida

normal. E outros sinais pareciam dizer que as coisas ainda estavam por piorar.

Quando completaram dois anos, as irmãs começaram a apresentar crises de choro incontrolável. No começo, Alex pensou que faziam por pura manha, para chamar a atenção, mas a situação foi piorando de forma acelerada. Jezebel e Isabel deixaram de ser sorridentes, e passavam o dia inteiro chorando, enlouquecendo o pai.

Ele começou a faltar ao trabalho e sofrer de insônia crônica, tentando cuidar das duas pequeninas. Recebia ajuda dos pais e da irmã, mas ainda assim era insuficiente. Então Alex decidiu buscar mais ajuda médica. Aquela mudança brusca só podia significar novos problemas. E seus temores se confirmaram.

— Alex, suas filhas sofrem de depressão — sentenciou o médico.
— E isso ocorre porque elas têm hiperatividade cerebral.

No início, ele pensou que aquilo só podia ser brincadeira. Olhou para as filhas no carrinho de bebê e para o médico, esperando uma explicação melhor. Como o doutor não falou nada, ele mesmo perguntou:

— Não é possível! Minhas filhas sofrem de paralisia cerebral. Como podem ter também hiperatividade cerebral? Não é um contrassenso? — Alex, ansioso, torcia para que houvesse algum engano.

— São problemas distintos, e muito provavelmente independentes. A paralisia cerebral é uma condição causada por um trauma no cérebro, como uma doença ou mesmo a falta de oxigênio — o médico explicou. — A hiperatividade cerebral, por seu lado, é caracterizada pelo aumento da sincronização das atividades elétricas do cérebro, o que compromete o funcionamento das diversas áreas em conjunto. Tratar o mau funcionamento das conexões cerebrais é o desafio, e infelizmente não existem medicamentos muito eficientes para isso. Descobriremos quais surtem melhores efeitos nas suas filhas.

Alex não podia acreditar. Definitivamente, era castigado. Primeiro, a morte da esposa; depois, os problemas das crianças, e agora isso. Era inacreditável.

— Esse problema foi causado pela paralisia cerebral? — ele quis saber.

— Provavelmente não. São distúrbios de origens diferentes.

E isso aumentou as convicções de Alex de que aquilo tudo era obra da ira divina.

Assim, o que já era ruim piorou muito. As crianças passaram a tomar mais medicamentos e fazer longas sessões de psicoterapia para tentar amenizar os efeitos da hiperatividade cerebral.

As crises de depressão melhoraram, mas não cessaram de todo. E Alex continuava na sua busca por uma cura, um tratamento, uma nova droga que permitisse que triunfassem em alguma das muitas frentes nas quais batalhavam todos os dias.

E foi realizando inúmeras pesquisas que Alex descobriu uma terapia chamada *neurofeedback*, que consistia em uma espécie de eletroencefalograma que ajudava a detectar os padrões das ondas cerebrais.

A terapia redirecionava essas ondas e melhorava o funcionamento dos neurônios. Basicamente o equipamento seria capaz de condicionar o cérebro de alguém a funcionar melhor, ajudando-o na execução de suas tarefas.

Aquela terapia, ainda em fase de testes, seria capaz de amenizar tanto a epilepsia quanto a depressão, ou seja, seria a arma ideal para vencer duas batalhas ao mesmo tempo.

Alex ficou muito empolgado com aquela possibilidade. A tal terapia também ajudava a estimular o raciocínio, o que auxiliaria as crianças com seus problemas de aprendizagem. Os médicos diziam que a capacidade intelectual delas fora preservada, mas eram tantas limitações que a aquisição de novos conhecimentos se tornava difícil.

E assim ele conseguiu uma licença no trabalho e levou as filhas para Porto Alegre, para uma bateria de sessões de terapia. Para tal, contou com a generosidade dos pais, amigos e familiares, que o ajudaram com as pesadas despesas que aquela nova tentativa acarretaria. Até mesmo a Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Canela ajudou a custear parte do tratamento caríssimo e experimental.

Logo no primeiro dia da nova terapia, entretanto, o médico responsável pelo tratamento fez um alerta para Alex que o deixou preocupado:

— O senhor precisa entender que nunca tratamos um caso como esse. Suas filhas têm dois problemas distintos e de origens totalmente diferentes. Não sabemos ao certo qual será a reação. Talvez não obtenhamos resultados muito satisfatórios, então calibraremos o equipamento ao desempenho delas para alcançar alguns avanços. E outra coisa: elas são as pacientes mais jovens que já tivemos. Para todos nós será um grande aprendizado, pois não sabemos como suas mentes infantis reagirão à terapia.

Alex concordou. Não estava em condições de voltar atrás, precisava tentar. Aos dois anos, suas filhas não falavam e quase não esboçavam reação a nada. Tudo o que ele ouviu parecia bastante seguro, e não havia outra opção. Ele tinha de arriscar.

Começaram o tratamento, que consistia em ligar cada criança ao aparelho de eletroencefalograma e assim medir a atividade cerebral. Depois disso, toda a informação das ondas cerebrais problemáticas era direcionada para um computador que processava os dados e gerava um *feedback* de imagens e sons em sequência, que serviam para estimular as áreas do cérebro afetadas.

Os médicos ficaram surpresos. O computador passou a gerar respostas nunca antes vistas. A condição cerebral daquelas meninas apresentou-se de modo singular. Tratava-se de um caso que precisaria ser estudado. Todos estavam ansiosos para avançar com os estudos.

Nas primeiras sessões, não eram esperados muitos resultados. Para alguns pacientes foram necessárias dezenas de repetições para se obter algo. Mas depois da quinta sessão, um verdadeiro milagre ocorreu.

Alex se preparava para sair da pequena pensão na qual estava hospedado com as crianças. Sentia-se incrivelmente disposto naquela manhã — as meninas passaram bem a noite, algo muito raro em função das crises epiléticas que às vezes atingiam ambas ao mesmo tempo.

Ele as colocou no carrinho de bebê duplo, e estava escovando os dentes para poderem ir para a terapia quando ouviu algo que não escutava havia quase um ano: risadas.

Voltou apressado para o quarto e levou um susto. As crianças não riam — estavam de mãos dadas. Pareciam brincar uma com a outra, como meninas sadias.

Alex sentiu os olhos se encherem de lágrimas e correu para a clínica. Precisava falar com os médicos imediatamente. Aquilo tinha que ser um sinal, o tratamento fazia efeito.

Os próprios especialistas coçaram as cabeças quando avaliaram as crianças. Haviam estado com elas no dia anterior, e em menos de vinte e quatro horas as duas apresentaram uma melhora impressionante. Elas sorriam, respondiam a estímulos, e até mesmo funções motoras muito prejudicadas, como segurar pequenos objetos, foram aprimoradas. Era mesmo fantástico.

Prosseguiram com o tratamento, e os médicos iam documentando tudo. Associaram as sessões de *neurofeedback* à fisioterapia, para tentar identificar se combinadas produziriam resultados tão surpreendentes quanto os observados antes.

E o progresso foi ainda melhor. Um mês depois de começar o tratamento, Jezebel, que nunca conseguira ficar em pé, deu seu primeiro e vacilante passo com a ajuda das enfermeiras. Dois dias depois, foi a vez de Isabel repetir a façanha.

E assim o tratamento prosseguiu por mais um ano. Alex pouco falou daquele progresso com seus familiares. Tanto pelas inúmeras frustrações que já amargara quanto por querer ter certeza de que não haveria uma regressão.

* * *

Dona Mirna e o senhor Ambrósio aguardavam a chegada do filho e das netas na rodoviária da cidade de Canela. Eles estranhavam todo o mistério que Alex fizera ao longo daqueles meses, e também não entendiam por que ele optara por voltar de ônibus. Seria melhor ter voltado de ambulância com as meninas, da mesma forma como partiram.

O casal de idosos sorriu ao avistar o filho descer do ônibus, mas congelou quando viu duas meninas aparentando pouco mais de três anos descerem sozinhas as escadas. Eram altas para a idade, e cada uma trazia às costas uma mochila estampada com flores e carregava debaixo do braço um bichinho de pelúcia.

Alex se aproximou com as meninas, sorrindo. Um sorriso vitorioso de quem fora até o inferno para conseguir vencer a batalha impossível.

— Olha quem está aqui! Isabel, Jezebel, digam “Oi!” para o vovô e a vovó — Alex pediu para as filhas.

Isabel era muito tímida, e se restringiu a dizer “Olá” para os avôs. Jezebel os cumprimentou com um doce ar infantil, e ainda abraçou o casal de avós, que começou a chorar. Então eles abraçaram o filho, e ali mesmo decidiram que organizariam uma grande comemoração.

Tios e tias, primos e amigos vieram de toda parte para ver o milagre que Alex conseguira realizar. Era impressionante que aquele homem sozinho houvesse lutado e vencido um desafio tão árduo.

A partir desse momento, a vida seguiu um rumo normal. As meninas passaram a se desenvolver rápido e de uma forma surpreendente. Eram inteligentíssimas, tinham raciocínio claro, aprendiam tudo com facilidade. Quando completaram cinco anos, Alex ensinou as filhas a ler e escrever, e antes dos seis elas já conheciam as quatro operações matemáticas. Liam com desenvoltura e possuíam memória fotográfica.

Quando começaram a frequentar a escola, logo se destacaram das demais crianças, e disputavam palmo a palmo a posição de melhor aluna da turma. Disputa essa que com o tempo seria vencida quase sempre por Jezebel, que vinha se mostrando um prodígio ainda maior que Isabel. E Alex não cansava de agradecer a Deus; sentia-se muito abençoado pelo milagre que conseguira realizar.

Para não correr riscos, as sessões de *neurofeedback* continuaram sendo realizadas, agora com um intervalo de tempo maior. Os médicos continuavam acompanhando a evolução das gêmeas, mesmo convictos de que elas deixaram para trás em tempo recorde os problemas do passado.

Foi após completarem sete anos que as crianças deram os primeiros sinais de que algo estava errado. Ou no mínimo diferente.

Era uma tarde de novembro, e chovia muito, por isso Alex proibiu as meninas de saírem para brincar. As gêmeas estavam entediadas e, quando ficavam assim, brigavam sem parar. Queriam sair para o quintal ou para a praça, para jogar bola ou brincar de pega-pega. E, em vez disso, estavam trancadas; isso as irritava.

Alex já passara inúmeras descomposturas nas duas. Ele retomara as suas atividades profissionais, e havia várias provas para corrigir, mas o barulho das garotas não o deixavam trabalhar. Após diversos avisos e ameaças, ele perdeu a paciência e colocou ambas de castigo. Mandou Jezebel para o quarto das meninas, e Isabel ficou no quarto dele.

Alex retomou seu trabalho e, depois de cerca de trinta minutos, começou a estranhar o silêncio. As meninas não reclamaram nenhuma vez, nem pediram nada; e isso era muito estranho. Alex começou a suspeitar de que elas estivessem aprontando alguma, e por isso decidiu averiguar, sem fazer barulho.

Quando chegava ao quarto das garotas, onde estava Jezebel, Alex começou a ouvir a voz da filha. Ela falava baixinho, mas dava para perceber que conversava com alguém. Imediatamente ficou irritado. Aquilo significava que as meninas estavam juntas, portanto, desobedeceram suas ordens.

Quando entrou no quarto, Alex ficou perplexo. Esperava encontrar as irmãs juntas, mas Jezebel estava só. Ela conversava animadamente, como se houvesse alguém com ela no cômodo; mas não havia mais ninguém. A menina inclusive dava algumas risadas de tempos em tempos, como se se divertisse.

— Oi, filha, está tudo bem? — Alex perguntou, entrando no quarto e sentando na cama.

— Sim, está tudo bem, pai. — Jezebel ainda sorria.

— Do que você está brincando? — Alex olhava pela cama, procurando algum brinquedo que justificasse o diálogo solitário da filha.

— Não estou brincando de nada. Estou apenas rindo das bobagens de Isabel. — O sorriso de Jezebel se alargou.

— Quais bobagens sua irmã fez? Ela está escondida aqui no quarto? — Alex olhou em volta.

— Não, ela está lá no seu quarto, imitando você, papai. Foi tão engraçado! — Jezebel gargalhou.

Mas Alex não achou graça. Estava confuso.

— Deixe-me ver se entendi: sua irmã veio até aqui para fazer uma imitação minha, foi isso?

— Não, pai! Ela está imitando você e... — Jezebel começou, mas logo começou a gargalhar. — Para, Isabel! Ela é louca, papai! — A menina não conseguia mais se conter, e ria sem parar.

Alex ficou olhando para a filha rindo, e começou a pensar se ela havia enlouquecido. Olhava em volta e não via nada que pudesse explicar aquele comportamento. Assim, decidiu que estava na hora de ver o que Isabel fazia, e saiu do quarto, deixando para trás Jezebel, que enxugava as lágrimas de riso.

Ao chegar ao seu quarto, Alex deparou com a porta fechada, do modo como a deixara. Girou a maçaneta e entrou, e viu a filha de pé sobre a sua cama.

Isabel vestia o jaleco de professor que Alex usava para ministrar suas aulas. Colocara os óculos dele e trazia nas mãos a pequena pasta de couro que o pai levava para a escola. A menina desfilava de um lado para o outro, fazendo caras e bocas.

Isabel imitava o pai nos mínimos detalhes, no olhar e nas palavras, acrescentando cacoetes e algumas esquisitices. Estava mesmo muito engraçada. O que Alex não conseguia entender era como Jezebel podia rir daquela cena se ela estava fechada em outro quarto, do outro lado do corredor.

— Papai! Veio ver a minha apresentação? — Isabel perguntou para o pai, sorrindo.

— Sim, filha, eu vim ver por que a Jezebel estava rindo tanto... — Alex não sabia o que pensar daquilo tudo. — Você estava lá com ela?

— Não, pai! Eu não saí do castigo, juro! — Isabel ficou séria, com medo de ser castigada injustamente.

Por alguma razão Alex acreditou na filha.

Com o tempo, outros eventos misteriosos passaram a ocorrer. Eram sempre coisas pequenas e sem importância, mas nem por isso menos surpreendentes.

Certa ocasião, Isabel acertou nos mínimos detalhes o presente de Natal que ganharia. Era um jogo novo, cujo lançamento acabara de acontecer. O próprio Alex nunca vira uma única propaganda do produto. Mesmo assim, Isabel acertou qual era o brinquedo e inclusive a forma de jogar, sem ler nenhuma instrução.

Outra vez, Jezebel encontrou a boneca de uma vizinha que havia sumido. Ela foi até a casa da menina para brincar e, quando soube que o brinquedo havia desaparecido, simplesmente levantou-se da cadeira, foi até o cesto de roupa suja, que ficava ao lado da máquina de lavar, e encontrou o brinquedo; para perplexidade da menina e da mãe, que o haviam procurado a manhã toda.

A gota d'água ocorreu numa noite chuvosa. As meninas morriam de medo de tempestades, e daquela vez os relâmpagos cortavam o céu, clareando a noite e causando estrondos ensurdecedores. Alex bem que tentou convencer as filhas de que não havia perigo, mas não conseguiu fazer com que elas dormissem em seu quarto. Por isso, acabou cedendo e as deixou dormir com ele.

Alex acomodou as filhas na cama e apagou a luz, o que gerou protestos de ambas.

— Acende a luz, papai! — Jezebel reclamou.

— Filha, nós vamos dormir, está bem? Não há motivo para medo, papai está aqui com vocês. — Alex entrou debaixo do cobertor, entre Jezebel e Isabel.

Ato contínuo, ele segurou as mãozinhas de ambas, o que costumava deixá-las mais tranquilas.

Passados cinco minutos, um trovão altíssimo fez-se ouvir muito próximo da casa, e até mesmo Alex se assustou. Por puro reflexo, ele apertou as mãos das meninas. Foi nesse momento que a luz acendeu, e Alex abriu os olhos, incomodado pela claridade.

Alex olhou em volta; o quarto estava totalmente às claras. As luzes eram acionadas por três interruptores diferentes; um ligava os *spots* da direita, outro, as luzes da esquerda, e o terceiro interruptor acionava o lustre. Todos foram ligados ao mesmo tempo.

Alex olhou para as meninas. Ambas pareciam dormir e ainda seguravam suas mãos, como se nada houvesse acontecido.

Ele se levantou para apagar as luzes, se perguntando se aquele era algum tipo de defeito, mas quando foi tocar o primeiro interruptor Isabel o impediu:

— Papai, desculpa se eu o acordei. Deixa a luz acesa, por favor — a pequena suplicou.

— Tudo bem, filha, eu deixo. Mas por que você disse que me acordou? — Alex perguntou, embora temesse a resposta.

— Porque fui eu quem acendeu a luz — Isabel afirmou, sem graça. — Foi sem querer, em me assustei com o trovão.

— E como você fez isso? Não soltei sua mão nem por um segundo, filhinha.

— Não sei. Apenas pensei que queria que a luz acendesse, e aconteceu — Isabel falou, com simplicidade.

E mais uma vez Alex guardou aqueles eventos em seu coração. Mas chegou à conclusão de que estava na hora de procurar ajuda.

Isabel e Jezebel foram levadas a diversos especialistas e realizaram proezas que para muitos era algo impossível. Demonstraram a capacidade de adivinhar cartas, palavras e até mesmo frases inteiras. A parte mais impressionante era que, estando fisicamente bem distantes uma da outra, uma conseguia descrever com detalhes o que a outra estava fazendo.

E os fenômenos não paravam de impressionar.

Alex narrou o evento em que a luz acendeu sozinha, o que foi confirmado por Isabel. A menina, então, foi submetida a um detector de mentiras, que apresentou resultados conclusivos: aquela criança dizia a verdade ao afirmar que conseguira acender as luzes apenas com o poder do pensamento.

Ela só não sabia como havia feito aquilo, e não conseguia repetir a façanha, por mais que tentasse.

Um dia, porém, decidiram-se por uma nova abordagem. Como o evento das luzes ocorreu no momento em que Isabel tomou um susto, um parapsicólogo decidiu submetê-las a um teste de estresse.

As garotas foram colocadas numa sala escura com um telão e um projetor. Os médicos explicaram que não seria nada de perigoso,

seria exibido um filme de terror para elas assistirem sozinhas.

Numa sala contígua todos, inclusive Alex, observariam suas reações através de um espelho de fundo falso. Toda atividade cerebral e todos os sinais vitais seriam monitorados durante o teste. Os médicos esperavam observar alguma manifestação similar à descrita por Alex e Isabel no dia da tempestade. Mas eles viram mais do que esperavam.

As meninas se mostraram um pouco intimidadas no começo, mas, à medida que a trama na tela se desenrolava, elas foram ficando mais relaxadas, riam de algumas cenas e começaram a conversar.

Porém, na primeira cena assustadora, o monitor que exibia as atividades cerebrais de Jezebel enlouqueceu. Diversas áreas diferentes do seu cérebro entraram em atividade frenética, e no momento em que a menina cerrou os olhos, com medo, as luzes da sala piscaram rapidamente. Depois foi a vez de Isabel. O padrão se repetia de forma muito similar, uma atividade exacerbada seguida de algum efeito físico.

A imagem projetada piscou, as luzes e o áudio do filme oscilaram e o projetor por fim acabou desligando sozinho, interrompendo a exibição, para alívio das meninas.

Os especialistas ficaram petrificados. O silêncio foi tão grande que era possível ouvir os carros passando na rua. Alex era o mais perplexo de todos. Nunca registraram nada parecido com aquilo, era algo muito próximo de um fenômeno paranormal. Era como se os problemas cerebrais das gêmeas combinados com a terapia de *neurofeedback* tivesse ativado algum tipo de recurso desconhecido.

— Nunca vi nada similar — doutora Helena, uma das psiquiatras, comentou. Ela chegara por último, e ainda não conhecia aquela família. — Quero muito conhecer essas crianças!

Quando entrou na sala, junto com os outros médicos e psiquiatras, a doutora Helena aproximou-se de Jezebel e segurou a mão da menina para se apresentar. Antes que abrisse a boca, a garota falou apenas uma frase:

— Obrigada, doutora Helena, foi meu papai quem me deu.

A doutora ficou paralisada e completamente lívida. Alex se aproximou e perguntou o que havia acontecido. Estava preocupado

com o olhar de assombro da médica, apesar de ele mesmo estar assustado.

— Eu ia comentar que o vestido dela era lindo, mas não precisei abrir a boca. Jezebel respondeu antes mesmo de eu falar alguma coisa. — Doutora Helena não desgrudava os olhos da menina, que já ficava enrubescida. — E como é que ela adivinhou o meu nome?

* * *

Vários anos se passaram. Isabel e Jezebel aprenderam a controlar seus poderes. As meninas participaram de estudos em universidades, centros de pesquisa e institutos de diversos estados brasileiros e países. Todos queriam ver as proezas das gêmeas, que desafiavam todas as leis da física.

Em certa ocasião, elas causaram assombro inclusive no padre Oscar Gonzalez Quevedo, pesquisador que foi durante anos diretor do Centro Latino-Americano de Parapsicologia. O homem ficou em estado de choque quando Isabel foi capaz de ler seus pensamentos, inclusive frases inteiras, e até mesmo equações matemáticas complexas, ainda que não fizesse a menor ideia do que significavam. Pela primeira vez em anos, aquele especialista se rendia a uma exibição do fenômeno: não havia uma explicação racional.

Todos os grandes parapsicólogos do mundo repetiam à exaustão que fenômenos paranormais não tinham nada a ver com magia ou bruxaria. Todas as teorias insistiam que eles eram fruto de emissões magnéticas espontâneas e incontroláveis causadas pela eletricidade gerada pelo corpo, originadas por algum tipo de distúrbio físico.

Mas as meninas eram diferentes. De alguma forma, os cérebros delas eram capazes de dar ordem ao caos, transformando o incontrolável em algo coordenado.

Elas nunca chegaram a chamar a atenção do grande público, como Uri Geller e Thomas Green, que se diziam dotados de poderes extraordinários, mas definitivamente essa não era a intenção de Alex.

Para observadores leigos, mover objetos de poucos gramas por alguns centímetros, ler pensamentos ou desligar um aparelho ou lâmpada não parecia algo impressionante, e as meninas não faziam

mais do que isso. Elas não eram capazes de mover um livro ou uma cadeira.

Os especialistas, no entanto, eram de uma opinião bem diferente. Porque nunca ninguém conseguiu achar uma explicação, elas realizavam as façanhas em qualquer lugar, a qualquer hora, em quaisquer circunstâncias, sem nenhum tipo de preparação, exigência ou determinado ângulo.

Mesmo cercadas de câmeras de altíssima velocidade e até mesmo equipamentos de infravermelho, não houve quem fosse capaz de explicar o que elas produziam sem recorrer a poderes paranormais.

A fortuna veio quando as meninas aceitaram enfrentar o Desafio Randi. James Randi era mágico e parapsicólogo renomado, autor de vários livros nos quais afirmava que fenômenos paranormais controlados simplesmente não existiam.

E por isso ele lançou um desafio simples, porém ousado: qualquer pessoa que conseguisse — em ambiente controlado e seguindo à risca as recomendações e exigências de Randi e seu grupo de especialistas — demonstrar qualquer tipo de fenômeno paranormal receberia um milhão de dólares.

Alex conversou longamente com as meninas sobre aquilo tudo. Ele entrou naquela loucura com elas em busca de uma explicação, e não por dinheiro. Mas um milhão de dólares era uma quantia vultosa, não havia como negar.

As meninas aceitaram a ideia com naturalidade, e assim todos rumaram para Los Angeles, na Califórnia, para a James Randi Educational Foundation. E Isabel e Jezebel ganharam um milhão de dólares.

As irmãs venceram incontáveis tarefas, foram a programas de televisão, deram entrevistas. Alex orientava as filhas para que elas fossem cuidadosas no momento de demonstrar seus dons para que não fossem discriminadas. Assim, a família reuniu uma significativa fortuna que permitiu que eles vivessem de forma confortável.

Em 2007, ocorreu uma grande mudança na vida de Isabel. Ela e Jezebel foram convidadas pelo CTA — Centro de Tecnologia Aeroespacial de São José dos Campos — para uma série de estudos sobre atividade paranormal.

Jezebel se recusou a ir pela duração do projeto. Seria necessário ficar ao menos três meses fora, e ela estava cansada da rotina de viagens. Isabel, porém, ficou interessadíssima. Ela sempre foi a mais rebelde das duas, e adorou a ideia de ficar alguns meses longe de casa, sozinha. Tinha dezenove anos e seu próprio dinheiro; aquela seria uma tremenda aventura.

Quando chegou ao Vale do Paraíba, entretanto, Isabel conheceu Josué, um jovem militar brilhante, de uma família que sempre esteve ligada às forças armadas. Foi uma paixão incontrolável, daquelas que levam uma jovem a mudar seus planos de vida.

E, um ano depois, aos vinte anos de idade, Isabel subiu ao altar com Josué. O casal foi morar num apartamento em Taubaté.

O casamento rápido e a mudança de cidade decretaram o fim das viagens de Isabel. Ela prestou vestibular para psiquiatria na Universidade de Taubaté e passou a viver uma vida tranquila ao lado do marido, deixando para trás anos de visitas a universidades, estudos e pesquisas com especialistas em fenômenos paranormais.

Com o tempo, as pessoas se esqueceram da jovem prodígio que espantou milhões de brasileiros em rede nacional de televisão com suas peripécias, e Isabel passou a experimentar o anonimato.

Isabel e Josué viveram quase dez anos excelentes. Ela mantinha contato com o pai e a irmã quase diariamente em virtude de uma paixão que Isabel e Jezebel herdaram de Alex: o radioamadorismo. Isabel possuía um aparelho de rádio PX em casa, e com ele se comunicava sempre com sua família. Em tempos de internet e telefones celulares, aquela acabava sendo uma forma divertida de matar a saudade.

A tranquilidade acabou certa noite, em agosto de 2017. Isabel e Josué sentaram-se para assistir ao *Jornal Nacional*, como era seu costume, mas daquela vez foi diferente. As chamadas que anunciavam o programa durante a novela das dezenove horas eram dramáticas e afetavam a todos, por isso estavam ansiosos para que começasse logo. Tanto que nem conseguiram jantar direito.

— Meu Deus, será que isso é sério mesmo? — Isabel perguntou para Josué, esfregando nervosamente as mãos.

— Não faço ideia, mas duvido que o *Jornal Nacional* anunciasse com tanto estardalhaço uma notícia que não fosse verdade. — Josué engoliu em seco, suando frio.

Logo em seguida, o programa começou, e todas as esperanças deles foram demolidas, uma a uma.

— A NASA anunciou hoje que há mais ou menos quatro semanas foi identificado um novo planeta no nosso sistema solar. — O semblante de William Bonner estava muito sério; sem dúvida aquela seria a notícia mais difícil que ele divulgaria em toda sua vida. — Estudos preliminares indicam que o planeta é gigantesco, com um diâmetro cerca de vinte vezes maior que o da Terra. E sua órbita atual demonstra que ele está rumando em nossa direção.

— Não pode ser... — Isabel murmurou, com os olhos vidrados na televisão.

— Uma eventual colisão ou até mesmo uma aproximação muito grande será catastrófica. Segundo os cientistas, nosso planeta será completamente devastado, e todas as formas de vida serão extintas... — Bonner continuava expondo aquela que poderia ser a sentença de morte de toda a humanidade, mas Josué desligou a televisão, pois não precisava ouvir mais nada.

Ambos se abraçaram, desesperançados. Aquela cena se repetiria em centenas de milhões de casas pelos quatro cantos do mundo, enquanto toda a raça humana encarava o anúncio de seu maior pesadelo. Algo como um encontro marcado para dali a um ano.

Isabel e Josué tentaram seguir em frente com suas vidas, apesar do pessimismo que pairava no ar. Ela viajou várias vezes para visitar a irmã e o pai, durante as ausências do marido para atuar nas forças de segurança, que se espalhavam por todo o país, numa tentativa de conter a onda de protestos e saques.

— Você e o papai podiam vir morar conosco por uns tempos — Isabel sugeriu à Jezebel numa dessas visitas. — Assim poderíamos passar mais tempo juntos, e eu ficaria menos preocupada.

— Eu bem que gostaria, mas você sabe que o papai é contra. — Jezebel colocava açúcar na xícara de café diante de si. — Ele acha que podem saquear a casa.

— Eu sei disso, mas me sentiria muito melhor se vocês viessem. Além do mais, tenho me sentido muito sozinha. — Isabel ficou triste, embora já soubesse que aquela seria a resposta.

— Josué continua com aquela rotina de viagens? Ele não pode ficar mais tempo com você? — Jezebel perguntou com um tom de desaprovação na voz.

Isabel não respondeu. Não gostou da forma como Jezebel se referiu ao seu marido. Mas ela sabia que era perda de tempo ficar calada quando se tinha uma irmã gêmea dotada de dons psíquicos.

— Não precisa ficar tão brava! — Jezebel se espantou com a agressividade dos pensamentos de Isabel. — Só acho que ele deveria priorizar você, e não o trabalho, neste momento tão difícil.

— *Josué não pode simplesmente pedir uma licença. O país precisa dele. Já pensou se todos os militares decidissem ficar em casa com suas famílias? Mergulharíamos na anarquia de uma vez por todas!* — Isabel, revivendo um hábito de criança, se comunicou com a irmã em pensamento, sem pronunciar uma única sílaba. Muitas brigas delas passaram despercebidas para a maioria das pessoas por causa desse dom.

— *Sei disso, você tem razão. Desculpe-me, não quis ofender Josué. Ele sempre foi um ótimo marido, eu devia ter ficado calada.* — E Jezebel imediatamente percebeu Isabel se acalmando, e as duas irmãs já estavam bem de novo. — *Na realidade, eu invejo um pouco vocês. Entenda, é uma inveja boa. Eu gostaria de ter alguém para tomar conta de mim, de quem sentir saudade de vez em quando, e principalmente para ficar do meu lado durante toda essa loucura.* — Era duro ser a irmã solteirona encarregada de tomar conta do pai, apesar de Alex não ser tão velho e sempre tê-la incentivado a se casar.

— *Você precisa ser menos exigente! Tem muitos homens bons por aí, é só dar uma chance!* — Isabel se levantou para levar a xícara até a pia da cozinha. A irritação se dissipara por completo; ela morria de pena da irmã, tão bondosa e ao mesmo tempo tão solitária.

— *É difícil, Isabel. Com você foi diferente, pois achou logo alguém de quem gostou. Eu, não. Só encontrei homens interessados em me levar para a cama, arrancar dinheiro do papai ou ambos. Nessas horas, odeio conseguir ler as mentes dos outros, não tenho nem como me iludir.* — Jezebel meneou a cabeça, frustrada.

— *Eu sei, minha irmã, eu sei. Mas não se preocupe, um dia você encontrará alguém, pode apostar. Você é bonita, bondosa e inteligente, não tem como não conseguir um homem que a ame como merece.*

— *Isso se Absinto permitir...* — Jezebel suspirou, desanimada.

As duas encerraram aquela conversa mental à simples menção ao planeta vermelho, que servia para encerrar qualquer discussão.

Os meses se passaram e, enfim, veio a tão aguardada notícia de que o planeta Absinto não desintegraria a Terra. A família comemorou, aliviada. Ficaram todos tão felizes que Isabel, Josué, Jezebel e Alex foram viajar pela Europa para comemorar, usando parte das economias que Alex e as filhas guardaram.

E quando foi noticiado que o dia 14 de julho de 2018 seria a data em que Absinto estaria mais próximo da Terra, os quatro cogitaram se encontrar de novo para apreciar o espetáculo juntos. Porém, Josué, envolvido com seus afazeres, não teria como afastar-se do trabalho. Por isso tiveram que cancelar aqueles planos. Eles se reencontrariam em outra data.

Se houvesse oportunidade...

* * *

Em 14 de julho de 2018, a data da grande aparição de Absinto, Isabel levantou-se quase ao meio-dia. Ela e Josué tiveram um compromisso social na noite anterior que se estendeu até alta madrugada, e por isso o casal decidira não se preocupar em acordar cedo naquele dia.

Isabel caminhou até a sala em silêncio para não acordar o marido, que realmente parecia exausto. Na realidade, ela bem que queria ter dormido mais, mas era impossível. O calor estava insuportável. Nem mesmo o ar-condicionado do quarto era suficiente para amenizar a temperatura. Como podia estar tão quente em pleno inverno?

Numa última tentativa de descansar mais um pouco, Isabel voltou para o quarto, deitou-se e rolou de um lado para o outro na cama por quase meia hora, tentando adormecer, até desistir e se levantar mais uma vez. Ela nem desconfiava que aquela decisão mudaria seu

destino. E ao se lembrar dela, mais tarde, muitas vezes desejaria ter feito tudo diferente.

Isabel foi até a cozinha, e lá parecia que a temperatura estava ainda mais elevada. Ela estava de mau humor. Detestava não conseguir dormir estando cansada. O corpo ainda pedia mais algumas horas de sono. Além de tudo, havia a ressaca, pois tomara algumas taças extras de vinho. Precisava urgentemente de uma aspirina.

Tomou todo o conteúdo de um grande copo de água e decidiu ir até a sacada, para ver Absinto. Na véspera, ela e Josué contemplaram o fenômeno por um longo tempo e tiraram várias fotos do imponente visitante espacial, mas agora ela queria observar sóbria o gigantesco planeta.

Como estava de camisola e não queria nenhum vizinho bisbilhoteiro observando-a, Isabel pôs um short e uma camiseta, e foi lá para fora. O sol brilhava forte, e o calor era de derreter asfalto. Definitivamente ela não ficaria muito tempo ali.

Sentou-se numa cadeira e olhou para o céu. Parecia que os eventos aterrorizantes do anúncio da descoberta daquele misterioso corpo celestial pertenciam a outra vida. Ela e Josué sentiram um medo, um terror nunca antes experimentado; e agora tudo ficara para trás, como num passe de mágica.

O planeta vermelho se apresentava lindo. Um astro avermelhado circundado por anéis azuis. Era imenso também, visualmente muito maior que a lua, dominando o céu, imponente.

Isabel já se preparava para entrar novamente quando ouviu o barulho de alguns carros batendo, seguidos por gritos vindos da rua sempre tranquila, poucos andares abaixo. Debruçou-se sobre o parapeito da sacada para enxergar melhor, e viu, horrorizada, que ocorrera um terrível acidente envolvendo diversos veículos.

Algumas poucas pessoas começaram a sair dos carros, e tentavam ajudar motoristas e passageiros que nem sequer se mexiam. O acidente, sem dúvida, foi gravíssimo. Isabel já vira engavetamentos envolvendo vários carros, e a cena era sempre igual: motoristas discutindo do lado de fora dos veículos, mais irritados do que feridos. Daquela vez, porém, era diferente; quase ninguém saiu.

Ao observar com mais atenção, Isabel ficou ainda mais preocupada. Havia pessoas caídas na calçada também. Teriam sido atropeladas? Uma senhora de meia-idade estava caída no meio-fio, e logo à frente, um rapaz de bicicleta tombara.

As poucas pessoas que circulavam em meio àquela cena caótica gesticulavam, gritavam e falavam ao celular, sem dúvida tentando conseguir ajuda.

Em meio à confusão, uma jovem saiu de um dos carros, trazendo no colo um bebezinho, e começou a pedir aos transeuntes que ajudassem o marido e os outros filhos, que ficaram dentro do veículo.

Isabel foi até a sala e pegou o telefone, para ligar para a emergência. Dali tinha uma visão privilegiada, e poderia descrever melhor do que qualquer um a extensão do acidente.

Digitou o número e aguardou a chamada completar, mas, antes que ela fosse atendida, o aparelho ficou mudo. Isabel estranhou aquilo e decidiu tentar de novo, mas dessa vez deu sinal de ocupado. Parecia que as linhas estavam congestionadas.

Quando se preparava para digitar pela terceira vez, Isabel ouviu um grito vindo da rua. Mas dessa vez não era um grito de socorro, mas de dor e agonia. Alguém estava sofrendo, e muito.

Ela procurou a origem do som, e viu uma moça se afastando da janela de um carro, segurando firme o pulso direito. A jovem gritava muito, e Isabel conseguiu enxergar, apesar da distância, que a mão direita estava ensanguentada.

Isabel ainda tentava entender a cena quando um homem saiu do carro pela janela. Ele se esgueirou pela abertura e caiu no asfalto quente, erguendo-se logo em seguida. O homem caminhou na direção da mulher ferida de uma forma tão vacilante que Isabel imaginou que ele talvez estivesse bêbado. A moça ferida, por sua vez, estava assustadíssima.

Foi quando Isabel assistiu a uma cena que parecia ter saído de um pesadelo. O homem cambaleante avançou sobre a moça infeliz e agarrou-a pelos cabelos. Ela tentou se desvencilhar, sem sucesso, e na sequência ele a mordeu. E depois, desferiu uma mordida na bochecha, tão forte que rasgou a pele como se ele estivesse

mordendo um pedaço de pão. O sangue jorrou abundante, enquanto a mulher soltava um berro desesperado e caía no chão.

Isabel ficou olhando estupefata para aquela selvageria. Jamais imaginou presenciar um ataque macabro como aquele. Ela começou a gritar da sacada sem parar para os poucos que circulavam na rua:

— Alguém ajude aquela moça! Tem um maluco a atacando!

Um homem que saíra de um dos veículos e estava pendurado no celular tentando obter ajuda correu até aquela dupla, para ver o que estava acontecendo. Ao ver a moça ferida no chão, que não conseguia sequer se levantar, ele se virou para o atacante dela, disposto a tomar satisfações. E estacou imediatamente diante da aparência tresloucada daquele psicopata, que parecia comer o naco de carne que arrancara da sua vítima.

O louco avançou contra o homem, ignorando o fato de ele ser bem mais alto e forte, disposto a feri-lo também. Alguns dos poucos que deixaram os carros para pedir ajuda também se aproximaram para ajudar.

Isabel decidiu chamar Josué. O marido era um soldado experiente e muito bem treinado; sem dúvida saberia como lidar com aquilo tudo.

Mas um novo evento a impediu de sair da sacada. Isabel congelou no lugar quando viu diversas pessoas saindo dos veículos quase ao mesmo tempo. Homens, mulheres e até mesmo algumas crianças e idosos.

Saíam de todos os lados, por portas, janelas e vidros quebrados. O sincronismo foi impressionante, parecia que aquele grupo havia combinado fazer aquilo. Alguns dos indivíduos nas imediações, que pediam ajuda, se adiantaram para ver como estavam aqueles sobreviventes, e foi nesse momento que o inferno começou.

Os feridos que deixaram os carros avançaram de forma selvagem contra aqueles que pretendiam ajudá-los. Uma mulher com cabelos desgrenhados e rosto ensanguentado, após a batida do carro, atacou o próprio marido, agarrando-o pelo tronco e mordendo seu ombro sobre a camisa branca, arrancando de uma só vez tecido, pele e carne. O homem, pego de surpresa, gritou de dor.

— Rebeca, você enlouqueceu? Para com isso! — O pobre coitado, aflito, tentava se desvencilhar do ser alucinado que o atacava de forma feroz.

Antes que ele conseguisse afastar a mulher, porém, outra criatura, dessa vez um homem alto e forte, o puxou pelos cabelos com violência, arrancando fartos tufos e virando sua cabeça para trás, deixando o pescoço à mostra. Em seguida, ele mordeu o ponto entre a orelha direita e o ombro, produzindo uma laceração com cerca de vinte centímetros. O ferimento foi tão profundo que os músculos ficaram expostos.

O infeliz sentiu tanta dor que não conseguiu sequer gritar, e se ateve a tentar empurrar inutilmente seu atacante, que o segurava com incrível força. A esposa aproveitou a oportunidade e o mordeu de novo, dessa vez na boca. Um beijo mortal que estraçalhou seus lábios e até mesmo parte da língua.

O pobre homem enfim soltou um berro abafado de dor e caiu no chão, sem forças. Outros mortos-vivos o cercaram e começaram a morder e rasgar, socar e comer o que conseguiam. Mas ele já não sentia mais nada naquele momento.

Isabel testemunhou tudo aquilo da sacada do seu apartamento. Sentia-se tão apavorada que demorou até mesmo para soltar a respiração. Queria chamar por Josué, mas a voz ficara presa na garganta, como se estivesse em estado de choque. Seu torpor acabou quando ela ouviu o grito da moça que segurava o bebê no colo, que vira fazia poucos instantes.

Um grupo de criaturas avançou contra ela e o bebê. Entre os seres estava justamente o resto da família — o marido, que guiava o carro, e os demais filhos, todos agora transformados em monstros homicidas.

A mulher tentava se afastar, com a criança no colo, desesperada de pavor, com aquelas pessoas que se projetavam na sua direção.

— Meu Deus, o que é isso? Fiquem longe de nós! Socorro! — Ela tentava se afastar dos agressores.

O grupo, por fim, a cercou e arrancou o bebê dos seus braços, indiferente aos seus gritos ensurdecidos, que foram logo abafados quando ela também foi cercada pela turba de seres diabólicos.

Quando o bebê desapareceu chorando no meio de um grupo de criaturas que se acotovelava ao seu redor, Isabel finalmente gritou de terror.

— Socorro, alguém ajude aqui! Josué! — Ela, em desespero, esmurrava o parapeito.

Quando olhou para seu lado direito, Isabel viu o fenômeno próximo de si. Na sacada do apartamento ao lado estava sua vizinha, uma simpática senhora aposentada com a qual ela e Josué às vezes conversavam.

Era possível vê-la debruçada, assim como Isabel se encontrava naquele momento, mas sua amiga, a simpática dona Dirce, não existia mais. Ela se transformara numa criatura raivosa e desprovida de toda a sanidade, com olhos leitosos e sem vida. A zumbi avistou Isabel e se esticou toda para tentar alcançá-la através da divisão entre os apartamentos, ignorando o fato de estar quase se pendurando pelo lado de fora do prédio.

— Dona Dirce, o que houve? Cuidado! — Isabel gritou ao ver a senhora com a mão esticada e o corpo perigosamente projetado para fora.

Ela chegou a tentar alcançar a mão da vizinha, apesar da sua aparência atroz, mas era tarde demais. A idosa se desequilibrou e despencou da sacada, se espatifando no hall de entrada do edifício, pouco mais de vinte metros abaixo.

Isabel soltou mais um grito de horror quando viu a amiga esmagada no chão, e correu para dentro do apartamento. Precisava falar com Josué imediatamente e, sobretudo, ligar para a polícia. Não fazia ideia do porquê daquele surto repentino, mas tinha certeza de que aquelas pessoas, no estado em que se encontravam, eram perigosíssimas.

Entrou correndo no quarto e, para sua surpresa, não encontrou o marido deitado na cama. Isabel bateu na porta do banheiro, e ele também não respondeu. Ao abrir a porta, constatou que também estava vazio. Onde diabos ele havia se metido?!

Isabel procurou nos outros dois quartos do apartamento. O reservado para hóspedes, que era utilizado por Alex e Jezebel quando vinham visitá-los, e o outro, transformado em escritório,

onde ficavam o computador e o radioamador, que ela adorava. Mas nenhum sinal de Josué.

A cozinha era agora o último lugar em que restava procurar. Isabel já começava a sentir uma ponta de pânico, um medo de que Josué tivesse saído do prédio por causa da confusão na rua. Se isso houvesse acontecido, iria atrás dele, pois temia pela sua segurança.

Ao chegar correndo à cozinha, Isabel ficou aliviada ao encontrar o marido. Josué, pronto para sair, tentava girar a maçaneta da porta de serviço. Mas ele o fazia nervosamente, tentando abri-la sem sucesso. Foi então que ela disse:

— Amor, não saia! Eu estava na sacada e vi tudo. Parece que todo o mundo enlouqueceu! — exclamou, feliz por encontrá-lo.

Josué estacou ao ouvir a voz de Isabel. E começou a se voltar bem devagar, quase em câmera lenta.

* * *

Na noite anterior Isabel e Josué se arrumavam para sair enquanto assistiam ao telejornal. Era um costume antigo; eles faziam tudo vendo televisão, desde arrumar a casa até comer. Josué vestia a camisa após ter tomado uma ducha, e Isabel usava o secador, quando uma notícia chamou-lhes a atenção.

O repórter falava a respeito do caso de um homem que durante uma briga de casal esfaqueara diversas vezes a esposa. Uma briga comum, na qual um ofendeu o outro e seguiu para outro nível. A mulher fora operada às pressas, mas não resistiu aos ferimentos e faleceu.

— Quanta desgraça acontece nesse mundo, onde nós vamos parar? — Josué comentou assim que a matéria acabou e teve início o intervalo comercial.

— Não faço ideia! É muita ignorância atacar de modo violento alguém com quem você divide sua intimidade. — Isabel conferia a aparência no espelho.

— Nem me fale! Nunca entendi a violência gratuita; e olha que fui treinado para lutar e para matar, se necessário. — Josué procurava os sapatos.

Isabel parou por um instante e olhou para o marido. Nunca havia pensado sobre aquela *expertise* do marido ao longo de dez anos de casamento, mas, de fato, Josué falara algo que passara despercebido.

— Engraçado você falar isso. Nunca pensei em você como alguém treinado para matar. Você é tão do bem! — Isabel comentou, surpresa consigo mesma. Como nunca antes pensara naquele lado da atividade do marido?

— Pois é, meu amor, eu sou um homem malvado! — Josué sorriu diante do olhar de perplexidade da esposa.

— Não é não, você é um doce! Nunca conheci alguém tão gentil e atencioso. — Isabel sorriu também, achando graça da brincadeira dele.

— Pode até ser, mas também tenho meu lado cruel. Você aprende a desligar uma parte da sua personalidade no exército, para deixar vir à tona o lado selvagem e imprevisível. Só assim é possível transformar o homem num assassino quando necessário.

— Não acredito! — Isabel não entendia por que aquela conversa começava a incomodá-la.

— Eu tenho, sim, meu amor; todos nós temos, e é por isso que situações que nos assombram acontecem. Lá no fundo do coração todas as pessoas possuem um canto escuro, frio, empoeirado, onde ficam guardados todo o ódio, a fúria, o remorso e o descontentamento. E quando essa caixa de Pandora é aberta, alguém sempre sai ferido. — Josué a encarou, muito sério.

Isabel olhou para o marido por alguns instantes, muito impressionada pelo que acabara de ouvir. Desde que se conheceram, nunca o vira levantar o dedo contra ninguém, muito menos contra ela.

Josué era o oposto disso, mas agora ela havia se dado conta de que havia um outro lado.

Isabel pensou, ficou muda e finalmente decidiu mudar de assunto.

* * *

— Josué? — Isabel hesitava diante da postura encurvada do marido.

Aquele era o seu Josué, o seu amor, mas estava com um ar diferente. Era a pessoa que ela mais amava no mundo, mas agora parecia um desconhecido.

Se ele não estivesse dentro da casa deles e usando o pijama que ela lhe dera de presente, Isabel não o teria reconhecido.

Quando Josué se virou, parecia um boneco de pano, com os braços pendendo ao longo do corpo, desengonçado, e um rosto completamente desprovido de expressão, com os mesmos olhos brancos e sem vida que ela notara na sua vizinha, minutos antes. No primeiro momento, Josué parecia uma criatura cansada e sem energia. No entanto, quando ele a viu, uma verdadeira transformação ocorreu.

Josué arreganhou os dentes como um animal feroz, e uma baba grossa escorreu da sua boca. De um momento para o outro, ele se assemelhava a um cachorro louco, pronto para atacar.

— Calma, querido, sou eu... o que está havendo? — Isabel sentia o coração bater descompassado.

No íntimo, ela sabia o que viria a seguir, apesar de não querer acreditar. As imagens das pessoas enlouquecidas atacando mulheres e até mesmo um bebê indefeso se achavam bastante vivas na sua memória.

Não houve resposta, nem tempo para mais perguntas. Josué atacou Isabel como um touro ensandecido, avançando com ambas as mãos esticadas na direção do seu pescoço, como se pretendesse esganá-la ou até mesmo arrancar sua cabeça fora.

Isabel soltou um grito apavorado e agarrou os braços do marido, tentando detê-lo. E naquele momento, ao tocá-lo, ela entrou na sua mente, como já havia feito com milhares de pessoas ao longo da vida... e o que ela viu era pior que a aparência atroz ou mesmo o ataque de Josué.

Ela não viu nada. A alma de Josué era um abismo escuro, negro como a noite. Ele era pura fúria, a maldade na forma de um doido varrido.

Aquele ser foi empurrando-a na direção da sala com força sobre-humana. Josué era duas, talvez três vezes mais forte que Isabel, cujos pés deslizavam no chão sem nenhuma chance de detê-lo. E assim o

zumbi a socou com tanta força contra a parede que Isabel sentiu como se houvesse sido atropelada por um ônibus.

Quando a cabeça se chocou contra a parede, pode-se ouvir um baque surdo, e logo o sangue começou a escorrer. Ela sentiu tudo sair de foco. Por muito pouco não desmaiou, e foi o que impediu Josué de acabar com a sua vida naquele instante.

O monstro que outrora fora seu marido tentou morder o rosto de Isabel, mas o braço dela travou sua aproximação; e aquela era a única forma de continuar viva. Ela o empurrava para a frente, tentando manter-se longe dos dentes da fera, que rosnava a poucos centímetros do seu rosto.

Ficaram alguns segundos naquela posição. Isabel não acreditava no que acontecia, e menos ainda no que decidira fazer. Ela deu uma joelhada com toda a força nos testículos de Josué, um ensinamento que ele mesmo repetira à exaustão nas conversas a respeito de brigas e defesa pessoal — um golpe capaz de derrubar qualquer um.

— Nenhum homem do mundo será capaz de atacar se levar um golpe certo no saco. Isso no mínimo irá derrubá-lo — Josué explicou, certa vez.

Não foi bem o que aconteceu. Josué se curvou, mas não caiu. Contudo, afrouxou o aperto, o que deu a chance de Isabel usar sua arma favorita. Uma habilidade que desenvolveu nos tempos de escola. Devido ao fato de sempre haver muitas histórias a respeito dela e Jezebel, era comum as irmãs se verem metidas em confusão. Sua irmã era boazinha demais para brigar, mas Isabel não. Ela enlouquecia quando a chamavam de anormal ou coisas similares, e sempre batia do mesmo jeito: uma bela cabeçada no rosto de seu oponente.

Então, Isabel desferiu uma cabeçada violentíssima na cara de Josué, que caiu para trás, batendo o crânio contra o piso da sala. A testa dela também começou a latejar na hora, com o impacto.

Isabel afastou-se correndo do marido. Ela esqueceu que o amava, que ele era o amor da sua vida e todo o resto. Naquele momento, o instinto de sobrevivência falou mais alto. Isabel abriu a gaveta da cozinha às pressas e puxou uma longa e afiadíssima faca.

Quando Isabel se virou, Josué já estava diante dela. Pela forma como ele caiu e bateu a cabeça, ela imaginou que o marido levaria algum tempo para se recuperar, mas a verdade era que ele quase não sentiu o golpe; não havia retornado de modo cuidadoso, parecia não sentir dor ou medo.

Isabel agiu por puro reflexo: golpeou com a faca o pescoço de Josué com tamanha violência que a lâmina penetrou até o cabo, dividindo a jugular. Quando arrancou a faca, o sangue jorrou como uma fonte vermelha. Ela gritou de susto pelo que fizera.

Mas ao contrário do que seria de se esperar naquela situação, Josué nem sequer caiu. Com o sangue espirrando para todos os lados como uma mangueira descontrolada ele olhou para a faca na mão de Isabel por dois ou três segundos, com aquela mesma expressão vazia de momentos antes, e mais uma vez seu rosto se contorceu de fúria.

O morto-vivo tornou a atacar. Dessa vez agarrou o braço esquerdo de Isabel e tentou levá-lo à boca para morder. E mais uma vez ela desferiu um golpe com a faca, mas agora acertou o olho, enterrando a lâmina dentro do cérebro do marido. Aquilo foi como desligar uma chave, e Josué caiu fulminado.

Quando viu que daquela vez o marido havia mesmo parado, Isabel entrou em desespero. Arrancou a faca do crânio e se ajoelhou ao lado dele, sem saber o que fazer. Uma enorme poça rubra se formou ao redor deles enquanto ela segurava o rosto de Josué com ambas as mãos.

— Meu Deus! Perdoe-me, meu amor, eu não queria fazer isso! Vou buscar ajuda! — Isabel soluçava, em desespero, mesmo sabendo que era inútil.

Os ferimentos eram fatais, e se antes ela sentia emanar dele aquela raiva incontrolável, agora não havia mais nada. Josué estava morto. Fim da história.

Isabel pegou o telefone e tentou ligar para a emergência, mas a ligação não completava. Tentou a polícia, e também não teve resultado. E quando ligou para o pai e a irmã, percebeu que agora o telefone estava mudo.

Ela olhava para o aparelho na sua mão, perplexa. O que estava acontecendo?!

Correu até o celular e tentou ligar de novo, mas a chamada nunca se completava; nem mesmo para emergências o celular funcionava. Foi quando ela se lembrou do rádio.

Isabel foi para o escritório e ligou o rádio, que sempre ficava sintonizado na mesma frequência da sua família em Canela. Torcia para conseguir encontrar a irmã em casa, mas realmente não foi difícil. Mal ligou o radioamador e ouviu a voz de Jezebel:

— Isabel, você está aí? Pelo amor de Deus, se estiver me ouvindo, responda! — Jezebel chamava, demonstrando um medo que beirava a histeria.

— Estou aqui! Você precisa me ajudar, Jezebel, não sabe o que eu fiz! — A voz de Isabel estava embargada pelas lágrimas.

Jezebel ficou em silêncio por um instante, e aquilo deixou Isabel ainda mais aflita. Era um péssimo sinal.

— E você não sabe o que eu acabei de fazer... — Jezebel sussurrou.

— Meu Deus, o que você fez? — Isabel perguntou assustada, sentindo o coração disparar de vez no peito.

— Perdoe-me. Eu não tive escolha.

— Jezebel, onde está nosso pai? — Isabel sentia o corpo inteiro amolecer.

— Eu não queria... eu pedi para ele parar... Não sei o que aconteceu, foi tão repentino... — Jezebel falava agora como se estivesse em estado de choque.

— Jezebel, onde está o meu pai?! — Isabel indagou com firmeza, falando alto.

— Desculpe-me, minha irmã. Eu o matei. Matei nosso pai — Jezebel afirmou.

Isabel não podia acreditar naquilo, só podia ser um pesadelo. Primeiro, Josué, agora seu pai. Ela rezava para acordar logo. Aquele era o somatório de todos os seus medos acontecendo de uma só vez. As lágrimas despencavam copiosas e de forma incontrollável.

— Jezebel, ele atacou você, não foi? O papai enlouqueceu? — Isabel perguntou, por fim, após alguns instantes de profundo silêncio.

— Sim, foi isso mesmo. Ele estava bem, e de repente desmaiou. Pensei que tivesse ocorrido um infarto. Entrei em pânico e, quando

estava falando com o resgate, papai acordou. Mas estava fora de si Isabel, você precisa acreditar em mim! — Jezebel tropeçava nas palavras, em prantos.

— Eu acredito em você. Aconteceu a mesma coisa comigo. Josué também surtou. — Isabel suspirou, cada vez mais convencida de que, infelizmente, aquilo tudo não era um pesadelo.

— Meu Deus, Isabel, você está bem? Onde Josué está? — Jezebel, apavorada, deixava evidente que também passara apuros enfrentando o pai.

— Morto — Isabel afirmou, seca. — Você está bem?

— Não sei dizer. Acho que meu braço está quebrado... Tive que lutar com ele, Bel, é um milagre eu estar viva. — Jezebel estava sozinha, assustada, esgotada, morrendo de dor.

Isabel ficou bastante preocupada com a irmã. Se havia alguém neste mundo que não estava preparada para uma situação como aquela, era Jezebel.

Isabel tentava organizar os pensamentos. Tinha de ajudar a irmã a qualquer custo. Jezebel não conseguiria enfrentar aquilo tudo sozinha. Mas, antes que pudesse ter qualquer ideia, ouviu a voz da irmã, aterrorizada:

— Isabel, eles estão aqui! O que é que eu faço?!

— O que está havendo? Quem está aí? — O coração de Isabel batia enlouquecido dentro do peito.

— Os monstros! Eles estão dentro de casa! — Jezebel exclamou, acuada. — Me ajuda, Isabel, eu não quero morrer!

Isabel não sabia o que fazer. Estava a mais de mil quilômetros de distância, como poderia ajudar sua irmã indefesa? O que fazer num momento como aquele?

— Fique calma, Jeza! Você precisa arrumar um lugar para se esconder! — Isabel tentava parecer firme, mas sentia as lágrimas queimarem os olhos.

— Para onde eu vou? Meu Deus, socorro, Bel! — Jezebel gritou com a voz sufocada pelo terror e o pranto.

Então, a transmissão foi cortada. Tudo ficou silencioso. Nenhum grito, súplica ou palavra. Absolutamente nada, apenas Isabel gritando, em vão, o nome da irmã.

* * *

Ivan e Estela ouviram com assombro a história de Isabel. A narrativa da jovem era trágica como tantas outras. Pessoas que tiveram de matar os próprios pais, cônjuges e muitas vezes os filhos existiam às centenas no Condomínio Colinas. Membros de famílias antes numerosas que de um momento para o outro se viram sozinhos no mundo eram algo bastante comum.

Por isso eles procuraram transformar aquela comunidade numa imensa família.

Ao reconhecer Isabel, muitos dos presentes se recordaram das façanhas das irmãs paranormais que foram veiculadas em tantos programas de televisão. Elas se apresentaram no *Domingão do Faustão* e deram entrevistas ao *Fantástico*. Mas depois de seus cinco minutos de fama, as garotas sumiram. Alguns comentaram que deveria ser tudo truque, e em pouco tempo ninguém mais se lembrava delas.

Como fazia mais de dez anos que elas haviam desaparecido completamente do mapa, a ideia de que tudo pudesse ter sido um truque tomou corpo.

Porém, não se podia negar que Isabel dissera coisas que teoricamente ela não poderia de modo algum saber. Naqueles tempos fantásticos, em que um planeta vindo direto de uma profecia bíblica surgiu para transformar seres humanos em zumbis, era preciso manter a mente aberta.

— Isabel, nunca imaginei um dia estar diante de uma coisa como essa — Estela falou, rompendo o silêncio. — Realmente sinto muito por suas perdas; faço ideia do seu sofrimento. No entanto, o que de fato está me deixando assombrada é o que você falou sobre seus dons. Perdoe-me se eu estiver sendo insensível. Reconheço que você sabia de vários detalhes sobre mim e Ivan, mas está afirmando que tem poderes psíquicos! Faz ideia do quanto isso soa estranho?

— Tenho certeza de que soa completamente absurdo. Convivi com olhares de descrença a minha vida toda. — Isabel esboçou um sorriso. — Querem uma demonstração?

Ivan e Estela assentiram imediatamente, se aproximando de Isabel, ansiosos. Hilton e Scheyla se remexeram também; já haviam

presenciado do que Isabel era capaz, e até aquele momento ainda se perguntavam se não fora um sonho.

Os demais ocupantes do veículo que acompanharam a narrativa também chegaram mais perto.

Isabel tirou um anel do dedo e colocou-o sobre a palma da mão estendida. Depois, posicionou a outra mão cerca de dez centímetros acima da joia. Em instantes a peça começou a tremer e oscilar, e por fim subiu até a outra mão dela, diante de sua pequena plateia estupefata.

— Não é possível! — Ivan exclamou, impressionado. — Como você fez isso?

— Como eu disse, não sei. Simplesmente me concentro e imagino a coisa acontecendo, e ela acontece. Mas só funciona se eu estiver muito perto e com contato visual — Isabel explicou.

— E você consegue ler as mentes das pessoas? — Estela indagou, um tanto assustada.

— Sim, mas apenas quando as toco. Sem o toque eu apenas capto alguns poucos lampejos sobre as pessoas muito próximas. Consigo saber se alguém está mentindo, se está com medo e coisas do gênero, mas não sou capaz de ler a mente.

Estela meneou a cabeça.

— O único ser humano com quem consigo fazer isso sem a necessidade do toque é a minha irmã Jezebel. Uma vez descobri que ela pensava a uma distância de mais de cem metros; aquele foi o nosso recorde — Isabel contou orgulhosa; de fato ela se sentia à vontade com aquele casal. — Com o toque, porém, leio mentes, sim. E as vasculho, se for necessário.

— Como assim? — Ivan quis saber.

— Eu busco as informações que desejo obter, não só os pensamentos. Consigo descobrir não só o que meu interlocutor está pensando naquele momento, como também os nomes dos pais e outras coisas do gênero.

— E você faz ideia do que aconteceu com sua irmã? Vocês conseguiram estabelecer algum contato depois do ocorrido em julho do ano passado? — Ivan se mostrava vivamente interessado.

— Não, não faço a menor ideia do que aconteceu com ela, mas pretendo descobrir. — Isabel voltou a ficar triste. Relembrar aquela sequência de tragédias era muito doloroso.

Estela reparou no anel que Isabel retirara havia poucos instantes para demonstrar seus dons. Era uma aliança de casamento.

— Você ainda a usa... Sente falta do seu marido? — Estela perguntou.

Isabel se ateu a fazer que sim com a cabeça. Aquela era uma saudade que havia diminuído muito, mas que parecia que nunca acabaria, mesmo após ela ter conhecido alguém que cativara seu coração. Só esperava que ele estivesse bem.

Conversaram durante mais algum tempo. Ivan e Estela não conseguiam conter o entusiasmo, e fizeram inúmeras perguntas sobre aquele dom. Até Hilton e Scheyla, os mais acanhados, se animaram: eles também estavam curiosos, apesar de assustados com tudo aquilo.

— Amigos, nós já chegamos — Reginaldo, o motorista do Urutu anunciou.

Reginaldo, um homem negro e franzino de pouco mais de quarenta anos, era um dos homens de confiança de Ivan e Estela, alguém a quem eles confiariam a própria vida.

— Que bom, estava mesmo ansiosa para conhecer esse lugar! — Isabel respirou fundo.

— Minha querida, não sei o que você viu usando o seu dom, mas duvido que tenha visto o que existe do lado de fora do condomínio.

— Estela endereçou-lhe um sorriso afável, mas que ao mesmo tempo não transmitia alegria.

— O que quer dizer?

— É melhor você mesma olhar. Mas confie em nós, temos muita prática no que estamos prestes a fazer. — Estela indicou para Isabel o acesso ao posto de tiro que ficava sobre o Urutu.

Isabel subiu os degraus, alcançando o posto de observação. E quase deu um grito quando viu a cena.

Eles avançavam pela avenida Cassiano Ricardo, e acabaram de passar em frente ao Shopping Colinas. O blindado virou à direita na direção do condomínio e deparou com milhares de zumbis.

Eram tantas criaturas que ocupavam toda a avenida, espalhadas ao longo de todo o muro de proteção do condomínio. Seres cambaleantes e descoordenados, com olhos mortos e ferozes.

Isabel reparou que na muralha havia diversas guaritas separadas por espaços de pouco mais de vinte metros. Aquele condomínio residencial se transformara numa fortaleza armada, um último refúgio, capaz de resistir ao ataque por terra e ar.

Isabel ficou paralisada com a visão, mas Ivan e Estela subiram com ela na torre de tiro. Estela trazia o rifle com mira telescópica, e Ivan assumiu a metralhadora de grosso calibre. Ele segurava um rádio, com o qual se comunicou com alguém do condomínio.

— Podem iniciar a operação de boas-vindas — Ivan sentenciou através do aparelho.

Imediatamente várias metralhadoras abriram fogo a partir das guaritas, estraçalhando os zumbis mais próximos da entrada. Eram tantas armas disparando ao mesmo tempo que a cena dava a impressão de uma derrubada de carreiras de peças de dominós.

Em segundos os tanques foram completamente cercados pelos zumbis enlouquecidos. Eles esmurravam a blindagem, balançavam o veículo e tentavam encontrar alguma brecha que permitisse alcançar seus passageiros.

Isabel desceu da torre de tiro onde o barulho era ensurdecedor. Mas dentro do Urutu não estava muito diferente. Com exceção dela, Hilton e Scheyla, todos os demais disparavam suas armas.

— Isso é normal? — Isabel gritou para um rapaz que disparava através de um dos vários acessos de tiro do Urutu.

— É sim, fique calma! Seriam necessários milhares de zumbis para conseguir invadir um tanque como este! — o jovem informou, sem deixar de disparar com sua arma.

— Mas esse é o problema! Nós estamos cercados por milhares de zumbis! — Isabel exclamou.

— Eu sei! — o soldado respondeu com um sorriso.

O blindado que ia à frente começou a disparar com o lança-chamas, dispersando as criaturas mais próximas do acesso principal. Centenas de zumbis se acotovelavam próximos dos Urutus, mas

começaram a se dispersar com o fogo. Aquela arma tinha o poder de fazer os mortos-vivos recuarem, algo de que nenhum fuzil era capaz.

O primeiro Urutu avançou até uma imensa parede de metal que fechava toda a entrada do condomínio, disparando com o lança-chamas e queimando tudo em volta. De repente a parede se mexeu, liberando o caminho. Na realidade não era uma muralha, mas um imenso ônibus de viagem cuja lateral fora revestida de chapas de aço e que servia de barreira móvel.

Ivan e Estela disparavam em todas as direções, matando tudo que se mexia. Ivan, com a metralhadora de cinquenta milímetros, era a força bruta. Estela era a precisão — ela derrubava criaturas a longa distância praticamente sem mirar. Estela apenas engatilhava a arma, apontava e atirava uma fração de segundo depois, e logo em seguida repetia a operação buscando um novo alvo. E todos os zumbis caíam, sem exceção.

Para Isabel ficou claro que aqueles dois também tinham um dom. O dom de matar.

Os Urutus entraram rápido, e o ônibus voltou para seu lugar original, tornando a lacrar a passagem. Nesse meio tempo diversas criaturas entraram no condomínio também.

Na área reservada ao desembarque dos veículos, vários soldados os aguardavam, fortemente armados. A função deles era justamente enfrentar os zumbis que conseguissem entrar durante a chegada dos Urutus.

Entre eles estavam os soldados Souza, Dias e Silva, alguns dos mais experientes combatentes do condomínio. Eles avançaram na direção dos zumbis; precisavam tomar o cuidado de não danificar os tanques.

Souza explodiu o crânio de uma mulher de cabelos crespos e imundo, e em seguida abriu um rombo na cabeça de outro ser que vinha logo atrás, um homem forte de uns trinta anos e estatura média. Ambos desabaram no chão.

Os demais abatiam as criaturas com precisão enquanto eram assistidos por aqueles dentro do tanque. Aquela era uma regra de segurança. Quem estava nos Urutus não disparava durante aquela chegada para não atingir por acidente os soldados do lado de fora.

Após cerca de três minutos, Souza deu três pancadas secas na porta do blindado. Silva o imitou junto ao outro tanque, enquanto Dias se aproximava de uma criatura que ainda se mexia no chão e aplicava um tiro de misericórdia entre os olhos da fera, fazendo-a silenciar.

— Podemos sair, está tudo bem agora — Ivan falou para seus resgatados. — Sejam bem-vindos ao Condomínio Colinas.

* * *

Isabel, Hilton e Scheyla mal podiam acreditar no que viam. Quando saíram do Urutu, uma moça loira e muito magra se aproximou. Seu nome era Sandra, a responsável pelo posto de saúde do condomínio. Apesar de estar vestida de médica, trazia um fuzil AR-15 pendurado no ombro.

— Vocês estão bem? Alguém está ferido? — Sandra perguntou enquanto inspecionava os três. Ela era incrivelmente atenciosa, assim como Ivan e Estela.

— Sim, estamos bem, apenas muito cansados e desesperados por um banho — Isabel comentou, sorrindo.

Eles observaram em volta. Realmente aquele lugar era impressionante. O ponto onde os dois Urutus pararam na entrada do condomínio era cercado de arame farpado em rolos e vigiado por duas casamatas equipadas com metralhadoras de grosso calibre. Atiradores de elite também se mantinham posicionados em volta, e ainda cerca de quinze vigias armados.

Assim eles tinham segurança para entrar e sair, porque sempre, ao passar pelo ônibus-muralha, alguns mortos-vivos conseguiam penetrar naquele bolsão de segurança do condomínio, e logo eram eliminados.

Atravessaram, junto com Ivan e Estela, uma abertura na barreira de arame farpado, acompanhados por um grupo de soldados encarregados da escolta dos dois. Ao olhar para trás, Isabel viu quando os ocupantes do outro tanque desembarcaram.

À frente do grupo vinha um soldado negro e jovem, bastante forte. Ele se aproximou da doutora Sandra, deu-lhe um beijo, e os dois se

afastaram de mãos dadas. Aquele homem era conhecido por todos como cabo Oliveira, um dos soldados mais eficientes daquela comunidade. E atrás dele vinha uma dupla impressionante.

Parecia um casal, pois eles caminhavam muito próximos conversando tranquilamente. A moça era de uma beleza ofensiva — a mulher mais linda que Isabel já vira. Ela estava de uniforme do exército, como todos os demais, mas mesmo assim percebia-se claramente sua beleza. O rosto era de uma simetria perfeita, pele clara e longos cabelos castanho-claros. Isabel achara Estela bonita, mas com aquela mulher não tinha comparação.

Já o acompanhante dela era uma mistura de galã de novela com monstro de filme de terror. Tratava-se de um rapaz jovem também, de vinte e poucos anos, alto e muito forte. Mas o rosto possuía cicatrizes profundas e muito extensas, que conferiam a ele um aspecto bizarro.

— Zac e Gisele — Estela comentou diante do olhar de curiosidade de Isabel.

— Eles formam um belo casal. Bom, apesar da... situação dele. — Isabel tentou não parecer politicamente incorreta.

— Sim, eu sei, ele ficou horrível. — Estela assentiu.

Ela não gostava de relembrar o episódio do acidente de Zac, no qual alguns bons amigos morreram e vários ficaram feridos, inclusive o próprio Ivan. Naquela ocasião, eles enfrentaram centenas de zumbis para proteger o grupo, que era infinitamente menor.

— Eles são namorados? — Isabel quis saber.

— Deveriam ser... mas não são. — Estela exalou um suspiro. — É uma longa e complicada história. Gisele tem trauma de homens. Aliás, ela desenvolveu todas as fobias possíveis e imagináveis de alguns meses para cá. Não sei mais o que fazer por ela.

— Eu e Hilton podemos ajudar. Ele era professor de psiquiatria, e eu sou formada também, apesar de nunca ter trabalhado na área. O que você acha? — Isabel perguntou para o companheiro de viagem.

— Sim, podemos conversar com ela e tentar começar uma terapia. — Hilton ficou interessado, pois achava que nunca mais teria a chance de utilizar seus conhecimentos. — Ela ficou assim depois do

surgimento dos zumbis ou aconteceu algo de específico com essa moça, que poderia ter deflagrado todos esses problemas?

Estela estacou. Ivan, que acompanhava a conversa, também parou, junto com Scheyla e os demais.

— Eu vou contar, porque esse assunto é de conhecimento geral e vocês vão ficar sabendo de qualquer jeito. Gisele foi sequestrada no ano passado, e mantida prisioneira numa das casas deste condomínio. E ao longo de um mês inteiro foi torturada e estuprada por um psicopata chamado Heraldo. — Os olhos de Estela brilhavam de ódio. Parecia ver o maníaco traidor diante de si.

Ao ouvir aquela história, Isabel sentiu o coração disparar. Ela mesma carregava suas próprias feridas a respeito daquele tipo de crime. E eram profundas, dessas que não cicatrizam nunca. Ela bem que gostaria de acreditar que Gisele conseguiria superar um trauma daqueles, mas sabia, por experiência própria, que era impossível.

— Que história horrível! — Isabel comentou, perturbada. — Ela teve sorte de sobreviver, então.

— Sim, teve mesmo. E Zac também. Ele levou um tiro quando a resgatamos das mãos daquele animal. Zac é apaixonado por ela, e eu desconfio de que ela goste dele também. Mas Gisele carrega tantas cicatrizes que nada é capaz de fazê-los se acertar.

— E onde está esse tal de Heraldo? O que vocês fizeram com ele? — Hilton quis saber.

Estela apontou um terreno vazio a pouco mais de quarenta metros de onde eles se encontravam. Lá havia diversas cruzeiras fincadas no chão, perfeitamente alinhadas. Aos pés de algumas delas viam-se flores. E num canto afastado, uma cruz isolada das demais.

— Aquele é o nosso cemitério, e a sepultura separada das outras é a de Heraldo. E eu espero que ele esteja queimando no inferno neste exato momento — Estela afirmou, enquanto Isabel e os demais permaneciam em silêncio. — Ao tentar fugir ele derrubou parte do muro, e os zumbis invadiram este lugar. E dezenas de pessoas morreram por causa disso, entre elas alguns dos nossos melhores amigos. Por tudo que ele fez, meu marido decidiu fuzilá-lo.

Um silêncio pesado se abateu sobre aquele grupo. Lembrar aquele episódio era doloroso para Ivan e Estela, sobretudo por todos os

conflitos que os dois tiveram quando ele decretou a sentença de morte daquele canalha. Conflitos que ainda estavam bem vivos. Mesmo morto, parecia que Heraldo continuava pairando sobre aquele lugar.

— Desculpe, mas isso era necessário? — Hilton perguntou, temendo ser indelicado.

Estela ficou olhando para ele por alguns instantes. No olhar dela não havia descontentamento pela pergunta, mas sim uma enorme indecisão sobre o que falar.

Ivan observava a esposa, prevendo que mais uma briga estava a caminho.

— Não sei dizer; talvez sim, talvez não. Mas o fato é que... — Estela iniciou a frase com o semblante ficando cada vez mais pesado a cada palavra.

— Estela, chega desse assunto. — Ivan começava a se aborrecer.

— Você sabe o que eu penso. E não vou mudar de ideia. — Estela encarava Ivan, desafiando-o na frente dos recém-chegados.

Ficaram todos desconfortáveis. Era óbvio que aquela conversa expusera uma rachadura naquele casamento.

— Era a decisão mais acertada, Estela, quantas vezes eu vou ter que repetir? — Ivan falou sério e visivelmente irritado. — Por que insiste nisso?

— Não era uma decisão apenas sua. Você não tem o poder sobre a vida e a morte das pessoas. Devíamos ter feito um julgamento, votação ou algo do gênero. Esse é o problema! — Estela respondeu, zangada também.

— Não preciso consultar ninguém para algo assim. Vou consultar os outros para questões em que existe dúvida, e aquele não era o caso. — O semblante de Ivan parecia de aço.

— Discordo de novo, já falamos sobre isso. Não importa o quanto você esteja convicto, todas as decisões relevantes precisam ser compartilhadas. Não se trata de decidir o que é certo ou errado, mas sim de cumprir a vontade da maioria — Estela respondeu à altura.

Ela não tinha uma gota sequer de medo de Ivan. E era a única pessoa do condomínio que se atrevia a se opor a ele de maneira tão contundente.

— Você queria tanto quanto eu que aquele miserável morresse, faça-me o favor! — Ivan ergueu os braços, irritado. — Não entendo por que tanto moralismo!

— Claro que eu queria que ele morresse, fico aliviada que esteja morto! Eu mesma tentei matá-lo, esqueceu? — Estela lembrava que falhara ao tentar abater Heraldo quando ele estava bem na mira.

Ela nunca se perdoaria por ter errado o tiro. Muitas pessoas morreram por conta daquele erro, e depois daquele episódio Estela decidira se aprimorar, obcecada por atingir a perfeição. Nunca mais erraria um disparo crucial como aquele.

— Então qual é o problema? — Ivan indagou, nervoso, sua paciência por um fio.

— O problema é que este lugar não lhe pertence, Ivan! Parece que você esquece disso algumas vezes! Nós já ouvimos várias pessoas falando que não concordavam com a aplicação da pena de morte, mas você não se importa. Você pisou em vários calos ao mandar fuzilar Heraldo, sem se importar se aquilo era o que a maioria queria. — Estela não escondia a irritação.

Aquela discussão começava a ganhar contornos de uma briga das feias.

— Eu ouvi muito mais gente me apoiando do que criticando. Você está louca! — Ivan disparou, furioso.

— Claro que sim! A esposa de Bruno concordou com você, não é verdade? Adriana ficou do seu lado. Gisele e Zac então, nem se fala, eles o defendem até hoje. Mas o problema é que todas essas pessoas são muito leais a nós dois e foram diretamente prejudicadas por aquele imbecil, concorda?! Bruno morreu graças a Heraldo. Adriana espera um filho que nunca conhecerá o pai. E tanto Gisele quanto Zac quase foram mortos por ele. Você se apoia em pessoas que tinham vários motivos para defendê-lo, porém mais de mil indivíduos viviam dentro destes muros naquela época e não tiveram a chance de opinar — Estela disparou seus argumentos como uma metralhadora, enumerando-os nos dedos.

Isabel ficou observando a briga daquele casal, completamente sem jeito. Ela sabia do amor que existia entre eles, pois vira muito bem.

No entanto, em todo casamento havia discordâncias. Mas aquela era uma das graves, e infelizmente afetava a todos.

— O quanto isso tem a ver com seu senso de justiça e não com o fato de eu não tê-la consultado? Será que você estaria brava desse jeito se eu tivesse pedido sua opinião? — Ivan perguntou, ácido.

— Se você tivesse me consultado, com certeza eu teria concordado com você. Mas pode apostar, mesmo assim eu teria defendido uma decisão democrática — Estela devolveu sem pestanejar.

Ivan e Estela ficaram parados, um diante do outro, por alguns instantes, ignorando a pequena plateia que assistia à discussão. Ambos estavam no limite da irritação. E o fato de Estela — que tinha vários motivos para discordar da posição do marido — ser a segunda pessoa na hierarquia do condomínio piorava tudo.

— Peço desculpas a todos vocês por presenciarem essa cena, não foi nossa intenção deixá-los desconfortáveis. Acho melhor eu me despedir, por enquanto. Estela os levará para o apartamento. Até mais tarde. — Ivan, por fim, despediu-se dos demais e foi embora com parte da escolta, sem dirigir mais nenhuma palavra para a esposa.

Estela suspirou, desanimada.

— Por favor, nos desculpem, não nos levem a mal. Eu amo meu marido de uma forma que não consigo nem explicar, e temos uma vida muito feliz aqui, apesar de estarmos cercados pelo inimigo o tempo todo. Mas esse assunto é delicado, e sempre é motivo de discussão.

— Não tem problema, Estela. — Isabel meneou a cabeça. — Mas me desculpe a franqueza da pergunta: se você concorda com o que ele fez, por que tamanho estresse?

Estela arqueou as sobrancelhas diante da pergunta de Isabel. Parecia pesar as palavras antes de responder.

— Não gosto quando pessoas começam a decidir tudo sozinhas, ainda mais em questões delicadas como a aplicação da pena de morte. — Estela suspirou. — Acredito que seja assim que surgem os tiranos. Além do mais, meu marido é um bom homem, mas ninguém é capaz de centralizar todas as decisões sem cometer erros. Eu tenho

medo de que uma hora dessas ele cometa um deslize e prejudique a todos.

Continuaram andando, em silêncio. Sem jeito para fazer mais perguntas por ora, Hilton, Scheyla e Isabel passaram a reparar melhor no condomínio. Era mesmo gigantesco, com diversas ruas, praças e casas imensas. Tratava-se de fato de um bairro de luxo. Mas a segurança era o que mais chamava a atenção.

O muro fora completamente reforçado pelo lado de dentro com concreto armado. Acima da muralha, nas guaritas, havia sempre pelo menos um soldado, e no lado interno da parte da frente via-se arame farpado. E em alguns pontos onde se achava uma faixa de terra entre o muro e o arame, havia grandes placas dizendo “Não Pise”. Também avistavam-se casamatas separadas por espaços regulares, todas com homens fortemente armados. A placa com o aviso chamou a atenção de Isabel, e Estela percebeu.

— Minas terrestres. Plantamos centenas dessas ao redor do condomínio. Tentamos aprender com os nossos erros do passado.
— Estela deu de ombros.

Ela levou o grupo para comer no refeitório do condomínio e depois os conduziu até uma passagem ao fundo. Isabel e seus amigos tiveram a sensação de ter saído do complexo ao depararem com um conjunto de edifícios. Eles já os haviam visto, é claro, mas não imaginavam que chegariam a entrar neles: eram oito prédios ao todo, bastante altos.

— Vocês vão ficar aqui, na nova ala. Esses são os prédios dos condomínios Paesaggio e Belvedere. Eles faziam limite com o Condomínio Colinas e, quando surgiu a oportunidade, nós os invadimos também e os anexamos ao nosso território. Assim, ganhamos mais de trezentos apartamentos. Agora temos capacidade para mais de quatro mil pessoas, ao todo, e bem acomodadas.
— Estela não disfarçava o orgulho.

Os três novos moradores da comunidade admiravam aquele local, era realmente lindo. Eram prédios de alto padrão com apartamentos que chegavam a mais de duzentos metros quadrados. Parecia piada que em pleno apocalipse zumbi eles fossem viver com tanto conforto.

Estela os instalou em um dos apartamentos que fora preparado com antecedência. Era grande, arejado e decorado com muito bom gosto. Fosse lá quem houvesse morado ali, sem dúvida tinha muito dinheiro.

Ela também repassou instruções sobre onde ficava a administração, os comitês de trabalho, e assim por diante, enfatizando que todos precisavam colaborar.

— Acredito que seja o suficiente, para começar. Sejam bem-vindos à nossa comunidade. Qualquer problema, basta nos procurar — Estela falou em tom de despedida.

Mas Isabel a deteve.

— Estela, eu sou muito grata por tudo o que vocês fizeram, mas tenho alguns assuntos muito importantes para conversar com você e Ivan. Vocês teriam um instante amanhã cedo?

— Claro que sim, Isabel! — Estela respondeu, solícita. — Basta nos procurar na administração. É algo grave? — Ela teve um repentino mau pressentimento.

— Eu diria que é algo grave e perigoso — Isabel afirmou, séria. Decidira que estava na hora de falar a respeito de um animal chamado Emmanuel.

CAPÍTULO 3

A BOCA DO INFERNO



CANINO CAMINHAVA SEM pressa até o escritório de Emmanuel. Ele sabia que seria uma reunião estressante, e por isso não estava com a menor vontade de chegar logo. Só esperava não ter que endurecer o discurso novamente. As brigas dele com o autoproclamado líder do quartel ficavam cada vez mais ásperas, e Canino receava que um dia tivessem que partir para um confronto, como já acontecera no passado, nos tempos do presídio.

Ele tinha quarenta anos — dos quais um terço fora passado atrás das grades por diversos crimes —, media quase um metro e oitenta, e era atarracado e forte como um touro. Tinha a pele bronzeada e inúmeras tatuagens pelo corpo, cabelos castanhos e barba densa.

A história de Canino não era muito diferente daquela da maioria dos ex-presidiários que fugiram da Penitenciária Doutor José Augusto César Salgado no dia em que os mortos-vivos infestaram a Terra. Seu verdadeiro nome era Carlos Nira Novais. Foi um garoto pobre que nunca conheceu o pai, nasceu numa grande favela de São Paulo e que logo cedo entrou para o mundo do crime.

Canino praticou seu primeiro furto aos dez anos, e o primeiro assalto à mão armada aos doze. A grande contradição era o fato de ele ter chegado a concluir o segundo grau, uma imposição da sua já falecida mãe na tentativa de oferecer um horizonte diferente no futuro.

Dona Maria trabalhava como faxineira numa escola, e se esforçou muito para dar pelo menos o mínimo de condições para o filho único. Ela morreu quando ele estava com dezoito anos sem nunca saber que seu menino era um bandido.

Se Carlos conseguira se controlar enquanto a mãe era viva, com medo de decepcioná-la, depois da sua morte degenerou de vez. De ladrão eventual se transformou em um assaltante profissional que roubava de carros a residências.

Com o passar do tempo, foi sofisticando seus trabalhos, obtendo somas cada vez maiores. Então uniu-se a comparsas que, como ele, desejavam dinheiro rápido e quantias vultosas, e se especializou em assalto a bancos.

Seus roubos eram muito bem planejados. Canino e seu bando eram capazes de entrar e sair de uma agência bancária em três minutos carregados de dinheiro. E, como ponto de honra, nunca mataram ninguém.

O autocontrole dele não tinha nada a ver com fraqueza, entretanto. Carlos carregava os ensinamentos da mãe. Dona Maria deixara marcas profundas na sua personalidade. Por isso mesmo foi preso pela primeira vez numa briga com um comparsa truculento.

Carlos e seu bando assaltaram o Banco Itaú em Diadema, no ABC Paulista. Era uma agência ampla que ficava na avenida Antônio Piranga, bem no centro da cidade. A operação, entretanto, não corraera exatamente como o planejado.

Uma das operadoras de caixa do banco se apavorou demais, e não conseguia abrir a gaveta de dinheiro.

Emerson, um dos comparsas mais recentes de Carlos — que para não levantar suspeitas fazia pequenos shows de mágica em festas infantis — ficou furioso com a demora.

— Vai, sua vadia, abre essa merda senão eu estouro sua cabeça!
— ele gritou.

A pressão fez a pobre caixa se atrapalhar mais ainda, e, no auge do pânico, ela chegou a derrubar o teclado do computador, o que fez Emerson perder as estribeiras de vez. Ele deu uma coronhada com violência no rosto da mulher, que caiu no chão.

Cega de dor e pelas lágrimas que caíam incontroláveis, ela se levantou com dificuldade. Emerson gritava ainda mais, exigindo que ela abrisse a gaveta; do contrário ele iria matá-la ali mesmo.

Carlos observava tudo do caixa que ele estava limpando, sem pronunciar nenhuma palavra. Odiava o que Emerson estava fazendo, mas sabia por experiência própria que não podia bater de frente com o parceiro naquele momento — isso complicaria ainda mais as coisas, e tudo poderia fugir do controle.

A moça do caixa, porém, não conseguia pegar o dinheiro de jeito nenhum. Estava apavorada demais para cumprir aquela tarefa, e suas mãos tremiam incontrolavelmente. Emerson percebeu que ela não conseguiria, e aquilo o enlouqueceu de vez. Não sairia dali sem o dinheiro dele.

— Eu vou matar você, sua puta, você tem cinco segundos para entregar a minha grana! Cinco, quatro, três, dois, um... — Emerson contava rápido, de um jeito muito assustador. Na verdade ele torcia para ela não conseguir, pois queria um motivo para explodir sua cabeça.

Quando estava prestes a puxar o gatilho, Emerson sentiu o cano de um Taurus calibre 38 encostar na sua nuca. Apesar da suavidade do movimento, pareceu-lhe que uma bigorna fosse depositada em seu crânio; ele sentiu a pressão imediatamente.

— Acalme-se e abaixe a arma, Emerson. Isso é uma ordem — Carlos falou, com toda a calma.

— Você está louco, Carlos? Essa piranha não quer entregar o nosso dinheiro, é para a cabeça dela que você devia estar apontando!

— Emerson tentava manter a voz firme, mas no fundo estava aterrorizado.

— Vou repetir, Emerson: abaixe a arma agora; isso é uma ordem. — Carlos precisava fazer o comparsa se acalmar. Ele nunca matara ninguém, e não estava disposto a começar justo naquele dia.

Emerson relutou, mas baixou o revólver, devagar. A operadora de caixa fechou os olhos, respirou fundo e sentiu a urina quente escorrer pelas pernas; ela perdera o controle da bexiga de tanto pavor.

Carlos também respirou aliviado.

Encerraram o assalto e correram para os dois carros roubados para executar a operação onde dois cúmplices aguardavam. Antes que a primeira viatura de polícia chegasse, o bando já estava longe, ziguezagueando em alta velocidade pela rodovia dos Imigrantes em direção à cidade de São Paulo.

A quadrilha abandonou os veículos e rumou em outros carros para seu esconderijo, num barraco na gigantesca favela de Heliópolis, na capital paulista. Carlos e Emerson estavam no mesmo veículo, mas não abriram a boca durante o trajeto.

Não pronunciaram uma única palavra, e aquilo preocupava mais do que se estivessem brigando aos gritos. Por isso os demais membros do bando que os acompanhavam também não se atreviam a abrir a boca; sabiam que a situação poderia ficar feia. E ficou mesmo.

Quando chegou ao ponto de encontro o bando até se animou. Afinal de contas, fora mais uma ação bem-sucedida que renderia um bom dinheiro para cada um, e por isso começaram a beber muito.

Emerson sacou o baralho e começou a fazer truques de cartas para seus comparsas, que ficavam loucos tentando descobrir quais eram seus segredos de magia.

— Como você faz isso, Emerson? É muito louco! — um dos membros do bando comentou.

— Eu sou o Mágico Arkhan, cara, e nunca revelo meus truques!
— Emerson respondeu, rindo. Mas não tardou para ele começar a ficar bêbado e perder os limites. — Vocês sabem qual foi a melhor parte do dia de hoje? — perguntou para os demais, com os olhos tortos de tanto beber. — Foi sentir uma arma encostada na minha nuca! Coisa que filho da puta nenhum se atreveu a fazer antes!

— Você acabaria matando aquela mulher, cacete! Eu já falei que neste bando a última coisa que fazemos é apertar o gatilho, e eu estou no comando. Quem não aceitar isso está fora — Carlos sentenciou, áspero; não podia permitir que ninguém o desafiasse.

— Talvez esteja na hora de eleger uma nova diretoria, o que vocês acham? — Emerson se voltou para o resto do bando. — Eu voto em mim mesmo!

Mas nenhum deles parecia muito disposto a enfrentar Carlos. Eles praticaram mais de vinte assaltos bem-sucedidos juntos, planejados e comandados por ele. Carlos era um grande líder.

— Emerson, se você não está satisfeito, pode pegar sua parte do dinheiro e ir embora, está bem? — Carlos respondeu, irritado, levando discretamente a mão à cintura, onde estava o revólver. — Neste grupo mando eu. Isso aqui não é uma democracia para votarmos quem vai ser o chefe, fui claro?

— Claro que sim, chefe, eu só gostaria de dizer que... — Emerson começou a falar, mas cortou a frase no meio, para sacar a pistola, com os olhos injetados de ódio.

A parada na frase e o movimento não passou despercebido... Carlos, que evitava atirar a qualquer custo, se preparara psicologicamente para situações como aquela. Bem menos bêbado do que Emerson, sacou o revólver e desferiu um tiro certeiro na barriga do cúmplice, que gritou de dor. Emerson chegou a atirar, mas a bala se perdeu em algum lugar do barraco.

Os demais membros do bando procuraram ajudar. Enquanto alguns tentavam socorrer Emerson, outros arrancavam a arma das mãos de Carlos antes que ele decidisse acabar o que começara.

— Não acredito que você atirou em mim, seu filho da puta! Vou acabar com a sua raça! — Emerson berrava, caído no chão. A bala perfurara um rim e saíra pelas costas, e estava doendo demais.

— Eu avisei, não avisei? Você sacou primeiro, seu babaca! — Carlos respondeu, com o dedo em riste, furioso.

O grupo começou a bater boca, tentando decidir o que fazer. Uns falavam em matar Emerson, outros diziam que ele deveria ser levado para um hospital. Carlos defendia que deveriam largar o ex-comparsa na frente de um pronto-socorro e dispersar o grupo pelo menos por alguns meses.

A discussão, porém, durou muito pouco. Eles acreditavam que dentro daquela favela imensa ninguém iria encontrá-los, e que os moradores nunca se atreveriam a fazer uma denúncia contra eles, mas as duas teorias estavam erradas.

O fato é que a polícia já vinha observando o local após uma denúncia anônima. O tiro foi a deixa para que os investigadores que

estavam de tocaia pedissem reforços e iniciassem a invasão do esconderijo.

Vários policiais militares, inclusive membros das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, conhecida como ROTA, a força de elite da polícia paulista, invadiram o local. Vinham armados de escopetas e fuzis militares, e não deram chance de revide. Os onze membros do bando foram presos.

Assim, Carlos recebeu sua primeira condenação: vinte anos de cadeia por assalto à mão armada, formação de quadrilha e a tentativa de homicídio de Emerson. Meses depois ele foi para a penitenciária, sem desespero. Sempre soube que um dia aquilo aconteceria.

Sua recepção é que foi inesperada. Emerson sobrevivera e fora sentenciado também. Como chegara ao presídio alguns dias antes, já estava bem enturmado. Ele e um grupo de conhecidos decidiram formar uma espécie de comitê de boas-vindas.

— Vejam só quem está aqui! — Emerson comentou, sarcástico, entrando na cela de Carlos no mesmo dia em que ele chegara à casa de detenção, um local úmido e mal iluminado. — Que prazer revê-lo, chefe! — Ele vinha acompanhado de mais quatro homens, todos muito fortes e com cara de poucos amigos.

Mais uma vez, Carlos não hesitou. Ele não pronunciou uma única palavra, apenas desferiu um murro no rosto de Emerson, que rolou pelo chão com o nariz fraturado. Logo em seguida, ele apanhou de uma forma que nunca pudera imaginar.

O grupo de Emerson surrou Carlos sem piedade. Quebraram seus dois braços, uma costela e vários dentes, e só não o mataram porque os carcereiros intervieram. Enquanto isso, outros detentos gritavam e vibravam, atraídos pela confusão que acontecia dentro da cela.

Carlos foi levado de maca para a enfermaria, e seus dois braços foram imobilizados. Ele teria que ficar em repouso durante algumas semanas por causa dos ferimentos, mas o pior ainda estava por vir.

Mais tarde, dentro da enfermaria, Carlos recebeu uma visita. Emerson aproximou-se, sorrateiro, disposto a terminar o que seu grupo começara. Ele também estava internado pelo nariz quebrado e um ferimento na cabeça, em função do nocaute imposto pelo seu

inimigo, e estava enfurecido, já era a segunda vez que Carlos levava a melhor sobre ele. Agora era uma questão de honra: o ex-chefe morreria naquela noite.

Emerson olhou em volta para ter certeza de que não havia ninguém por perto. Subornara o guarda que vigiava aquele local para se afastar por alguns instantes; tudo o que ele precisava eram cinco minutos a sós com Carlos.

Carlos ressonava na cama hospitalar. Recebia medicamentos por via intravenosa e parecia estar desacordado. Emerson chegou bem perto e sussurrou:

— Chegou a sua hora, desgraçado. Eu acendi uma vela para o demônio para que este dia chegasse... — Emerson falou em um tom quase inaudível, perto da orelha de Carlos.

Carlos virou-se de repente e mordeu a orelha de Emerson. Abocanhou com tamanha força que arrancou um pedaço, e o sangue jorrou, abundante. Ele, que fingia dormir, esperava alguma oportunidade; e aquela era perfeita.

Emerson gritou de dor e desespero quando sentiu a orelha rasgando, e empurrou Carlos contra a cama para se soltar. Foi tão insuportável que ele caiu no chão, com a mão direita cobrindo a parte mutilada.

Aquela gritaria atraiu guardas e plantonistas que estavam de serviço. Ao verem a cena, eles trataram de imobilizar e socorrer Emerson, que praguejava contra Carlos. O sangue, aos poucos, foi tingindo o ombro da camiseta branca.

Dias depois, Emerson foi transferido para outro presídio. A administração concluiu que mantê-lo perto de Carlos era perigoso demais, pois eles acabariam se matando. Assim, Carlos e o Mágico Arkhan nunca mais se viram novamente.

Carlos cumpriu poucos meses de pena. Ele fugiu várias vezes e foi recapturado tantas outras. Chegou a ser um dos fugitivos mais procurados do estado de São Paulo por suas fugas e roubos ousados, mesmo sem jamais ter matado ninguém.

Mas a partir do dia em que ele venceu um adversário apenas dispondo dos dentes como arma, nunca mais foi chamado de Carlos outra vez. Naquela noite Carlos morreu e nasceu Canino.

* * *

Canino entrou no prédio onde funcionava a administração do quartel. Era um prédio baixo, de três andares. A sala de Emmanuel ficava no segundo piso, mas antes de pisar no primeiro degrau ele já começava a escutar os gritos.

— Hoje vai ser um longo dia... — Canino murmurou, desanimado. Não estava com paciência para lidar com Emmanuel, ainda mais após a fuga da noite anterior.

Canino seguiu os gritos e foi se dando conta de que Emmanuel não apenas gritava, mas batia em alguém. Aquela era a forma dele de resolver os problemas.

Canino abriu a porta sem bater. Era seu jeito de se impor para o seu maior oponente; de deixar clara, com pequenos gestos, toda sua falta de respeito. E a cena com que deparou não era novidade.

Nestor, um dos homens que fazia vigia na noite anterior, estava sentado numa cadeira, com os pulsos presos aos braços de madeira por fita adesiva. O rapaz tremia de dor. Sua pele outrora negra estava cinza de tanto pavor, e lavado de sangue. Emmanuel batia nele sem piedade. Estava pronto para desferir mais um golpe, mas parou ao avistar Canino.

— Você não sabe bater não, porra?! — Emmanuel perguntou, irritado. No que dependesse dele, o recém-chegado trocaria de lugar com Nestor naquele instante.

— Não sou tão bom em fazer isso como você. Bater é a sua especialidade, certo? — Canino ironizou, observando o rapaz ferido.

Nestor lançou-lhe um olhar de súplica.

— Você não perde uma oportunidade de encher o meu saco, não é, Canino? — Emmanuel esboçou um sorriso cruel, limpando as mãos sujas de sangue na camiseta. — Você se diverte quando me irrita, certo?

— Claro que não, por que eu faria isso? É você que se irrita com facilidade. Não tenho nada a ver com seu mau humor.

— Um dia vou perder minha paciência com você, escreve o que estou dizendo... Emmanuel falou em voz muito alta, e Nestor se encolheu na cadeira.

Canino, entretanto, não se abalou.

— Era só isso o que você queria me dizer? Então posso ir embora?

— Canino perguntou com um leve tom de deboche.

— Não se faça de idiota! Cadê a vadia? — Emmanuel perguntou, furioso, e disposto a irritar Canino também.

— Ela não é vadia e tem nome. E eu não faço ideia de onde está Isabel — Canino respondeu de cara fechada.

Emmanuel agora conseguiu irritá-lo.

— Vai tentar me convencer de que a piranha não falou nada? Quer que eu acredite que você não faz ideia para onde aquela vadia foi, nem o que ela foi fazer? — Emmanuel voltou à carga, animado, percebendo que Canino não gostara nem um pouco do comentário.

— É claro que ela não falou nada, senão eu a teria convencido a não fugir — Canino tentava soar convincente, para que Emmanuel não percebesse que sabia um pouco mais do que queria admitir.

Emmanuel mediu seu interlocutor da cabeça aos pés. Sentia vontade de moê-lo de pancadas. Havia anos que eles não se suportavam. Mas infelizmente precisavam um do outro para manter a harmonia do lugar.

— Então você é mais burro do que este imbecil aqui. — Emmanuel apontou para Nestor. — Ele pelo menos tentou atirar naquela puta. Ela o fez de idiota, Canino. Quer dizer que você traçava a vagabunda, mas não percebeu o que ela tramava?

Canino travou a mandíbula, irritado. Ouvir Emmanuel falando de Isabel daquela forma era um teste de paciência para o qual ele não se preparara. Mas ele precisava ficar frio; teria que fazer o jogo do seu desafeto.

— Pois é, entreguei meu coração para aquela vadia, e ela me sacaneou. O que mais posso dizer? — Canino respondeu.

— Acha que me engana, não é? Você é macaco velho, Canino, uma piranha como aquela não lhe daria uma volta tão facilmente assim, aposto que não. — Emmanuel lhe lançou um sorriso cruel. Ato contínuo, virou-se para Nestor e deu mais um murro na cara do rapaz, que caiu com cadeira e tudo no chão revestido de ardósia.

— Por que está fazendo isso com ele, Emmanuel? Você enlouqueceu? — Canino protestou.

— Qual é o problema, cara? Está muito preocupado para alguém que não tem culpa nenhuma. Há algo que queira me contar?

— Emmanuel agora sorria. Como num passe de mágica, o humor dele melhorou depois de aplicar aquele último golpe em Nestor.

— Já falei tudo o que eu podia. Ela não me contou nada!
— Canino afirmou, exasperado.

Emmanuel se aproximou de Nestor e chutou o pobre coitado, que ainda estava caído no piso. Canino estreitou os olhos de raiva.

— Então a culpa é toda deste imbecil aqui! Vou matar esse filho da puta e jogar a carcaça dele para os zumbis! — Emmanuel gritou, ensandecido.

Nestor começou a chorar de medo e dor.

Canino olhou para o pobre rapaz, compadecido. Mas ele estava convicto de que mesmo se contasse o pouco que sabia não mudaria as intenções de Emmanuel. Seria ainda pior. Aquele maníaco usaria aquilo como desculpa para jogá-lo aos mortos-vivos também.

Naquele instante, um rapaz entrou correndo na sala, e todos se viraram bruscamente. Era um mulato magricela chamado Rodrigo, burro como uma porta e extremamente fiel a Canino.

— Chefia, tá acontecendo a maior merda lá fora! Tem uma porrada daqueles bichos que entraram pela cerca! — Rodrigo apontava na direção da parte da cerca pela qual Isabel e o grupo escaparam.

Emmanuel e Canino se entreolharam e saíram correndo, seguindo Rodrigo.

Quando estavam quase chegando à escada, Canino parou por um instante, chamando a atenção do líder do quartel. Logo em seguida ele deu meia-volta e retornou na direção da sala da qual acabara de sair.

— Aonde pensa que vai? Temos um problema, você não ouviu?
— Emmanuel o interpelou.

— Larguei meu revólver na sala, eu já alcanço vocês! — E Canino se afastou.

Ele tinha certeza de que Emmanuel estava tão estressado pela aproximação dos zumbis que nem se daria conta de que se tratava de uma mentira. Depois Canino teria mais uma acusação com a qual lidar, mas não queria pensar sobre aquilo naquele momento.

Assim, entrou na sala onde Nestor estava caído no chão. O rapaz tossia, engasgado com o próprio sangue. Ele apanhara tanto que ainda ofegava. E se sobressaltou quando ouviu a porta abrindo, achando que era Emmanuel.

Canino se aproximou rápido de Nestor e o ergueu do solo, pondo-o sentado novamente. Em seguida, agarrou os dois braços da cadeira e puxou-o para a frente, forçando-o a ficar de pé, com a cadeira atada ao corpo com fita adesiva.

— Você está pronto? — Canino perguntou.

— Pronto para quê? — Nestor, desajeitado, tentava ficar de pé com a cadeira colada ao corpo.

Canino não perdeu tempo com explicações, e empurrou Nestor com violência para trás. A cadeira era de madeira de má qualidade, e quebrou quando o rapaz bateu sobre ela, esmagando-a com o próprio peso.

Ele soltou um grito abafado de dor, mas com aquilo um dos braços da cadeira foi arrancado fora, permanecendo preso ao punho dele com a fita adesiva. As costas do rapaz também se descolaram do encosto quebrado. Nestor estava machucado e dolorido, porém parcialmente livre.

— Acaba de se soltar e aproveita essa confusão para fugir daqui, entendeu? Não deixa Emmanuel pegar você, senão está morto. E se me perguntarem se eu ajudei, negarei até a morte, fui claro? — E Canino virou as costas e saiu correndo de novo, sem sequer olhar para o rapaz cuja vida acabara de salvar.

Canino seguiu pelo corredor e depois escada abaixo em disparada. Pelo visto os problemas estavam só começando.

Quando chegou ao pátio, viu diversos homens correndo em direção ao buraco na cerca que Isabel e o seu grupo abriram. E do lado de fora do quartel ele avistou um bando de pelo menos cem criaturas. Próximos ao local, dois homens tentavam, em meio ao tumulto, consertar a cerca estragada, enquanto vários zumbis que conseguiram invadir o quartel os atacavam por todos os lados.

As criaturas começavam a se espalhar pelo pátio, vacilantes. Uns doze zumbis circulavam pelo complexo.

Emmanuel e seus homens chegaram atirando. A primeira criatura abatida foi uma mulher de aparência humilde e nauseante, talvez uma agricultora que agora vagava pela Terra como uma morta-viva. Um tiro no centro da testa e seu cérebro voou em pedaços pela cerca, respingando nas feras do lado de fora.

Tiros de espingarda de calibre 12 foram disparados diversas vezes. Um dos disparos atingiu no peito um dos seres, que foi jogado para trás, e atingiu a cerca com tamanha violência que derrubou três zumbis que se acotovelavam do lado de fora.

A criatura começou a se levantar, com o tórax repleto de perfurações de chumbo. A roupa envelhecida se esfarelou de vez, expondo os múltiplos ferimentos. Mal o zumbi ficou de pé, o próprio Emmanuel aplicou um segundo disparo no crânio, arrancando lascas de ossos e fulminando a fera.

Atiraram em tudo que se mexia, de zumbis a homens feridos. Mataram todos, sem distinção, fazendo sangue e miolos voarem para todos os lados. Em seguida, passaram a matar os zumbis que se encontravam do lado de fora, para evitar que eles tivessem a chance de entrar.

Canino se juntou ao grupo, e também começou a disparar, abatendo a tiros diversas criaturas. A mira dele era excelente, pois praticara tiro por anos a fio. Sempre soube que um dia poderia precisar da pontaria; só imaginava que seria numa situação bastante diferente.

Em poucos minutos, mais de cem mortos-vivos jaziam próximos à cerca danificada. O cheiro de sangue associado ao odor podre dos zumbis era enjoativo, e para piorar seria necessário queimar os corpos.

Emmanuel virou-se para Canino, e seu olhar era de poucos amigos. Estava ainda mais furioso depois daquele princípio de invasão, muito mais pela munição gasta do que pelos dois infelizes mortos no meio daquela carnificina.

— Está feliz? Viu só o que a sua piranha causou? — Emmanuel perguntou, feroz. — Eu devia fazer você limpar toda essa bagunça sozinho!

— Seria um prazer, mas serei obrigado a recusar. — Canino conferiu o que sobrou de munição e enfiou a pistola na cintura. Então, ele virou as costas, enfurecendo ainda mais Emmanuel.

— Tome cuidado ao me provocar, Canino! — Emmanuel falou alto como um trovão. — Seu dia ainda vai chegar!

— A recíproca é verdadeira! — Canino devolveu, afastando-se sem dar ouvidos. Não queria estar por perto quando Emmanuel descobrisse que Nestor fugira.

* * *

A história de Isabel e Canino começou logo depois que ela chegou ao quartel. Isabel passara meses se escondendo e fugindo, completamente sozinha. Por um tempo ela resistiu no seu apartamento, após a morte do marido, mas quando a comida e a água acabaram precisou sair.

Isabel se abrigou em diversos lugares. Casas, apartamentos e até mesmo numa escola abandonada após o início do apocalipse zumbi. Ela não sabia para onde ir ou como obter ajuda. Estava faminta, doente e apavorada.

Foi quando lembrou-se do quartel do exército, e imaginou que aquela poderia ser uma boa opção. Talvez os militares tivessem conseguido resistir àquela praga que parecia ter dizimado toda a população de Taubaté.

Ela rumou pela estrada municipal dos Remédios, a longa via agora completamente abandonada que levava até o Comando de Aviação do Exército.

Porém, foi uma enorme surpresa quando ela descobriu que caíra numa armadilha ainda mais letal que os mortos-vivos.

Isabel mal avistara o quartel quando um jipe com três homens a abordou. Estavam todos equipados com armas automáticas de uso militar, mas não pareciam soldados. Vinham de bermuda e camiseta, e um deles estava inclusive de chinelo. Eles tinham aspecto de marginais, e não pareciam estar dispostos a conversar.

Os três renderam Isabel, e um chegou a agarrar a moça apavorada, enfiando a mão sob a camiseta dela e buscando os seios, mas foi

impedido pelos outros dois.

— Ficou maluco? Deixa isso pra depois, imbecil! — falou um dos homens, um mulato forte, de bigode fino. — Temos de voltar logo, este lugar está infestado daqueles putos!

Empurraram Isabel para o jipe e rumaram de volta para o quartel, enquanto os primeiros zumbis se aproximavam. Ficar parado naquele lugar seria suicídio.

Quando passaram pelo portão, Isabel se arrepiou, pois havia vários homens armados naquele lugar. Eram todos mal-encarados, e a olhavam de modo malicioso. Alguns faziam comentários desrespeitosos, o que a deixou ainda mais assustada.

— Aí, galera, carne nova! Eu quero ser o primeiro! — um homem gritou.

— Depois de mim, mané! A morena é minha! — Outro deu risada.

— Deixa pra mim, eu cuido dela. Essa aí é muita areia para o seu caminhão! — um terceiro zombou.

Isabel se encolhia ouvindo aqueles comentários. Parecia que eles avançariam sobre ela naquele exato momento e a estuprariam ali mesmo, no meio do pátio. Mas não foi o que aconteceu. Havia uma regra para os recém-chegados: trabalhar antes de qualquer coisa.

O mesmo mulato que impediu que Isabel fosse violada ainda do lado de fora do quartel a pegou pelo braço, com violência, e foi empurrando-a até outro pátio maior, mais ao fundo. Um lugar de piso de terra que servia para os exercícios dos soldados em treinamento, no passado. Naquele ponto, entretanto, havia agora uma grande plantação, com diversos tipos de hortaliças.

Na lavoura, Isabel avistou vários homens e mulheres, e até algumas crianças. Estavam sujos e maltrapilhos, e alguns usavam pedaços de pano amarrados na cabeça para se proteger do sol.

Ao fundo, alguns se ocupavam de arrancar o mato que havia crescido e tomado o pátio de chão batido. Outros, mais próximos, lavravam o terreno, preparando-o para o plantio de mais alimentos. Alguns empurravam carrinhos de mão com terra, outros carregavam sacos de sementes. Ao todo havia cerca de quarenta pessoas trabalhando.

— Escuta aqui, sua cadela, vou explicar só uma vez, entendeu? Aqui não tem zumbi, mas todo o mundo tem que ajudar, fui claro? — o homem falou, ríspido.

— Não entendo nada de plantação, como é que eu... — Isabel iniciou, mas foi calada por uma bofetada.

— Cala a boca, vadia! Você vai trabalhar e ponto final!

Naquele reino particular que Emmanuel e seus homens criaram não havia espaço para questionamentos. Qualquer sinal de insubordinação era punido com violência.

Isabel caiu estatelada com o tapa, com o rosto no chão de terra. Não podia acreditar naquela má sorte. Conseguira sobreviver meses a fio sozinha, driblando os zumbis, e agora via-se presa com um bando de anormais. As lágrimas começaram a correr imediatamente, pela dor e pela humilhação de ser tratada tão mal.

— Para de chorar, infeliz! Levanta daí agora, senão eu mato você! — o mulato berrou, chutando as pernas de Isabel com violência.

Naquele instante, um homem se aproximou correndo, atraído pelos gritos do mulato transtornado. Ele trazia uma enxada nas mãos, mas, por prudência, abandonou a ferramenta antes de se aproximar; não queria levar um tiro à toa.

— Ficou louco, homem?! Deixa a mulher! Estamos precisando de ajuda. Se você matar a infeliz, a colheita vai atrasar! — Marcelo tentava apelar para o lado prático do mulato. Ele sabia que usar argumentos de compaixão e bondade estava fora de cogitação, pois aquele homem desconhecia o significado daquelas duas palavras.

— Não se mete, Marcelo! Essa piranha mal chegou e já está fazendo corpo mole. Vou dar um cacete nela para ver se ela aprende! — O homem apontava o dedo para Marcelo, de forma ameaçadora.

— Chicão, não estou nem aí para essa jumenta, eu quero mais é que ela se dane! — Marcelo dizia, habilidoso. — Só me arruma outra para me ajudar. Emmanuel falou que se a colheita atrasar ele vai arrancar o couro de alguém.

Chicão parou na hora. A simples menção ao nome de Emmanuel causava terror em todos, mesmo nos seus homens mais fiéis. Ele olhou para Isabel, ainda caída no chão, com medo até de se mover, e depois fitou Marcelo, em dúvida.

— Emmanuel disse isso? — Chicão perguntou, receoso.

Ele era o responsável por fiscalizar a produção de alimentos. Como não entendia nada do assunto, era uma grande sorte ter Marcelo como braço direito. O matuto tinha larga experiência em plantações.

— Falou sim, homem. Ele disse que é pra gente acelerar, senão o pau vai comer! — Marcelo afirmou, dramático. — Estou precisando de ajuda, então, me deixa botar essa cretina para trabalhar logo, porque o bicho está pegando!

Chicão olhou para Isabel, caída a seus pés. Pensou seriamente em dar umas pancadas nela, mas decidiu deixar para depois. Se Emmanuel estava com pressa, ficaria muito mais satisfeito sabendo que arrumara mais um par de braços para auxiliar do que se ele arrebetasse a recém-chegada.

— Está bem, Marcelo, bota essa anta para trabalhar antes que eu mude de ideia. Estou de olho em você, morena. Depois vamos ter um particular, só nós dois, está me entendendo? — Chicão estampou um sorriso ferino no rosto.

— Pode deixar, chefia, ela vai andar na linha. — Marcelo ergueu Isabel e a puxou na direção da plantação.

— Obrigada, achei que ele fosse acabar comigo... — Isabel agradeceu, caminhando, um tanto atordoada.

— Fica quieta e não olha para trás, entendeu? — Marcelo sussurrou. — Não o deixe mais irritado, esse cara é completamente louco!

No meio do caminho, pegaram a enxada de Marcelo, e em seguida chegaram à plantação. Ele imediatamente entregou um enxadão para Isabel.

— Comece a carpir o mato — Marcelo ordenou.

Isabel olhou para a ferramenta, assustada. Não fazia ideia de como usar aquilo. Marcelo percebeu a dúvida dela e olhou para trás, na direção de Chicão, que os observava de longe.

— Qual o seu nome?

— Isabel.

— Isabel, escute o que vou dizer: comece a cavar, carpir, socar a terra, fazer qualquer coisa. Mas, por favor, finja que está fazendo

algo. Chicão se interessou por você, não dê motivos para ele. Senão ele arrebenta, abusa de você e depois mata, não necessariamente nessa ordem, entendeu? — Marcelo a fitava, muito sério.

Isabel não pensou duas vezes, e começou a arrancar o mato com o enxadão. Não sabia se fazia direito, mas naquele momento não importava. Precisava se livrar da marcação cerrada de Chicão imediatamente.

O mulato observou Isabel e Marcelo trabalhando por mais alguns instantes, e acabou dando de ombros, satisfeito com o fato de ela ter aprendido a respeitá-lo. Logo em seguida ele foi embora. Não precisava ficar lá, ninguém fugia do quartel, com os atiradores espalhados pelos telhados e pelas torres de observação.

Quando viu Chicão se afastando, Isabel pôde relaxar. Apoiou-se sobre o cabo do enxadão e respirou fundo. Bastaram alguns minutos manuseando aquela ferramenta pesada para sua respiração ficar ofegante. Além disso, fazia um sol de rachar.

— Você pode me dizer o que está acontecendo aqui? Quem são esses homens? — Isabel observava um dos capangas de Emmanuel, posicionado sobre um dos prédios, que trazia um rifle pendurado no ombro.

— Eles são fugitivos do presídio. Tomaram posse deste lugar. — Marcelo limpou o suor da testa com a mão.

Isabel arregalou os olhos. Eles eram fugitivos da justiça... aquilo explicava muita coisa.

— E todas essas pessoas são prisioneiras? — Isabel olhava em volta, referindo-se aos seus novos colegas de trabalho.

Algumas daquelas pessoas, percebendo que Chicão se afastara, também pararam de trabalhar e começaram a prestar atenção às explicações de Marcelo.

— Sim, todas. Quando a epidemia aconteceu e tantos se transformaram naqueles monstros, elas conseguiram fugir e vieram para cá. Eu e mais alguns sobreviventes já estávamos escondidos aqui, junto com um punhado de soldados. Todos pensamos que o exército nos protegeria — Marcelo explicou. — Mas então esses caras chegaram, quase oitenta homens, e vários deles vinham armados. Eles conseguiram matar os zumbis e, quando nos encontraram,

mataram também os soldados que nos protegiam, e alguns dos nossos que tentaram reagir. Foi um verdadeiro pesadelo.

— E quem é Emmanuel? — Isabel ficara impressionada com a narrativa de Marcelo.

— É o líder do grupo. Garanto que é o pior de todos, e praticamente ninguém tem coragem de enfrentá-lo. A primeira ordem dele foi que os seus capangas matassem todos os homens, idosos e crianças. E deixassem vivas apenas as mulheres jovens. — Marcelo dirigiu a Isabel um olhar significativo.

— Por que ele queria deixar só as jovens vivas? — Isabel perguntou, inocente.

— Não é óbvio? — Marcelo, embora pesaroso, achou melhor que Isabel soubesse logo o que estava por vir. — Alguns desses caras passaram anos sem ver um rabo de saia. Eles queriam trepar.

Isabel ficou muda. Estava tão assustada que não entendera as palavras de Chicão, mas agora enfim compreendeu. Ele iria tomá-la à força. Não podia acreditar naquilo. Seus olhos se encheram de lágrimas, e começou a desejar profundamente ter morrido.

Marcelo observou o semblante dela, e se compadeceu de Isabel. Era triste ver as mulheres daquele lugar sendo tratadas como brinquedos por aquele bando de malditos, mas não havia nada que ele pudesse fazer. O grupo de Emmanuel era muito grande, bem armado, e qualquer ato de insubordinação era punido com a morte.

Depois de alguns instantes chorando, Isabel se acalmou um pouco. Surgira uma dúvida, algo que ela não conseguira entender e precisava perguntar:

— Marcelo, como é que vocês sobreviveram? Se todos temem esse tal de Emmanuel, e ele mandou deixar apenas as mulheres vivas, como ainda não estão mortos?

— Pelo mesmo motivo que Emmanuel ainda não reduziu este lugar a cinzas: Canino o peitou. — Marcelo esboçou com um sorriso fraco, lembrando-se do único homem que tinha alguma noção de decência entre aqueles foragidos.

— Canino? O que é isso? — Isabel arqueou as sobrancelhas.

— Canino era do mesmo presídio do Emmanuel. Era o líder de um grande grupo de detentos, e controlava a cadeia inteira. Como

ele é um cara durão, mas que não gosta de violência gratuita, as coisas lá eram tranquilas, quase não havia brigas ou rebeliões. Porém, bastou Emmanuel chegar ao presídio com diversos homens de um grupo de extermínio, alguns anos atrás, para o caldo engrossar. Ele mal chegou e tentou dominar o lugar, mas o Canino impediu. — Marcelo meneou a cabeça. — Formaram-se duas facções criminosas dentro da penitenciária, e Emmanuel e Canino eram os líderes. Cada um comandava mais de cem presos, e um vivia ameaçando o outro. Já ouvi comentários de que, em certa ocasião, eles partiram para a porrada durante o banho de sol. Pelo que me contaram, os dois rolaram no chão igual bichos, enquanto os membros de cada grupo aplaudiam e torciam.

— E quem ganhou a briga?

— Apesar de ter apanhado um bocado, dizem que Canino venceu. Emmanuel foi para a enfermaria, desmaiado na maca. Logo em seguida, explodiu uma rebelião no presídio, a primeira de muitas depois da chegada do nosso líder e seu séquito de loucos. Infelizmente, quando os zumbis surgiram, o grupo de homens fiéis a Emmanuel ficou bem maior do que o de Canino. Eles se uniram para sobreviver e chegaram aqui juntos, mas Emmanuel passou a dar as cartas.

— E como ficou a situação entre Canino e Emmanuel? — Isabel quis saber.

— Tensa. Os dois se odeiam. Se pudesse, acho que Emmanuel faria picadinho de Canino. Mas mesmo estando na vantagem, Emmanuel tem cerca de quarenta homens fiéis a ele aqui, enquanto seu adversário tem uns quinze. Um número menor, mas que poderia causar um belo estrago caso houvesse um confronto. Por isso eles brigam, mas Emmanuel não se atreve a declarar uma guerra.

— E como esse Canino protegeu vocês?

— Ele usou a lógica. Canino falou para Emmanuel que seriam necessárias diversas pessoas para manter este lugar funcionando, sobretudo para produzir comida. Como nosso líder não estava nem um pouco interessado em se tornar fazendeiro ou faxineiro, acabou concordando em nos manter aqui como escravos. — Marcelo deu de ombros, resignado.

— Escravos... — Isabel pronunciou a palavra repugnante num sussurro.

Ela sentiu um nó se formar na garganta. Imaginara várias coisas na vida, mas jamais que se veria numa situação como aquela.

— Você disse que ele queria manter as mulheres porque os homens queriam transar. Isso de alguma forma... — Isabel iniciou a frase numa mistura de constrangimento e medo.

— Isso não mudou. Sinto muito. — Marcelo afirmou, realista. — As mulheres deste lugar fazem jornada dupla.

Isabel recomeçou a chorar, e dessa vez era um choro convulsivo, doloroso. Sempre teve medo de ser estuprada, tinha pavor de se imaginar se deitando à força com um homem. Sempre pensou que diante de uma situação desse tipo ela preferiria morrer. Talvez fosse a solução. Quem sabe, se ela reunisse coragem, poderia se matar...

Marcelo se compadeceu da pobre moça. Ele já estava alguns meses naquele inferno, e isso acabava endurecendo as pessoas. Marcelo já se esquecera do quanto a situação deles era degradante. Chegara a uma situação em que ele falava de coisas absurdas com uma naturalidade cruel.

— Desculpe, Isabel, não queria deixá-la assim! — Marcelo meneou a cabeça, triste. — Me perdoe. Pense que pelo menos estamos seguros aqui, só não podemos irritar Emmanuel e seus paus-mandados.

Isabel, porém, não falou mais nada. Estava assustadíssima, horrorizada e se sentindo frágil demais para falar alguma coisa. Ela queria acordar daquele pesadelo que já durava tanto tempo, e que agora parecia ter atingido seu ápice. Queria morrer.

No fim daquele primeiro e longo dia, quando Chicão veio fiscalizar o trabalho e liberar os trabalhadores para descansar, Isabel se sentia exausta, mas não conseguia ter fome. Sua vontade era de vomitar de tanto terror.

Chicão perguntou para Marcelo como as coisas haviam corrido, como estava a produção e se alguém enrolara no trabalho. Isabel não conseguia ler a mente dele a distância, mas sabia que era a ela que se referia.

Marcelo respondeu tudo prontamente, inclusive afirmando que Isabel ajudara muito, e com ela o trabalho fluiria bem melhor.

— Muito bom, muito bom. Todos podem descansar então. Isabel, você, que é nova aqui, vai guardar as ferramentas no galpão hoje — Chicão ordenou, indicando uma construção ampla ao fundo. — O resto está dispensado.

— Eu levo, ela não conhece aqui ainda — Marcelo se ofereceu.

— Eu mandei que ela levasse, Marcelo. A moça é nova no serviço, é o certo. Estão todos dispensados. — E Chicão se virou de costas.

Os demais saíram andando. Marcelo indicou para Isabel onde ficava o alojamento feminino, para onde ela deveria rumar depois daquela última tarefa, e acompanhou os demais. Ele estava com um péssimo pressentimento.

Isabel ficou tão aliviada ao ver Chicão se afastando que nem seus dons foram capazes de fazê-la enxergar o que estava por vir. Reuniu algumas ferramentas e rumou para o galpão. Escurecia rápido, e ela queria chegar logo ao tal alojamento.

Isabel entrou no prédio amplo e olhou em volta, tentando imaginar qual seria o lugar ideal para guardar as ferramentas. Ali havia peças de reposição de carros e outros aparelhos, que davam a entender que aquele era um espaço de manutenção de veículos das forças armadas.

Ao avistar, em um canto, outras ferramentas similares amontoadas, concluiu que aquele era o lugar correto. Assim, avançou até o local, e começou a arrumar as peças, tomando cuidado para que elas não caíssem.

Quando se virou para a entrada, deparou com a imensa silhueta de Chicão parado na entrada. O mulato corpulento, meio gordo e de bigode fino, a olhava de forma gulosa.

— É isso aí, morena, agora vou ensinar quem manda aqui. — Chicão caminhava devagar na direção dela.

Isabel tentou correr, mas não havia como escapar. A única forma de sair daquela arapuca era por aquela porta, e para isso teria que passar por Chicão. Ela era rápida, mas Chicão foi mais. Quando Isabel tentou passar por ele, o homem a agarrou pelo braço e a puxou com violência, derrubando-a no chão empoeirado.

Chicão se deitou sobre ela, empurrando-a com força contra o solo. Isabel gritava e se debatia, tentando impedir o inevitável.

— Fica quieta! Eu estou mandando! — E ele desferiu um tapa tão violento no rosto dela que Isabel quase desmaiou.

Porém ela se manteve consciente o tempo todo, e gritou e chorou até o último segundo.

E assim Isabel foi estuprada e espancada com brutalidade, sem que ninguém viesse em seu auxílio.

* * *

Chicão acabou de se arrumar, observando Isabel caída seminua no chão. Ela se recusava a olhar para ele. Sentia-se suja, sem ânimo, desprezível.

— Estou indo embora. Acaba seu serviço e vai para o alojamento. E descansa, amanhã eu quero você logo cedo no trabalho. Não vou dar moleza só por causa disso aqui não, entendeu? — Chicão falou com o mesmo olhar implacável de antes.

Ele afivelou o cinto, deu uma última arrumada na camiseta e se foi. Ele estava de tão bom humor que saiu até assobiando. Talvez no dia seguinte não batesse tanto em Isabel.

Ela se manteve imóvel durante muito tempo, não saberia dizer quanto, deitada de lado em posição fetal e com o olhar perdido no vazio. Não chorava mais. Apenas se perguntava o que poderia ter feito de diferente para evitar tudo aquilo.

Então começou a pensar que podia ter contribuído para aquele acontecido, que talvez tivesse feito algo para atrair aquilo sobre si. Uma forma terrível de o subconsciente tentar preservar a sanidade.

Quem sabe se, mudando a postura, ela poderia garantir sua segurança no futuro? Sua cabeça tentava encontrar alguma forma de ter esperanças de que ela poderia evitar que aquilo se repetisse.

Isabel só se levantou quando ouviu vozes de homens conversando no pátio. Sabia que se outros daqueles malditos a encontrassem daquele jeito, quase sem roupa, seria um verdadeiro convite para tudo se repetir.

Assim, vestiu-se e guardou as ferramentas numa rapidez impressionante para alguém que sentia o corpo inteiro doer, após tanto apanhar. O instinto de sobrevivência falava alto naquele momento. Ela queria sair daquele lugar o mais depressa possível.

Isabel caminhou até o alojamento, com os dentes cerrados e todos os músculos tensos. Não sabia o que encontraria, mas tinha certeza de que seria o centro das atenções — adoraria ser invisível naquele momento.

O alojamento era amplo, com diversas camas de solteiro perfiladas e uma mesa de madeira grande no meio. Ali as mulheres dormiam e faziam suas únicas duas refeições diárias, que eram preparadas pelas mais velhas, menos talhadas para o trabalho duro da lavoura. Ao fundo havia um banheiro amplo com diversas duchas.

Várias das outras mulheres viraram-se ao mesmo tempo para Isabel, quando ela entrou. Por sua aparência, era óbvio o que havia acontecido.

— Querida, vá tomar um banho, você se sentirá melhor. A água é gelada, mas ajuda assim mesmo. E tem toalhas limpas no banheiro — uma delas falou. — E meu nome é Alessandra.

Isabel não respondeu. Apenas fez que sim, cabisbaixa. Caminhou lentamente até o banheiro, sob o olhar solidário das demais. Todas elas, sem exceção, conheciam aquela situação muito bem. Mas sabiam que com o tempo Isabel embruteceria também, e o sofrimento diminuiria. Ou isso ou ela acabaria se matando, como fizeram algumas.

Isabel entrou no banheiro, onde havia diversos chuveiros, vasos sanitários e pias. E lá dentro Isabel se mirou num espelho, velho e descascado nas bordas.

Sua aparência era assustadora. Um olho roxo, o lábio partido e com um pouco de sangue coagulado no canto, e os cabelos estavam empastados de suor e poeira. Ela apresentava pequenas escoriações por todo o rosto, e um grande hematoma no pescoço — prova do afeto de Chicão.

Isabel sentia nojo de si mesma. Se pudesse, arrancaria aquela marca do pescoço com uma faca.

Tomou um longo banho e, quando voltou para o alojamento, constatou com alívio que sua bolsa, que fora levada, estava lá, jogada num canto, revirada; mas as poucas roupas de que dispunha permaneciam intactas. Vestiu bermuda e camiseta.

Isabel não falou com ninguém. Perguntou onde poderia dormir, deitou-se numa das camas simples, puxou o lençol sobre a cabeça e se virou de lado, encolhendo-se.

E chorou a noite toda.

* * *

No dia seguinte, Isabel trabalhou até de noite com Marcelo sem pronunciar uma única palavra. Não havia nada a ser dito. Na realidade, ela tremeu quando Chicão surgiu mandando todos guardarem as ferramentas para se recolherem. Ele sorriu quando olhou para ela; parecia estar revivendo os momentos da noite anterior.

Isabel queria trabalhar a noite toda, sem parar. No momento em que soltasse o enxadão, o pesadelo retornaria. O trabalho na plantação era o seu escudo protetor. Quando as tarefas do dia acabaram, Isabel se sentiu desamparada e vulnerável.

— O que eu faço agora? — ela perguntou para Marcelo, com uma nota de pânico na voz.

— Acompanhe as outras mulheres, volte para o alojamento.
— Marcelo reparara nas marcas no rosto da novata.

— E depois? — Isabel o fitava, ansiosa.

— Depois só resta esperar. Pode ser que ninguém apareça por lá, vocês todas simplesmente dormirão, e amanhã cedo nos encontraremos aqui de novo para mais um dia. — Marcelo tentava fazer aquele parecer um assunto simples.

Isabel se despediu de Marcelo e caminhou até o alojamento seguindo as outras mulheres. As demais olhavam-na com uma mistura de pena e alívio por não estarem na situação dela. Isabel era a novidade dentre todas que estavam ali. Se algum daqueles marginais pusesse os pés no alojamento feminino à procura de diversão, ela seria a escolha óbvia.

Isabel tomou banho, desanimada, e mal encostou na comida. Sentia-se como um animal sendo levado para o abate. Ela rezava por um milagre, mas se sentia bastante desesperançosa; era a única coisa que lhe restava fazer.

* * *

Canino caminhava com alguns dos seus homens mais leais, contrariadíssimo. Estava de péssimo humor. Os dias perto de Emmanuel o deixavam assim. E agora seus colaboradores vinham cobrando uma promessa da qual ele não podia mais fugir.

— Vamos, chefe, que cara é essa? Nem parece que estamos indo nos divertir! — um deles comentou.

— Isso não é diversão. É estupro — Canino contrapôs, irritado.

— Qual é, Canino? Aposto que elas gostam! As mulheres também sentem falta de um homem por perto, sabia? — outro emendou. — Eu sempre procuro a mesma garota, Clara. É bom, a gente sempre bate-papo depois, é quase como se ela fosse a minha namorada.

Canino não gostava daquela história. Era um motivo constante de briga com Emmanuel. Por mais de uma vez ele exigiu que o chefe do quartel punisse os homens que tratassem as mulheres com violência, mas ele dava de ombros.

— Se você é recalcado, é problema seu. Eu não vivo sem mulher. Se você não gosta, vai arrumar um namorado, então — Emmanuel disparou, sarcástico, em certa ocasião.

Foi um milagre Canino não ter partido para cima dele.

Fazia meses que ele vinha se esquivando, noite após noite, e agora ele não via mais saída. Ele não queria ir, mas também não podia se esquecer de com quais indivíduos lidava.

Seus homens farreavam junto com os capangas de Emmanuel, enquanto ele permanecia no seu quarto quase todas as noites, sozinho. Canino precisava participar daquele jogo. Do contrário, a lealdade dos seus comparsas poderia mudar de lado, e isso seria sua sentença de morte.

Chegou ao alojamento feminino disposto a acabar logo com aquele tabu. Pegaria a primeira mulher que encontrasse pela frente e

levaria consigo.

Quando os sete homens entraram no alojamento, quase todas as mulheres já estavam deitadas, algumas conversavam em voz baixa. Isabel era uma das poucas sentadas na cama. Seu olhar estava parado no vazio, distante de tudo. Ela contava os segundos, torcendo para que ficasse tarde demais para alguém aparecer.

Então, encolheu-se quando viu aquele grupo entrar. As demais mulheres se aquietaram, esperando o que viria a seguir. Duas delas já se levantaram, pois sabiam que teriam de acompanhar alguns daqueles homens. Uma parecia gostar da visita.

— Clarinha! Você está linda, meu bem! — exclamou o homem que falara com Canino havia pouco. Ele se aproximou de Clara, uma moça negra aparentando uns trinta anos, que sorriu de volta. — Vamos lá para o meu quarto? Estou precisando de uma massagem, meu amor.

— Vamos, sim, eu vou consertar essas suas costas. — Clara, sorrindo, segurou a mão do rapaz.

— Viu só, Canino? É bom conhecer gente nova rapaz, ânimo! — Então, ele seguiu com Clara na direção da porta.

Canino, entretanto, não se convenceu. Conhecia bem as histórias, sabia que muitas mulheres já tentaram se rebelar contra aquela situação, e o desfecho não era dos melhores.

Ocorreram casos de espancamentos e até mesmo estupros coletivos, realizados ali mesmo no alojamento, e na frente de outras. Aquele casal não era a regra, era a exceção.

Isabel queria poder ficar invisível, estava com o coração disparado. E ela notou que vários daqueles recém-chegados olhavam direto para ela. E isso a deixava ainda mais apavorada. As lágrimas começaram a cair. E foi justamente isso, e não sua beleza, que chamou a atenção de Canino.

Ele olhou para a bela morena, primeiro com curiosidade, pois nunca a vira antes, e depois com piedade. Sabia de quem se tratava. Fora informado na véspera de que eles tinham uma nova moradora no quartel. E já sabia inclusive o que Chicão, o capataz psicopata de Emmanuel, fizera com ela.

Quando viu um dos seus homens fazendo menção de se aproximar de Isabel, Canino se antecipou. Se ele não podia impedir que aquilo acontecesse, podia pelo menos amenizar as coisas.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou para Isabel, que se encontrava a uns sete metros de distância.

Ela, entretanto, não respondeu.

Canino se aproximou da mulher que não conseguia falar. Ela apenas chorava, com os olhos fixos no próprio colo.

— Não precisa chorar, qual é o seu...

Isabel, de um momento para o outro, se transformou. Ela nunca fora frágil, e muito menos medrosa, e de repente se lembrou disso. Não se entregaria. Não sem uma briga das boas.

Assim, levantou-se de um salto numa repentina explosão de adrenalina, e voou sobre Canino como um cachorro raivoso. Aquilo o pegou desprevenido; não esperava por aquela reação.

Isabel saltou sobre ele como uma louca, derrubando-o de costas no chão, se aproveitando do elemento surpresa. O homem ficou estupefato; quem era aquela maluca?

— Você... não... vai... encostar... um... dedo... sequer... em... mim!
— ela gritou, alucinada, dando um soco na cara de Canino a cada palavra pronunciada.

Os homens dele riram e vibraram com aquela cena, não conseguiram resistir. Ver o chefe apanhando de uma mulher era algo engraçado demais.

— O que é isso, Canino? Essa é durona! — um gritou.

— O que foi, chefe, ela é muita areia para o seu caminhãozinho?
— outro emendou.

— Para com isso! Você é maluca? — Canino gritou, furioso, quando enfim conseguiu segurar os dois pulsos de Isabel, alucinada de ódio.

— Me larga, seu filho da puta! Eu vou matar você! — Ela se debatia, ensandecida.

Outras mulheres se aproximaram correndo, sem saber o que fazer. Por um lado, sentiam que deviam apartar a briga; por outro, eram solidárias demais com as que sofriam abusos para colaborar com um homem.

Por fim, Canino conseguiu dominar Isabel, derrubando-a no chão, e subiu nela, segurando seus dois pulsos contra o piso frio.

— Para com isso! Para de se debater! Eu devia arrebentar você!
— Canino ficou ainda mais bravo quando viu três gotas de sangue caindo no rosto de Isabel. O sangue *dele*.

— Eu mato você! Eu odeio você! Tarado! Perverso! — Isabel gritava, raivosa, enquanto se debatia, completamente fora de controle.

Canino a segurou por alguns instantes, tentando mantê-la imóvel. Não podia acreditar que ela fizera aquilo com ele, justo quando pretendia ajudá-la. Devia entregar a desgraçada numa bandeja para Chicão, pensou.

Depois de quase um minuto parado segurando-a, ele resolveu o que faria. Não sabia por que aquilo lhe ocorrera, mas estava decidido.

Canino se levantou, puxando-a junto. Isabel começou a se debater de novo, mas ele deu uma ordem para seus homens:

— Me ajudem com ela, tragam-na para o meu quarto, agora!

Os seus comparsas pararam de rir na hora. Canino estava furioso, e ninguém brincava com ele quando ficava com aquele olhar.

Isabel se debatia e brigava, parecia possuída pelo demônio. Não se entregaria, não se renderia. Infernizaria tanto aquele homem que ele iria desistir ou matá-la. Naquele momento, qualquer uma das duas opções servia.

Canino saiu do alojamento andando à frente, seguido por três homens que carregavam Isabel do jeito que dava, para seguir a ordem de não machucá-la. Ela se contorcia, chutava, esperneava e xingava. Se estivessem em um hospício, sem dúvida ela estaria enfiada numa camisa de força.

Caminharam chamando atenção por onde passavam, com Isabel xingando tudo e todos aos berros. Ela gritou praticamente todos os palavrões de que se lembrou.

Toparam no meio do caminho com Chicão, que se dirigia ao alojamento feminino. Ele ficou perplexo vendo aquela cena bizarra, sua bela morena sendo praticamente arrastada por três homens que

mal conseguiram contê-la, e Canino, à frente, com o supercílio sangrando.

— Ei, o que é que está acontecendo aqui? — Chicão parou na frente do grupo com as duas mãos na cintura.

Canino não perdeu tempo com explicações. Sua expressão se tornou ainda mais fechada. Aquilo tudo já estava deixando-o muito zangado. Sacou a pistola que trazia à cintura e encostou no peito do mulato, fazendo Chicão perder a coragem.

— Sai da minha frente, seu monte de merda! Ela é minha!
— Canino rosnou, enfurecido.

Chicão ergueu ambas as mãos imediatamente.

— Calma, cara, pode ficar com ela! — Chicão se pôs de lado para que o grupo pudesse passar.

Chegaram ao prédio onde Canino e seus homens dormiam, um alojamento de dois andares chamado Hotel de Trânsito, que antes era destinado a oficiais de fora do quartel. Eles subiram um lance de escada e rumaram até o fim do corredor. O quarto de Canino era o maior de todos. Os três homens pensaram para chegar até ali, mas a energia de Isabel parecia não ter fim.

Canino pegou a chave do quarto e destrancou a porta, escancarando-a de uma só vez. Depois ordenou:

— Coloquem-na aí dentro! Agora! — E apontou o interior do quarto.

Os homens empurraram Isabel, que caiu deitada na cama de casal. Estava suada e com os cabelos desgrenhados. Ela ficou de joelhos e, com as duas mãos apoiadas na cama, olhou para o grupo como uma loba feroz encurralada. Estava pronta para resistir.

Canino entrou em seguida no quarto. Nele havia uma cômoda, um guarda-roupa de duas portas, um criado-mudo e um banheiro minúsculo revestido de azulejos bege.

— Agora, caiam fora daqui, todos vocês! — Canino esbravejou.

— Canino, você não acha melhor... — um deles iniciou a frase, mas ele o interrompeu.

— Eu acho melhor vocês me obedecerem! Fora daqui! — Canino estava vermelho como um pimentão.

Os homens obedeceram imediatamente, e saíram, fechando a porta, deixando os dois a sós.

Isabel continuou na cama, agachada. Estava de bermuda, camiseta e descalça, pronta para pular em seu pescoço e arranhá-lo de novo se tentasse algo.

Canino a mediu de cima a baixo. Estava furioso pelo que ela fizera. Sentia vontade de dar uma surra naquela doida. Mas em vez disso trancou a porta do quarto e guardou a chave no bolso da calça jeans. Em seguida, dirigiu-se ao banheiro e começou a revirar as gavetas do móvel sob a pia.

Isabel observava tudo atenta, procurando adivinhar qual seria o próximo movimento daquele homem.

De repente ele parou; encontrara o que procurava. Voltou para o quarto com um pacote de gaze e um rolo de esparadrapo. Jogou as duas coisas na cama na frente de Isabel, que piscou duas vezes, perplexa.

— Agora, se vira e conserta essa merda que você fez! — Canino indicou o ferimento que Isabel lhe causara.

Ela olhou para ele, desconfiada. O que aquele sujeito estaria tramando? Mas não havia por que ficar na dúvida, só precisava tocar nele.

— Me dê a sua mão — Isabel pediu, sem se importar se aquilo parecia estranho.

— Por quê? O que está tramando? — ele perguntou, cismado.

— Se você está disposto a me deixar fazer um curativo na sua cara, não tem motivo para não segurar a minha mão — Isabel retrucou.

Canino alternava o olhar entre o rosto dela e sua mão. Não sabia o que Isabel estava aprontando, mas não estava disposto a correr riscos desnecessários. Assim, sacou a pistola da cintura, e o sangue dela gelou. Grande parte do ímpeto de lutar se desfez no exato momento em que viu a arma.

— Pense bem no que você vai fazer, minha paciência tem limites. — E Canino estendeu a mão para Isabel.

Ela fitou aquela mão cheia dos arranhões recentes que ela mesma causara. Foi tudo tão rápido que Isabel nem se lembrou de ler a

mente dele, mas agora chegara o momento.

Ela segurou a mão de Canino com firmeza, tentando conter a própria ansiedade. Chegou a fechar os olhos, procurando se concentrar, o que causou enorme estranheza no homem ferido.

— Que raios você está fazendo? — Canino perguntou, perplexo.

— Meu Deus do céu! Por favor me perdoe! Por que você não falou antes?! — Isabel perguntou, arrependida.

* * *

Eram duas horas da manhã, e Isabel e Canino ainda conversavam. Tanta empatia se explicava não só pelo fato de ambos terem muito em comum, mas também porque eram dois solitários fazia muito tempo. Na prática, ele era a primeira pessoa com quem ela conseguia ter uma conversa normal em meses. E Canino só conversava com aquele bando de loucos que ele e Emmanuel comandavam.

E claro, Isabel sentia uma imensa gratidão por ele não querer estuprá-la. Além disso, Canino dera um tremendo susto em Chicão, o que fez com que ela se sentisse parcialmente vingada. A lembrança do mulato apavorado só fazia a simpatia dela por Canino aumentar.

— Você arrancou a orelha dele fora? É sério mesmo? — Isabel perguntou, sorrindo. — Que nojo!

— Eu não tinha escolha! Ele me mataria; aquele cara era pior que você! — Canino se defendeu, rindo.

— E o gosto era bom? — Isabel quis saber.

— Sim, uma delícia! Eu recomendo. Louca do jeito que você é, aposto que adoraria!

Ambos gargalharam daquele diálogo absurdo.

— Não acredito nisso, você realmente lê mentes... — Canino se sentia maravilhado.

Isabel explicou como viu suas reais intenções. Ele não sossegou enquanto ela não revelou toda a história a respeito dos seus dons. E não a deixou em paz até que ela fizesse diversas demonstrações.

— Corinthians! — Isabel disse, na lata.

Resposta correta.

— Heliópolis!

Certa de novo.

— Carlos Nira Novais! — afirmou.

Mais uma resposta correta.

— Não, eu não vou para a cama com você. — Isabel enrubesceu, voltando a se sentir mal.

Canino sorriu, mas se arrependeu na hora da brincadeira sem graça. No entanto, a resposta estava correta.

A conversa continuou, porém sem o mesmo ânimo de antes, e Canino ficou sério de repente. Aquilo não passou despercebido à Isabel.

— O que houve? — Isabel indagou, preocupada.

Apesar daqueles momentos de descontração, ela continuava com os nervos à flor da pele. Tentou segurar a mão dele, o que fazia toda vez que ficava curiosa ou apreensiva do que se passava pela cabeça de alguém. Mas não foi preciso, pois Canino começou a falar:

— Estou preocupado. Se Emmanuel sonhar com esse seu dom, vai pegar você para ele. E eu estou falando literalmente. Ele tomará posse de você como um objeto. Emmanuel irá trancá-la no quarto dele e usará para manter todos sob controle. Seu dom é poderoso. Neste lugar, saber quando os outros mentem ou falam a verdade, é algo valiosíssimo.

Isabel ponderou sobre aquilo por um instante. A vida toda fora assim, ela sempre se preocupou em não permitir que tentassem explorar seus poderes. Até mesmo agentes da Polícia Federal, certa ocasião, assediaram ambas irmãs, para que ajudassem no interrogatório de suspeitos. Alex precisou reunir um time de advogados, na ocasião, e recorreu ao Ministério da Justiça para que deixassem suas filhas em paz.

— Não se preocupe, eu serei discreta. Mas não faço ideia do que fazer para manter Emmanuel e os demais longe de mim. — Isabel voltou a sentir o medo enlouquecedor de antes.

— Quanto a isso, não se preocupe. Vou inventar uma história. Direi para todos que você é minha, exclusivamente minha. Ninguém, nem mesmo Emmanuel, vai se meter comigo nesse assunto. — Canino se mostrava seguro de si.

Isabel soltou um suspiro de alívio.

— Muito obrigada. Não sei como agradecer! — Ela sorriu, sentindo que finalmente a nuvem pesada e negra que a envolvia fazia tanto tempo começava a se dissipar.

Canino nada disse. Apenas estendeu a mão para ela de novo. Isabel sorriu e deu de ombros, repetindo o mesmo gesto de antes, segurando a mão dele com firmeza. No instante seguinte, ela o soltou e deu-lhe um tapa.

— Eu já falei que não, seu tarado!

E ambos caíram na risada.

Aquela cena foi se repetindo, noite após noite, semana após semana. Todos os dias começavam iguais. Quando saía do alojamento das mulheres, Isabel dava de cara com Canino. Ele ia esperá-la na porta, e depois a acompanhava até a lavoura. Caminhavam de mãos dadas, como namorados, mas a verdade era que se tornaram grandes amigos.

No meio do dia, ele ia encontrá-la no trabalho. A regra das duas refeições por dia não se aplicava a Canino, Emmanuel e aos capangas, e por isso ele sempre pegava alguma coisa do almoço e levava para Isabel no meio da tarde. Ela comia, ávida, pois era um período muito longo entre uma refeição e outra.

Como Isabel fizera amizade com Marcelo, Canino também trazia algo para ele comer, mesmo sabendo que se arriscava.

E todas as noites, sem exceção, eles ficavam juntos. Canino ia até o alojamento das mulheres, onde Isabel o aguardava com um sorriso. Os homens ficaram surpresos com aquela mudança do chefe. Antes ele nunca queria procurar as mulheres, agora era o primeiro a ficar pronto.

— Vamos, galera, estou com pressa! Rápido! — ele dizia sempre, acelerando os demais.

— Calma, chefe, vai tirar o pai da força? Ela não vai fugir, não!

As mulheres também ficaram surpresas com a mudança de Isabel, e algumas tinham até uma ponta de inveja. Canino não era exatamente bonito, mas pelo menos era bem mais civilizado e ponderado do que a maioria daqueles selvagens, e naqueles tempos difíceis aquilo se tratava de uma grande vantagem.

— Você demorou hoje! O que foi que o senhor estava aprontando?
— Isabel perguntou certa vez, quando Canino chegou apressado.

Percebendo que todos olhavam para os dois com mais interesse do que o de costume, ela deu um leve beijo nos lábios do amigo, que começou a ficar vermelho no mesmo instante.

Assim que eles saíram do alojamento de mãos dadas, ele falou com ela, ainda com um sorriso estranho no rosto.

— Por que você me beijou? — Canino estranhava o fato de estar um tanto ansioso pela resposta.

— Para que eles não desconfiassem. Se queremos que acreditem que estamos namorando, vamos ter que nos beijar de vez em quando, concorda? — Isabel perguntou, pensativa, e precisou se esforçar para não rir, pois os pensamentos de Canino viajaram para longe após o beijo, mais precisamente para a cama dele.

— Sim, tem razão, boa ideia. — Canino não conseguiu disfarçar uma ponta de decepção. Mas também ficara estranhamente animado com a perspectiva de ganhar alguns beijos todos os dias.

No quarto de Canino, os dois ficavam inventando coisas para fazer. Os quartos eram iluminados com lampiões e velas; a energia elétrica era racionada, porque o gerador do quartel não era muito potente, e por isso era aproveitada apenas para atividades essenciais. Dessa forma, as opções de diversão eram escassas.

Eles jogavam baralho, xadrez, liam livros que retiravam da biblioteca, ou simplesmente conversavam horas a fio, muitas vezes a respeito dos desvarios de Emmanuel e suas frequentes e doentias demonstrações de poder, que enlouqueciam Canino e enchiam Isabel de repulsa e raiva.

Em um desses episódios, Isabel narrou com detalhes a morte do marido. No fim, ela estava com lágrimas nos olhos.

— Não tive escolha, era ele ou eu. — Até então ela não havia contado para ninguém sobre o ocorrido.

— Não fique assim. Foi a melhor coisa que você poderia ter feito. Tenho certeza de que ele não ia preferir andar por aí transformado numa dessas feras, concorda comigo? — Em seguida, Canino a abraçou, tentando consolá-la.

Isabel o abraçou forte, colocando o rosto no pescoço do amigo. Canino sentiu o cheiro dos cabelos dela, e aquilo mexeu com ele. Era um cheiro suave do sabonete do quartel, mas vindo dela causava um efeito completamente diferente.

Ele sentiu o coração acelerando, o que não era um bom sinal. Estava passando tempo demais com aquela mulher, e algumas fantasias tornaram-se inevitáveis. Canino se achava prestes a dizer algo quando alguém bateu na porta. Uma batida cheia de urgência que causou um sobressalto nos dois.

Canino arrancou a camisa fora, exibindo várias tatuagens. Isabel entendeu sua intenção: precisava ser convincente sobre o que eles faziam todas as noites, e aparecer todo vestido não convenceria ninguém.

Quando Canino abriu a porta, deu de cara com um dos seus homens. O rapaz estava tão pálido que mais parecia um fantasma. Aquilo só podia significar uma coisa.

— Apague o lampião e venha comigo, Canino. Tem um grupo de zumbis enorme lá fora!

Canino se virou às pressas e apagou a luz, mergulhando tudo na escuridão. Quando fez menção de sair com o rapaz, Isabel já estava à soleira, pronta para acompanhá-los.

— Fique aqui, é perigoso lá fora — Canino falou, rápido, apanhando a pistola na gaveta da cômoda.

— Em se tratando de zumbis, ficar aqui ou lá fora será perigoso de qualquer jeito. Quero ficar perto de você, essa é a opção mais segura. — Isabel segurava a porta.

Canino ponderou sobre aquilo por um instante. E de fato não queria mesmo deixar Isabel sozinha.

— Tudo bem, pode vir. Mas não saia de perto de mim nem por um segundo, entendeu? — E Canino a arrastou pela mão corredor afora.

Ao chegarem do lado de fora, Emmanuel e vários outros se achavam no pátio, escondidos atrás de alguns caminhões estacionados. Quase não dava para enxergá-los abaixados em meio à escuridão; todas as luzes foram apagadas, mas sob o luar era possível observar as silhuetas.

— Que diabos ela está fazendo aqui? — Emmanuel perguntou em voz baixa, irritado ao ver Isabel junto com Canino.

— Ela está comigo, nem comece. — Canino perguntaria sobre os mortos-vivos, mas não foi necessário, pois, ao olhar na direção da cerca, pôde enxergá-los bem, apesar da escuridão.

Era uma verdadeira multidão de criaturas. E caminhavam rentes à cerca do lado de fora. Um bando imenso de desgraçados que, ao deparar com aquele obstáculo, continuou avançando em paralelo ao quartel. Alguns às vezes paravam e olhavam para dentro, observando o pátio imerso nas trevas.

Isabel engoliu em seco; nunca vira tantos zumbis reunidos antes. Eram tantos que, à medida que avançavam naquela marcha arrastada, derrubavam todo o capim e os arbustos que rodeavam a cerca naquele ponto; vinham como uma praga de gafanhotos destruindo uma gigantesca plantação.

— Meu Deus do céu... quantos deles estão nesse bando? — Isabel perguntou, assustada, sem conseguir desviar o olhar.

— Milhares. Essa procissão já dura quase dez minutos — respondeu um dos homens.

— Vocês dois, calem a boca! — Emmanuel sibilou. — Se eles decidirem atacar, duvido que essa cerca aguente.

Outra coisa assustadora eram os sons. Os mortos-vivos gemiam e resmungavam o tempo todo, avançando sempre. Apesar de estarem a aproximadamente trinta metros de distância, os ruídos chegavam altos e claros.

Nada seria capaz de conter um ataque de um número tão grande de criaturas. Eram tantos zumbis que poderiam ocupar uma cidade de pequeno porte inteira, até a última casa e apartamento.

Aquela turba numerosa continuou o desfile macabro por mais quarenta minutos ininterruptos; parecia que jamais teria fim. Aos poucos, porém, a coluna foi ficando mais escassa até passarem os últimos zumbis. Depois disso, a noite ficou silenciosa de novo, como se nada tivesse acontecido.

— Como se forma um grupo desses? Como isso acontece? — Canino estava perplexo.

— Não faço ideia. Pelos meus cálculos, a fila devia ter uns três quilômetros, mais ou menos. E era muito compacta, quase não tinha espaços entre os zumbis — Isabel observou.

— Quantos você acha que havia? — Canino perguntou.

Até Emmanuel prestava atenção àquela conversa.

— Eu diria quinze mil. Talvez mais — Isabel afirmou, com sinceridade.

Todos se entreolharam. A conta de Isabel fazia sentido, e se ela tivesse razão não havia dúvida de que aquela cerca não seria capaz de suportar um ataque, pelo menos não por muito tempo. Se aquele bando avançasse contra o quartel, seria o fim.

— É preciso tomar cuidado. — Emmanuel mantinha um tom cautelosamente baixo. — Suspendam todos os trabalhos nos próximos dias. Quero todos dentro dos quartos e alojamentos. Apenas o pessoal da comida e da segurança vai circular, e mesmo assim o mínimo possível. E manteremos as luzes apagadas à noite.

Ninguém se atreveu a contestar as ordens de Emmanuel, nem mesmo Canino. E fazia sentido. Enquanto não tivessem certeza absoluta de que aquele bando estava bem longe, era imprescindível que permanecessem invisíveis.

Todos retornaram para dentro, com exceção dos vigias. Isabel e Canino vinham em silêncio, enquanto outros homens murmuravam sobre o que acabaram de presenciar.

Ao entrarem no corredor que levava até o quarto dele, Canino iniciou a conversa, tentando arrumar uma forma de abordar o assunto de que queria tratar:

— Pelo visto, você vai ficar de folga nos próximos dias.

Isabel sentiu o tom de hesitação dele e, com discrição, tomou-lhe o braço. E ela viu tudo que ele queria dizer, e aonde queria chegar. Os mesmos pensamentos que Canino teve quando se abraçaram antes de serem interrompidos pelos zumbis em marcha. Ela se espantou consigo mesma, porque sentiu o coração acelerar. Não de medo, mas de excitação. E decidiu que aguardaria que Canino desse o próximo passo.

— Sim, eu sei. Vai ser um tédio permanecer trancada no alojamento. Pelo menos na lavoura as horas passam mais rápido

— ela comentou.

— Bom, você não precisa ficar trancada lá... Poderia ficar aqui comigo.

Isabel antecipara aquela sugestão, ao ler os pensamentos dele. E ela sabia muito bem o que Canino pretendia com aquela ideia.

— Somos tão amigos e nos damos tão bem, poderíamos fazer companhia um ao outro — Canino continuou, tentando convencê-la, e imaginou, pelo olhar dela, que talvez Isabel estivesse reticente.

Na realidade, ela já tomara a decisão no momento em que se abraçaram, mais cedo.

— Você sabe como é... esses caras daqui são meio loucos. Vão ficar vários dias sem nada para fazer, e podem ter a brilhante ideia de invadir aquele alojamento sem que eu esteja por perto, e aí só Deus sabe o que pode acontecer — Canino afirmou, preocupado; aquele era um medo real.

Mas ela percebeu que ele forçava o tom de propósito, no intuito de assustá-la também.

— Podemos jogar baralho, xadrez... Talvez eu até consiga ensiná-la a jogar direito. Afinal de contas, você não é muito boa mesmo...

— Carlos, eu acho que você se esqueceu do que eu sou capaz. Pode parar de teatro, já sei o que você quer. — Isabel o encarou com um olhar penetrante.

Canino congelou. Seu mundo interno ficou silencioso e em suspense. Olhou para o braço dela enlaçado no seu, e se deu conta de que havia caído numa arapuca, de bobeira.

No mesmo instante começou a repassar mentalmente tudo o que pensara. E apavorou-se. Enquanto eles caminhavam ele viajou nos seus delírios. Traíra-se de todas as formas possíveis e imagináveis. E agora Isabel sabia de tudo. Aliás, os pensamentos dele não importavam. Ela conseguia qualquer informação que quisesse, sempre.

— Isabel, acho que você pode ter entendido tudo errado, deixe-me explicar. — Canino tentava soltar o braço.

Mas Isabel, delicadamente, o prendeu. Agora eles iriam até o fim; ela ia fazê-lo confessar.

— Você me ama? — Isabel perguntou à queima-roupa. Já sabia a resposta, mas queria ouvir da boca dele.

Canino tentou imaginar uma grande tela branca, mas não adiantava nada. Isabel sorriu ao devassar a alma daquele homem tão solitário.

Bem devagar, ela se virou diante dele e enlaçou Canino pelo pescoço, sentindo os braços roçarem na sua barba. Não perdeu o contato nem por um segundo, pois queria perceber todas as reações dele. Sentiu Canino enlouquecer de ansiedade, e o ouviu se perguntando mentalmente se estaria sonhando.

— Eu aceito. Também quero porque sinto a mesma coisa. — E Isabel deu-lhe um beijo nos lábios.

Logo em seguida estavam nus na cama, fazendo sexo com paixão. Eles se amaram com desespero, tentando apagar os momentos de tristeza, medo, solidão e ódio que experimentaram durante todos aqueles meses.

Atingiram o clímax várias vezes, confirmando uma sintonia ainda maior do que imaginavam. Isabel ficou ainda mais surpresa que ele. Quando Josué morrera, imaginara que nunca mais desejaria outro homem.

Entretanto ali estava ela, com Canino encaixado entre suas pernas. Mas fazia algum tempo que Isabel queria seguir em frente e deixar o passado para trás; e agora o momento chegara.

Sem dizer uma única palavra, ficaram abraçados na cama. Mas não havia silêncio realmente, pois todo o tempo Canino repetiu que a amava, e ela *ouviu* tudo com um sorriso no rosto.

* * *

E assim Isabel e Canino transformaram em realidade o que fingiram semanas a fio. Durante dias quase não saíram do quarto. Com tanto tempo livre o que eles mais fizeram foi sexo.

— Meu amor, eu acho que posso me acostumar com essa rotina — Canino comentou, deitado na cama com ela sobre si.

Isabel estava nua, com as duas mãos cruzadas sobre o tórax dele e o queixo apoiado sobre ambas.

— Você precisa se acostumar comigo. Já pensou nessa frase três vezes antes de falar. — Isabel sorria.

— Isso não é justo! Nada do que eu falo é novidade! — Canino reclamou, rindo.

— Enquanto você pensar tanto para falar, não será mesmo. — Isabel achava graça da indignação dele.

Depois que o toque de recolher foi suspenso, ela precisou retomar seu trabalho na lavoura, mas eles continuaram se encontrando todos os dias. Em alguns, Isabel nem voltava para o alojamento, como se fossem casados.

O problema era que aquilo tudo começava a chamar a atenção de Emmanuel. E não tardou para o desafeto se manifestar durante o almoço.

— E aí, Canino, estou sabendo que você está em lua de mel. — Emmanuel dirigiu-lhe um sorriso maldoso.

— Você é impressionante, não deixa escapar nada — Canino afirmou, sarcástico.

— Está de bom humor, pelo visto. Diga-me, ela é boa? Faz tudo direitinho? — Emmanuel se mostrava disposto a irritar o inimigo.

— Não tenho por que falar sobre isso com você — Canino respondeu, seco, com uma irritação aguda crescendo rapidamente dentro do peito.

— Ah, mas eu quero saber! Isso me interessa muito, sabia? — Emmanuel se animou, pois percebeu que acertara um ponto sensível.

— Não, Emmanuel, isso não lhe interessa. Pelo simples fato de que não é problema seu, fui claro?

— Eu discordo, meu amigo vira-lata! Afinal de contas, se você não estiver dando conta do recado, talvez ela se interesse em conseguir um homem de verdade, sabe como é... E eu posso querer assumir o posto. Mas antes gostaria de saber se ela tem... digamos... as habilidades necessárias. — Emmanuel quase ria do que ele mesmo dissera.

Mas Canino não achara a menor graça. Ele baixou os talheres e ficou olhando fixo para seu interlocutor. Diversos homens que

estavam por perto, fiéis aos seus respectivos líderes, se remexeram nas cadeiras. Aquilo não estava cheirando bem.

— O que foi? Eu estou apenas brincando com você! — Emmanuel saboreava a irritação do homem que o encarava.

Canino estreitou os olhos de ódio, deixando claro que o sangue começava a ferver nas veias.

Aquele foi o erro fatal. Canino notou a mudança no olhar de Emmanuel. De um sorriso perverso de alguém que estava se divertindo com uma brincadeira imbecil, ele mudou para alguém que enxergava uma oportunidade. Se estivessem jogando pôquer, a reação de Canino teria feito Emmanuel apostar todas as fichas.

Canino cruzou os braços sobre a mesa. Olhava para Emmanuel de um jeito estranho, indecifrável.

— Isabel é uma ótima garota. Vamos deixá-la fora dos nossos problemas, está bem? — Canino sugeriu, com toda a calma, tentando parecer relaxado e tranquilo. No íntimo ele sabia que aquela era a sua última chance de impedir o que imaginava que poderia vir a acontecer.

— Você gosta mesmo dessa garota, não é? Sorte sua, sócio, isso é algo raro e valioso nos dias de hoje. Considere-se um afortunado. — Emmanuel tornou a sorrir. Parecia mesmo feliz com aquela constatação. Perigosamente feliz.

Canino percebeu tudo desabando em câmera lenta. Conhecia o demônio de perto, sabia muito bem o que se passava pela cabeça daquele homem. Quase podia ouvir as engrenagens funcionando.

Continuaram o almoço em silêncio. Canino às vezes arriscava um olhar para Emmanuel, que parecia distante, alheio a tudo e todos. Ele pensava, refletia. Era mais um péssimo sinal.

Canino comeu depressa, no que foi imitado pelos seus homens. Acabaram antes dos demais e se levantaram, deixando Emmanuel e seu grupo acabando a refeição. Mal botou o pé para fora do refeitório, Canino começou a disparar ordens, enquanto eles se afastavam:

— Quero que vocês vigiem Isabel o tempo todo, entenderam? Ela precisa estar sob constante proteção.

— Você acha mesmo que aquele imbecil pretende fazer alguma coisa com ela?

— Com ela não, Rodrigo. Ele vai fazer comigo. O canalha vai me atingir da única forma possível. Isabel será apenas a pessoa errada, no lugar errado e na hora errada. — Canino não disfarçava a apreensão.

Ele passou o dia inteiro remoendo aquele assunto. Estava preocupado e irritadiço, cobrava a todo momento que alguém viesse com uma informação atualizada. Canino estava no limite. Por ele, declararíamos guerra naquela noite mesmo. O tempo todo repassava aquele episódio mentalmente, tentando se convencer de que estava exagerando. Mas não conseguia se acalmar.

Emmanuel tentaria matar Isabel, era uma certeza matemática.

Canino só se acalmou quando a noite caiu e ele finalmente viu Isabel entrando no dormitório com as outras mulheres. Pelo menos agora ele teria a chance de conversar com a namorada.

Canino aguardou exatos vinte e cinco minutos. Esperava que fosse o suficiente para Isabel ter tomado banho e jantado. Depois disso, ele bateu na porta do alojamento e entrou; não podia esperar nem mais um instante sequer.

Ele encontrou Isabel saindo do banheiro. Ela sorriu ao vê-lo, mas logo percebeu que havia algo errado, e o sorriso foi morrendo no rosto. Canino adoraria mentir para ela, mas sabia que não conseguiria; afinal, a namorada tinha aquela capacidade única de decifrar tudo que existia no coração de uma pessoa.

— Tudo bem com você? Sua cara está péssima. — Isabel se aproximou dele para abraçá-lo.

Canino, entretanto, não deixou que ela o tocasse. Queria contar tudo ele mesmo.

— Precisamos conversar. Venha comigo. — Canino apontou a porta, evitando qualquer contato físico com ela.

Isabel parou por um instante, arqueando as sobrancelhas, tentando entender o que havia de errado com ele.

— Você está evitando meu abraço, então não quer que eu leia seus pensamentos. Isso significa que é algo grave. E se é grave, tem a ver com Emmanuel. E como as coisas entre você e ele são sempre ruins,

então só pode ter a ver comigo. Resumindo, você acha que aquele psicopata tentará me fazer mal. Acertei tudo ou algo escapou?

Canino a encarou, perplexo.

— Você também consegue ler mentes a distância? — perguntou, assustado.

— Não, mas ler a mente de alguém centenas de vezes ensina a entender como aquela pessoa pensa. Desculpe, você não vai conseguir me enganar nem com uma muralha nos separando.

— Isabel esboçou um sorriso fraco. Em outras ocasiões ela estaria sorrindo da própria astúcia. Mas naquele momento começava a sentir medo.

— Não se preocupe, eu vou proteger você. Declararemos guerra se precisar. — Canino saiu pela porta do alojamento com ela.

Isabel, ao ouvir a última parte, congelou por dentro.

Canino parou ao ver a namorada imóvel, sem acompanhá-lo. Ele estranhou aquela atitude. Queria levá-la para seu quarto imediatamente. A partir do dia seguinte ela não trabalharia mais, nem sairia de perto dele. Se Emmanuel não aceitasse, bateria de frente.

— O que houve? Precisamos nos apressar, não quero perder nem mais um minuto. Aqui não é seguro! — Canino estendeu a mão para a namorada.

— Você ficou louco? Quer declarar guerra a Emmanuel?

— É lógico que não vou permitir que ele lhe faça mal! Você é o que eu tenho de mais importante neste mundo! — Canino afirmou, decidido.

— Ele matará você, vai assassinar todos os seus homens e depois me esfolará viva. Não sem antes me estuprar e torturar na frente da comunidade toda só para mostrar quem é que manda aqui. Não entende que isso é loucura? Você assinará sua sentença de morte e de mais um monte de gente! — Isabel, muito séria, olhava para Canino no fundo dos olhos.

— Não vai ser tão fácil assim acabar conosco. Se fosse ele já teria tentado, concorda? — Canino se afligia com o rumo que aquela conversa tomava.

— Não, eu discordo. Emmanuel não tentou nada ainda com medo do custo que ele terá. Afinal, ele também precisa dos seus homens. E não o matou porque sabe que isso causaria a morte de vários homens importantes, de ambos os lados — Isabel falou, convicta. — O que o canalha quer mesmo é enlouquecê-lo forçar a cometer algum erro para que ele possa matá-lo sem causar uma guerra, e assim ele controlará tudo. Mas se você tentar enfrentá-lo, se você não deixar outra opção, eu garanto que Emmanuel pagará o preço. Tive pouco contato com ele, mas posso afirmar que se trata de um louco varrido. Vai por mim, eu sei muito bem o que existe na alma de uma pessoa, e já cansei de provar isso.

— Pois muito bem, manteremos você sob proteção constante. Assim ele não fará nada contra você, e não me obrigará a declarar guerra. É simples. — Canino tornou a estender a mão.

— Meu querido, você o deixou perceber que me ama? — Isabel indagou, séria.

Canino não podia mentir. Podia até tentar enganá-la naquele momento, mas quando Isabel o tocasse seria o fim da linha. Precisava ser sincero, não havia saída.

— Sim, deixei. Ele falou de você, e eu me alterei muito mais que de costume. Emmanuel notou claramente isso. — Canino não lia pensamentos, mas soube o que viria a seguir.

— Então, meu amor, só existe uma coisa sensata a fazer. — Ela segurou o rosto dele com as duas mãos.

Canino se desconcertou, pois sabia que não gostaria do que Isabel estava prestes a dizer.

— Não, Isabel, eu não quero. Prefiro lutar. Me recuso a desistir de você.

— Não vou deixar você morrer por minha causa. Se nos separarmos, talvez ele desista. Não haveria motivos para Emmanuel me ferir, talvez me deixasse em paz — Isabel argumentou.

— Ou talvez ele decidisse tomar posse de você, exatamente como eu previ. Ou quem sabe decida que vale a pena tentar assim mesmo, e a mate. É muito arriscado, e você sabe disso, não vou permitir essa loucura. — Canino estava decidido.

Isabel ouvia as palavras e lia os pensamentos. Canino falava com convicção, mas no íntimo estava morrendo de medo. Ele sabia que não possuía os recursos necessários para enfrentar Emmanuel. E que não teria como defendê-la. Mas não desistiria jamais. Canino condenaria todos à morte se fosse para lutar por ela.

Isabel sentiu as lágrimas queimarem os olhos. Para piorar, começou a ler uma imensa sequência de cenas que tornavam a situação ainda mais complicada.

Uma criança que Canino impediu que fosse molestada. Um homem que ele não deixou que Emmanuel matasse por pura diversão. Uma senhora que era esbofeteada por um capanga do seu inimigo, e que Canino protegeu, e ainda deu um corretivo no canalha, causando mais uma crise entre as duas facções.

Isabel enxergou toda a extensão do drama que o namorado estava vivendo. Se Canino morresse, Emmanuel venceria, e todos perderiam. O mal correria sem freios dentro daquele lugar. Não era só ela que precisava dele, a comunidade toda precisava daquele contraponto.

— Meu amor, eu sinto muito! — Isabel começou a chorar, enfim.

Canino se sentiu impotente. Sempre fora uma pessoa habilidosa; numa situação como aquela, normalmente ele sorria e convenceria sua interlocutora de que tudo ficaria bem. Mas com Isabel não funcionava. Diante dela ele era um livro aberto.

— Eu amo você. Sei que é difícil, mas podemos conseguir — Canino falou. — Venci Emmanuel no passado, e posso perfeitamente fazer isso de novo, confie em mim.

Isabel enterrou o rosto nas mãos, desesperada. Várias vezes pensara naquilo tudo, sobre como teria sido melhor ter se transformado em um zumbi no dia em que o mundo inteiro fora contaminado por aquela praga. Viver daquela forma, sempre com medo, sempre aterrorizada, era um inferno. E agora, da mesma forma que acontecera com Josué, ela tinha nas mãos a vida do homem que amava.

Formular aquele pensamento foi a gota d'água. Seria verdade? Ela de fato amava Canino? A tristeza que sentia deixava claro que sim. No começo, Isabel ficou com ele por carinho e por se sentir

terrivelmente só e desamparada. Porém, logo ele conseguiu conquistá-la e preencher o imenso vácuo que se instalara após a morte do marido.

Isabel abraçou o namorado e o beijou com ternura. Queria aliviar o sofrimento dele, mesmo sabendo que a verdadeira tempestade ainda estava por vir.

— Fique calmo, meu querido. Irei para o seu quarto com você e sairei de circulação. Tem razão, essa é a melhor ideia. Quem sabe as coisas se acalmam, não é verdade? — Isabel mentiu. No fundo sabia que não seria tão simples assim. Mas sua atitude encheu o coração de Canino de alívio e esperança.

No dia seguinte, Canino anunciou sua decisão para Emmanuel. Ele disse que não fazia sentido Isabel trabalhar na lavoura, já que era sua mulher e ele era um dos líderes daquele lugar. Por isso ela ficaria com ele o tempo todo, daquele momento em diante.

Quando Emmanuel concordou sem protestar, Canino percebeu que todo o cuidado seria pouco. Era óbvio que o seu maior oponente tramava algo.

Os dias passavam rápido, e Isabel não via quase ninguém. Ficava a maior parte do tempo no quarto e só andava com Canino, não raro com mais um ou dois homens sempre por perto. Era uma marcação cerrada, constante.

Ambos sabiam, entretanto, que manter aquele esquema de proteção implacável seria impossível a longo prazo. Ou eles acabariam deixando alguma brecha ou Isabel enlouqueceria de tanto tédio. Ou ambos.

Mas, após mais um mês sem nenhuma mudança, ambos começaram a se perguntar se não estavam exagerando.

— Eu posso tentar ler a mente dele, amor. Assim tiraríamos todas as dúvidas.

— Pois é, mas confesso que ainda não sei se quero você chegando tão perto assim daquele maluco. Vamos continuar observando.

E mais um mês inteiro se passou, e nada aconteceu. Isabel já estava mais do que farta de não fazer nada, sentia-se irritada.

Certa noite, Emmanuel pediu que Canino fosse conversar com ele, após o jantar. A alegação era de que eles precisavam resolver

algumas pendências sobre a escala dos homens que cuidavam da vigilância.

Canino não gostou nada daquilo, mas de fato aquelas reuniões costumavam ser muito comuns, e já fazia muito tempo que não se encontravam para tratar desses assuntos. Ele não podia deixar de cumprir aquele compromisso, por mais que estivesse preocupado com Isabel.

— Meu amor, acho que você deve ir. Não sei, creio que pode ter sido tudo um alarme falso. O que acha? — Isabel perguntou enquanto eles almoçavam.

— Talvez sim, talvez não. Eu vou, mas alguém vai ficar montando guarda na porta — Canino respondeu.

Ele deixou Isabel sozinha no quarto e saiu, deixando um dos seus homens mais fiéis, um rapaz chamado Gerson, de guarda.

— Não saia daqui e não deixe ninguém se aproximar, fui claro? — Canino falou com firmeza já no corredor, na hora em que havia marcado conversar com Emmanuel.

— Pode deixar, chefe, por aqui ninguém passa — Gerson afirmou, confiante.

Canino deu um beijo de despedida em Isabel e saiu, caminhando pelo corredor e virando na direção das escadas, acompanhado de outros dos seus homens. Infelizmente todas as conversas com Emmanuel eram conduzidas assim, com diversos capangas armados para garantir a segurança.

Isabel se despediu de Gerson, que ficou sentado no corredor, numa cadeira a pouco mais de cinco metros de distância da porta. Assim, ele conseguia enxergar também quem vinha subindo as escadas.

Na ausência de algo melhor para fazer, Isabel decidiu tomar um banho. A água era geladíssima, mas mesmo assim ela adorava aquela parte do dia. Talvez pelo fato de ter ficado tanto tempo sem chegar perto de um chuveiro, quando aquela insanidade começou.

Isabel estava se vestindo dentro do banheiro quando ouviu claramente a porta se abrindo. Canino voltara, pelo visto; de fato fora uma conversa bastante curta.

— Oi, amor, eu já estou saindo, está bem? — Isabel gritou.

Entretanto, não houve resposta. Aliás, ela não ouviu nenhum som esperado, como a porta batendo ou a gaveta da cômoda sendo aberta para Canino guardar a pistola.

Isabel teve um péssimo pressentimento; algo estava errado. Abaixou-se e pegou, atrás da caixa acoplada do vaso sanitário, a pistola que Canino deixara escondida para ela, justamente para um caso de emergência. Tratava-se de uma Glock, uma arma retirada direto do arsenal do quartel.

Isabel ficou indecisa por alguns instantes. Não sabia se esperava por mais algum tempo ou se arriscava sair. Seu lado cauteloso mandava aguardar, mas uma preocupação enorme crescia.

Será que Canino estava bem?

Quando se tem uma arma à disposição, ninguém consegue ficar inerte diante de uma situação de perigo.

Depois de quase dez minutos aguardando, Isabel decidiu arriscar ao menos dar uma olhada. Talvez estivesse enganada. Havia outros quartos naquele corredor, poderia perfeitamente ter confundido com o som da porta do aposento ao lado.

Além do mais, se fosse alguma arapuca armada por algum dos homens de Emmanuel, alguém na certa já teria tentado invadir o banheiro.

Isabel abriu uma pequena fresta na porta, tentando enxergar algo no quarto. O problema era que estava tudo escuro, pois ela levara o lampião a querosene para o banheiro. Assim, não conseguia enxergar nada.

E decidiu abrir um pouco mais a porta e aproximar o lampião, tentando lançar ao menos um pouco de claridade no quarto.

Isabel apoiou o lampião sobre o vaso sanitário, deixando as mãos livres para empunhar a arma com mais cuidado. Não queria fazer nenhuma burrada.

Nesse momento, algo se mexeu na escuridão. Algo que estava até então abaixado ao lado da cama, e naquele instante se ergueu, atraído pela súbita claridade.

Algo que não era mais humano fazia alguns meses. E ele não estava sozinho: outro se ergueu também.

Isabel piscou duas vezes, tentando descobrir se aquilo era um pesadelo. Se fosse esse o caso, queria acordar imediatamente.

Os dois zumbis partiram na sua direção ao mesmo tempo. Um passou sobre a cama, deixando marcas de barro e sujeira no lençol branco. O outro contornou pela esquerda. Ambos vinham cambaleantes e desorientados, mas era uma distância muito curta para uma reação tão rápida.

Isabel apertou o gatilho e atingiu o zumbi da esquerda com um tiro na garganta, o que ela sabia ser inútil. Mas a falta de prática somada ao escuro e ao susto fez com que ela desperdiçasse um tiro e um tempo valiosos. A criatura oscilou para trás com o impacto que estraçalhou sua traqueia, mas continuou avançando.

Isabel desferiu um segundo tiro, que dessa vez acertou em cheio a testa do ser. Mas quando ele caiu para trás, o segundo zumbi já estava perto demais e atacou, empurrando a porta com violência e jogando Isabel para trás.

Ela tropeçou e caiu dentro do banheiro e ao lado do lampião, com o zumbi enfurecido sobre si. A fera era forte e pesada, mas Isabel tinha uma vantagem; mesmo com a queda ela não largou a pistola.

Isabel empurrou o ser para cima com toda a força. Felizmente o zumbi também se atrapalhara todo quando os dois tropeçaram, e isso deu para ela uma fração de segundo de tempo.

Ela encostou a pistola com imensa dificuldade contra o peito do zumbi e disparou. Isabel não tinha espaço nem força para tentar mirar a cabeça. Mas o tiro no tórax talvez lhe desse mais uma oportunidade.

O impacto do tiro da Glock, equivalente a um soco de quase cem quilos, empurrou o zumbi para trás, fazendo-o se desequilibrar e deixando Isabel parcialmente livre. Por pouco a criatura não caiu de costas, o que teria facilitado ainda mais a tarefa dela.

Quando o morto-vivo oscilou, Isabel encostou a Glock no seu queixo e disparou, arrebatando a cabeça dele e fazendo o sangue jorrar até o teto. O ser tombou sobre ela, lavando-a de sangue.

O peso era esmagador, e Isabel mal conseguia respirar. Estava prestes a tentar uma manobra para tirar o zumbi de cima de si quando ouviu um grunhido, animalesco, selvagem.

Não tinha dúvidas: havia pelo menos mais uma criatura no quarto. E ela estava presa sob o zumbi morto.

Ouviu os passos do ser, que grunhia e resmungava, e ela mal conseguia se mover. Isabel começou a se desesperar. Sentia que o coração saltaria pela boca a qualquer momento. Ela precisaria de muita sorte para derrubar o zumbi estando daquele jeito, caída no chão e contando apenas com a iluminação do lampião.

Foi quando teve uma ideia. Era arriscado, mas não havia tempo para mais nada. Isabel esticou a mão livre e apagou o lampião. Essa mudança atraiu a fera, que zanzava pelo quarto, que tratou de rumar na direção do banheiro.

Quando o zumbi entrou no cômodo apertado, apesar da visão apurada, só enxergou dois corpos inertes caídos um sobre o outro, além de sentir o cheiro de sangue e pólvora.

A criatura olhou em volta, confusa, tentando identificar algum sinal de vida.

Enquanto isso, Isabel permanecia imóvel, mantendo os olhos fechados, e até mesmo prendeu a respiração. Era necessário manter a calma, algo muito difícil quando se está no escuro total ouvindo um zumbi a menos de dois metros de distância.

Por fim, o ser saiu do banheiro e rumou para o corredor, afastando-se de Isabel, que soltou a respiração, aliviada, e respirou fundo, apesar do imenso peso sobre seu corpo.

Foi com enorme dificuldade que empurrou o cadáver, que caiu de lado. Isabel estava livre, apesar de exausta, e com os nervos à flor da pele. De repente ela ouviu um disparo ao longe, e logo em seguida, várias pessoas correndo. Escutou também a voz de Canino; a cavalaria finalmente chegara.

— Meu Deus do céu, onde ela está?! Isabel! — Canino gritava no corredor, desesperado.

Quando chegou ao quarto às escuras, trazia a lanterna na mão, e viu o primeiro morto-vivo baleado.

— Estou aqui! — Isabel gritou do banheiro, sentando-se, com o zumbi morto ao seu lado.

Canino correu até ela e a abraçou ali mesmo, sentada no chão, ao mesmo tempo que olhava, perplexo, para a criatura abatida.

— Você está bem? Ele a mordeu? — Canino perguntou angustiado ao vê-la toda ensanguentada.

Isabel fez que não com a cabeça, e narrou os acontecimentos, explicando como havia descoberto os zumbis e tudo que fizera para permanecer viva.

Canino ouviu tudo em silêncio. Isabel, porém, lia os pensamentos dele — uma verdadeira tempestade se armava. Canino repetia o tempo todo a mesma palavra: vingança.

Ele pretendia matar Emmanuel ainda naquela noite, não importava que isso custasse a sua própria vida.

Canino se levantou e a ajudou a se erguer. Isabel caminhou pelo quarto e sentou-se na ponta da cama. Alisou para trás os cabelos cheios de sangue, o que a deixou com um aspecto ainda mais estranho.

— Desculpe, mas eu preciso perguntar: qual foi a explicação que Gerson deu para tudo isso? Ele não devia me proteger? — Isabel sentia uma ponta de raiva surgindo em meio ao nervosismo.

Canino e os demais homens se entreolharam com pesar, Isabel adivinhou a verdade.

— Gerson está morto. Acabamos de encontrá-lo no corredor, logo depois que saiu deste quarto, todo ensanguentado e cambaleante. Tivemos que matá-lo; ele havia se transformado em um zumbi. — Canino suspirou, por fim.

* * *

Canino e seus homens estudaram cuidadosamente o quarto, com base em tudo que Isabel contou. Pela imensa quantidade de sangue do lado da cama, estava óbvio que Gerson fora atacado ali pelos zumbis, o que explicava o fato de eles estarem escondidos quando ela acendeu a luz.

E enquanto Isabel matava os dois primeiros zumbis, Gerson se transformou, foi até o banheiro e depois saiu pelo quartel até ser morto.

A pergunta mais relevante naquele momento era, portanto: como os zumbis entraram? Dois mortos-vivos que conseguiram chegar

justamente ao quarto de Isabel e Canino.

Canino já tinha sua própria explicação, é claro, e por isso queria mandar todos os homens se armarem até os dentes para que eles pudessem lançar um ataque contra o grupo de Emmanuel. Isabel, entretanto, o impediu, dizendo:

— Vocês não têm chance de vencer. Acha mesmo que eles estão deitados em suas camas, dormindo tranquilamente? Garanto que o grupo está de prontidão, só aguardando um ataque.

Canino ponderou sobre aquilo e ficou furioso; era óbvio que Isabel tinha razão. Na realidade, ele mesmo não tinha certeza se todos os seus homens seriam tão fiéis a ponto de lutar contra Emmanuel e seu grupo, três vezes maior, por causa de uma teoria para a qual eles não tinham provas concretas.

No dia seguinte, Emmanuel e Canino conversaram, e Isabel acompanhou tudo. Foi uma conversa civilizada, na qual Canino fingiu não ter percebido o que acontecera. Emmanuel se enfureceu e distribuiu gritos para seus vigias, chamando-os de burros e imprestáveis.

No fundo, Canino sabia que aquela raiva toda tinha outra explicação: ele estava zangado por seu plano ter dado errado.

— Eu realmente sinto muito, Isabel. Ainda bem que você tinha uma arma à sua disposição para se proteger, senão essa tragédia teria sido muito maior. — Emmanuel mentia com uma habilidade impressionante, mas nem Canino nem ela se convenceram.

No momento em que se despediram, Isabel estendeu a mão para Emmanuel, mas ele a segurou e a beijou, bancando o galante. Aquele beijo a encheu de nojo, mas o pior de tudo foram os pensamentos dele:

— *Da próxima vez você não escapa, sua piranha.*

Isabel libertou sua mão e o olhou nos olhos. Aquele homem não era louco. Ele era mau. Emmanuel sentia prazer em ser cruel e ferir as pessoas.

Ela não fez nenhum comentário sobre aquilo com Canino, e confirmou para ele o que ambos já sabiam. Fora, sim, uma tentativa de assassinato. Mas Isabel mentiu sobre o essencial, e disse que Emmanuel desistira de tentar matá-la de novo.

— Você tem certeza disso? — Canino perguntou, ansioso.

Isabel confirmou com veemência, e ele, que precisava desesperadamente de esperança, acreditou.

— Só mais uma coisa. Eu vi algo que me deixou curiosa, quando peguei na mão de Emmanuel: era uma coisa parecida com um veículo enorme, coberta com uma espécie de lona, em um galpão gigantesco. Você tem ideia do que se trata? — Isabel perguntou, aliando a curiosidade à vontade de mudar de assunto.

— Não sei, há muitos galpões a que não tenho acesso. Aquele puto do Emmanuel faz questão de esconder várias coisas de mim. Por que está tão curiosa? — Canino arqueou as sobrancelhas.

— Não sei, achei estranho. Nunca vi nada tão grande, parecia um trator ou algo do gênero. Era mesmo enorme, e estava cuidadosamente coberto pela lona. — Isabel deu de ombros.

Assim, encerraram aquele assunto, para alívio dela, que não queria de forma alguma que Canino desconfiasse das intenções daquele psicopata.

Três dias depois, quando estava no banheiro, Isabel decidiu conferir a arma que tornara a esconder atrás da caixa acoplada do vaso sanitário. Parecia tudo certo, ela estava exatamente no mesmo lugar.

Não sabia por que, mas sentia que havia algo errado. Assim, pegou a pistola e logo ficou desconfiada; por isso, checkou a munição.

Vazia. Nem uma bala sequer. Era isso que estava estranho, leve demais.

Naquele momento, ela tomou uma decisão. Pelo bem do namorado e de todos os demais que dependiam dele, Isabel resolveu que faria a única coisa que manteria o mínimo de segurança para todos, e que poderia talvez trazer a esperança de uma solução para aquele inferno.

Isabel decidiu que chegara a hora de fugir. Com ela por perto, outras investidas de Emmanuel seriam inevitáveis, e uma guerra seria mera questão de tempo.

E foi assim que Isabel deixou Canino para trás. Conseguiu convencer um pequeno grupo de pessoas, incluindo seu amigo de trabalho Marcelo, de que eles precisavam fugir. Ficar ali era como

estar num campo de concentração em que a única coisa garantida era a morte.

E para convencer aquelas pessoas, ela revelou seu miraculoso dom. Isabel demonstrou que seria capaz de descobrir o momento ideal, pois poderia discretamente saber onde a segurança era falha. O próprio Canino deu as informações que ela precisava, sem perceber. Afinal, ele era um dos líderes daquele grupo, mesmo tendo que se sujeitar ao comando maior que pertencia a Emmanuel.

Foi tudo muito rápido; em apenas dois dias eles decidiram o que fazer. Roubaram um alicate e algumas outras ferramentas, e se lançaram naquela aventura, da qual apenas Isabel escapou com vida. Dentre eles Isabel conhecia bem apenas Marcelo, o primeiro a protegê-la durante sua estada no quartel, e superficialmente Alessandra.

E numa noite em que Canino precisou se ausentar e que Isabel ficou sozinha no quarto, ela desapareceu. Como estava bem mais tranquilo, a segurança em torno dela fora relaxada.

Isabel deixou apenas um pequeno bilhete para o namorado:

Resolvi fugir para não colocar sua vida e as dos demais em risco.
Encontrarei ajuda e voltarei.

Não venha atrás de mim, os outros precisam de você.
E não tente fazer nada contra Emmanuel. Vou descobrir uma forma de acabar com ele e seus capangas, e libertar os prisioneiros.

Eu amo você.

Isabel.

Canino jogava baralho com seus comandados, um hábito antigo que ele quase abandonara ao começar a namorar Isabel, quando

ouviu os tiros dos vigias. Pensou em mil possibilidades, menos que um dos alvos fosse a sua amada.

Quando Canino rumou até a origem dos disparos e soube o que acontecera, inclusive que Isabel estava entre os fugitivos, ele não acreditou. Correu até o quarto, convicto de que encontraria a namorada dormindo. Em vez disso, achou uma cama vazia e o bilhete que ela deixara.

Canino urrou de desespero naquela noite. Se dependesse dele, mataria Emmanuel no dia seguinte. No entanto, se fizesse isso a guerra explodiria, e todo o sacrifício de Isabel teria sido em vão.

Por esse motivo, ele guardou o bilhete, engoliu a raiva e seguiu em frente, convicto de que ela cumpriria sua promessa.

CAPÍTULO 4

O PLANO



IVAN, SENTADO EM FRENTE ao computador, trabalhava. Ele às vezes custava a acreditar que em pleno apocalipse zumbi voltara a fazer trabalhos de gerente, mas era exatamente isso o que vinha acontecendo.

Usava um programa de computador desenvolvido por Estela para controlar o estoque de munição e armamentos. Aquela era uma das suas atribuições: garantir que os seus trezentos soldados e quase quatrocentos reservistas tivessem armas e munições suficientes para manter a segurança daquele lugar.

Ivan, naquele momento, devaneava. De vez em quando lembrava-se dos tempos duríssimos em que o mundo era um lugar absolutamente mortífero, onde o perigo rondava o tempo todo.

Os riscos ainda existiam, é claro. Mas desde o episódio da invasão dos zumbis, causada por aquele desgraçado do Heraldo, ninguém mais havia morrido. Nem um único ferido sequer. Absolutamente nada. Conseguiram transformar o Condomínio Colinas numa verdadeira fortaleza intransponível.

Heraldo. Aquele nome de novo. Um fantasma que vagava por aquele lugar de forma quase onipresente. Um homem que causara um mal sem limites em vida, e mesmo depois de morto, ainda era capaz de causar estragos.

Fuzilá-lo fora mesmo a melhor decisão? Teria sido a forma correta de lidar com aquilo? Ivan não tinha mais a mesma certeza, apesar de

insistir com Estela, com a teimosia de uma mula, que ela estava errada. Desejava acabar com aquelas dúvidas que o perturbavam.

Ivan parou de trabalhar e cruzou os braços, em frente ao computador. Não conseguia se concentrar. A briga com Estela o deixara perturbado. Era capaz de enfrentar inúmeros desafios, desde que tivesse a esposa junto a si. Quando brigavam, ele se sentia perdido, confuso, e não funcionava direito.

Estava mergulhado nesses pensamentos quando duas mãos pequenas e delicadas pousaram nos seus ombros e depois enlaçaram seu pescoço. Ivan sentiu o perfume inconfundível, e na hora se sentiu melhor.

— Continuamos amigos? — Estela sussurrou, perto do seu ouvido.

— Prefiro amantes. — Ivan sorriu. Ele não se virou, se ateve apenas a segurar as mãos da esposa.

— Desculpe, eu me descontrolei. Preciso aprender a controlar meus nervos.

— Eu também me exaltei, Estela. Vamos esquecer isso, agora não importa mais. Ter você aqui comigo é a única coisa que realmente interessa. — Ivan se virou para olhar para ela.

Entreolharam-se por alguns instantes e depois de beijaram. Sorriram, ambos saboreando aquela cumplicidade que era tão lendária quanto as proezas que realizaram pouco menos de um ano antes.

— Vamos embora para casa? Temos uma missão difícil pela frente ainda — Estela falou, sorrindo.

— Temos que ir mesmo? Não podemos fazer algo menos perigoso como, por exemplo, enfrentar uma horda de mortos-vivos? — Ivan soltou um suspiro, desanimado.

— Ivan... — Estela disse, em tom de ameaça.

— Poderíamos pegar um tanque e sair atirando por aí, seria divertido!

— Ivan! Não tem graça! — Estela ralhou, indignada.

— Está bem, vamos lá, então. Vamos enfrentar o lado realmente selvagem da vida. — Ivan meneou a cabeça, derrotado.

Ambos dirigiram-se à casa em que moravam. Parecia uma mansão, com seis suítes, três salas, escritório e diversos outros cômodos. Na parte externa havia um belo jardim, e as paredes eram revestidas com tijolos aparentes, que conferiam um aspecto rústico e ao mesmo tempo elegante àquela residência.

Assim que chegaram, colocaram seus dez filhos — dois biológicos e oito adotivos — para tomar banho. Não havia banheiros suficientes, por isso faziam rodízio. Banho, troca de roupas, preparar e servir o jantar, escovar os dentes, arrumar a cozinha, brincar com as crianças, apartar brigas, pôr para dormir e, exatamente à uma da manhã, desabaram na cama.

Quase não pararam desde às cinco da tarde. Aliás, eles mal conseguiram se sentar desde que encerraram o expediente.

— Eu disse. Nós devíamos ter ido matar zumbis — Ivan comentou, esgotado.

— Agora você está liberado. Pode ir. Mate alguns por mim.
— Estela estava tão cansada que não conseguia sequer se mexer. Suas pernas doíam. Parecia que os ossos estavam, enfim, entrando nos respectivos lugares.

— Falta muito tempo ainda para eles se tornarem adultos?

— Desista, meu amor. Vai demorar muito ainda para você poder ter uma vida sossegada de novo. Mais uns dez anos para as coisas começarem a melhorar — Estela respondeu.

— O que você quer fazer agora? — Ivan perguntou, malicioso.
— Acabar de fazer as pazes?

Estela olhou para o marido e sorriu. De onde será que ele tirava tanto fogo?

— Sério mesmo que você quer transar? — E ao ver o olhar do marido, Estela percebeu que a resposta era “sim”. — Você aguenta esperar só uns minutos? Estou cansada demais!

Cinco minutos depois, estavam ambos dormindo. As crianças venceram novamente.

* * *

Na manhã seguinte, Ivan e Estela chegaram de mãos dadas à administração do condomínio. O início do dia era sempre movimentado, com a reunião de todos os líderes da comunidade para definir as próximas atividades.

Eles falaram com Givaldo, o chefe da manutenção, e seu parceiro, Silas, outro dos homens de confiança de Ivan e Estela.

Eles discutiram a escala de segurança com Oliveira, Silva, Souza e Dias, os quatro ex-militares que eram os responsáveis por algumas das missões mais perigosas que eles já realizaram.

Trataram de inúmeras questões com várias pessoas. Foram meia dúzia de reuniões ao todo antes das onze da manhã — manter toda aquela estrutura funcionando consumia muito tempo e energia de ambos.

Quando finalmente foram se ocupar de suas atividades, ouviram um chamado pelo rádio.

— Atenção, todos os membros do grupo de segurança, estamos sob ataque! Repetindo: estamos sob ataque! — um dos vigilantes informava, apreensivo.

Ivan e Estela correram até o um armário revestido de fórmica branca que ficava no fundo da sala, e abriram a porta. Retiraram dois fuzis Heckler & Koch G36 que deixavam para emergências, e saíram correndo pelo corredor, para onde outros homens e mulheres armados também se dirigiam.

— Estamos sendo atacados? Como é possível? — Estela perguntou em voz alta, enquanto eles corriam.

— Não faço ideia! — Ivan gritou em resposta. Menos de vinte e quatro horas antes, ele pensava justamente que estavam seguros; e agora isso.

Chegaram até a entrada do condomínio e encontraram o impensável. O ônibus que servia de barreira estava perigosamente inclinado para dentro, num ângulo de cerca de dez graus.

Daquela distância eles ouviam os sons das criaturas do lado de fora, batendo e arranhando o gigante de aço, misturados a gemidos e resmungos.

— Mas que porra é essa?! — Ivan esbravejou. — O ônibus vai tombar, desse jeito!

— Senhor, um grupo enorme desceu a avenida São João e se juntou à multidão de zumbis em frente ao condomínio. E agora eles estão se acotovelando do lado de fora! — esclareceu o soldado responsável pela vigia daquele ponto, com olhar assustado.

Ivan correu até a frente do ônibus, seguido por Estela e o soldado, e olhou para fora, pela fresta aberta pela inclinação do imenso veículo. E viu tantos zumbis que seria impossível contar. Um deles enfiou o braço pela abertura e se esticou inteiro para tentar alcançá-lo, fazendo-o dar um pulo para trás.

— Filho da puta! — Ivan exclamou, após o susto.

Quando as criaturas enxergaram o trio, os urros e gemidos ficaram incrivelmente mais altos, e vários seres se projetaram para a frente, aumentando a pressão sobre o veículo, que oscilou perigosamente. Por um instante, pareceu que o ônibus tombaria naquele momento.

— Pessoal, precisamos manter o ônibus no lugar! Empurrem! — Ivan correu para a lateral e empurrou o veículo na direção oposta.

Estela e dezenas de pessoas o imitaram, empregando toda a força e todo o peso num esforço conjunto brutal, que fez o ônibus voltar para o lugar.

Porém, bastou relaxar um pouco a pressão para que o ônibus voltasse a oscilar. Havia criaturas demais do lado oposto.

— Silva, frite-os! — Estela ordenou ao soldado, que estava de frente para ela, apoiando o ombro contra a lataria, ajudando o grupo naquela queda de braço gigantesca.

— Sim, senhora! — Silva se virou de costas e correu até a casamata mais próxima. Voltou de lá instantes depois, trazendo o lança-chamas.

Outros membros do time de segurança se juntavam ao grupo, ajudando no esforço. Como não havia mais espaço junto à lataria, empurravam as costas dos seus companheiros, pressionando-os contra o aço do ônibus.

Mais e mais pessoas chegavam, de todas as direções. De soldados a indivíduos que ajudavam na manutenção da comunidade, todos vinham correndo para colaborar. Em poucos instantes eram quase cem pessoas fazendo força.

Silva correu até a frente do ônibus, aproximou o bocal do lança-chamas da fresta e disparou.

A coluna de fogo lambeu toda a lateral revestida de aço do veículo, incendiando os seres mais próximos.

Com a confusão que se instalou com os mortos-vivos em chamas tentando se afastar, os zumbis aliviaram a pressão imediatamente, o que permitiu ao ônibus retornar à posição original, com um estrondo. Ao se deslocar de volta ao ângulo de noventa graus, o veículo derrubou dezenas de criaturas.

Algumas pessoas chegaram a cair umas sobre as outras quando o ônibus se endireitou.

Silva subiu às pressas a escada da guarita mais próxima da entrada e tornou a disparar o lança-chamas, decretando o caos. Dezenas de zumbis se debatiam com o fogo. Alguns praticamente correram, transformados em imensas bolas incendiárias.

— Tragam dois tanques, rápido! — Ivan ordenou, por fim parando de empurrar, aproveitando a pausa para limpar o suor da testa.

Dois homens correram até os blindados, enquanto alguns soldados removiam o arame farpado que cercava o entorno do ônibus.

— Com muito cuidado encostem os Urutus na lateral do ônibus. Mas com muita suavidade, entenderam? — Ivan falava pelo rádio com os dois motoristas.

Os tanques de guerra encostaram lentamente contra o ônibus. Aplicaram uma pressão mínima, mas que foi suficiente para amassar a lataria em dois pontos distintos.

Ivan, Estela e os demais observaram a cena. Parecia que agora estavam seguros. Silva dispersara os zumbis mais próximos com o lança-chamas, e agora o ônibus tinha um reforço de peso de quase trinta toneladas contra a sua lateral.

— Essa foi por pouco! — Ivan suspirou, aliviado, observando tudo ao redor.

Estela concordou, ofegante. Ela parecia estar passando mal.

— Pelo amor de Deus, vamos voltar para a sala da administração. Estou exausta, mal consigo respirar direito.

Fizeram algumas recomendações para aumentar a segurança ao menos por algum tempo, e finalmente retornaram à sala. Vários soldados permaneceram no local de prontidão, conversando sobre a cena que acabaram de presenciar.

O casal caminhava lentamente. Ivan se sentia exausto, mas Estela estava muito mais. Parecia ter acabado de correr a maratona. Havia tempos Ivan não via a esposa tão extenuada. Como Estela ficara na primeira fila empurrando o ônibus de volta, as dezenas de pessoas que se posicionaram atrás dela a pressionaram tanto que ela quase não conseguiu respirar. Assim, foi um alívio quando os dois se jogaram nas suas respectivas cadeiras.

— Quanto tempo você acha que precisaremos manter os Urutus naquela posição, Ivan?

— O tempo que for necessário. Mas acredito que um ou dois dias sejam suficientes. Em breve essa multidão se dispersará, ao menos em parte.

Ambos mal chegaram e ouviram uma batida na porta. Para variar, não teriam tempo nem mesmo para respirar.

Em seguida, Isabel surgiu.

— Bom dia, posso entrar? — Isabel estava séria. — Fiquei sabendo do ocorrido. Está tudo bem?

— Sim, tudo bem agora. Fique à vontade. Sente-se, por favor. — Ivan apontou a cadeira à sua frente, e secou o suor da testa com um lenço.

Estela puxou a cadeira para perto do marido. Apesar de cansada, ela também mostrava muito interesse no que Isabel tinha a dizer.

Isabel se acomodou em frente ao casal. Era impressionante a serenidade que emanava dos dois. Nem parecia que pesava sobre seus ombros a responsabilidade pela vida de milhares de pessoas, e que acabaram de lidar com um tremendo susto. Mas ela percebia também um ar de curiosidade em ambos, algo que observara a vida toda, onde quer que estivesse.

— Vocês ainda estão perplexos com tudo que falei e mostrei ontem, não é verdade? — Isabel observou, sorrindo.

— E dá para ser diferente? — Ivan comentou. Nunca vira nada parecido.

— Eu sei, causo essa reação nas pessoas. Mas não é tão divertido quanto parece. — O semblante de Isabel agora se mostrava pensativo e um tanto tenso. Parecia se lembrar de alguns episódios desagradáveis.

— Eu acredito. Muita gente deve ter tratado você como um objeto de estudo. — Estela escolhera cuidadosamente as palavras.

— O termo correto é “aberração”. Era assim que muitos tratavam a mim e a minha irmã. — Isabel exalou um suspiro.

Os três ficaram em silêncio por alguns instantes. Ivan e Estela não falaram nada, mas sentiam um pouco de vergonha. Eles também pensaram a mesma coisa no dia anterior, era inevitável.

— Vamos esquecer essas lembranças desagradáveis, certo? — Com isso, Estela deixou a atmosfera mais leve. — Diga-me, Isabel, o que é que você quer nos contar?

Isabel começou a narrar sua odisseia, do momento em que matou Josué até chegar ao quartel. Falou de como foi aprisionada e obrigada a trabalhar como escrava. Descreveu os abusos que ela e as outras mulheres sofreram, e de como Canino a salvou de ser estuprada pela segunda vez.

Explicou nos mínimos detalhes sobre os castigos que eram impostos aos tantos prisioneiros daquele local, sobretudo os que tentavam fugir. Falou da loucura de Emmanuel e dos membros do seu grupo, e dos eventos que a levaram a fugir para evitar um banho de sangue.

Por fim, Isabel descreveu sua fuga dramática, que custou a vida de cinco pessoas, mas que permitira que ela encontrasse o grupo de sobreviventes do Condomínio Colinas.

Ivan e Estela ouviram a maior parte da narrativa em silêncio, interrompendo Isabel em uma ou outra situação para pedir algum detalhe adicional. Isabel foi percebendo a mudança de humores deles gradualmente. Da serenidade inicial eles passaram à tensão, depois à revolta, e agora os dois emanava pura fúria. A verdadeira face de Ivan e Estela se revelava aos poucos.

Os dois eram pessoas boas e generosas, mas para assuntos que envolviam perigo iminente e covardia eles se transformavam em

soldados implacáveis. Isabel se arrepiou; sentiu que despertara algo perigoso.

— Acho que perturbei vocês, desculpem-me. — Isabel notou Estela olhando para mesa com o olhar perdido e o lábio inferior torcido de irritação.

Ivan também se mostrava pensativo, com uma veia no pescoço pulsando de forma ameaçadora.

— Quantos homens estão com esse tal de Emmanuel, Isabel?
— Ivan indagou, por fim.

— Uns quarenta, mais ou menos. E estão fortemente armados. E, para ser franca, não sei a extensão do arsenal deles. Essa parte é mantida em segredo, inclusive do próprio Canino, por isso não consegui descobrir muita coisa.

— E quantos homens estão com Canino? — Ivan quis saber.

— Cerca de quinze. Mas por que você quer saber isso? Eles não serão um problema. — Se não fosse incrivelmente inapropriado, Isabel adoraria pegar na mão de Ivan só para ler seus pensamentos.

— Não estou tão convencido assim. Se eles são ex-presidiários, podem achar que qualquer um que se aproxime representa uma ameaça, e vão contra-atacar. Até mesmo o seu namorado pode imaginar a mesma coisa e atirar em nós, sobretudo quando estivermos chegando com equipamentos do exército. — Ivan cruzou as duas mãos sobre a mesa.

— Ele saberá que estamos do mesmo lado, pois qualquer um que seja inimigo de Emmanuel será um aliado natural dele — Isabel protestou com delicadeza, receosa de ter cometido um grande erro.

— Eu compreendo sua preocupação, mas entenda que não teremos como avisá-lo de que estamos todos no mesmo time — Ivan insistiu. — Iremos até o quartel e resgataremos os prisioneiros, mas eu receio que talvez as coisas não funcionem tão bem quanto você está imaginando.

— O que você quer dizer com isso? — Isabel perguntou com uma pitada de irritação na voz.

— Que teremos mais de cinquenta homens armados atirando contra nós, e quem sabe cerca de noventa prisioneiros que talvez sejam obrigados a lutar. E no meio disso tudo pode ser que seu

namorado esteja com um fuzil nas mãos. O que você acha que vai acontecer? — Ivan falou com firmeza, fitando Isabel no fundo dos olhos.

— Você está me dizendo que meu namorado, um homem bom e honesto, talvez seja morto? É disso que estamos falando? — As pupilas de Isabel chisparam.

Ivan percebeu imediatamente que aquela mulher não estava para brincadeira, mas não se intimidou. Estela observava aquele diálogo, impassível, mas estava prestes a tomar partido.

— Seu namorado não é um homem bom, e definitivamente não é honesto. É um criminoso fugitivo da cadeia. Por que eu esperaria um comportamento diferente dele? O que me garante que no momento em que ele vir o primeiro homem fardado não será um dos primeiros a atirar? — Ivan questionou com uma firmeza que beirava a crueldade.

Isabel ia retrucar, mas Ivan prosseguiu:

— Desculpe, mas não vou discutir esse assunto com você. Iremos resgatar o maior número possível de prisioneiros e trazê-los em segurança para cá, mas ordenarei que meus homens atirem para matar em qualquer um que possa ser uma ameaça.

Isabel o encarou, perplexa, sentindo os olhos se encherem de lágrimas mais uma vez. Mas não choraria na frente de Ivan; isso, nunca.

— Ivan, eu discordo. — Estela estava preparada para mais uma rusga com o marido.

Ivan olhou para a esposa, aturdido. Não podia acreditar que ela começaria a desafiá-lo de novo, e mais uma vez na frente de uma estranha.

— Estela, por favor, não comece! — Ivan quase suplicou. Não queria outra briga.

— Você está se precipitando. Vamos pensar melhor sobre isso. Acredito que podemos achar uma forma mais adequada de lidar com essa situação. — Mas Estela pronunciou essas palavras em um tom baixo e contido, apoiando o rosto na mão.

— Não sei o que você está pensando, mas eu garanto que isso será uma verdadeira guerra. Não é nada parecido com lutar contra

zumbis. Teremos balas voando por todos os lados. Não há como garantirmos nada. — Ivan tentava soar conciliador, aproveitando o fato de que Estela mantinha a serenidade.

— Eu sei disso, mas acho que podemos tentar armar uma estratégia. Vamos convocar os demais líderes. Precisamos manter a mente aberta. — Estela esfregou o rosto. Ela parecia ainda estar com muito calor, ou algo assim.

— Tudo bem. Acho que podemos e devemos avaliar todas as opções, mas acredito que vai ser muito difícil... — Mas Ivan se interrompeu. Havia algo errado.

Estela passou ambas as mãos no rosto, e depois no pescoço. Estava suada, com o cabelo grudando na nuca e na face. Também começava a ficar vermelha como um pimentão.

— Estela, você está bem? — Isabel olhava a mulher diante de si, que mais parecia estar numa sauna.

— Não sei, estou com um pouco de falta de ar. — Estela se levantou da cadeira. Porém, mantinha as mãos apoiadas na mesa, como se estivesse com dificuldade para se manter de pé.

— Amor, é melhor você se sentar, vou pedir para Sandra examiná-la. — Ivan, preocupado, esquecera completamente o assunto do quartel de Taubaté. — Deve ter sido o estresse de agora há pouco.

Não houve tempo para fazer nada. Estela tentou retesar as costas e isso foi o suficiente para sua cabeça girar. Ela desabou como um saco de areia diante do olhar de desespero do marido.

— Estela! Não! — Ivan, em pânico, tentou segurar a esposa, mas foi tudo rápido demais, e ela se espatifou no chão.

Ele se ajoelhou ao lado dela, que estava totalmente desacordada, e começou a dar tapinhas em seu rosto, sem saber o que fazer.

— Isabel, procure ajuda! Fale para alguém trazer Sandra aqui. Rápido!

Isabel disparou pela porta, e pediu socorro para Reginaldo, que estava no corredor próximo da sala. Ele sacou o rádio e chamou a doutora Sandra. Em menos de cinco minutos, ela apareceu correndo, acompanhada do marido, o cabo Oliveira.

Entraram às pressas na sala, e encontraram Estela ainda desacordada, com a cabeça apoiada no colo de Ivan, que estava em

pânico.

Sandra tomou a frente e pediu para Ivan se afastar. Começou a examinar a líder, tentando controlar a ansiedade. Estela era uma das suas melhores amigas, não podia deixar que nada lhe acontecesse.

Mediu-lhe a pressão — altíssima: dezenove por doze. Precisava levá-la para o posto de saúde imediatamente e controlar aquela situação, antes que Estela tivesse uma parada cardíaca ou um derrame. Isso se algo de ruim já não tivesse acontecido.

Sandra pediria uma maca pelo rádio quando Estela abriu os olhos. Ela respirou fundo e olhou em volta, fitando o marido e os demais que a encaravam, preocupados.

— Estela, você está bem? — Sandra se aproximou da amiga.

— Não sei, está tudo fora de foco. Minha cabeça está girando.

— Estela engoliu em seco. — Sinto falta de ar, também. O que está acontecendo comigo, Sandra?

— Não sei, amiga, mas vamos descobrir. Só sei que sua pressão está muito alta, temos de controlar isso imediatamente. Vamos pedir uma maca e levá-la para o posto de saúde. — Sandra se sentia um pouco mais tranquila ao ver a amiga recobrando a consciência.

Isabel se aproximou e segurou a mão de Estela, que apertou seus dedos com firmeza. Apesar de praticamente não se conhecerem havia uma simpatia mútua entre ambas, algo muito similar ao que existia entre Ivan, Silas e Reginaldo, os três amigos inseparáveis.

Isabel tomou um susto ao segurar a mão de Estela. Ela leu os pensamentos dela, mas era uma enorme confusão. Por um lado, captava frases concretas e completamente lógicas, como a preocupação dela com as crianças e até mesmo o problema dos prisioneiros de Taubaté. Por outro, só havia confusão, excitação e uma grande dose de medo.

Isabel já vira aquela situação antes. Em pelo menos duas ocasiões tivera contato com mulheres cujos pensamentos vinham confusos e embaralhados, como se alguém tentasse discursar numa sala lotada de pessoas falando ao mesmo tempo. Ela sabia o que estava acontecendo.

— Estela, eu sei o que você tem. Bom, pelo menos parte do que você tem, com certeza. — Isabel esboçava um sorriso misterioso.

— E você descobriu lendo os meus pensamentos? — Estela perguntou, causando estranheza tanto em Ivan quanto nos demais, sobretudo os que não faziam ideia dos dons de Isabel.

— Seus pensamentos, não. Os pensamentos de vocês dois. Estava tudo confuso quando peguei sua mão porque parte dos pensamentos eram articulados, e o resto era confuso e sem sentido. — Isabel olhando Estela nos olhos.

— Você está querendo dizer que... — Estela começou a frase, esboçando um sorriso de felicidade.

— Sim, Estela. Você está grávida — Isabel afirmou, por fim.

* * *

Sandra olhava de Estela para Isabel, sem saber qual das duas despertava mais seu interesse naquele momento — se a melhor amiga grávida ou a mulher dotada de poderes paranormais. Chegou à conclusão de que aquela situação pedia, no mínimo, um empate.

— Sandra, você consegue me examinar e olhar para Isabel ao mesmo tempo? — Estela perguntou, sorrindo da expressão de espanto da amiga.

— Acho que sim, mas é incrível! Nunca imaginei que isso fosse possível! — Sandra também sorria; não havia ainda conseguido se recuperar do susto.

— Garanto que você não é a primeira, estou acostumada — Isabel afirmou.

— Sandra, como está ela? — Ivan perguntou, ansioso.

— Bem. Bem grávida, segundo este teste de farmácia. — Sandra olhava para as duas barrinhas vermelhas no teste de uso doméstico.

Na atual conjuntura aquilo era a melhor opção deles; um exame de laboratório era algo fora de cogitação, mas aquele resultado era bastante confiável.

— Vamos fazer um exame de ultrassom, certo? — Sandra falou quando Oliveira surgiu com o aparelho portátil que ela solicitara.

Começaram o exame, e em poucos instantes surgiu diante do olhar maravilhado de todos a imagem de um feto na tela do aparelho. A imagem era confusa, mas não deixava dúvida quanto ao

pequeno ser humano que se formava dentro do ventre de Estela. Mas algo chamou a atenção de Sandra, que perguntou:

— Estela, ele está enorme! Há quanto tempo você não menstrua?

— Não sei dizer. Meus ciclos sempre foram confusos. Já tivemos várias situações em que eu poderia jurar que estava grávida, não é, Ivan? E eu engordo muito pouco, por isso, quando engravidei de Ana e de Matheus, demorei muito para descobrir.

— Dá para perceber, este bebê deve estar com quase três meses de gestação. Você precisará se cuidar, seu pré-natal está começando muito atrasado. — Sandra continuava olhando a tela do aparelho. — E a sua pressão baixou pouco, apesar dos medicamentos que eu lhe dei. Você terá que descansar, minha amiga.

— Acha que esta é uma gestação de risco? — Estela franziu o cenho.

— Você não é mais uma menina, Estela, e não dispomos do melhor aparato médico aqui. E com sua pressão arterial desse jeito, todo cuidado é pouco. É como eu disse, você terá que descansar — Sandra respondeu, séria.

Estela suspirou, resignada. Não faria nada que pudesse prejudicar o bebê. Se fosse preciso repousar, ela repousaria.

Sandra manteve Estela em observação o dia todo até a pressão arterial normalizar. Não podia correr riscos; iria mantê-la ali durante dias se necessário fosse.

Ivan e Isabel aguardaram o tempo todo a recuperação de Estela sem sair de seu lado. Diversas pessoas foram visitá-la ao longo do dia, de amigos a desconhecidos que tinham uma dívida de gratidão para com uma das pessoas mais importantes daquela comunidade. No meio da tarde, Estela finalmente caiu no sono, deixando-os à vontade para conversar.

— Sinto muito pela forma como falei com você, mais cedo, Isabel. Eu não deveria ter feito aquilo.

— Não se preocupe, Ivan. Está tudo bem. O dia de vocês já começou estressante. — Isabel experimentava certa dose de alívio. — Só não sei por que você foi tão duro. Acredite em mim, Canino é uma pessoa ótima. Se você o conhecesse como eu, faria o impossível para tirá-lo daquele lugar em segurança.

— Esse nome não ajuda, não é verdade? — Ivan brincou. — Eu imagino um cachorro louco quando o ouço.

Ambos riram do comentário, o que deixou a atmosfera mais leve.

— Está bem, vamos chamá-lo de Carlos, para você se sentir melhor, combinado? — Isabel, mais esperançosa, estendeu a mão para Ivan, como se quisesse selar um acordo.

Ele apertou os dedos dela, rindo também.

Isabel discretamente se perdeu nos seus pensamentos, vasculhando tudo o que podia na mente do seu interlocutor. Levou apenas um instante para ela encontrar o que tanto incomodava Ivan a ponto de ele ter reagido daquela forma mais cedo.

— Ivan, a culpa não foi sua. — Isabel o encarava de forma significativa.

Ao ouvir aquilo, Ivan soltou a mão dela imediatamente. Ele percebeu que precisaria tomar muito cuidado com aquela mulher; ela era bem mais astuta do que deixava transparecer.

— Foi, sim. A culpa foi toda minha. — Ivan baixou a cabeça, de repente. — Eu devia ter previsto.

— Eu vi o que aconteceu. Não entendo nada de tiroteios e perseguições, mas garanto que qualquer um teria feito o mesmo que você — Isabel afirmou, convicta.

Ivan suspirou, passando a mão nos cabelos. Era uma lembrança péssima aquela, mas realmente ela vinha atormentando-o, e sempre retornava em todas as ocasiões em que precisava tomar alguma decisão de risco.

Heraldo fugindo em um dos Urutus após eles terem descoberto que ele era o psicopata que vinha aterrorizando a comunidade. Ivan atirando nos pneus. O tanque desgovernado batendo no muro do condomínio, derrubando-o. Centenas de zumbis invadindo o seu lar. E um saldo final de trinta e duas pessoas mortas.

— Se eu tivesse agido diferente, nada daquilo teria acontecido, Isabel. Foi uma decisão precipitada e estúpida, e eu me odeio por isso.

— Você está sendo muito duro consigo mesmo. Qualquer um teria agido do mesmo jeito, eu garanto, Ivan. Não havia alternativa, você

precisava tomar uma decisão rápida, e fez a única coisa que estava ao seu alcance.

— Eu podia não ter feito nada. Se tivesse deixado o desgraçado fugir, nada daquilo teria acontecido — Ivan respondeu com sinceridade, deixando Isabel horrorizada.

— Ele era uma ameaça! Um homem que fez as barbaridades que você descreveu seria sempre um perigo rondando estes muros. Deixá-lo fugir seria um risco enorme!

Ivan tentou se convencer do que ela dizia, mas Isabel não era a primeira pessoa a falar aquilo, e nem por isso a sua opinião mudava.

— Temos um lema aqui: Quem salva uma vida salva a humanidade inteira. Isso é o que costumamos repetir quando fazemos uma reunião para decidir alguma operação de resgate — Ivan explicou. — É uma frase do Talmud, o livro sagrado do judaísmo. Ela nos faz lembrar que toda vida humana é sagrada e precisa ser protegida, custe o que custar. Isabel, eu sou o líder deste lugar, e ocupo uma posição de muito poder. Sou capaz de morrer por qualquer uma das pessoas que habitam este condomínio, e me sinto diretamente responsável por todos que vivem dentro destes muros. É uma honra e também um peso enorme que eu tenho sobre os ombros.

Isabel meneou a cabeça, concordando.

— Depois daquela noite eu jurei para mim mesmo que faria o que estivesse ao meu alcance para que ninguém mais morresse ou se ferisse. Isso sem me desviar do meu grande objetivo, que é localizar e trazer em segurança para cá o maior número possível de sobreviventes — Ivan prosseguiu, olhando fixo para Isabel. — Por isso, eu decidi que me proporia a tomar decisões difíceis e até mesmo questionáveis, tudo pelo bem maior. Foi por essa razão que mandei fuzilar Herald. Mesmo que depois disso eu tenha precisado enfrentar a ira da minha mulher, a criatura que mais amo em toda a Terra e sem a qual eu não seria capaz de viver.

Ivan fitou Estela, que dormia profundamente na cama do posto de saúde, com imensa ternura.

— É por querer preservar essas pessoas, eu repito o que disse mais cedo: se alguém daquele quartel em Taubaté tentar fazer mal para

algun dos meus comandados, irá se ver comigo. Sei que ao fazer isso corro o sério risco de condenar à morte gente inocente, mas não posso me arriscar, entende, Isabel?

Ela pesou aquelas palavras por um instante. A simples ideia de que ao levar Ivan e seus homens para Taubaté ela pudesse estar assinando a sentença de morte de Canino, e de diversas pessoas inocentes, deixava-a apavorada. Mas era inegável que se tratava de uma situação muito delicada.

Antes que pudesse formular qualquer argumento, Isabel ouviu um som que chamou sua atenção. Um som totalmente improvável nas atuais circunstâncias, porém inconfundível. Ivan também escutou, e ficou imediatamente alerta. Aquele, de fato, estava sendo um dia longo e cheio de surpresas. Ele sacou o rádio e chamou Reginaldo.

— Está ouvindo isso? — Ivan perguntou.

— Sim, e o estou vendo. Parece que o nosso visitante misterioso voltou — Reginaldo afirmou.

— Também estou vendo. Está se aproximando pela esquerda — Zac falou pelo rádio, entrando na conversa.

— Não façam nada, mandem todos manterem as posições, estou indo! — Ivan desligou, olhou para Estela, que continuava dormindo, e girou nos calcanhares, na direção da porta.

— O que está acontecendo? Esse som parece de um... — Isabel iniciou a frase, mas foi interrompida por Ivan.

— Um helicóptero. É isso mesmo. — E Ivan saiu correndo do quarto.

Isabel disparou atrás dele; precisava ver aquilo.

Correram juntos para fora do posto de saúde e, quando Isabel olhou para trás, avistou Sandra e Oliveira logo atrás. Cada um deles trazia um fuzil de assalto nas mãos. Igual a vários outros moradores daquele lugar, aquele casal era treinado para salvar vidas, mas também sabiam matar.

Assim que alcançaram a rua, olharam para o céu e avistaram a barulhenta aeronave.

— Oliveira, é o mesmo que avistamos das outras vezes, certo?
— Ivan indagou, enquanto olhava para cima e tentava bloquear a luz

do sol com a mão.

— Sim, é um AH-2 Sabre, de fabricação russa. Um dos melhores helicópteros de combate da Força Aérea Brasileira. — Oliveira apontava o aparelho, que naquele momento estava parado no ar sobre o estacionamento do Shopping Colinas.

— Mantenham-se todos em suas posições. Fiquem calmos e vamos aguardar — Ivan instruiu, pelo rádio.

Isabel fitava, hipnotizada, a aeronave, que permanecia praticamente imóvel no ar a cerca de trezentos metros de distância. Apesar da quase imobilidade, era uma visão intimidadora. O helicóptero era equipado com metralhadoras e lança-foguetes dos dois lados. Aparentava ser capaz de causar um estrago enorme naquele lugar, se assim desejasse.

Ela se perguntava por que a aeronave não se aproximava, quando olhou para os lados. Naquela rua do condomínio havia várias casas com sacadas nas salas e nos quartos, e em algumas dessas imensas residências ela viu homens com lança-mísseis, todos apontando na direção do helicóptero.

Aquela aeronave nunca se aproximaria, porque seus pilotos sabiam que corriam o sério risco de ser abatidos. Até mesmo as casamatas equipadas com as metralhadoras de cinquenta milímetros apontavam na direção do aparelho. O helicóptero poderia ser fortemente armado, mas não conseguiria fazer frente ao gigantesco poder de fogo da comunidade de sobreviventes do condomínio.

Ao longo da rua, diversos soldados se achavam posicionados com fuzis, metralhadoras e escopetas, aguardando que algo acontecesse.

— Quantas vezes essa coisa já apareceu por aqui? — Isabel quis saber.

— Essa é a quarta vez em dois meses — uma voz feminina suave se fez ouvir logo atrás dela.

Quando Isabel se virou, deparou com a mulher de beleza ofensiva que ela vira no dia anterior.

— Isabel, essa é Gisele, uma das líderes do nosso time de defesa — Ivan falou, sem desviar o olhar do helicóptero. — Minha irmã, Zonatto está a postos?

— Sim, está no posto dele. Estela está melhor? Ela seria bem útil agora... — Gisele comentou.

— Está dormindo ainda, não poderemos contar com nossa melhor franco-atiradora. — Ivan suspirou. — Fale para Zonatto manter a posição.

— Eu já falei, não se preocupe. Ele está com o rifle apontando para a cabeça do piloto neste exato momento. Basta um movimento brusco e ele despachará o infeliz para o inferno — Gisele afirmou, com toda tranquilidade, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Não confio nesse cara, ele é muito instável. Mas se você está dizendo, eu acredito.

— Eu também tenho meus receios, Ivan, mas é inegável que ele atira muito bem. — Gisele deu de ombros.

— Excelente. Vamos ver se dessa vez nosso visitante perde a timidez. Estou cansado dessa história de ele aparecer por aqui, ficar olhando para a nossa cara e desaparecer — Ivan comentou, seco.

Passaram-se cerca de dez minutos, durante os quais o helicóptero permaneceu estático, sem mudar de posição. Do lado de fora do condomínio, milhares de zumbis também olhavam para o céu, observando curiosos aquele estranho objeto. E, similar às outras ocasiões em que ele surgira, de repente a aeronave se foi, sem tentar nenhum tipo de contato.

— Lá se vão eles, de novo — Ivan comentou, vendo a aeronave desaparecer de vista. — Mais uma vez foi na direção de São Paulo. Aposto que é de lá que ela veio.

— Independente do lugar de sua origem, o fato é que trata-se de uma coisa boa, não é? Quer dizer, significa que não estamos sozinhos.

— Essa é uma forma de ver as coisas, Isabel. — Ivan deu de ombros. — Mas temos que lembrar que estamos utilizando armas e equipamentos de uso exclusivo das forças armadas, roubados de quatro quartéis diferentes. Supondo que aquele helicóptero venha de alguma unidade que conseguiu sobreviver a esse inferno, não estou convencido de que verão com bons olhos o que fizemos.

Passados mais alguns instantes, todos começaram a retornar a seus afazeres. Ivan e Isabel voltaram para ficar com Estela; não seria daquela vez que aquele mistério seria solucionado.

À noite, Sandra deu alta para Estela, mas sob a condição de que ela não retornasse ao trabalho até que fosse autorizada.

No dia seguinte, Ivan convocou os líderes do Condomínio Colinas para tratar do assunto do quartel de Taubaté. Era estranho falar sobre algo tão grave sem a presença de Estela, mas Sandra fora enfática: ela precisava se manter em repouso.

— E se esperarmos você receber alta para lidarmos com esse assunto? — Ivan perguntara mais cedo para a esposa, enquanto Sandra examinava sua pressão novamente.

— Quinze por onze. Isso não está nada bom, Estela, manterei você por aqui hoje de novo. Não sei dizer quando poderá voltar ao trabalho, estando desse jeito. — Sandra meneara a cabeça.

Estela encarara Ivan.

— Não faça isso, amor. Talvez eu tenha que passar os próximos seis meses acamada. Não sabemos quando Sandra irá me liberar — Estela argumentara. — Aquelas pessoas precisam de ajuda. Se o tal Emmanuel for tão louco quanto Isabel descreveu, é provável que agora ele esteja distribuindo castigos apenas para se vingar pela fuga dela.

Ivan suspirara, concordando com a esposa. Estela tinha razão, precisavam tomar alguma atitude antes que fosse tarde demais.

Assim, ele convocou para aquela reunião Isabel, Reginaldo, Silas, Silva, Souza, Oliveira, Dias, Sandra, Zac, Gisele e Adriana.

Isabel se surpreendeu com Adriana, uma menina tão delicada e com sua barriga enorme, de uma gravidez de sete meses. O pai da criança, Bob, morrera na invasão dos zumbis do ano anterior. Apesar de ter pouco mais de vinte anos, Adriana parecia uma adolescente, com pele muito branca, cabelos curtos e castanhos, e jeito de moleca.

Ivan explicou rapidamente o porquê daquela reunião, e passou a palavra para Isabel, que narrou com detalhes o que vinha acontecendo no quartel de Taubaté. O grupo ouviu em silêncio, fazendo uma ou outra indagação.

Ela procurou enfatizar que Canino e os prisioneiros eram gente do bem, e que até mesmo os homens fiéis a ele poderiam ser um reforço importante. Dessa forma, Isabel esperava conseguir um pouco mais de boa vontade de Ivan, que parecia não estar disposto a arriscar seus soldados por aquelas pessoas.

Depois que Isabel finalizou a narrativa, a equipe começou a fazer diversas perguntas.

— Você acha que eles têm armamento pesado, como blindados ou lança-mísseis? — Zac quis saber.

— Quantos homens são ao todo? — Adriana questionou.

— Será que é possível negociar com esse tal de Emmanuel? Você acha que vale a pena tentarmos uma saída diplomática? — Souza inquiriu.

Isabel procurou responder da melhor forma possível, tentando ignorar os olhares de absoluta curiosidade que todos lhe dirigiam. Ao cumprimentar aquelas pessoas, ela descobriu que todos, sem exceção, já sabiam dos seus dons — as notícias corriam rápido naquele lugar.

Depois que as perguntas cessaram, Ivan tomou a palavra. Ele tinha sua opinião e iria defendê-la, mas antes fez questão de que todos tirassem suas dúvidas. Também não interrompeu Isabel em nenhum momento. Eles divergiram sobre como lidar com aquela situação, porém Ivan não pretendia usar o peso da sua posição para impor sua vontade.

Ivan falou sobre os seus receios. Explicou que aquilo seria muito mais perigoso do que qualquer outra missão que eles já haviam realizado antes, e que baixas seriam inevitáveis.

Tentou enfatizar que ele se preocupava, sim, com aqueles indivíduos, mas não podia assegurar o bem-estar de todos, sobretudo de Canino e seus homens, caso resolvessem lutar contra eles.

Um silêncio pesado se abateu sobre a sala, e aquilo preocupou Isabel. Pelo visto, os líderes de Ivan estavam mesmo pensando as palavras dele.

Se decidissem lançar um ataque com força total contra o quartel, era óbvio que seria um massacre, pois o condomínio contava com

um poder de fogo inacreditável.

— Não concordo em colocar a vida de inocentes em risco — Silas falou, por fim. — Tem que haver outro meio.

Isabel sorriu ao ouvi-lo. Se não amasse tanto Canino teria dado um beijo na boca dele.

— Meu amigo, eu também não gosto dessa ideia, mas o que podemos fazer? — Ivan se mostrou contrariado. — Aquilo será uma confusão, com balas voando para todos os lados! Teremos que revidar, precisaremos atirar para matar.

— Ivan, eu concordo com Silas. Não aceito uma solução em que tenhamos que abater mulheres que estarão atirando em nós por medo de serem mortas pelo Senhor Psicopata — Adriana opinou com firmeza.

Ivan engasgou; ele tinha sérios problemas em discutir com Adriana. Ela estava grávida, viúva e frágil. As coisas começavam a se complicar.

Foi quando Ivan resolveu apelar para dois dos seus melhores homens:

— Zac, Reginaldo, me ajudem aqui. Vocês entenderam minha posição, não é? Lembrem-se do que aconteceu no ano passado. Não quero uma nova sequência de velórios!

Reginaldo era seu fiel escudeiro. Zac e ele, por outro lado, tiveram inúmeros atritos no passado. Porém, quando Ivan e Estela orquestraram o resgate de Gisele no ano anterior, tudo mudara, e Zac agora nutria grande lealdade para com seu líder.

Reginaldo falou primeiro, olhando para Ivan com pesar, quase pedindo desculpas:

— Meu amigo, eu entendo sua posição. Depois da invasão dos zumbis, você parece mais o nosso pai do que o nosso líder. Sei que ficou traumatizado com aquele episódio, Ivan, todos nós ficamos. Mas não podemos esquecer quem somos, nem nosso compromisso para com os inocentes. Desculpe, mas eu também não concordo com você.

— E você, Zac? Qual a sua posição? — Ivan perguntou àquele com quem chegou a partir para a agressão física.

Ivan se lembrava muito bem de quando ele o agarrou pela garganta ameaçando matá-lo, bem como da ocasião em que ele, Ivan, nocauteara Zac com um cruzado no queixo. Felizmente aquelas eram águas passadas.

— Ivan, você é um cara foda pra caralho. Se existe um filho da puta no qual eu aprendi a confiar é você. Se você acha que o esquema é chegar arregaçando, estou contigo — Zac respondeu, com sua educação costumeira.

Ivan se animou com a posição dele. Se os quatro ex-militares que compunham o time o apoiassem, teria uma chance de conseguir convencer os demais. Mas Oliveira e Sandra vieram com uma ducha de água fria.

— Eu e Sandra conversamos ontem com Estela, no posto de saúde, e ela nos contou dessa sua posição. Desculpe, mas somos terminantemente contra — Oliveira afirmou, objetivo.

— Eu também sou contra. Há até crianças lá dentro, não podemos chegar atirando — Gisele apoiou o colega.

Ivan devia ter previsto aquilo. Estela não participaria da reunião, mas tratara de convencer alguns dos seus interlocutores mais próximos a conterem os seus ímpetos.

Ele sentiu vontade de ir para o posto de saúde e brigar com a esposa, mas sabia que era perda de tempo. Estela vencia. Sempre.

— Amigos, vocês estão loucos! Isso não será a nossa brincadeira de tiro ao alvo! Essas pessoas não são zumbis lerdos e estúpidos, são seres pensantes que estarão armados até os dentes! Eles vão atirar para matar, eu garanto! — Ivan se mostrava agora muito irritado; finalmente perdera a paciência.

— Calma, Ivan, nós não estamos contra você, só queremos chegar a um consenso! — Silas argumentou ao ver o amigo exaltado.

— Está bem, Silas, o que você propõe? Qual é a sua solução para esse impasse? — Ivan lançou lhe um olhar feroz, deixando o mulato sem palavras. — Vamos lá, pessoal, eu acho que devemos invadir o quartel e tentar poupar as pessoas, mas conscientes de que quem disparar contra nós será um inimigo potencial e precisaremos atirar para matar. Qual é a proposta de vocês?

Ivan estava farto de todos se oporem às suas ideias. Se eles discordavam da sua posição, então agora teriam de provar que ele estava errado apresentando uma ideia melhor.

Ficaram todos em silêncio por um instante. Mesmo Isabel, que conhecia o local e as pessoas que estavam lá, era incapaz de imaginar uma forma de desentocar Emmanuel sem partirem para uma solução violenta.

Ivan se sentia mais aliviado. Parecia que o grupo finalmente começava a entender sua posição. Ele não era mau, nem tampouco queria ferir ninguém, mas não permitiria que vários dos seus companheiros morressem por adotarem a estratégia errada.

— Meus amigos, pensem nisso. Um quartel do exército cercado por grossas telas de arame. Lá dentro, centenas de pessoas armadas, muitas delas lutando contra a própria vontade, é bem verdade, mas todas dispostas a atirar para matar. Comandando tudo isso, um grupo de ex-presidiários que tem como líder um doido varrido. Não temos como nos comunicar com eles, e, mesmo que houvesse uma forma de contato, duvido que esse tal de Emmanuel, depois de tudo que ele fez, fosse mandar que todos entregassem as armas e se rendessem pacificamente. Ele saberá que iremos castigá-lo caso o peguemos, e por isso ordenará que lutem até a morte — Ivan sentenciou.

— Você acha que nem vale a pena tentar convencê-lo? Ao que me consta, dificilmente se declara guerra antes de os diplomatas esgotarem todos os recursos pacíficos — Isabel argumentou, sentindo de novo que perdia a disputa.

— Podemos tentar uma saída negociada, Isabel, mas não devemos contar com essa solução. Trata-se de algo muito frágil, e que depende da boa vontade daquele maníaco. Acho loucura apostar nessa opção. Temos que ir preparados para a situação mais adversa. Precisaremos estar prontos para lutar. — Ivan sentiu que vencera a discussão.

O soldado Souza se pronunciou pela primeira vez:

— Calma, Ivan, eu quero entender melhor onde estamos pisando. Isabel, diga-me uma coisa: tudo que vocês precisavam era obtido dentro do quartel?

— Bom, nós tínhamos uma grande plantação, além de mantimentos estocados. Eu me lembro de uma vez ter lido alguns pensamentos do Canino quanto a isso, mas não recordo se era um estoque grande, desculpem — Isabel respondeu, sem graça.

— Sem problemas, não se preocupe. — Souza pôs a mão no ombro dela.

— Se eu me lembrar de alguma coisa, eu falo, está bem, Renato?
— Isabel esboçou um sorriso.

Souza tirou a mão do ombro de Isabel e deu um pulo para trás, como se houvesse tomado um choque elétrico, surpreendendo os demais.

— Puta que o pariu! É verdade mesmo, você lê pensamentos!
— Souza exclamou, impressionado.

— Você se chama Renato? É isso? — o soldado Dias perguntou impressionado. — Eu também!

Todos riram daquela coincidência e do espanto causado por Isabel. Logo, todos começaram a fazer perguntas ao mesmo tempo, e alguns pediram para Isabel adivinhar o que pensavam. Aquilo tudo serviu para aliviar a imensa tensão daquela reunião tão complicada.

— Eu não acredito! É por isso que seu apelido é Zac? — Isabel comentou, olhando para ele.

— Eu sei, é horrível não? — Zac falou, sorrindo com seu rosto parcialmente desfigurado.

— Do que vocês estão falando? — Ivan indagou, curioso.

— Do meu nome. Eu me chamo Zacarias — Zac respondeu.

— Eu já imaginava, mas qual é o problema? — Ivan perguntou.

— Tenho vergonha de admitir que meu nome é uma homenagem a um dos membros de *Os Trapalhões*. — Zac ficou sem jeito.

O grupo inteiro explodiu em gargalhadas.

Depois de alguns instantes, muitas demonstrações e risadas, os ânimos enfim se acalmaram. Ivan ainda esfregava os olhos, enxugando as lágrimas das gargalhadas, quando retomou a palavra:

— Muito bem, Renato... quer dizer, Souza. Você tentava desenvolver um raciocínio quando Isabel demonstrou seu poder mutante. Você não quer continuar? — Ivan pediu, sorrindo.

Aquele comentário espirituoso quase fez recomeçar a confusão de risos e brincadeiras, mas todos se contiveram. Havia um assunto sério e importante a resolver.

— Claro, Ivan, sem problemas. Fique longe de mim, Isabel, você tem parte com o capeta! — Souza retomou a palavra, ainda rindo. — Muito bem, você disse que havia alimentos estocados e em produção, certo?

Isabel assentiu com um leve meneio da cabeça.

— Bom, acredito que armas e munição também não deveriam ser problema, correto? — Souza prosseguiu com o raciocínio.

— Não mesmo. Conforme eu disse, não sei a extensão do arsenal, mas posso afirmar que os homens de Emmanuel sempre andavam com armas grandes e de grosso calibre, aparentemente automáticas.

— Eles saíam do quartel com frequência? — Souza perguntou.

— Saíam sim, só não sei dizer com que frequência exatamente... Às vezes eles iam num caminhão grande. — Isabel tentava puxar da memória alguma informação útil.

— Um caminhão grande? De que tipo? — Souza antevia uma oportunidade.

— Um caminhão-tanque. Desses que transportam combustível. — Isabel nunca prestara muita atenção àquela parte da rotina do quartel.

— Você consegue dar um palpite de com qual frequência eles faziam isso? — Souza se mostrou esperançoso. — Uma vez por semana? Uma vez por mês?

— Eu diria que uma vez por semana no mínimo, talvez mais. Eu trabalhava na lavoura e ficava sempre do lado oposto do quartel, mas aquela monstruosidade não passava despercebida. Pelo menos o barulho do caminhão partindo nós ouvíamos — Isabel afirmou.

— Acho que já sei o que podemos fazer — Souza comentou, pensativo.

— E eu tenho a impressão de que sei aonde você está querendo chegar — Ivan ponderou, tentando acompanhar o raciocínio do amigo.

— Creio que o caminhão-tanque não ia buscar combustível, já que eles não precisariam de transporte com tanta frequência e esse era o

veículo que usavam. E mesmo que fosse o caso, esse tipo de veículo é enorme; não haveria necessidade de tanta gasolina toda semana — Souza refletiu.

— E o que você acha que eles transportavam no caminhão-tanque? — Isabel quis saber.

— Água. Sou capaz de apostar que eles buscavam água. E como o consumo de cerca de cento e cinquenta pessoas é considerável, de tempos em tempos eles tinham de ir buscar mais. — Souza meneou a cabeça. — Sobretudo com uma plantação inteira para cuidar.

Todos ficaram pensativos. De fato aquele grupo lembrava-se bem do imenso desafio que fora abastecer o condomínio com água — ao todo agora, eles tinham sete poços artesianos. Realizar aquela proeza exigira um esforço conjunto de engenheiros, técnicos e vários voluntários, além da obtenção de equipamentos pesados e altamente específicos. E, claro, a teimosia obcecada de Ivan.

— Se a minha teoria estiver correta, esse é o ponto fraco dos caras. Sem água é impossível sobreviver. Eles não terão como resistir se cortarmos a água — Souza afirmou.

— Você está propondo roubarmos o caminhão? — Ivan se mostrou vivamente interessado.

— Sim. Roubamos o caminhão, damos um belo susto neles, cercamos o quartel e exigimos que eles saiam, falando que somos do exército e queremos a instalação de volta. Vamos com todo o nosso poderio bélico e centenas de soldados. Deixaremos claro para eles que ou se rendem ou morrem. Nada de invasão, nada de ataque. Venceremos pela guerra psicológica. Como eles estarão sem água e não haverá como conseguir mais, ficará muito difícil resistir — Souza afirmou, convicto, batendo os nós dos dedos na mesa de madeira.

O grupo começou a discutir. A ideia era interessante. Trabalhosa, mas de fato parecia promissora.

— Se deixarmos todos completamente sem água, por quanto tempo será que vão conseguir resistir, Souza? — Ivan quis saber.

— Imagino que por alguns dias. Por isso é importante agirmos quando eles saírem com o caminhão. Esse será o momento em que provavelmente o suprimento de água estará no fim. Eles vão

improvisar tudo o que puderem, vão deixar os prisioneiros com sede e ficar com o que sobrar da água, mas uma hora terão que negociar uma rendição — Souza garantiu. — Sem dúvida iremos impor uma grande dose de sofrimento a todos, mas temos uma chance de conseguir uma rendição geral; talvez até mesmo sem confronto. Vai ser sofrido, mas talvez a gente consiga salvar todos.

Discutiram por mais um tempo, tentando prever os possíveis desdobramentos daquela estratégia. De fato parecia um plano bem melhor do que invadir o quartel num confronto aberto que na certa mataria dezenas, talvez centenas de pessoas de ambos os lados. O único um pouco reticente era o próprio Ivan.

— Só me preocupa o tamanho do contingente que precisaremos deslocar. Se ocorrer algum grande incidente por aqui, nossa capacidade de resposta estará comprometida — Ivan observou um tanto pessimista. — Depois do que ocorreu ontem, confesso que fiquei um tanto inseguro.

Oliveira tomou a palavra:

— Não vejo razão para preocupação. Podemos manter uns seis blindados, uns cinquenta soldados e centenas de reservistas. E partimos com trezentos homens e mulheres e todo o resto do nosso equipamento.

— Além disso, manteremos contato por rádio. Taubaté fica a cerca de duas horas daqui, qualquer problema mandamos reforços — Silas complementou.

Ivan não parecia muito convencido, mas também queria uma solução que permitisse poupar os prisioneiros. Aquela parecia uma possibilidade real de resolver o problema.

— Muito bem, pessoal, estamos de acordo? Vamos usar o plano de Souza?

Todos disseram “sim” para Ivan. Em uma semana partiriam.

* * *

Sorrateiramente, Emmanuel abriu a porta do quarto de Canino. Deixou um dos seus homens mais fiéis vigiando do lado de fora e adentrou o cômodo às escuras.

Ele recomendara que outro dos seus capangas vigiasse Canino, que jogava baralho, o único alento que lhe sobrara depois da fuga de Isabel.

Emmanuel começou a vasculhar as coisas de Canino, tentando encontrar algum ponto fraco. Algo que ele pudesse usar contra o inimigo em alguma situação oportuna.

Após revirar o quarto, as gavetas, as caixas, ele encontrou algo. Um pedaço de papel dobrado. Logo viu a assinatura. Era o bilhete de despedida de Isabel.

Emmanuel leu a carta, com atenção, mais de uma vez. Um sorriso maléfico surgiu no seu rosto.

— Não estava sabendo de nada o cacete... — Emmanuel balbuciou.

Com cuidado, ele devolveu o bilhete ao lugar em que o encontrara e saiu do aposento, como se nada houvesse acontecido.

* * *

Isabel deixou a reunião aliviada. Por um instante achou que prevaleceria a ideia de Ivan e o grupo do Condomínio Colinas poria abaixo o quartel. Se isso acontecesse, as consequências seriam desastrosas, ela não tinha dúvidas.

Ocorreu-lhe a imagem do acervo de armas de Emmanuel, mas ela sabia que a munição e contingente do Colinas era muito superior. Assim, a preocupação passou.

Agora havia outra coisa que ela queria fazer, mas preferia tentar manter em segredo. Para isso precisava contar com a colaboração de uma pessoa.

Isabel se informou com Sandra sobre onde ficava a sala de rádio do condomínio. A médica explicou-lhe rapidamente; na prática, era ali mesmo no prédio da administração. Então Isabel rumou para lá, passando por um amplo corredor iluminado com luz natural e paredes pintadas de branco.

À porta, deu duas batidas e girou a maçaneta. Ao entrar, constatou que se tratava de uma sala pequena, com uma janela coberta por uma persiana e uma mesa; sobre ela uma unidade GMR, o rádio de

uso exclusivo militar encontrado no quartel de Caçapava no ano anterior. Operando o aparelho estava Ariadne, uma mulher de meia-idade, baixa estatura e um tanto rechonchuda.

Isabel iniciou a conversa se apresentando e agradecendo pela ajuda. Afinal, aquela mulher fora o elo entre ela e o casal Estela e Ivan. Graças a Ariadne, Isabel estava salva. E agora precisava pedir-lhe um favor.

— Você acha mesmo que sua irmã pode estar viva? — Ariadne perguntou, com ceticismo.

— Não faço ideia. A última vez em que conversamos foi no dia do apocalipse zumbi, e ela era atacada. E Jezebel é tão frágil, tão fraca... Mas tenho de tentar. Ela é tudo que sobrou da minha família. Meu pai e meu marido morreram, e eu queria pelo menos tentar localizá-la.

— Posso tentar, mas não garanto nada. Captamos poucas coisas aqui, e na prática o primeiro pedido de socorro concreto que localizamos foi o seu. É muito difícil, é como procurar uma agulha num palheiro. — Ariadne se sentia desanimada com o trabalho enfadonho.

— Eu entendo, mas Jezebel sempre operava na mesma frequência para podermos nos falar sempre. Aposto que ela estará nessa faixa se estiver transmitindo ainda.

Isabel anotou os números da frequência num pedaço de papel e passou-o para Ariadne, que olhou com dúvida. Ela parecia bastante cética quanto àquele pedido.

Ariadne ajustou a frequência do GMR exatamente para a mesma que Isabel indicara. A moça segurou as duas mãos junto ao peito, em suspense. Mas tudo que ouviram foi estática, para decepção de ambas.

— Sem problemas, Isabel, não custa continuar tentando — Ariadne afirmou, ao ver o semblante decepcionado da nova moradora. — De qualquer forma, garanto que será bem mais fácil assim, sabendo exatamente onde procurar. Irei sempre deixar nessa frequência o dia todo; só trocarei quando for realizar as varreduras atrás de sobreviventes, combinado?

Isabel assentiu. Sem dúvida se Jezebel estivesse viva não estaria transmitindo todos os dias. Ela escolheria horários específicos.

Ambas se despediram, e Isabel ficou de retornar todos os dias para saber se havia alguma novidade. Combinaram também que aquele seria um segredo entre ambas. Não queriam deixar todos saberem o que estavam fazendo; ao menos por enquanto.

* * *

Adriana dormia profundamente quando ouviu os gritos. Eram gritos de mulher, que vinham do quarto ao lado, quebrando o silêncio da noite.

Ela suspirou resignada e se levantou com dificuldade. A barriga estava imensa e pesada, e ela era pequena, por isso se levantar rápido era impossível. Mas tudo bem, aqueles gritos não exigiam velocidade. Exigiam paciência, e isso Adriana tinha de sobra.

Adriana vestiu um roupão e saiu do quarto, chegando ao hall dos dormitórios da casa descomunal em que vivia, uma imensa residência em estilo colonial que ela e o namorado escolheram para se instalar quando se mudaram para o condomínio.

Quando chegou à porta do quarto de onde os gritos partiam, deu de cara com Zac, que vestia um pijama e vinha de outro dormitório.

— Mais uma longa noite... — Zac comentou, desanimado.

— Eu sei, eu sei... — Adriana esfregava os olhos.

Entraram no aposento, onde os gritos não paravam, e se aproximaram da cama na qual Gisele se debatia, agarrada ao travesseiro.

— Gisele, acorda. Sou eu, Adriana — ela falava com delicadeza, tentando fazer a amiga despertar de mais um terrível pesadelo.

Gisele continuava gritando, ora implorando por ajuda, ora exigindo ser morta de uma vez por todas.

Zac olhava, compadecido, sem saber o que fazer. Sentia-se impotente diante daquilo.

Imprudente, ele pôs a mão no ombro de Gisele, e quando isso aconteceu, ela despertou como num passe de mágica.

— Tira a mão de mim! — Gisele rolou na cama e caiu no chão. Em seguida, arrastou-se depressa até a parede, ficando debaixo da janela, com os cabelos desgrenhados caídos sobre o rosto e olhando, assustada, para os dois amigos.

— Calma, somos nós! — Zac ergueu as mãos.

— Foi só um pesadelo, já passou, minha amiga. — Adriana se aproximou dela.

Zac nem se mexeu. Sabia que ela não gostava nem que ele chegasse perto quando essas crises aconteciam.

— Cadê ele? Ele estava aqui! — Gisele berrou.

— Não há ninguém aqui — Adriana contrapôs. — Só nós três.

— Ele estava aqui! Eu vi! — Gisele tornou a gritar, olhando em volta como se estivesse tentando encontrar o demônio em pessoa.

— Gi, ele morreu, lembra? Acabou, Heraldo está morto. — Adriana se sentou na quina da cama.

— Não está não, ele está aqui! Eu vi! — Gisele afirmou, convicta.

Adriana e Zac permaneceram em silêncio durante alguns instantes, aguardando Gisele voltar à realidade.

Gisele olhava em volta, procurando. Não podia ser verdade, tinha certeza de que Heraldo estava ali. Mas não havia nada no quarto, apenas alguns móveis parcialmente visíveis em meio à penumbra.

— Ele não está aqui, certo? Não foi real... — Gisele colocou ambas as mãos na cabeça, e alisou os cabelos desgrenhados para trás.

— Não, ele morreu, lembra? Nós fomos ao enterro, você fez questão de conferir se era mesmo Heraldo dentro do caixão.

— Adriana suspirou.

Gisele começou a chorar. Era um choro cheio de mágoa, raiva e frustração. Ela estava viva, e Heraldo, morto, e mesmo assim sentia como se ele houvesse vencido. Aquele homem destruíra sua vida nos mais diversos níveis.

— Dri, eu estou enlouquecendo. Não aguento mais. Achei que fosse melhorar com o tempo, mas isso não está acontecendo.

— Gisele abraçou os joelhos, sentada no chão.

— Você precisa de ajuda. Tem que conversar com um psicólogo — Adriana aconselhou.

— E onde eu vou arrumar isso? — Gisele perguntou, por fim, se erguendo e enxugando uma lágrima.

— Isabel é psiquiatra, mas, pelo que eu entendi, ela não tem experiência. Porém, aquele senhor que chegou junto com ela, Hilton, era professor de psiquiatria. Acho que eles podem ajudar — sugeriu Adriana.

Gisele ficou na dúvida. Estava desesperada por uma solução, mas não sabia se queria se abrir com uma estranha que nem sequer possuía experiência no assunto. E, definitivamente, não ficaria sozinha numa sala com um homem, mesmo que fosse um idoso.

Gisele tinha nojo de homens, apesar de gostar de Zac mais do que era capaz de admitir, e ter bons amigos no condomínio. Ela se sentia mal com aquilo, mas às vezes se flagrava pensando que o mundo seria um lugar um pouco melhor se todos os seres do gênero masculino virassem zumbis.

— Não sei, eu preciso pensar. — Gisele se deitou na cama para tentar voltar a dormir.

Adriana tornou a suspirar, resignada. Retornaria à sua cama. Ela saiu do quarto, mas Zac não se mexeu. Ele continuou observando Gisele.

— Vá embora, Zac. Ficar aí parado olhando para a minha cara só piora tudo. — Gisele o encarou, irritada.

— Estou saindo. Só queria dizer que você pode contar comigo. — Zac se esforçava para ignorar o tom agressivo dela.

— Zac, sai daqui! — Gisele ordenou, apoiando o cotovelo na cama. — Desista, eu sou mercadoria com defeito, você não entende? Por que insiste em morar aqui conosco? — Os olhos dela ficaram marejados novamente.

— Estou aqui porque eu a...

— Não! Não diga isso! Eu não quero ouvir! — Gisele rolou na cama para o lado oposto, dando as costas para Zac.

Ele ficou parado no escuro durante alguns instantes, sem saber o que fazer. Adoraria abraçá-la e tentar confortá-la de alguma forma, mas a verdade era que nas ocasiões em que tentou fazer isso Gisele o tratou como se ele fosse um leproso. Nenhum homem tinha

autorização para tocá-la, era um reflexo automático, incontrollável e sem solução.

— Gi, eu...

— Vá embora, Zac! Saia do meu quarto, droga!

Desanimado, Zac se despediu, desejando boa noite. E, como não houve resposta e Gisele nem sequer se mexeu, Zac finalmente saiu, voltando para seus aposentos. Aquela situação o deixava frustrado, mas, apesar do temperamento forte de Gisele, ele não se atrevia a brigar com aquela mulher. Não depois de tudo por que ela passara.

Deitada na cama e olhando a parede, Gisele voltou a chorar, protegida pela noite.

— Eu sinto muito. Por favor, me perdoe — ela balbuciou em meio à escuridão.

* * *

Os dias passavam. Sandra queria proibir Estela de fazer qualquer esforço, pois ela realmente apresentava um quadro claro de hipertensão arterial que a obrigaria a guardar repouso por tempo indeterminado. Mas a líder do condomínio foi intransigente, sobretudo quando ouviu os planos relativos ao quartel.

— Eu vou com vocês! Recuso-me a ficar aqui de braços cruzados!

— Estela afirmou, resoluta.

— Você precisa repousar, não pode partir numa missão como essa

— Sandra contrapôs. — Pense no seu bebê.

— Por favor, amor, tenha bom senso — Ivan pediu, súplice.

— Sandra, você vai acompanhar a missão, certo? E Oliveira também, acertei? — Estela quis saber.

— Sim, de fato iremos os dois. — Sandra já antevia o que Estela tinha em mente.

— Então eu estarei mais bem assistida com vocês do que aqui, onde ficarão apenas enfermeiras — Estela argumentou, convicta.

Ivan e Sandra se entreolharam. Era um argumento válido, apesar de difícil de aceitar.

— Por que você quer tanto nos acompanhar, Estela? Qual é a sua preocupação?

— Quero ir porque vocês serão mortos se eu não estiver por perto, Ivan. E você sabe que tenho razão. — Estela respondeu, séria.

Exageros à parte, Ivan entendia os motivos de Estela. Ela era a única pessoa do grupo capaz de atingir um alvo a distâncias superiores a quinhentos metros. E numa situação como aquela, sua pontaria prodigiosa seria essencial.

— Meu amor, eu não sei, acho que você devia ficar... — Ivan falou com suavidade.

— Querido, entenda uma coisa: entregue-me o meu rifle mais potente e torça para esse tal Emmanuel aparecer numa janela ou telhado a uma distância de mil metros com vento favorável. Só preciso de dez segundos para fazer mira e pronto; assunto encerrado, voltamos para casa no mesmo dia. — Estela esboçou o mesmo sorriso que usava sempre que queria convencê-lo de algo.

E ele era incapaz de resistir àquele sorriso. Era uma arma infalível.

— Está bem, estou de acordo. Mas prometa-me que ao menor sinal de problemas você volta para o condomínio na hora. — Ivan deixava claro que aquele ponto não era negociável.

— Eu prometo! Palavra de fuzileira! — Estela ergueu a mão direita, solene.

Ivan e Sandra acharam graça.

Os preparativos já estavam quase finalizados na véspera da partida. Seria um contingente de duzentos soldados, duzentos reservistas e quinze tanques de guerra, além de jipes, caminhões de infantaria e até carros de passeio. Um desses veículos civis seria justamente ocupado por Ivan, Estela, Sandra e Oliveira. Seria uma forma mais confortável de a mais nova gestante do condomínio viajar, devidamente acompanhada das duas pessoas mais aptas a cuidar dela.

Transportavam também imensa quantidade de água, alimentos, armamentos e munição.

Não haviam ocorrido novos eventos como aquele dos zumbis tentando invadir o condomínio, mas estavam todos em alerta. A quantidade de criaturas cercando aquele lugar se tornara gigantesca. Milhares de zumbis agora andavam em meio à lama que agora se acumulava ao longo de todo o muro de proteção. Um contingente de

mortos-vivos grande o suficiente para matar cada pessoa dentro daquele condomínio.

Por isso, várias outras atividades foram interrompidas. Todos os reservistas pegariam em armas para garantir a segurança, enquanto o resto da equipe se dirigiria para Taubaté.

Isabel, preocupada, acompanhava toda aquela movimentação. Ela também participaria da perigosa jornada, até porque seria necessário guiar o comboio até o local adequado. Além do mais, ela seria fundamental para identificar quem eram as vítimas e quem eram os bandidos dentro do quartel.

Isabel estava justamente rumando para a última reunião de preparação da equipe quando recebeu um recado trazido por um soldado, dizendo-lhe para procurar Ariadne com urgência.

Ela sentiu o corpo inteiro entorpecido, como se fosse desmaiar a qualquer instante. E, quando se deu conta, corria na direção da sala de rádio, com o coração batendo em disparada como se fosse saltar pela boca a qualquer instante.

Isabel dispensou formalidades e invadiu a sala de rádio, sem bater. Estava ansiosa demais, esperançosa demais para perder tempo.

As lágrimas desabaram instantaneamente quando ela viu o sorriso de Ariadne e ouviu de forma límpida a voz de Jezebel saindo pelas caixas de som do aparelho.

* * *

Trinta minutos depois, Isabel saiu da sala de rádio sentindo uma confusa mistura de alívio e medo, felicidade e angústia.

Quando ouviu a voz de Jezebel, ela não se conteve: arrancou o comunicador das mãos de Ariadne e começou a falar atropeladamente.

— Jezebel! Minha irmã, sou eu, Bel! — Isabel tropeçava nas palavras, com voz embargada pelo choro.

— Bel! Que saudade! Eu sabia que você estava viva, graças a Deus! — Jezebel também chorava.

Foi uma conversa emocionante e dolorosa. Isabel narrou rapidamente os acontecimentos que devastaram o que sobrou da sua vida. Falou da fuga por Taubaté, a chegada ao quartel e todo o sofrimento que sentiu e presenciou, o estupro, o relacionamento com Canino, a nova fuga e a chegada ao Condomínio Colinas.

A situação de Jezebel era infinitamente pior. Ela vinha se escondendo em um prédio que agora se encontrava abandonado, a cerca de um quilômetro da casa confortável onde elas viveram com o pai. Estava quase sem comida e água, e vinha lutando para sobreviver aquele tempo todo, sozinha.

— Não tem ninguém a quem você possa recorrer? Não sobrou nenhuma pessoa? — Isabel perguntou, aflita.

— Não encontrei uma única viva alma sequer. Já vi diversos parentes nossos, mas todos perambulando por aí, transformados nesses canibais ensandecidos. Bel, é horrível! Vi nossa tia outro dia mancando aqui em frente. Deu vontade de correr e abraçá-la, mesmo sabendo que ela me mataria se tivesse chance — Jezebel falava com voz entrecortada por soluços.

— Jeza, se você está escondida noutra lugar, o que você está fazendo aí na casa do papai? Aliás, por que você não fica aí? — Isabel se sentia muito angustiada com a situação crítica da irmã.

— Eu tenho vindo a cada três, quatro dias. Venho só para tentar algum contato pelo rádio. O aparelho do papai é muito pesado, você deve se lembrar, eu não consegui levá-lo embora. E ficar aqui não é seguro, o portão da casa não tranca mais, e tem muitas dessas coisas circulando por aqui. Pelo menos o lugar onde eu estou é mais protegido. Daqui a pouco voltarei para lá. Tenho muito medo de ficar aqui, mas eu precisava insistir, Bel. Este rádio era a minha única esperança de conseguir encontrá-la. Consegui ligá-lo em um pequeno gerador que o papai tinha nas tralhas dele. Eu nem sabia que essa coisa existia aqui.

— Meu Deus, minha irmã, o que você vai fazer? Aqui tem tudo o que uma pessoa pode precisar, mas estamos a mais de mil quilômetros de distância.

— Não sei, Bel. Eu podia tentar conseguir um carro, mas será que conseguiria chegar aí? As ruas estão caóticas. Tem carros, caminhões

e ônibus abandonados e destruídos para todos os lados. — Mesmo não vendo saída para sua situação, Jezebel estava aliviada por saber que a irmã estava em segurança.

— Acho melhor você não tentar fazer isso. Já ouvi diversas histórias sobre a situação das rodovias. Tem vários pontos onde é impossível trafegar, só dá para passar empurrando os carros abandonados. Sozinha será impossível — Isabel alertou.

— Mas, Bel, talvez eu devesse tentar. Sei chegar aí, lembro-me desse condomínio, das vezes em que eu fui visitá-la. Se é um lugar seguro, acho que vale a pena correr o risco. — Jezebel morria de medo de se expor aos zumbis, mas a simples possibilidade de chegar a um local seguro fazia a coragem brotar, mesmo sendo uma péssima ideia.

— Não, Jeza, tente manter a calma! Você não vai conseguir, temos que pensar num outro jeito — Isabel falou com firmeza.

— Bel, eu sei que você está preocupada comigo, mas está muito difícil! Só tenho restos de comida agora, e parte já estragou. Fiquei doente várias vezes e não tenho nem uma aspirina. Não me peça para ficar aqui, estou no meio do inferno! Faz meses que não consigo dormir mais do que duas ou três horas por noite!

Jezebel não queria matar a irmã de preocupação, mas atingira o limite das forças, e agora começava a sonhar com aquele lugar seguro e protegido do qual Isabel falava.

— Calma, Jeza, não faz isso comigo, pelo amor de Deus! Fiquei morrendo de preocupação esses meses todos, não faz essa loucura! — Isabel implorou, apavorada com intenção da irmã.

— Então, pede para alguém me buscar, Bel. Aposto que vocês conseguem fazer isso, não é verdade? Eles têm armas, tem tanques, certo? Pede para alguém vir me ajudar, pelo amor de Deus! — E Jezebel voltou a chorar.

Isabel passou a mão no rosto e alisou os cabelos para trás. O que fazer? Não podia ficar em segurança enquanto a irmã estava acuada, morrendo de fome e medo. E, para piorar, ela viajaria no dia seguinte numa campanha que tinha como objetivo salvar dezenas de inocentes, entre eles Canino.

— Isso não depende de mim. Não passo de uma hóspede aqui, não posso prometer nada — Isabel sussurrou, com sinceridade.

Tinha que ser sincera e coerente, não queria gerar uma expectativa em Jezebel que não podia cumprir. Naquele momento, sentiu vergonha de estar em segurança. Parecia uma grande injustiça; queria poder trocar de lugar com a irmã.

— Bel, por favor, você é minha única esperança...

Isabel podia imaginar a irmã de joelhos no escritório do pai delas em Canela.

— Jeza, por favor, não faz isso... — Isabel também suplicou.

— Bel, estou desesperada! Você não faz ideia, estou enlouquecendo! É a primeira vez em meses que falo com alguém, estou sozinha e apavorada! A única coisa que me impediu de me matar era vir aqui de tempos em tempos, ligar o rádio do papai e rezar para encontrá-la. Não faz isso comigo, minha irmã, você é tudo que eu tenho! — Jezebel gritava, agora, cedendo de vez ao desespero.

— Jeza, fala baixo! Não grita, você vai atrair os mortos-vivos!
— Isabel se apavorou com a possibilidade de a irmã denunciar sua localização.

— Que diferença faz? Morrer agora, morrer de fome ou virar comida de zumbi, o que importa? Estou perdida, Bel! Você era a minha única esperança. — Jezebel não parecia disposta a facilitar as coisas para a irmã.

— Calma, Jeza, eu vou tentar, está bem? Prometo que farei de tudo para convencê-los — Isabel garantiu, mesmo sabendo que seria muito difícil.

— Você jura? Jura por Deus? — Jezebel, mais controlada, sentia a esperança se renovar.

— Sim, juro pelas almas dos nossos pais, está bem? Mas, por favor, se acalme e fale baixo. — Isabel experimentou um imenso alívio ao perceber que a irmã ficara mais tranquila.

Conversaram mais alguns instantes, mas Isabel sabia que não podia se prolongar mais; precisava ir para a reunião, estavam todos à sua espera.

Jezebel protestou como uma criança mimada quando ela falou que iria embora.

— Por favor, Bel, só mais cinco minutos! Eu preciso muito conversar com alguém, nunca me senti tão só e assustada em toda a minha vida! — Jezebel choramingou.

— Jeza, preciso ir, estão me esperando. Vou aproveitar essa reunião e falar do seu caso, está bem? — Isabel tentava ser paciente. — Lembra-se daquele nosso lema bobo de quando éramos crianças?

— Isabel e Jezebel contra o mundo.

Várias vezes as duas repetiram essa bobagem, sobretudo quando se metiam em alguma briga, ou alguma criança as maltratava em função dos seus estranhos dons.

— Exatamente. Isso não mudou, estou junto com você, eu vou ajudá-la — Isabel afirmou, convicta.

Em instantes, elas se despediram. Mas antes Isabel teve que prometer que entraria em contato ainda naquele dia, dentro de uma hora. Jezebel permaneceria o tempo todo ao lado do rádio aguardando notícias.

Isabel rumou apressada para a sala de reunião, onde todos já esperavam fazia muito tempo. Quando ela entrou, a equipe toda percebeu que algo acontecera, pois Isabel parecia ter visto um fantasma.

— Isabel, aconteceu alguma coisa? Por que demorou tanto? — Ivan indagou, preocupado.

Isabel decidiu ser direta:

— Preciso de ajuda. Acabo de falar com a minha irmã, ela está viva!

— Calma, espere um pouco. Sua irmã está viva? Como você descobriu isso? — Ivan a fitava, surpreso.

Isabel narrou para todos o pedido que fizera para Ariadne, e como a amiga conseguira localizar sua irmã em apenas seis dias. Contou também da situação caótica que Jezebel enfrentava.

O grupo todo ficou em silêncio, ouvindo a narrativa. Todos ali, em algum momento, passaram pela situação de terem que se esconder dos zumbis, apavorados com a ideia de serem cercados por um grupo daquelas criaturas desgraçadas. Mas não faziam ideia de

como seria enfrentar quase um ano dessa situação. Aquela mulher sem dúvida alguma possuía uma tenacidade sem igual.

— Isabel, eu entendo o quanto a situação da sua irmã deve ser difícil. Nós todos já passamos por isso, e também resgatamos pessoas quase mortas. Aliás, tivemos casos em que recolhemos sobreviventes tão debilitados, tão esgotados que eles morreram aqui dentro, sob os nossos cuidados.

À medida que Ivan falava, as esperanças de Isabel se dissolviam.

— Porém, você precisa se colocar no nosso lugar. São mais de mil quilômetros. Para resgatar Jezebel, teremos que preparar uma operação gigantesca numa jornada que nem sabemos se conseguiremos concluir.

— Ivan, eu sei que estou pedindo demais. Entendo que é muito difícil, e que seria necessário arriscar muito para salvar uma única pessoa. Mas agora, coloque-se você no meu lugar. Como eu posso, em sã consciência, ficar aqui inerte enquanto a minha irmã, a única família que me restou, está morrendo de fome e medo? Não posso fazer isso.

— Eu entendo sua situação, Isabel, mas o que você está pedindo não é apenas difícil. Creio que seja impossível. — Ivan se odiava por ter que dizer aquilo, mas não via como realizar tamanha operação.

— Então, eu vou embora. Vou encontrar a minha irmã. Se não for pedir demais, por favor, me arrumem um carro, combustível, comida e algumas armas. Amanhã cedo eu parto para o Rio Grande do Sul.

— Isabel se inclinou sobre a mesa, apoiada nos cotovelos.

— Isso é suicídio, Isabel, pense melhor! — Adriana falou pela primeira vez.

Os demais fizeram coro com a garota.

— Você vai se matar, e isso não melhorará em nada a situação da sua irmã — Zac foi direto.

— Eu e mais vinte e poucas pessoas levamos semanas para percorrer trezentos quilômetros quando saímos do Rio de Janeiro, e mesmo assim quase não conseguimos chegar aqui. Eu garanto, não dá para fazer isso sozinha. — Reginaldo tentava chamá-la à razão.

Praticamente todos argumentaram de alguma forma, mas Isabel estava surda aos apelos. Não poderia viver com aquilo na

consciência. Além do mais, não tinha coragem de falar para Jezebel que ela estava por conta própria. Encontraria a irmã ou morreria tentando.

— Boa parte da minha família estava em São Paulo, Isabel. São apenas oitenta quilômetros, e nem por isso arrisquei organizar uma missão para buscá-los, porque não seria justo com os demais. Eu me recusei a tentar resgatar minha própria mãe. Faz ideia do quanto isso foi difícil para mim?

— São situações completamente diferentes, Ivan! Você não sabia se a sua mãe estava viva ou não. Eu acabo de falar com a minha irmã, e ela implorou por ajuda. Eu sei exatamente onde Jeza está escondida. — Isabel se impacientava.

— Coloque-se no meu lugar, Isabel, procure ser coerente. Você mandaria centenas de pessoas numa missão longa e perigosíssima para resgatar uma única pessoa? — Ivan perguntou com toda serenidade. Ele estava percebendo o tom de irritação de Isabel, mas não se abalaria, embora soubesse que a jovem tinha ótimos motivos para estar daquele jeito.

— Diga-me, Ivan, e se fosse a sua mãe no rádio? Você não iria? — Isabel disparou à queima-roupa.

Ivan respirou fundo e esfregou as têmporas com as pontas dos dedos. Aquela era uma ótima pergunta, e não havia uma resposta fácil para ela.

— Não sei dizer, Isabel. Não posso fingir que sei pelo que você está passando, porque isso seria uma enorme mentira — Ivan foi franco.

— Ótimo. Então eu vou. — E assim Isabel encerrou o assunto.

— Está bem, esse é um direito seu, e podemos ajudá-la com aquilo que você precisa. Mas responda-me uma pergunta: e Canino e os demais sobreviventes de Taubaté?

A sala inteira ficou em silêncio diante da pergunta de Ivan. Ninguém se movia. Ivan atingira um ponto dolorosamente sensível.

— Não sei o que dizer. Com toda essa loucura, confesso que nem me lembrei deles — Isabel admitiu, envergonhada.

— Pois é esse o problema. Eu acho que é bem provável que precisemos de você lá. Entendo que você devia vir conosco — Ivan

ponderou.

— Ivan, eu acho que devíamos pensar melhor sobre isso — Estela finalmente se manifestou. Estava participando da reunião também. Se partiria em missão junto com os demais, precisava saber todos os detalhes.

— Não me diga que você está considerando a hipótese de irmos buscar a irmã dela. — Ivan sentia medo da resposta.

— Você vive dizendo que gostaria de ir além da nossa região. Que gostaria de verificar outras cidades, checar os grandes centros urbanos e partir em busca de mais sobreviventes. Estou certa? — Estela falou, com delicadeza.

— Sim, mas eu tinha em mente lugares como São Paulo e Campinas. Nunca me ocorreu atravessar quatro estados diferentes.

— Sim, eu sei que é muito mais do que planejamos, mas pense nisso. Talvez encontremos outros focos de resistência. Pode ser, inclusive, que consigamos estabelecer linhas de comunicação com eles. Avistamos um helicóptero, em algum lugar existe alguma coisa — Estela afirmou.

Ivan parou para refletir por alguns instantes. De fato ele não via justificativa para correr um risco tão grande para salvar uma pessoa. Eles não estavam em Hollywood, e aquele não era o filme *O resgate do soldado Ryan*.

Por outro lado, ele queria muito descobrir qual era a real situação do mundo exterior. Verificar São Paulo era sua meta mais imediata havia meses. Se eles conseguissem, à medida que avançassem em localizar outras comunidades, poderiam criar uma grande rede de colaboração mútua. A irmã de Isabel poderia ser o estopim para algo muito maior.

— Muito bem, acho que podemos avaliar essa possibilidade com mais atenção. No entanto, se formos partir nessa missão, será após finalizarmos a operação em Taubaté — Ivan foi firme.

— Minha irmã não pode esperar tanto tempo! — Isabel reclamou, apesar de estar feliz por ter conseguido aquele avanço repentino.

— A missão para Taubaté está toda preparada; em menos de vinte e quatro horas partiremos. Resgatar a sua irmã exigirá muito mais preparação e recursos. De qualquer forma, ela terá que se preparar

para resistir por mais um tempo. Provavelmente levaremos várias semanas para chegarmos até ela — Ivan respondeu em tom definitivo. Era pegar ou largar.

Isabel suspirou. Mas agora sentia-se confiante, porque, embora fosse demorar, Jezebel seria salva. A irmã resistira durante tanto tempo... Ela seria capaz de aguentar mais algumas semanas, principalmente tendo a certeza de que a ajuda chegaria.

— Está bem, eu concordo. Vamos para Taubaté, e assim que voltarmos nos preparamos para uma nova viagem, certo? — Isabel resumiu.

— De acordo. Todos concordam com essa estratégia? — Ivan se dirigiu ao resto do grupo.

Todos concordaram na hora. Por alguma razão, nada empolgava mais aquela gente do que a perspectiva de encontrar sobreviventes. Era quase como o motivo de existirem.

— Muito bem, Isabel, eu e você conversaremos com a sua irmã, então. — Ivan se levantou.

— Eu posso falar com ela. — Isabel parecia surpresa com a atitude do líder.

— Estou afirmando que não poderemos resgatá-la imediatamente. Portanto, é justo que eu me explique. É minha obrigação moral.

Quando estavam saindo, Estela se ergueu.

— Eu vou junto — Estela falou. — Talvez vocês precisem de ajuda para acalmá-la. Estou orgulhosa de você, meu amor — complementou, abraçando Ivan e encostando a cabeça em seu ombro.

— Obrigado, mas eu não fiz nada. — Ivan deu-lhe um beijo na cabeça.

Jezebel aguardava, sentada no chão da pequena sala na qual ficava o rádio do pai, que estava ligado em um sistema de baterias que permitia ao aparelho funcionar durante bastante tempo sem energia elétrica. Um capricho do pai que vinha se mostrando muito útil, somado ao pequeno gerador elétrico que ela encontrara.

Mas Jezebel sabia que agora teria que se controlar. As baterias duraram tanto tempo porque ela ligava o rádio poucos minutos por semana. Agora que encontrara Isabel, o uso seria muito maior.

Estava morrendo de fome. Queria voltar logo para o esconderijo e assim comer alguma coisa, mesmo sabendo que o que tinha era muito pouco. Mas precisava aguentar firme; Isabel iria procurá-la em breve.

Jezebel olhou fixo uma folha de papel caída no chão, que, depois de alguns instantes, se ergueu e se virou suavemente.

Depois ela olhou para a faca que sempre trazia consigo e estava no chão logo ao seu lado. Concentrou-se ao máximo, tentando movê-la do lugar. Fez tanto esforço que sua cabeça começou a doer, mas o objeto não se moveu.

Desistiu, frustrada, batendo a cabeça de leve na parede na qual se encostava.

Jezebel queria muito que aqueles dons tivessem alguma serventia naquela situação. Como sonhava que aquilo pudesse se transformar numa arma para se defender daquelas criaturas...

Queria conseguir movimentar algo grande e pesado, ou talvez rechaçar um atacante, mas seu fantástico dom era absolutamente inútil. Uma estúpida brincadeira de criança que provava uma infinidade de teorias, mas que não ajudava em nada.

Se ao menos conseguisse arremessar uma faca, disparar uma arma de fogo, qualquer coisa do gênero... Mas era impossível. Jezebel não era capaz de nada além de mover objetos levíssimos, e mesmo assim muito pouco. Para todos os efeitos, um verdadeiro milagre. Porém, sem nenhum uso prático.

Estava assim perdida nos seus pensamentos quando ouviu a voz de Isabel no rádio. Chegara a hora da verdade.

Jezebel atendeu, ansiosa, e ouviu da irmã a narrativa de toda a reunião. Ela primeiro ficou aflita, depois aliviada e por fim preocupada.

— Isabel, preciso de ajuda agora! Minha situação é muito grave, não vou conseguir resistir tanto tempo! — Jezebel insistiu mais uma vez.

Naquele instante Ivan assumiu a conversa. Ele se apresentou e explicou para a pobre mulher tudo que eles precisariam fazer para buscá-la. Estela, ao lado dele, também se apresentou, ajudando-o na

difícil tarefa de explicar para uma sobrevivente que a ajuda chegaria, mas seria preciso muita paciência.

— Mantenha-se calma acima de tudo. Você chegou até aqui, a pior parte já foi — Estela falou. — Tenha em mente que agora tudo isso que você está enfrentando tem data para acabar.

— Estela, Ivan, por favor! Eu percebo que vocês são pessoas boas... Não tem alguma forma de resolvermos isso? — Jezebel pediu.

Ivan e Estela se entreolharam, mas não viam uma solução. Buscar Jezebel talvez demandasse meses entre ir e voltar. E eles precisavam ir para Taubaté, um local onde o maior perigo não eram os mortos, mas sim os vivos. E lançar duas missões daquele porte era impossível.

— Jezebel, fique calma. Basta você continuar fazendo tudo do mesmo jeito, está bem? Não mude nada. Use o rádio apenas uma vez por semana. Basta você e a sua irmã combinarem dia e horário e seguir à risca. O resto do tempo, mantenha-se escondida, entendeu? Saia apenas para procurar água e comida e quando for absolutamente necessário — Ivan a orientou.

Jezebel respirou fundo. Eles tinham razão, era preciso manter a calma. Agora havia uma esperança real de que se salvasse. Era muito mais do que ela possuía apenas algumas horas antes. Resistira por vários meses naquela situação, portanto, seria capaz de aguentar mais dois meses. Ainda mais agora que tinha um motivo para perseverar.

Conversaram mais alguns instantes, e finalmente se despediram, prometendo que todas as semanas, naquele mesmo dia e horário, as duas irmãs conversariam.

No dia seguinte, Ivan, Estela, Isabel e centenas de soldados partiram rumo a Taubaté. Emmanuel estava prestes a encarar o inferno em sua própria casa.

CAPÍTULO 5

O CERCO



EMMANUEL AMANHECEU o dia aos gritos. Estava mais irritado do que o normal naquela manhã nublada. Era um dos primeiros dias de abril, e garoara a noite toda.

Ele mal chegou ao refeitório e distribuiu berros, deixando todos preocupados. Era famoso pela instabilidade emocional. Quem o conhecia sabia que naqueles dias a melhor coisa a fazer era manter distância.

O único que não parecia se importar muito, como sempre, era Canino. Aliás, ele adorava ver o inimigo bravo. No que dependesse dele, todos os dias da vida de Emmanuel seriam cinzentos e irritantes, exatamente como aquele.

A saudade de Isabel era tão grande que doía fisicamente. O pior era não saber se ela conseguira fugir ou se estava morta, assassinada por algum zumbi faminto. Essa dúvida era infernal, era como cumprir um luto eterno. E Emmanuel era o culpado, o único culpado. E Canino iria matá-lo, essa decisão já estava tomada. Só precisava de uma oportunidade.

Parecia que Emmanuel aprendera a ler pensamentos com Isabel, pois depois da fuga ele só andava acompanhado de vários capangas. O desgraçado não era idiota, sabia que Canino o culpava pela fuga da namorada. E, apesar da aparente cordialidade, a retaliação seria inevitável.

O motivo da irritação de Emmanuel foi a falta de água. Era para os homens terem ido no dia anterior, com o caminhão-tanque, até o lago do bairro Chácaras Cataguá, ali mesmo na cidade de Taubaté. Por conta do mau tempo, eles não cumpriram a tarefa de abastecimento, e agora os chuveiros estavam secos. Ainda havia água no reservatório do prédio do refeitório, onde também funcionava a cozinha, mas tomar banho estava fora de cogitação, e isso o enfurecera.

Apesar de se tratar de um modelo imenso com capacidade para cinquenta mil litros de água, o caminhão não conseguia suprir mais do que cinco dias de consumo. Por isso, as saídas para abastecimento eram constantes e consumiam o dia inteiro, apesar da potente bomba de sucção que equipava o veículo.

Era um trabalho arriscado. Já enfrentaram diversas situações de perigo, e até um verdadeiro massacre em certa ocasião.

Acontecera alguns meses antes. Um grupo de ex-detentos fora designado para buscar água. Enquanto um deles, Gustavo — um jovem de vinte e poucos anos que fora preso por assalto à mão armada —, operava a bomba de sucção, os outros que o acompanhavam deviam vigiar os arredores.

Eram seis ex-presidiários de Taubaté. Os outros cinco chamavam-se Ramon, Gabriel, Mattheus, Eduardo e Vanderlei.

Estava tudo tranquilo. Naquele dia fazia muito calor, o sol brilhava com força. Em volta, o som dos pássaros que viviam nos arredores do lago era ouvido o tempo todo. Os bichos pareciam inquietos pela temperatura escaldante.

Gustavo suava. Tirara a camiseta, e mesmo assim o calor não passava. Tinha vontade de mergulhar no lago. Afinal de contas, o trabalho de sucção da água e o abastecimento do gigantesco caminhão-tanque consumia horas.

Ele olhou em volta e não viu os demais. Aquilo era normal, os outros sempre circulavam pelos arredores para checar se havia alguma criatura por perto.

Gustavo apurou a visão e não avistou nada de anormal. Mesmo estando com uma carabina calibre 12 logo à mão, era impossível

relaxar. Ele queria acabar logo com aquela tarefa e voltar para o quartel.

Checou mais uma vez a bomba de sucção; aparentemente estava tudo bem. A água subia rápido pela máquina e jorrava dentro do tanque descomunal. Era tão grande que um homem poderia morrer afogado lá dentro se não soubesse nadar.

Gustavo pressentiu o perigo quando, sem motivo aparente, o mundo inteiro ficou silencioso. Ele estava curvado verificando a bomba quando aconteceu. Os pássaros, os insetos, tudo se aquietara em uma fração de segundo.

Imediatamente ele se aprumou e buscou a carabina, que estava no banco do motorista, dentro da boleia do caminhão.

O rapaz se esticou dentro da boleia e pegou a arma. Checou a munição e sorriu; carregada. Esperava que estivesse sendo apenas neurótico.

Então, desceu da cabine e fechou a porta do caminhão. Ao fazer isso, se deu conta de que não estava sozinho.

Uma mulher olhava para ele. Os olhos não tinham cor, e os cabelos eram desgrenhados e sujos. Ela estava praticamente nua; as roupas haviam se desintegrado ao longo de meses caminhando ao relento. Os dentes se mostravam podres e negros, e uma gosma amarelada escorria pela boca.

Ao deparar com a criatura, Gustavo tentou reagir, mas não foi rápido o bastante. A mulher se arremessou contra ele, agarrando-o pelo tronco e cravando os dentes no ombro nu.

O rapaz gritou de dor quando a zumbi arrancou, com uma dentada, um naco de carne tão grande que quase chegava ao mamilo. Por puro reflexo, ele a empurrou para trás, e a mulher caiu sentada no chão. Gustavo disparou um tiro no rosto do ser, e a cabeça da zumbi explodiu.

Gustavo se apoiou no caminhão, ofegante. A dor era insuportável, sua cabeça girava, e ele sentiu o corpo todo ficando entorpecido. Fora emboscado estupidamente, tudo por culpa dos outros membros do grupo, que não estavam lá para protegê-lo.

Foi até a bomba de sucção e a desligou, iria embora daquele lugar imediatamente. Não sabia se conseguiria chegar ao quartel, mas

precisava tentar. Não ficaria ali para morrer.

Com dificuldade, Gustavo subiu na boleia do caminhão. O peito arfava, ele sentia náuseas, e sabia que desmaiaria a qualquer momento. Quando se esticou com dificuldade para puxar a porta do veículo e fechá-la, duas mãos agarraram seu antebraço, puxando-o com violência.

Gustavo se apavorou quando percebeu que ia se desequilibrar e cair. Com a mão direita, tentou alcançar algum apoio a todo custo, mas foi impossível. Seu corpo se projetou para o lado, e ele desabou de cara no chão.

Não teve sequer tempo de olhar para quem o atacara. Um homem de rosto devastado, com a arcada dentária toda à mostra, mordeu seu antebraço com violência, rasgando a carne e a pele, e rompendo até mesmo os músculos.

Gustavo, caído no chão, gritou de dor, enquanto a criatura continuava aferrada ao seu braço, mordendo sem parar. O ser nem engolira a parte arrancada na primeira investida e já o mordia de novo, num frenesi incontrolável.

Ele batia na criatura, na tentativa inútil de fazê-la parar. Quando olhou em volta, o medo e a dor se transformaram em desespero. Estava cercado por todos os lados, encurralado por dezenas de mortos-vivos.

O jovem implorou pela própria vida. Pediu pelo amor de Deus e gritou pelos companheiros. Sentiu tanta dor quando seu abdômen foi aberto e suas vísceras se esparramaram pela margem do lago que nem conseguiu perceber que seus amigos se achavam entre os atacantes. Ramon, Gabriel, Mattheus, Eduardo e Vanderlei foram atacados e transformados em feras sanguinárias, e agora se preparavam para comer carne humana pela primeira vez, naquela nova vida maldita.

Enquanto sua consciência se esvaía e sua alma desabava na direção do abismo, Gustavo só pedia a Deus que aquela provação acabasse logo.

Ninguém nunca descobriu por que nenhum tiro foi disparado por eles, por que eles nem sequer gritaram.

Apenas no dia seguinte, Emmanuel e mais vários homens armados encontraram o caminhão abandonado e a imensa mancha de sangue. Eles recolheram as armas abandonadas, acabaram de encher o gigantesco reservatório com água e retornaram ao quartel, sem jamais ter notícia alguma a respeito dos seis desgraçados.

Após esse episódio, todos passaram a se recusar a buscar água, morrendo de medo de enfrentar o lago do bairro Chácaras Cataguá. O grupo que acompanhava o caminhão fora reforçado, porém, mesmo assim, o terror imperava.

Mas, estando o quartel quase sem água, daquele dia não passaria. Emmanuel queria que partissem imediatamente. A ordem foi clara, assunto encerrado.

O grupo se preparou com equipamento de combate pesado. Fuzis, rifles e espingardas de grosso calibre compunham o armamento dos sete homens que partiriam na perigosa jornada. Eles se dividiram no caminhão e num jipe militar, e se foram, às dez da manhã.

Um grupo de homens abriu o portão e deixou-os sair, fechando-o logo em seguida, antes que algum dos zumbis conseguisse entrar no quartel.

O motorista manobrou o caminhão e acessou a Estrada Municipal dos Remédios, que dava acesso ao complexo militar, acelerando e ganhando cada vez mais velocidade. O jipe vinha logo atrás, servindo de escolta.

Tratava-se de uma avenida com poucas construções, e aparentemente tudo estava vazio. O matagal crescia descontrolado nas laterais.

Haviam se afastado cerca de um quilômetro do quartel quando o motorista do caminhão, um homem baixinho e calvo que antes cumpria pena de trinta anos por matar a esposa, avistou um carro parado na beira da via.

Era um Honda Civic preto, que estava com a porta do motorista aberta e o capô levantado.

Ele estranhou aquilo. Já havia feito aquele percurso tantas vezes que seria capaz de citar de cabeça cada veículo abandonado ou batido existente ao longo do percurso, e aquele definitivamente era novo.

E a sua surpresa foi ainda maior quando uma cabeça de mulher surgiu de trás do capô. Era Isabel, a garota fujona que Emmanuel tanto queria currar e esfolar viva. Ao que tudo indicava, ela tentava reparar algum problema no motor.

O homem não pensou duas vezes: pisou no freio com tanta violência que o som da freada do veículo gigantesco pôde ser ouvido a distância.

Isabel, ao avistar o caminhão, saiu correndo, deixando o carro para trás, virando às pressas à direita na avenida.

— Você enlouqueceu, Ignácio?! Que diabos você está fazendo?! — perguntou o outro homem, que o acompanhava na boleia.

— Cala a boca, aquela é Isabel! — Ignácio apontou a mulher correndo em disparada, pouco antes de ela sumir do raio de visão. — Se nós a levamos para Emmanuel, estamos feitos!

O rapaz viu e não acreditou; eles tiraram a sorte grande. Ele até já sabia o que faria quando chegasse arrastando-a pelos cabelos e a jogasse aos pés do chefe: pediria para nunca mais buscar água na vida. Tinha certeza de que Emmanuel acataria seu pedido.

— Então acelera, animal, vamos pegar aquela piranha. Quero só ver a cara daquele otário do Canino quando descobrir que a sua querida namorada está prestes a sentar na graxa! — O homem gargalhou, cruel.

Pelo rádio, avisaram os homens do jipe, que não entenderam nada ao verem o caminhão saindo da avenida. Mas todos se empolgaram com a notícia, e concordaram que deviam pegar Isabel.

Ignácio virou bruscamente à direita. Naquele trecho, havia alguns mortos-vivos perambulando pelas ruas que começaram a cambalear na direção que Isabel tomara. Ignácio viu o momento exato em que ela virou correndo à direita em outra das vias daquele bairro.

— Eu a vi, sua vaca, você não me escapa. — Esboçando um sorriso vitorioso, Ignácio acelerou o caminhão, seguido de perto pelo jipe. Logo em seguida, fez a curva à direita de novo, acelerando sempre.

Tratava-se da rua Salvador Disi, uma rua residencial repleta de casas e sobradinhos.

— Puta que o pariu, o que é aquilo?! — perguntou o motorista do jipe, que seguia o caminhão de perto.

Pouco depois, uma quantidade incontável de tiros foi disparada.

* * *

Quando a noite caiu, Emmanuel estava impaciente. Nem o caminhão-tanque nem o jipe retornaram, e aquilo era um péssimo sinal. Lembrava-se bem do massacre meses antes, o que fora um transtorno. Não podiam correr o risco de perder o caminhão. Ele era essencial para o funcionamento do quartel.

Assim, Emmanuel reuniu todos os homens, inclusive Canino e seus capangas, e foi direto ao ponto, com a educação costumeira:

— Muito bem, cambada de safados, se o caminhão não aparecer até amanhã, vocês terão que ir atrás, porque, no mínimo, aqueles imbecis terão virado comida de zumbi.

— Por que você não vai, Emmanuel? As chances de sucesso seriam muito maiores com um líder comandando os homens — Canino comentou, com uma pitada de sarcasmo que não passou despercebida.

— Vai você, Canino! Eu vou selecionar meus melhores homens para acompanhar você, ficará tudo bem, eu juro — Emmanuel respondeu sem se abalar. — Eu cuido do seu grupo, na sua ausência.

— Acho melhor ficar também. Se eu sair sozinho com um monte de seus capangas armados, algo me diz que estarei muito mais sujeito a... acidentes. — Canino acentuou ainda mais o tom de ironia.

— Muito bem, chega de conversa fiada. Vamos definir isso logo. — Emmanuel, com a paciência no limite, designou um grupo que seria responsável pela busca do caminhão-tanque logo nas primeiras horas da manhã.

No dia seguinte, um grupo de oito homens deixou o quartel. Dessa vez eles partiram em dois carros de passeio. Eram veículos bem mais potentes, e eles chegariam muito mais rápido ao lago.

Os dois veículos repetiam o trajeto do caminhão, na véspera, porém vinham em alta velocidade.

Quando chegaram ao ponto onde Ignácio avistara Isabel, o grupo topou com uma cena inimaginável: diversos tanques de guerra fechavam o caminho, formando uma barreira. Sobre os veículos,

dezenas de homens armados e uniformizados apontavam as armas para os dois carros.

— É uma emboscada, volta! — um dos homens gritou.

O motorista do carro que vinha logo atrás engatou a marcha a ré, mas não conseguiu recuar mais do que vinte metros, pois um Urutu surgiu de uma rua perpendicular, fechando a passagem.

O condutor do automóvel não conseguiu frear a tempo, e espatifou o porta-malas contra a grossa blindagem do tanque, que não se moveu.

O outro carro, que vinha à frente, também fez menção de retornar, mas um tiro solitário atravessou o capô, abrindo um rombo no motor. O veículo começou a engasgar e finalmente morreu.

Os ocupantes do carro se entreolharam, na dúvida sobre o que fazer. Mas ao verem centenas de soldados armados surgindo das lojas e dos prédios ao redor, ficou claro que era burrice esboçar qualquer reação. Todos os homens nos dois carros ergueram as mãos imediatamente, em sinal de rendição.

Zac liderava um grupo, Silas, outro. Oliveira e Souza também coordenavam uma equipe cada um. Eles cercaram os carros e começaram a arrancar os homens dos veículos, obrigando-os a se deitar de cara no asfalto quente.

Um deles tentou resistir, mas levou um safanão tão violento na cara, desferido por Zac, que sua cabeça começou a girar na hora. Um segundo depois, ele também era estirado junto aos seus companheiros.

Ivan surgiu diante dos oito homens rendidos, também portando um fuzil de assalto em mãos. Sua voz se elevou como um trovão:

— Qual de vocês está no comando?

— Sou eu, senhor. — Aquele que respondeu se mostrava visivelmente assustado. Era um mulato corpulento e muito forte.

— E como você se chama? — Ivan perguntou.

— Francisco. Mas todos me chamam de Chicão.

— Muito bem, Chicão, levante-se. — Ivan tentava disfarçar a irritação, ao constatar que aquele cretino era o homem que abusara de Isabel.

Chicão ficou de pé, mantendo as mãos erguidas sempre. Não fazia ideia do que aconteceria a seguir, mas sem dúvida não estava com coragem para discutir.

— Venha comigo. — Ivan seguiu na direção do mesmo cruzamento no qual os Urutus bloqueavam a passagem. Estava acompanhado de dez homens e mulheres fortemente armados.

Chicão o obedeceu, acompanhado de perto por Zac e mais meia dúzia de soldados.

Chicão se perguntava o que aconteceria. Ele reparou nas grossas marcas dos pneus deixadas pela freada brusca do caminhão, no dia anterior, e no íntimo começou a achar que desta vez os zumbis não eram os responsáveis pelo desaparecimento da equipe do caminhão-tanque.

Ivan continuou andando rápido, e virou à direita na avenida. Ali havia mais marcas de pneus. A diferença era que também viam-se diversos zumbis mortos. Cadáveres na rua, nas calçadas, por todos os lados. Pelo menos umas vinte criaturas abatidas.

Chicão se apressou a acompanhar o ritmo de Ivan, que praticamente marchava em passo acelerado. Em seguida, ele virou a direita de novo, no quarteirão seguinte, repetindo o trajeto de Isabel e seus perseguidores menos de vinte e quatro horas antes.

Após a esquina, o sangue de Chicão gelou. Ele sentiu os pelos do braço se ouriçarem e o coração disparar.

O jipe estava parado no meio da rua, virado de costas para Chicão. Mais à frente, o caminhão-tanque.

Os veículos estavam crivados de balas. O jipe tinha todos os pneus furados e buracos por todos os lados; até os retrovisores foram arrancados. Com o capô levantado dava para ver os raios de sol atravessando as múltiplas perfurações.

O caminhão era ainda mais assustador: os pneus do lado direito estavam murchos, deixando o veículo torto para aquele lado, dando a impressão de que tombaria a qualquer momento. O tanque de água mais parecia um queijo suíço, esburacado por todos os lados.

Parte da cabine fora destruída, como se tivesse sido explodida por uma granada de mão ou algum outro tipo de artefato explosivo.

Havia também sinais de um princípio de incêndio — a lataria fora chamuscada pelas chamas.

Por toda parte, sangue. No jipe, na rua, em torno da cabine do caminhão. E também havia marcas claras de corpos arrastados.

— Você conhecia os homens que estavam nesses veículos, certo?

— Ivan se virou, dirigindo-se a Chicão.

— Sim, senhor. — Chicão não tinha coragem sequer de olhar para Ivan.

— Nós os mandamos se render, mas eles preferiram reagir, e por isso não tivemos outra opção — Ivan sentenciou. — Matamos todos. Qual era o nome do motorista do caminhão?

— Ignácio, senhor.

— Um covarde. Morreu de joelhos após atirar em um dos meus homens. E ainda por cima teve a ousadia de implorar pela própria vida — Ivan falou, sombrio. — Quero que você volte para o lugar de onde veio e leve um recado para o seu chefe. Diga-lhe que Ivan Leão, sargento do exército brasileiro, ordena que ele e todos os demais se entreguem incondicionalmente até o fim do dia de hoje. Caso contrário, mataremos todos, assim como fizemos com seus amigos. — E indicou a cena macabra.

Chicão engoliu em seco. As pernas tremiam como uma vara verde.

— Quero deixar uma coisa clara. Não dou a mínima se vocês vão sair de lá vivos ou mortos, entendeu? Só me interessam o quartel e as armas. Se vocês se renderem, poupamos dor de cabeça e um bocado de sujeira. — Ivan lançou-lhe um olhar assustador. — Mas se vocês fizerem qualquer gracinha, mando matar um por um. Seja homem, mulher ou criança, mando todos pra puta que o pariu, você me entendeu?! Essa é uma operação de reintegração de posse. Há abrigos para quem quiser, mas não será no quartel.

Chicão estava tão apavorado que não conseguiu nem responder, limitando-se a fazer que sim com a cabeça.

Em seguida, Ivan e seus homens conduziram Chicão de volta para um dos automóveis, o único que ainda funcionava. Seus companheiros não se encontravam mais deitados no chão, mas sim sentados na calçada, todos cabisbaixos. De tempos em tempos,

ouviam-se tiros. Aquele pelotão matava os zumbis que vagavam pela cidade e insistiam em tentar se aproximar deles.

Chicão entrou no carro, deu a partida com todo o cuidado e manobrou o veículo devagar, tentando não fazer nenhum movimento em falso. Quando enfim pegou a avenida de volta e começou a ganhar velocidade, ele vomitou, lavando todo o painel do carro.

* * *

— Eu não acredito no que eu estou ouvindo! — Emmanuel esbravejou, furioso. — O exército está na cidade? É isso mesmo?

— Sim, e exige nossa rendição, pois quer ocupar o quartel — Chicão respondeu.

Emmanuel se levantou e colocou as mãos na cintura. Estavam todos preocupados. Até mesmo Canino dessa vez se sentia disposto a deixar de lado seus desentendimentos com o líder para enfrentarem juntos aquela situação.

— Eu não vou me render, não sou louco. Eles vão matar todos nós, tenho certeza. Estamos escondidos na propriedade deles. — Emmanuel bufou.

— Eles vão matar todos nós porque você criou um campo de concentração aqui, isso sim — Canino o acusou. — Quando as pessoas começarem a revelar o que você fez e mandou fazer, os militares o fritarão no óleo fervente, pode apostar.

— Alguma coisa contra, Canino? Você também não está aqui, comendo e bebendo do bom e do melhor? Você até pegou uma vadia para se divertir! — Emmanuel berrou, colérico. — Não ouviu o que Chicão disse? Eles estão se lixando para os escravos, o que querem é nossa fortaleza.

— Repete isso que você falou, seu bosta! — Canino se levantou de um salto. Estava farto da arrogância e da miopia daquele homem; não morreria por causa dele.

Os demais procuraram apartar a briga iminente. Sabiam que um tiroteio naquele momento só pioraria tudo.

— E se nós fugirmos? Podemos tentar escapar, largamos isto aqui tudo para eles — um dos homens sugeriu.

— Enlouqueceu, imbecil? Fugir daqui para morrer nas mãos dos zumbis? Prefiro ficar e levar um tiro no meio da cara — Emmanuel respondeu, ríspido.

Canino olhou pela janela, na direção da cerca que separava o quartel da Estrada Municipal dos Remédios. Seu sangue gelou com o que viu.

— Tarde demais para fugir, eles já estão aqui. — Canino soltou um suspiro.

Todos se levantaram e se acotovelaram ao redor da janela. Diversos blindados e veículos pararam no terreno que também pertencia ao quartel, do outro lado da estrada. Entraram no meio do mato, estacionando em frente à cerca. Mais ou menos vinte veículos, no total.

Mais para trás era possível avistar caminhões de transporte, entre outros. Ali, a distância, era possível avistar soldados armados circulando entre os tanques.

— Vamos acabar com a raça desses desgraçados, então. Também temos armamentos de guerra, eles são fortes, mas não invencíveis.

— Se não nos entregarmos eles nos matarão, Emmanuel, precisamos sair daqui agora. — Chicão o encarou, assustado.

Emmanuel refletiu por um instante. Ele podia ser cruel e violento, mas era também muito inteligente e um ótimo estrategista. Conhecia a forma de agir do exército. Ele e o seu bando só sucumbiram quando as forças armadas resolveram participar da operação de desmonte da quadrilha.

O exército sempre buscava o elemento surpresa, a melhor arma em um conflito. Naquela operação, entretanto, abriram mão daquilo. Por quê?

Se aquela era uma mera operação para retomar o patrimônio do exército, o melhor a fazer era chegar atirando. Sem avisos ou ultimatoss.

Emmanuel fitou seus homens e depois a janela. Canino não sabia por que, mas começava a ter um mau pressentimento.

— Esses homens não vão invadir este lugar. Não por enquanto — Emmanuel afirmou, por fim.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Uns discordavam e diziam que eles deveriam se render. Outros queriam saber por que ele dizia aquilo.

— Eles tomaram nosso caminhão para nos deixar sem água. É uma estratégia, querem que a gente se renda. Tentarão nos cansar, é isso — Emmanuel falou.

— Ou talvez queiram apenas economizar balas — Canino provocou. Mas ele também começava a pensar como Emmanuel.

— Fala uma coisa, seu inútil, você viu os corpos do nosso pessoal que o tal sargento disse que eles mataram? — Emmanuel perguntou para Chicão.

— Na realidade, não. Mas do jeito que o jipe e o caminhão ficaram, acho que não havia como eles sobreviverem.

— Você é um asno, mesmo! — Emmanuel vociferou. — Não vê que ele enrolou você? O cara preparou uma cena para assustar, e você caiu como um pato! Aposto que ele não tocou um dedo no nosso pessoal. Esse fulano é puro fogo de palha!

O grupo se manteve em silêncio por um segundo. Ainda tentavam acompanhar o raciocínio de Emmanuel. Menos Canino, que já estava um passo à frente. E sabia o que aconteceria; ele estava em perigo.

Canino discretamente fez menção de deixar a sala, mas Emmanuel o deteve.

— Está indo aonde, vira-lata? Pode ficar aqui! — Emmanuel trovejou.

— Vou ao banheiro. Ou você prefere que eu mije aqui mesmo, em cima de você? — Canino disse, irritado, mas com uma ponta de temor que ele tentava desesperadamente disfarçar.

No entanto, Emmanuel era um predador, e como tal ele farejava o medo. E viu uma fissura na postura sempre firme do inimigo.

— Está com medo do que, Canino? Consigo ver que você está assustado, sinto o cheiro de um covarde traidor a quilômetros de distância. — Emmanuel se deliciava com os contornos que a situação começava a ganhar.

— Claro que estou com medo. O exército está nos cercando e ameaçando invadir este lugar, seu maluco! Estou com medo de que você mate todos nós! — Canino tentava despistar.

— Não, Canino, seu medo é porque está escondendo algo. Você está tremendo e suando como um porco porque enxergou o verdadeiro motivo de esse monte de gente armada até os dentes ter decidido aparecer aqui, depois de meses. E está se borrando porque eles sabiam onde atacar, como pegar o nosso caminhão e nossa localização. — Emmanuel caminhava devagar na direção de seu interlocutor, ameaçador.

Canino engoliu em seco. Ele sabia que agora as coisas engrossariam, e não poderia contar com o apoio dos seus homens, que olhavam de Emmanuel para ele, desconfiados.

— Essa confusão tem nome, Canino. Ela se chama Isabel — Emmanuel falou, por fim.

Canino, numa fração de segundo, sacou a pistola e apontou para a cabeça de Emmanuel. E todos os demais na sala, inclusive os homens que antes lhe deviam fidelidade, apontaram as armas na sua direção.

Emmanuel sorriu da situação. Havia uma pistola Glock apontada para o seu crânio, e mesmo assim ele tinha sangue frio para se divertir. Porque sabia que finalmente vencera seu maior inimigo.

— Você sabia que eles viriam, não é, desgraçado? Ela falou que traria ajuda, foi por isso que ela fugiu, não é mesmo? A sua piranha trouxe esses filhos da puta até o quintal da nossa casa! — Emmanuel cuspiu as palavras, acusando Canino abertamente.

— Está me acusando sem provas! Eu devia matar você! — Canino tentava manter-se firme, mas achava-se numa imensa desvantagem.

— Canino, fala que isso é mentira. Você não faria isso, não é? — Rodrigo também apontava uma arma para seu líder, mas não queria acreditar nas palavras de Emmanuel. — Tenho uma condenação de mais de trinta anos para cumprir, não quero voltar para a cadeia. E muito menos morrer!

— Claro que fez! Ele sabia que a piranha traria ajuda, com certeza combinaram tudo! — Emmanuel esboçava um sorriso sarcástico. — E seu querido chefe guardou tudo para si, mesmo sabendo que, se ela conseguisse, estaríamos todos ferrados! Todos nós menos ele, é

claro! — E virou-se na direção de Canino, apontando o dedo em sua direção. — Afinal, você é o garanhão dela. Aposto que sairá dessa como um maldito herói.

— Cala essa boca! Não é nada disso! — Canino sentia as mãos suando, pois estava óbvio que todos acreditavam em Emmanuel.

— Será mesmo, Canino? E se eu revistasse seu quarto, será que não acharia nada incriminador?

Canino gelou. Agora entendia tudo.

O bilhete. Emmanuel sabia do bilhete.

Canino levou um golpe tão violento na cabeça que quase rachou seu crânio. Ele estava desacordado antes mesmo de bater no chão.

* * *

Ivan e seus homens se posicionaram estrategicamente em frente aos portões do quartel, enquanto outros dois blindados rodeavam o gigantesco terreno, buscando alguma movimentação.

Eles encontravam zumbis a todo momento, que eram logo eliminados com o mínimo de barulho. Quanto menos criaturas aparecessem, melhor.

Armaram algumas barracas de campanha e conversavam dentro de uma maior, que, segundo Oliveira, era específica para montar centros de comando em operações de campo. Tratava-se de uma armação ampla que comportava diversas cadeiras posicionadas em círculo.

— Eu acho que tem uma chance de eles se renderem ainda hoje — Ivan comentou, animado. — Aquele tal Chicão ficou muito assustado com a cena que armamos.

— Você não presta! Precisava falar que tínhamos matado todos? — Estela sorria.

— Você tinha que ter visto a cara dele! Foi impagável! — Ivan deu risada.

— Foi mesmo, o cara deve ter se mijado de medo! — Zac gargalhou.

— Aposto que agora eles devem estar crentes que somos um monte de loucos, porém muito mais bem equipados e numerosos. E

ainda por cima sem água... Eles vão jogar a toalha logo, logo. — Ivan deu de ombros.

Isabel ouvia tudo com uma dose especial de satisfação. A simples ideia de Chicão morrendo de medo já era um prazer por si só. No fundo, ela odiava aquele desgraçado mais do que odiava Emmanuel.

— Você os liberou? Tem certeza de que foi a melhor coisa a fazer, Ivan?

— Não tínhamos como mantê-los presos, Estela, dariam mais trabalho ainda. Nós os desarmamos e botamos para correr, com a promessa de que, se eles aparecessem, mataríamos todos. Duvido que voltem; estavam apavorados demais.

— Sim, eu sei. Mas Isabel poderia tê-los interrogado, obtido mais informações... — Estela se mostrava pensativa.

— Não seja estraga prazeres, amor! A melhor parte do meu dia foi fazer aqueles idiotas saírem correndo! Permita-me um pouco de diversão de vez em quando!

Todos gargalharam daquela brincadeira de Ivan, até mesmo Estela.

O grupo ainda conversava animado quando foi interrompido pelo soldado Silva. Ele chegou com um olhar preocupado, e disse:

— Ivan, temos problemas. Acho que agora as coisas vão engrossar.

* * *

— Meu Deus do céu, o que ele está fazendo?! — Isabel olhava pelo binóculo.

A mais ou menos duzentos metros da cerca, dentro do quartel, havia um prédio de seis andares com um heliporto no topo, que fora construído no ano anterior à catástrofe zumbi para centralizar toda a administração do complexo. Era o edifício mais alto e mais moderno do Comando de Aviação do Exército, e era lá que Emmanuel e seu grupo costumavam se reunir.

O telhado desse edifício oferecia a melhor visão da estrada e do acampamento improvisado por Ivan e seus comandados.

E exatamente no topo desse prédio viam-se dez pessoas vendadas e com as mãos para trás, aparentemente algemadas. O grupo era

composto por duas meninas, duas mulheres e seis homens. Vigiando-os havia cerca de oito homens armados, todos encapuzados.

Os dez reféns eram mantidos perfilados lado a lado, próximos da beira do prédio. O vento soprava forte, fazendo os cabelos das mulheres esvoaçarem.

— O que será que aconteceu? Esses caras não acreditaram no nosso pequeno teatro? Nem mesmo o sangue dos zumbis que espalhamos ao redor dos veículos foi capaz de convencê-los? — Ivan perguntou, pensativo.

— De alguma forma ele percebeu que não somos os loucos psicopatas que queríamos que ele acreditasse que éramos. — Estela observava a cena com o binóculo que Isabel acabara de lhe passar. — Devo supor que são todos reféns, certo, Isabel? Inclusive os homens? — E ofereceu o binóculo a ela, de volta.

— Pior do que isso: todos eles trabalhavam na lavoura comigo... — Isabel afirmou.

— Então eles sabem que você está aqui. Estão mandando um recado para você. Nosso plano furou. — Ivan balançou a cabeça, preocupado.

— Isso significa que... — Isabel começou a frase, mas não conseguiu finalizar.

— Sim, infelizmente significa que o seu namorado está muito encrencado. Desculpe a franqueza, minha amiga, mas talvez ele já esteja morto. — A situação era grave demais para Ivan perder tempo sendo gentil.

Estela lançou um olhar de reprovação para ele, apesar de ser forçada a concordar com o marido.

Continuaram observando a cena, aguardando algum novo acontecimento. Sabiam o que aquilo tudo significava — a qualquer momento alguém do grupo de Emmanuel se manifestaria. E foi isso mesmo o que aconteceu.

Avistaram o momento exato em que o portão se abriu e um jipe saiu, ocupado pelo motorista e dois homens. Um trazia uma bandeira branca em mãos, o outro estava todo vestido de militar, inclusive usando um par de óculos Ray Ban preto.

— Pela empáfia daquele ali, aposto que é Emmanuel, certo?
— Ivan perguntou para Isabel, que confirmou com a cabeça.

— Acho melhor você se esconder, Isabel. Vamos tentar enrolar esse cretino.

Isabel não discutiu a ordem de Estela, e voltou para dentro da barraca.

Ivan, Estela e mais de vinte homens armados avançaram alguns passos, aguardando o jipe se aproximar. O veículo estacionou a cerca de quinze metros de distância, e logo em seguida Emmanuel e o seu guarda-costas desceram do veículo e vieram caminhando, com toda a calma.

Agora era Emmanuel que segurava a bandeira branca, enquanto seu capanga vinha ao seu lado com um fuzil nas mãos.

Emmanuel mediu Ivan e Estela de cima a baixo. Logo percebeu que aqueles dois eram os líderes daquele grupo. Emmanuel e seu parceiro pararam a menos de três metros de distância.

— Boa tarde. Desculpe o mau jeito, mas eu não estava preparado para receber visitas aqui no meu humilde lar — Emmanuel iniciou a conversa.

— Aqui não é sua casa. Vocês estão numa propriedade do exército brasileiro, e eu exijo que saiam imediatamente. — Ivan o encarava, sério.

— Você deve ser o terrível sargento Ivan, acertei? — Emmanuel o fitava de uma forma indecifrável.

— O próprio. E você, como se chama?

— Não precisa fazer teatro, você sabe o meu nome — Emmanuel afirmou, convicto. — Sei muito bem por que estão aqui.

— Eu estou aqui para recuperar uma propriedade que foi usurpada por um bando de ladrões. Retirem-se agora, ou ordenarei a invasão.

— Você está blefando, senhor suposto sargento. Você não vai invadir nada, isso aqui é uma missão de resgate. Aposto tudo o que você quiser.

— Não me provoque. Eu acabo de dar uma ordem clara e direta. E você tem dez minutos para cumpri-la. Do contrário, todos morrerão.
— E Ivan virou as costas, já retornando para a barraca.

Enquanto isso, os soldados vigiavam os dois visitantes, prontos para atacar ao menor sinal de perigo.

Ivan mal deu cinco passos e ouviu a voz de Emmanuel atrás de si:

— Você viu que temos reféns no topo daquele prédio, não?

— Emmanuel perguntou com um olhar estranho.

— Eu vi um grupo de desconhecidos vendados. Não sei nada de reféns. — Ivan sentia que acabara de perder o controle da situação.

— Claro, Ivan. Eu esqueci, você não se importa, não é mesmo?

— Ato contínuo, Emmanuel se voltou na direção do prédio, no qual os reféns eram mantidos, onde um dos homens dele observava o encontro a distância, com um binóculo. Ele fez um gesto muito simples que não deixava dúvida do que se tratava: passou o dedo indicador pelo pescoço, de um lado ao outro.

Aquele era o sinal combinado. O capanga largou o binóculo e se posicionou atrás de uma das meninas.

Aquela garota se chamava Nathália, tinha apenas dezesseis anos e adorava videogame. Depois que os pais morreram, ela fugiu para o quartel com alguns outros sobreviventes, e acabou presa naquela armadilha mortal. Do que ela mais sentia falta, na realidade, era do seu cachorro, um filhote de dálmata chamado Simba, em homenagem ao personagem de um famoso desenho.

A menina estava apavorada, perdida nas trevas com a venda nos olhos. Por isso mesmo não percebeu quando o homem se posicionou logo atrás.

Ele não falou nada. Apontou o fuzil e deu um tiro, que entrou pela parte posterior da cabeça da garota e saiu pela testa, despedaçando o crânio. Os demais reféns vendados se sobressaltaram com o barulho ensurdecedor. E o cadáver de Nathália tombou para a frente, despencando do edifício de seis andares e se espatifando no estacionamento mais abaixo.

Estela levou as mãos ao rosto, perplexa. Ivan piscou duas vezes e encarou Emmanuel, que o enfrentava em claro desafio.

Ivan sacou a pistola do coldre e apontou para a cabeça daquele assassino, disposto a dar um tiro entre seus olhos. Emmanuel ergueu os braços e começou a falar:

— Eles têm ordem para atirar em todos aqueles reféns, se você fizer qualquer coisa contra mim. E eu garanto que eles obedecerão. Temos umas noventa pessoas lá dentro para matar. — Emmanuel não sorriu, para não exagerar na provocação, mas por dentro estava muito satisfeito, pois conseguira comprovar o ponto fraco daquele grupo.

Ivan continuava apontando a arma para a cabeça daquele cretino, sem conseguir decidir o que fazer. Queria muito apertar o gatilho, mas sabia que não podia correr o risco. Isabel tinha razão: aquele homem era louco.

— Não quero machucar ninguém, mas você não me deu escolha. Espero que esteja disposto a negociar, ou muitos outros vão morrer. — Emmanuel continuava com as mãos para cima.

Ivan não podia acreditar naquela situação. Seus piores temores se concretizavam. O plano todo estava desmoronando. Teria que ser firme naquele momento, caso contrário todos eles estariam nas mãos de um psicopata.

— Eu sempre estou disposto a negociar, Emmanuel — Ivan falou em um tom sinistro.

— Agora você sabe o meu nome... Curioso, não? — Emmanuel esboçou um sorriso vitorioso.

— Sim, eu sei o seu nome. O que não sei é o nome desse homem que está acompanhando você. — Ivan apontou a arma para o capanga armado que acompanhava Emmanuel e deu um tiro bem na testa dele.

Foi tão repentino que o infeliz não esboçou nenhuma reação, apenas tombou inerte para trás, com pedaços do cérebro esparramados pelo chão.

— E agora não faz a menor diferença, não é verdade? — Logo em seguida, Ivan soprou a fumaça que saía do cano da pistola, ao estilo John Wayne.

Estela observava a cena com os olhos arregalados. O marido começava a virar o jogo naquela disputa na qual o mais cruel venceria.

Os homens de Emmanuel ficaram alvoroçados no topo do prédio, um tomando os binóculos das mãos do outro. Um deles olhava para

Emmanuel lá de cima com os braços abertos, como se perguntasse “E agora?!” para o líder.

Emmanuel fitou o cadáver do capanga, depois seus interlocutores, e por fim seus homens. E em seguida ele fez um gesto de negação para eles. Ficara claro que matar mais um refém poderia ser a gota d’água. Ivan não era de brincadeira.

— É assim que eu negocio. Para cada refém que você matar, eu mato um dos seus homens. Estamos quites agora, certo, Emmanuel?

Emmanuel olhou com dureza para Ivan. Não estava acostumado a lidar com homens de farda que resolviam as coisas como se fossem bandidos. Aquilo era novidade.

— Sim, estamos quites. — Emmanuel não conseguiu disfarçar a contrariedade.

— Muito bem, vamos ao que interessa. Quero negociar sua rendição.

— Eu nunca me rendo, Ivan. A piranha não lhe disse isso?
— Emmanuel perguntou, com ódio no olhar.

— Nós não conversamos tanto assim, mas ela nos informou que você não passa de um assassino covarde e estuprador — Estela se meteu entrando na conversa.

— Por favor, meu bem, não interfira na conversa dos homens. Você poderia ser uma boa dona de casa e trazer um cafezinho para mim? Que tal? — Emmanuel respondeu sarcástico.

— Emmanuel, meu nome é Estela, e eu agradeço muito por você vir até aqui.

— Por que, meu anjo, você ficou feliz por me conhecer?

— Porque agora eu pude dar uma boa olhada na sua cara, e ficará muito mais fácil estourar sua cabeça com o meu rifle. Você irá morrer, e serei eu quem irá matá-lo. — Estela o olhava com frieza.

Emmanuel não se abalou. Ele nunca se abalava. Já estivera sob a mira de uma arma inúmeras vezes, e fora ameaçado em diversas ocasiões. Aqueles dois eram durões, mas não lhe davam medo.

— Veremos, Estela, veremos — Emmanuel se limitou a dizer.
— Muito bem, Ivan, eis os meus termos: vocês vão embora e nunca mais voltam, e eu não mato mais ninguém. É bem simples, na realidade.

— É uma pena, não posso aceitar. Só sairei daqui com todos os reféns livres — Ivan falou com tranquilidade. — Não obrigarei ninguém a vir comigo, mas quem quiser, será bem-vindo. Você tem razão, pode ficar com o quartel e com as armas. De fato não foi por isso que viemos.

— Eu acho mesmo muito digno da sua parte estar preocupado com a minha equipe de trabalho, mas não posso abrir mão dela. Sabe como é, eles são, por assim dizer, a minha apólice de seguro.

— Ao que me consta, você gosta de se referir a eles como escravos.

— Isso é uma tremenda besteira. Não importa como os chamo, o que importa é o que eles representam. E no momento eles são a minha garantia de que vocês não vão bancar os valentões — Emmanuel afirmou, áspero.

— Eles não são sua propriedade. E eu não aceito que os mantenha presos. — O olhar de Ivan era de aço.

— Nesse caso, prepare-se para cavar um monte de covas, porque daqui eles só saem mortos — Emmanuel ameaçou olhando fixo para Ivan enquanto apontava para o quartel.

— E você, prepare-se para ter uma morte bem lenta. Eu o deixarei morrendo de sede e fome. No final você implorará, torcendo para que eu o mate. Eu garanto, Emmanuel, você acertou muitas coisas até agora, mas numa delas você passou longe: não faz a menor ideia do que sou capaz. Você acha que me conhece, mas eu garanto que você ainda não me viu furioso de verdade.

— Creio que chegamos a um tremendo impasse aqui — Emmanuel comentou sinistro.

— Nesse ponto sou obrigado a concordar com você. Chegamos a um enorme impasse.

Emmanuel se virou de costas, calmamente, e caminhou até o jipe. Ivan e os demais ficaram atentos. Ele não parecia ainda ter encerrado o assunto. Eles desconfiavam de que talvez o bandido tivesse ido buscar algo no veículo.

Emmanuel pegou algo no banco e retornou. Numa das mãos trazia um rádio, na outra, uma espécie de embrulho pequeno que não dava para identificar do que se tratava.

— Isto aqui é para você, para nós dois podermos manter contato. Acho que precisaremos pensar em uma solução para o nosso dilema. Já está sintonizado na frequência correta, é só me chamar. — Emmanuel passou o aparelho para Ivan. — E isto aqui é um presente meu para Isabel. Diga que estamos com saudade. — E entregou o pequeno embrulho para Ivan, que teve um mau presságio com aquele gesto.

Logo em seguida, Emmanuel girou nos calcanhares e retornou ao jipe. O motorista colocou o veículo em movimento e se afastou rápido, deixando para trás Ivan, Estela e o grupo de soldados.

O casal não trocou nenhuma palavra, nem entre si, nem com o resto da equipe. Voltou para a barraca ampla, acompanhado dos seus principais camaradas. Isabel também os aguardava lá.

— Como foi a conversa? — Isabel perguntou, assim que os viu. — Eu ouvi tiros, o que foi que aconteceu?

— Isabel, Emmanuel sabe que você está aqui e mandou este pacote. — Ivan mostrou o embrulho na palma da mão. — Acho melhor você se preparar para o pior.

Isabel olhou para o embrulho, algo do tamanho de um tubo de pasta de dentes, enrolado numa folha de caderno comum. Ela o desembalhou, com um péssimo pressentimento do que viria a seguir.

O papel de embrulho era a carta que ela deixara para o namorado, a mesma que o denunciara mais cedo.

E no meio do papel, embrulhado num pedaço de plástico ensanguentado, um dedo humano. O dedo de um homem adulto.

* * *

Estela tentava acalmar Isabel, que estava inconsolável. A líder não sabia o que dizer que pudesse tornar aquela situação menos dramática.

— Ele está morto. Meu Carlos foi assassinado, e a culpa é minha. — Isabel se lamentava, aos prantos.

— Calma, você não tem como afirmar isso. Claro que a situação dele é grave, mas talvez ele agora seja mantido refém também. Pelo

tipo de relacionamento que Canino mantinha com você, pode ser que esse tal Emmanuel o esteja vendo como uma razoável moeda de troca — Estela ponderou.

Enquanto isso, Ivan se reunia com os demais líderes. Ele estava furioso, e não fazia esforço para disfarçar.

— Eu avisei, não foi? Eu queria chegar aqui com tudo, pegando os caras de surpresa e desmantelando essa quadrilha de um golpe só. Agora, aqui estamos nós, centenas de homens de um lado e quase noventa reféns do outro! — Ivan esbravejou.

— O que pretende fazer? Você acha que a ideia de os mantermos sem água não faz mais sentido? — Souza perguntou, desanimado.

— Eu acho que agora que eles sabem nossas intenções ficou tudo muito complicado. O plano só fazia sentido enquanto posávamos de militares cruéis e sanguinários, agora isso não vai mais colar. Eles vão começar a matar reféns, e teremos que ceder.

— Sinto muito, Ivan, eu devia ter avisado da carta. — Isabel não estava participando da reunião, mas acompanhava cada palavra.

— A culpa não é sua, a culpa é minha. Eu devia ter seguido meus instintos. Era óbvio que eles usariam mulheres e crianças para nos intimidar. Tudo isso aqui foi uma péssima ideia — Ivan disparou, fazendo Souza se encolher.

— A culpa é minha, Ivan, eu que tive a ideia — Souza afirmou, resignado, sentindo-se responsável pela morte da pobre menina.

— Não, a culpa é minha. Vocês todos são minha responsabilidade. Eu preciso tomar conta de vocês. Quando abandono a minha condição de líder, as coisas dão errado.

Aquela resposta de Ivan incomodou a todos. Mais parecia que eles eram crianças que não sabiam se cuidar sozinhas. Porém, ninguém ousou retrucar, nem mesmo Estela.

— Muito bem, alguém tem alguma sugestão de como iremos resolver isso? — cabo Oliveira perguntou.

— Eu irei resolver isso, Oliveira. Terei uma boa conversa amanhã com aquele tal de Emmanuel. Ele que se prepare, eu estou só me aquecendo — Ivan falou, sombrio. — Mantenham a vigilância e protejam o perímetro. E preparem-se, isso aqui vai longe.

No dia seguinte, Ivan falou com Emmanuel pelo rádio e pediu uma reunião. Combinaram que seria no meio da estrada, em campo aberto.

No horário combinado, encontraram-se — Ivan e alguns homens, Emmanuel com diversos outros. Duas cadeiras solitárias foram posicionadas uma em frente à outra. Da mesma forma do dia anterior, sobre um dos prédios um grupo de reféns estava vendado e algemado, com homens armados vigiando-os.

— Bom dia, veio se despedir? Já estão de partida? — Emmanuel começou a conversa.

— Não, eu vim dizer que estamos prontos para aceitar seu pedido de rendição — Ivan afirmou, sério.

— Mas que perda de tempo! Se era só isso, eu estou indo embora!

— Diga-me uma coisa: quanto de água sobrou? — Ivan perguntou à queima-roupa.

— O suficiente para suportarmos o tempo que for necessário, eu garanto.

— Você está mentindo. Aposto que você não tem água para mais do que uma semana. — Ivan sorriu.

— E eu lhe digo que temos bem mais do que isso — Emmanuel respondeu, desconfortável, começando a ficar preocupado.

— Entendi, vizinho. Bom, nós vamos descobrir, não é mesmo? — Ivan se mostrava relaxado.

— Vizinho? Acho que não entendi seu comentário... — Emmanuel ficou um tanto irritado.

— Você entendeu, sim. Não iremos embora. Vamos ficar bem aqui.

— Você é louco. Terá que ficar aqui meses — Emmanuel debochou.

— Estamos preparados para ficar aqui durante anos — Ivan falou, sério. — Eu só preciso ter paciência. Você está quase sem água. Eu, no entanto, posso ir buscar na hora que quiser.

— Então, traga-me água, senão eu mato os reféns. Esqueceu quem está dando as cartas aqui?!

— Eu troco os reféns por água. Uma pessoa por galão. É pegar ou largar.

— Veremos. Vou mandar matar uma criança dessa vez.
— Emmanuel sacou o rádio que trazia consigo.

— Está bem. — Ivan, por sua vez, apanhou o rádio que trazia à cintura e ordenou: — Franco-atiradores, em posição. Matem dois homens para cada refém assassinado.

Emmanuel parou com o rádio próximo ao rosto. Ficou avaliando Ivan por um instante.

— Você não está pronto para jogar esse jogo, rapaz. Não tem culhões para isso — Emmanuel disse, com suavidade.

— Talvez sim, talvez não. Mas diga-me: você vai correr o risco, meu chapa?

— Você terá as mãos sujas de sangue, muito sangue. Sua teimosia vale isso? — Emmanuel ainda avaliava seu adversário. — Comigo eles estão seguros, qual é o problema?

— Essas pessoas merecem ser livres. O que você criou aqui é sua própria versão de um campo de concentração. Isso não é vida, e tampouco este lugar é seguro. O risco de ficar aqui é enorme. E o perigo ao qual me refiro não são os zumbis.

Emmanuel avaliou a situação brevemente. Ele imaginava estar seguro com seus reféns, mas agora as coisas se complicavam. Teria que arriscar, não tinha escolha.

— Eu entrego dez reféns em troca de um caminhão-tanque cheio de água — Emmanuel ofereceu.

— Vinte reféns. Ou meio caminhão, o que você preferir — Ivan contrapôs.

— Sem acordo. Não vou me sujeitar a isso! — Emmanuel levantou-se, irritado.

Ivan também se levantou, mas não falou nada, apenas virou as costas e deixou Emmanuel falando sozinho. Acabara de dar dez passos quando seu interlocutor o interrompeu:

— Está bem! Vinte reféns por um caminhão-tanque! — Emmanuel cedeu, contrariado. — Você é desafortado, garoto, nunca vire as costas para mim!

— Eu digo a mesma coisa, Emmanuel. Se eu fosse você, começava a dormir com um olho aberto. As coisas estão apenas começando a ficar ruins.

E assim o cerco começou.

* * *

Os primeiros dias foram de trabalho intenso. Ivan ordenou que buscassem mais comida, mais equipamentos, mais remédios, munição e uma infinidade de coisas.

Devido às condições insalubres e a promessa de um longo período de cerco, Adriana voltou para o Condomínio Colinas. Aquele não era o ambiente para uma mulher grávida de sete meses.

Estela, porém, estava decidida: fazia questão de ficar. Acabaria com a raça daquele homem, mesmo que para isso tivesse de enfrentar inúmeras hordas de zumbis. Ela aceitava até mesmo dar à luz no meio da lama do acampamento; nada mais importava agora.

E logo numa das primeiras noites um bando de zumbis se aproximou e atacou o acampamento com ferocidade, deixando um saldo de três mortos. Ivan e Estela saíram da barraca de dormir atirando, ainda descalços, sem ter tempo para nada.

Ivan sentiu o vento gelado e úmido atingir o rosto ao sair da barraca, o que fez seu corpo inteiro se arrepiar. Imediatamente viu mais de dez criaturas vagando pelo acampamento, enquanto os soldados responsáveis pela vigilância atiravam contra os atacantes.

Alguns soldados se debatiam em luta corporal contra as feras, e outros gritavam, em meio a mordidas.

Ivan abateu uma criatura, e Estela atingiu outra, enquanto mais e mais soldados chegavam. Em poucos instantes o acampamento estava seguro de novo, mas três companheiros foram contaminados e tiveram que ser sacrificados, para consternação de todos.

Emmanuel e seus capangas assistiram parte daquela tragédia sorrindo de satisfação. Ele começou a imaginar que muito em breve Ivan e Estela se intimidariam em função dos perigos que aquela campanha envolvia, e desistiriam da investida. Mas aconteceu exatamente o contrário.

Os soldados do Condomínio Colinas começaram a fazer treinamentos para aumentar a velocidade de resposta em caso de emergência. Aquela situação era incrivelmente problemática. Até

exercícios-surpresa foram organizados. Precisavam estar prontos para condições similares a uma verdadeira guerra.

— Quando soar o alarme, todos têm de estar prontos em no máximo três minutos, entenderam? Três minutos! Esse tempo é a diferença entre a vida e a morte! — Ivan berrava para os demais. — Isto aqui não é o condomínio, isto aqui não é uma brincadeira, este é o mundo real! Estamos em campo aberto e tremendamente vulneráveis!

Cavaram trincheiras e cercaram o acampamento de arame farpado, para desse modo manter os zumbis afastados. Até mesmo pequenas torres de observação foram improvisadas.

Os blindados eram mantidos sempre alinhados de costas uns para os outros, criando assim um círculo no meio do qual ficava o acampamento. Sempre havia dezenas de soldados montando guarda, usando, de preferência, armas com silenciadores, numa tentativa de, assim, atrair menos criaturas. Porém, não adiantava; sempre acabavam fazendo barulho, e isso atraía mais zumbis.

Certa ocasião, Ivan mandara um grupo buscar mantimentos no condomínio, e, depois de algumas horas, recebeu um comunicado preocupante:

— Senhor, não conseguimos entrar no Condomínio Colinas. A quantidade de criaturas cercando o local aumentou demais! — o soldado informou, estupefato. — Eles têm pressionado o ônibus novamente, estão todos com medo de que nossa muralha tombe!

— Precisamos dos mantimentos, estamos quase sem comida. — Ivan meneou a cabeça, preocupado.

— Não tem como, senhor, teremos que tentar de novo depois. Tirar o ônibus do caminho agora é suicídio. Os zumbis invadirão tudo se fizermos isso agora — o soldado respondeu, pesaroso.

Por conta daquele incidente, levaram quatro dias até finalmente dispersarem os zumbis e conseguirem entrar no condomínio para buscar suprimentos. Ivan e os demais tiveram que empreender uma expedição de emergência por Taubaté para conseguir alimentos às pressas, invadindo um mercado. Aquilo custou a vida de mais um soldado, que foi surpreendido por um zumbi em um corredor, além de vinte e quatro horas sem comida.

E a cada dia que passava, sofriam mais e mais ataques das feras. As criaturas avançavam quase sempre à noite, mas durante o dia às vezes ocorriam incidentes também.

Certa vez, Ivan e seus homens conversavam na barraca principal quando começaram a ouvir tiros. Aquilo vinha se tornando uma rotina estressante. Quando saíram, viram um grupo de cerca de sessenta zumbis avançando pelo matagal que tomava aquele terreno no qual se instalaram.

Era um grupo de criaturas grotescas e maltrapilhas. As roupas de alguns dos zumbis já se esfacelavam, e eles avançavam nus em pelo, exibindo corpos cheios de lacerações pútridas, e completamente imundos.

O bando avançava rápido, embora de forma trôpega, passando pelo capim alto que já tomara aquela parte dos arredores do quartel.

Ivan observou os atacantes e mandou todos tomarem suas posições. Estela também surgiu com seu rifle. A barriga dela já estava bem mais evidente. O terceiro filho do casal crescia agora em ritmo acelerado.

— Isso vai fazer mal, essa arma tem um coice que nem eu aguento direito. Não sei por que você gosta tanto de usá-la — Ivan reclamou.

Isabel também se aproximou. Ver os zumbis avançando a deixava nervosa, mesmo com os grossos rolos de arame farpado cercando todo o perímetro.

Estela não respondeu ao marido; apenas aproximou-se do arame, levou o rifle à altura do ombro, mirou um zumbi, que daquela distância a olho nu era do tamanho de um grão de feijão, e apertou o gatilho.

O estrondo foi tão alto que até Emmanuel e seus homens correram ao telhado para ver do que se tratava. Ficaram admirados observando a cena pelos binóculos.

Estavam todos sujos e muito mais magros. Emmanuel tinha olheiras bem definidas e a pele ressecada. Encontrava-se visivelmente doente também. Ivan estava impondo um duro e necessário castigo a todos que viviam naquele quartel.

A cada disparo de Estela, um zumbi desmoronava. Uma das feras que avançava praticamente voou para trás com o disparo certo

que atingiu seu nariz e explodiu sua cabeça, e vários dentes voaram no meio do caminho.

Outra criatura levou um tiro no peito e caiu para trás. Quando sentou-se no chão, um segundo projétil despedaçou seu crânio, fazendo sangue e massa encefálica jorrar.

Estela engatilhava e disparava em velocidade frenética; ela não demorava quase nada para mirar. Emmanuel observou aquilo e se assustou, lembrando-se da ameaça que ela fizera no dia em que se conheceram.

— Quando o bicho pegar precisamos tomar cuidado com essa louca, ela é um perigo — Emmanuel sentenciou.

Quando os zumbis chegaram perto o suficiente para serem alvejados pelos demais, o grupo já havia diminuído em mais de vinte seres. O resto foi abatido com facilidade pelos demais soldados.

— Quero manter minha pontaria afiada, tenho certeza de que em breve vou precisar dela — Estela respondeu, por fim, fitando Ivan nos olhos. Em seguida, retornou à barraca.

Aquele já era o quadragésimo quinto dia de cerco.

Do lado do grupo de Ivan e Estela, as coisas iam de mal a pior. O acampamento improvisado acabava sendo muito propício para doenças, e por isso, de tempos em tempos, procuravam alternar os soldados com os membros do corpo de segurança que permaneceram no condomínio.

As condições eram insalubres. Eles agora estavam no meio do inverno e fazia muito frio ali, em campo aberto, em pleno interior do estado de São Paulo. As manhãs começavam sempre geladas, com o mato coberto de orvalho e o vento cortante castigando todos.

Certa ocasião, em um dos vários ataques que sofreram, tiveram mais duas baixas. Um grupo de soldados que fora incumbido de buscar água para o acampamento foi surpreendido por um bando de zumbis, de forma muito similar ao que ocorrera com o grupo de Emmanuel, meses antes. Um rapaz de pouco mais de vinte anos foi cercado e literalmente despedaçado pelas feras famintas. Outro soldado, um homem mais maduro, de cerca de quarenta anos, tentou intervir e teve o mesmo destino. Os demais soldados chegaram e

abateram todos os mortos-vivos com tiros de fuzil, mas era tarde demais. Só restava explodir a cabeça de uma das vítimas. O outro nem sequer foi necessário, pois sua cabeça fora esmagada, e o cérebro, devorado.

Ivan e Estela foram pessoalmente conferir o estrago, era uma das cenas mais grotescas que eles já presenciaram.

— O que houve aqui? O que isso significa? — Ivan perguntou, perplexo.

— Acho que os zumbis estão ficando mais violentos, mais selvagens. — Estela franziu o cenho. — Talvez seja porque o suprimento de comida está cada vez menor, e isso talvez os deixe mais agressivos.

— É uma boa teoria. Vamos torcer para que esse tenha sido um evento isolado. — Ivan observava um pé humano caído no meio da cena nauseante.

Os zumbis desmembraram as vítimas completamente e despedaçado até mesmo o tronco de uma delas. Algo de uma violência sem precedentes.

Ivan e Estela voltaram com os semblantes pesados para o acampamento. O moral do grupo estava baixo; todos se mostravam muito cansados e abatidos. Era impossível ter uma noite decente de sono ali, e até mesmo os pernilongos não davam trégua. E eles também morriam de saudade e preocupação pelos filhos pequenos, que se achavam sob os cuidados de voluntárias no condomínio.

A comida também vinha sendo racionada. Depois dos incidentes para busca de alimentos, passaram a procurar economizar tudo que podiam.

Em mais duas trocas de reféns eles conseguiram libertar mais quarenta pessoas em troca de água, mas sabiam que ainda havia muito mais. Relatos davam conta de quase quarenta indivíduos presos ainda.

Cada nova troca era uma festa, um passo adiante naquele jogo de xadrez no qual somente o mais teimoso, o mais tenaz, venceria. Os libertos eram atendidos com graus diferentes de desidratação e desnutrição, e narravam os horrores vividos naqueles dias duríssimos.

— Depois que vocês chegaram, as coisas pioraram demais. Os banhos foram proibidos, a carga de trabalho aumentou muito, e a cota de água e comida diminuiu pela metade. Emmanuel quer estocar alimentos. Também quase não se ligam mais as luzes, à noite a escuridão é total — um senhor de cerca de sessenta anos relatava, tomando uma tigela de sopa ávido. Cheirava tão mal que Estela precisava se controlar para não falar com ele com as mãos cobrindo o nariz.

— Percebemos isso tudo, também. Sentimos muito por tanto sofrimento, mas é a única forma de tentar fazer esse louco ceder — Estela comentou, em tom de desculpas.

Outra pessoa que vivia seu próprio inferno era Isabel. A cada novo libertado que ela encontrava fazia a mesma pergunta, a mesma dúvida que a assolava todos os dias:

— Você viu Canino? Sabe me dizer se ele ainda está vivo?

E em todas as ocasiões as respostas era as mesmas:

— Eu não sei. Ninguém nunca mais teve notícias dele.

Isabel chorava todas as noites. Ela se lamentava por ter escrito o bilhete, por ter fugido, por ter conhecido aquele lugar, por estar viva. Nunca se perdoaria pelo mal que causara ao amado.

Outra parte da sua rotina infernal era falar com Jezebel uma vez por semana. Sentia-se culpada por aquilo, mas o fato era que conversar com a irmã era um fardo pesadíssimo. A cada novo diálogo Isabel se sentia pior. Porque ela não tinha uma resposta para a pergunta que não queria calar.

— Bel, quando vocês vêm me buscar? — Jezebel perguntava, chorosa.

E Isabel se desdobrava em argumentos explicando por que ainda não era possível realizar aquela empreitada. As coisas no quartel estavam complicadas, e não havia recursos para aquela missão. Jezebel precisaria esperar mais um pouco.

— Isabel, estou com febre há três dias. Vou morrer, desse jeito!
— Jezebel se queixou aos prantos. — Não tenho mais nada para comer. Estive revirando ontem uma caçamba de lixo para tentar encontrar algo, mas estava tudo podre, não havia condições. Vocês vão me matar!

Isabel ouvia aquilo tudo em silêncio, com a respiração pesada. Sentia vontade de gritar de ódio, queria pular aquele cercado e matar Emmanuel com as próprias mãos, arrancar seus olhos com as unhas. E depois pegaria um tanque e iria atrás de Jezebel; sozinha, se fosse o caso.

Na realidade, ela só não concretizava essa segunda parte dos seus delírios por causa de Canino.

Isabel não aceitava se afastar do acampamento nem um minuto sequer; ela precisava saber. Precisava descobrir. Se ao menos Emmanuel mostrasse o corpo dele, aquilo seria a libertação. Mas aquele sádico fazia questão de deixá-la no escuro. E aquela dúvida era enlouquecedora.

Certo dia ela pediu para Ivan deixá-la falar com Emmanuel pessoalmente. Um simples aperto de mão poderia ser a solução. Mas Ivan não permitiu.

— Emmanuel não permite mais ninguém se aproximar dele. Nossas conversas são apenas pelo rádio agora. O cara está arisco, desconfiado e muito zangado. Se ele a encontrar, tenho medo de que a mate. O cretino já fez diversas ameaças a você. Emmanuel a culpa por tudo.

— E ele não está errado. A culpa é toda minha, eu coloquei todos nós nesta enrascada. — Isabel olhava o acampamento enlameado, os soldados cansados daquela rotina massacrante, andando no meio do frio inclemente. E se lembrava de que dentro do quartel estava pior, muito pior.

Se a situação dos prisioneiros transformados em reféns era ruim ao extremo, a de Emmanuel também não era das melhores.

Emmanuel estava acostumado a ter do bom e do melhor no quartel, porque antes obrigava os homens a conseguirem pequenos mimos na cidade para ele. Garrafas de uísque, cigarros, algumas comidas diferenciadas, para sair da rotina insossa da cozinha do quartel, e até mesmo roupas novas estavam entre seus artigos favoritos. Agora, tudo isso acabara; ele estava na vala comum.

Além do mais, na sua cabeça, Estela o perseguia o tempo todo. A bela morena de olhar frio e pontaria prodigiosa surgia nos seus pensamentos o tempo todo. Seu aviso fora claro e contundente.

Ela jurou que iria matá-lo. E por isso Emmanuel descarregava seu medo e seu ódio nos demais. Distribuía castigos e espancava reféns. Acima de tudo violentava mulheres. Não fazia isso por prazer, mas por vingança. Em cada vítima ele imaginava o rosto de Estela. Quando tomava uma mulher à força, sua maior alegria era imaginar que se tratava da esposa de Ivan que estava ali, subjugada, implorando para ele não machucá-la. E quando isso acontecia, ele batia mais e mais.

Emmanuel proibiu que seus homens matassem quem quer que fosse. Os reféns eram a única moeda de troca da qual dispunham, e ele temia a retaliação de Ivan.

O cheiro de suor e gordura impregnava diversos ambientes, e as roupas estavam tão imundas que poderiam parar de pé. Emmanuel, seu grupo e seus reféns estavam cada vez mais se assemelhando a mendigos.

Chegou a um ponto em que não podiam mais sequer acionar as descargas dos banheiros, e o cheiro de excrementos começava a ficar insuportável. Com a falta de água, a plantação também secara. E o frio intenso piorava tudo. Como não havia como ir à cidade buscar cobertores ou agasalhos, o sofrimento só aumentava.

Aquela privação sem limites mexia com os nervos de todos. Incidentes eram cada vez mais comuns envolvendo os homens de Emmanuel, que em certas ocasiões brigavam entre si.

Até mesmo uma tentativa de motim ocorreu. Meia dúzia de homens que eram mantidos presos se rebelaram contra o bando que controlava o quartel, e tentou roubar as armas de alguns capangas que montavam guarda. Foi uma péssima ideia, pois acabaram sendo contidos e surrados com pedaços de pau, e até mesmo fios elétricos improvisados como chicotes. Emmanuel só não os matou porque sabia que a resposta de Ivan seria implacável: dois homens mortos para cada refém abatido. E Emmanuel sabia que ele falava sério.

Em breve a água acabaria de novo, e aí Emmanuel não teria saída a não ser negociar com Ivan. E isso significava abrir mão de mais reféns, o que tornava a situação cada vez menos sustentável. Ivan cumpria sua promessa, empurrando Emmanuel para as cordas, deixando-o sem opções.

Maldita Isabel, é tudo culpa daquela piranha!, pensou ele. Mas ela não perdia por esperar. Emmanuel ainda iria fazê-la se arrepender de ter causado tudo aquilo. Ele podia até perder aquela guerra, mas providenciaria para que ela se arrependesse muito de tê-lo conhecido.

* * *

Isabel tentava a todo custo acertar um alvo com uma pistola. Ela queria aprender a atirar, mas mal sabia usar uma arma, e mais cedo ou mais tarde essa seria uma habilidade necessária. Estava tão entretida que nem viu Estela se aproximando.

— Abra os dois olhos, Isabel, esqueça o que você viu no filmes. Essa história de que precisa fechar um olho para centralizar a mira é conversa fiada.

Isabel sorriu e fez o que Estela disse, mas mesmo assim errou o tiro. Não havia jeito, ela era péssima.

— Não se preocupe, eu treino você. Em alguns dias estará craque, confie em mim. — Estela sorriu.

— Obrigada. Eu queria perguntar uma coisa: como foi essa mudança toda? Você não estranhou? — Isabel a fitou, curiosa.

— Você fala desde que os zumbis invadiram tudo?

— Não, antes. Eu me refiro à quando você largou o exército e voltou a ser civil.

— Eu nunca fui do exército! Sempre fui civil, só aprendi a atirar depois que essa loucura aconteceu. — Estela deu risada.

Isabel a encarou, perplexa. Havia algo errado. Tinha certeza de que não se enganara. Ela vira algo quando conheceu Estela.

— Estela, isso tudo é muito esquisito... Eu poderia jurar que você pertenceu ao exército, e eu não costumo me enganar com essas coisas. Aliás, você não acha muito estranho que tenha se transformado em uma campeã de tiro em apenas alguns meses? — Isabel arqueou as sobrancelhas.

— Já pensei nisso; acho que é um dom. Eu atiro melhor do que meu marido, que por sua vez era atirador de elite no exército. Mas

por que você achava que fui do exército? Foi só por conta da minha pontaria?

— Não; porque eu vi. Quando li seus pensamentos, vi algo muito fugaz... era uma imagem sua em algum tipo de quartel, mas era algo muito antigo eu acho. Você estava bem diferente.

— Sei... Já estive em quartéis antes, mas foi basicamente para conseguir armas. Quer tentar de novo? — Estela ofereceu a mão para Isabel; ela não cansava daquelas demonstrações.

Isabel assentiu e segurou a mão da amiga com firmeza. Vasculhou tudo, mas não conseguia encontrar nenhum sinal da lembrança que ela procurava. Parecia que havia evaporado.

Quando estava prestes a desistir, Isabel ficou paralisada, com um olhar confuso. E da confusão mudou para o espanto rapidamente. Ela olhou para Estela com assombro.

— Estela, por que você fez isso? — Isabel indagou.

— Como assim? O que foi que eu fiz? — Estela ficou preocupada com a forma como Isabel a olhava.

— Eu vi diversos homens mortos. Assassinados por você. O que aconteceu? — Isabel perguntou em choque.

— Você quer dizer zumbis, certo? Você viu vários mortos-vivos que eu abati — Estela corrigiu, tentando encontrar uma explicação plausível para o que a amiga dizia.

— Não, eu não vi zumbis. Vi humanos, vários homens mortos caídos no chão. E você os observava com olhar de vitória, como se sentisse orgulho de si mesma — Isabel explicou, espantadíssima.

Estela piscou diante do que Isabel dizia. Era uma afirmação absurda; ela nunca havia feito nada parecido com aquilo.

— Isabel, não sei o que você viu, mas eu nunca matei um ser humano na minha vida. Abati inúmeros zumbis, mas homens não, nunca — Estela afirmou com tamanha convicção que Isabel se viu obrigada a acreditar.

Ela tentou ler a mente de Estela de novo, mas sem sucesso. Não sabia o que vira, mas desaparecera, exatamente igual à lembrança que ela encontrara do quartel.

Conversaram mais um tempo sobre aquele mistério, sem conseguirem chegar a nenhuma resposta conclusiva.

— Talvez o seu dom falhe de vez em quando. Acho que o que você faz é fantástico, mas duvido que seja algo preciso o tempo todo — Estela argumentou, pensativa.

— Sim, de fato não é algo infalível. Mas eu raramente erro. Não sei o que dizer. — E naquela situação propriamente dita Isabel tinha quase certeza de que não estava enganada, apesar de não conseguir explicar por que aquelas lembranças surgiam e desapareciam.

As duas decidiram prosseguir com as aulas de tiro, deixando de lado aquele estranho acontecimento.

* * *

Completaram-se dois meses de cerco aparentemente sem avanços significativos. Mas Ivan e Estela tinham uma opinião diferente, e compartilharam-na com seus líderes em uma de suas muitas reuniões.

— Tenho certeza de que ele está por um fio. Agora há apenas vinte pessoas lá dentro. Emmanuel não vai aguentar muito mais — Ivan argumentou.

— Também acho. Eles estão tão desestabilizados que nem perceberam que mandamos dez mil litros a menos de água na nossa última remessa. Isso é significativo, Emmanuel está dando sinais de cansaço — Estela ponderou.

— Todos estamos, Estela. Estamos todos exaustos. Ficar aqui é massacrante — disse Silas.

— Precisamos manter a frieza. Conseguimos tirar várias pessoas das garras daquele lunático. É tudo uma mera questão de tempo. — Ivan cruzou os braços. — Emmanuel vai negociar uma rendição, ele não é maluco. Se não fizer isso, seus homens vão acabar tirando-o da liderança e nos procurando.

Continuaram conversando por mais alguns instantes, discutindo sua própria situação precária.

— Ivan, temos homens com disenteria, dengue, pneumonia, infecções de diversos tipos, e tudo o mais que você puder imaginar. Precisamos fazer um novo rodízio, mandar pelo menos umas cem pessoas para São José dos Campos e trazer outros soldados. Eles

estão cansados. A gente vem enfrentando zumbis diariamente; mais de uma vez por dia. — Oliveira balançou a cabeça.

Ivan ponderou sobre aquilo, mas não havia realmente escolha. Tinham que tentar poupar os homens, porém sem nunca descuidar da segurança. Sabia que Emmanuel esperava um vacilo; era tudo de que ele precisava. Dessa forma, autorizou o rodízio.

Começaram a falar sobre assuntos mais amenos, como a recente notícia de que Adriana dera à luz uma menina chamada Ingrid, que era a grande alegria do condomínio.

Mas quase não tiveram tempo de falar sobre aquilo, pois um rapaz que fazia parte da tropa do Condomínio Colinas chegou correndo, esbaforido. Todos se sobressaltaram imediatamente; aquilo só podia significar mais problemas.

— Senhor, mensagem urgente de rádio! — o jovem informou. — Estão pedindo para o senhor ir agora ao Condomínio Colinas!

Ivan leu a mensagem anotada à mão pela operadora de rádio e entregue para o portador até ele. Era uma mensagem curta, ditada por Givaldo — um dos homens de confiança de Ivan que nunca disparara um único tiro em toda sua vida —, um prodígio em organização e gestão, que, por isso mesmo, ficara encarregado de administrar o condomínio na ausência de seus líderes

A mensagem dizia:

O helicóptero retornou, e pudemos ver armas de fogo. Eles jogaram um pacote. Quando o recuperamos havia um rádio pelo qual falamos com o piloto. Ele transmitiu uma mensagem dizendo que um tal de coronel Fernandes exige seu comparecimento ao QG do exército em São Paulo. Caso contrário, seremos tratados como insurgentes.

— Era só o que me faltava! — Ivan esbravejou, com o bilhete nas mãos.

CAPÍTULO 6

O CORONEL



A 2ª DIVISÃO DE EXÉRCITO — Divisão Presidente Costa e Silva — era um dos maiores centros de comando operacional do exército brasileiro. Era subordinada ao Comando Militar do Sudeste e sediada na capital paulista.

Esse gigantesco grupamento foi criado oficialmente em 1952 a partir da extinta 2ª Divisão de Infantaria, e sua sede mudou de endereço diversas vezes — Lorena, Osasco e São Paulo — até finalmente se instalar no bairro do Ibirapuera, na capital paulista, vizinho ao gigantesco parque, que era um dos cartões-postais da cidade.

A divisão foi rebatizada com o nome do presidente militar Costa e Silva na ocasião de sua morte por ele ter sido um dos comandantes do grupamento, quando era general. Com um contingente de centenas de homens, entre oficiais e soldados, era uma das maiores referências do exército na capital paulista, e por isso mesmo, quando a civilização desabou com a aproximação de Absinto e suas funestas consequências, soldados sobreviventes, vindos de todas as regiões da cidade, rumaram para o complexo, em busca de segurança e algum vestígio de comando.

O complexo, igual a todo o resto, fora tomado pelos mortos-vivos, mas, graças à liderança de um homem — o coronel Fernandes —, os sobreviventes conseguiram se organizar e trucidar os zumbis,

isolando o centro de comando do caos que tomou a cidade de São Paulo.

O coronel Fernandes era um homem de feições duras e olhar frio. Era um oficial de carreira vindo de uma família com longa tradição militar. Tinha cinquenta anos, porte atlético, pele morena clara e bigode e cabelos grisalhos.

Fora um dos líderes nas operações militares do Brasil no Haiti, além de ter participado de missões na Floresta Amazônica e nas favelas cariocas. Conhecido pelo pulso firme e temperamento difícil, era muito mais odiado do que querido na caserna.

Porém, ele se mostrara o homem certo para enfrentar a ameaça dos mortos-vivos. Sem comando, sem comunicações, sem recursos, o coronel reuniu sobreviventes que também estavam encurralados por inúmeros zumbis, e organizou uma feroz resistência que breou o avanço das criaturas que invadiram o complexo.

O coronel e seus subordinados disputaram, metro a metro, o controle da sede da divisão, em um enfrentamento que custou as vidas de dezenas de soldados e milhares de criaturas. Organizaram barricadas nos corredores, nas ruas, nos portões. Usaram tudo que tinham disponível, de fuzis a granadas de mão, de pistolas a porretes. Mas, ao final de semanas de luta incessante, enfim o complexo estava seguro.

E lá eles se instalaram, sem nenhuma outra opção, porque a cidade de São Paulo via-se dominada por milhões de zumbis enlouquecidos.

A cada semana, outros soldados e civis foram chegando — aqueles que conseguiram furar o gigantesco bloqueio das hordas de feras que vagavam pela Marginal Pinheiros, Marginal Tietê, avenida Vinte e Três de Maio e tantas outras grandes vias, que serviam para a locomoção pela cidade, e que agora mais se assemelhavam a cemitérios de carros, caminhões e ônibus abandonados e destruídos.

Até mesmo um helicóptero chegou ao centro depois de mais de um mês. O piloto, junto com um grupo de sobreviventes, tentava alcançar algum centro de comando que ainda estivesse operacional, quando chegou até o complexo e se uniu ao grupo do coronel Fernandes, que, com isso somava mais de uma centena de pessoas.

E esse mesmo helicóptero fora incumbido de procurar vestígios de civilização, quaisquer que fossem.

Como a 2ª Divisão do Exército contava com um heliporto com posto de reabastecimento de aeronaves, foi possível organizar diversas expedições de busca. A ordem, porém, era evitar a abordagem de sobreviventes, pois naqueles tempos incertos as pessoas estavam desesperadas demais e confiáveis de menos.

O AH-2 Sabre foi até Campinas, Sorocaba, todo o ABC Paulista, Guarulhos e finalmente chegou ao Vale do Paraíba. Ao longo de toda essa epopeia, só encontrou desolação. Avistou alguns poucos sobreviventes eventualmente, vagando pelas ruas ou no topo de algum prédio. Mas a tripulação não ousou arriscar nenhum resgate; sabia que isso seria suicídio.

Ele sobrevoou diversas cidades do Vale do Paraíba até deparar com a cena bizarra: milhares de zumbis cercando um gigantesco condomínio em São José dos Campos.

Quando a aeronave se aproximou para ver o que estava atraindo tamanho número de feras, o piloto se deu conta de que o condomínio era habitado.

— Vocês estão vendo aquilo? É praticamente uma cidade, está cheio de sobreviventes! — o piloto comentou, entusiasmado.

— Sim, estou vendo. Como conseguiram preservar tanta gente? Veja, tem moradores saindo de várias casas. Deve haver centenas de pessoas morando aqui. — O copiloto apontava para os diversos indivíduos que saíam às pressas de suas residências, atraídos pelo barulho ensurdecedor do rotor do helicóptero.

Mas quando se deram conta de que os moradores possuíam armamento de guerra, desde blindados até mesmo metralhadoras de grosso calibre, fugiram imediatamente. Era a primeira vez que encontravam algo similar, e não podiam correr o risco de um confronto.

Reportaram à base sua descoberta e retornaram sem demora a São Paulo. Quando aterrissaram no heliporto do complexo militar, o próprio coronel Fernandes os aguardava, com o olhar duro e taciturno de sempre.

— Sejam bem-vindos de volta. Quero que me expliquem com detalhes essa descoberta — o coronel advertiu, com voz de comando.

A equipe narrou em detalhes o que encontrara, explicando que era uma grande comunidade aparentemente bem organizada e fortemente armada. O oficial ouviu tudo com atenção, interessadíssimo.

Outras missões de reconhecimento foram organizadas para maior coleta de dados até, por fim, o coronel enviar aquela convocação através do rádio lançado nos arredores do condomínio.

— Senhor, a mando do senhor coronel Fernandes, o exército brasileiro ordena que os líderes desta comunidade apresentem-se na 2ª Divisão de Exército na cidade de São Paulo — o piloto falou sem rodeios. — Você é o responsável por este local?

— Boa tarde para você também, rapaz. Os responsáveis são Ivan e sua esposa, Estela, mas eles não poderão falar com você neste momento. Qual é o assunto a ser tratado? — Givaldo perguntou, incomodado com a empáfia do homem ao rádio.

— Este assunto diz respeito apenas ao coronel Fernandes. E ele advertiu que o não cumprimento dessa convocação será considerada desobediência civil. Vamos esperar o retorno em até quinze dias — o piloto afirmou com dureza. — Por favor, anote o endereço.

Givaldo memorizou o endereço e as rápidas explicações do piloto, que logo em seguida encerrou a conversa e se afastou, sem maiores esclarecimentos e sem sequer se despedir.

E assim o coronel Fernandes ficou no aguardo de seus visitantes. Com todo o aparato que aquele local possuía, eles não teriam problemas para chegar a São Paulo. E ele queria saber quem eram aquelas pessoas. Elas teriam de se submeter ao único poder restante na República, o das forças armadas.

Passaram-se dez dias desde que a mensagem fora entregue para Ivan e Estela, e não obtiveram nenhum tipo de contato.

O coronel Fernandes deixara seus soldados em alerta. Estava óbvio que aquelas pessoas haviam roubado do exército todo o equipamento descrito pelo time do helicóptero, e isso os tornava criminosos comuns. Todo o cuidado era pouco.

O coronel Fernandes já estava em vias de enviar uma nova advertência para o condomínio quando surgiu um sinal de vida. Um soldado encarregado de vigiar os arredores do topo do edifício entrou em contato, pelo rádio, com seu superior. Ele avistara algo.

— Senhor, estou vendo um caminhão do exército! Um veículo de transporte de tropas se aproxima pela avenida! — o soldado falou, empolgado.

— Mantenha sua posição, irei avisar o coronel imediatamente! — o oficial em serviço ordenou.

Em instantes, o coronel Fernandes saiu do prédio acompanhado de diversos combatentes. Por todos os lados foram surgindo soldados armados, prontos para um enfrentamento. Se por um lado eles não sabiam quais eram as intenções de quem estava naquele caminhão, por outro não podiam ignorar o fato de que se aproximavam em um veículo de combate.

Similar ao que fora feito no Condomínio Colinas, toda a entrada da 2ª Divisão estava cercada de arame farpado. No telhado, atiradores se posicionaram para obter a melhor visão possível. E em solo, o coronel Fernandes aguardava algum sinal de contato.

O caminhão avançava lentamente pela avenida Sargento Mário Kozel Filho, que se encontrava repleta de carros parcialmente destruídos. As carcaças estavam todas posicionadas nas laterais da via, fruto do trabalho dos homens da 2ª Divisão, que foram encarregados de liberar o entorno do prédio para que eles mesmos pudessem circular com seus veículos.

Como sempre perambulavam por ali diversos zumbis em busca de alimento, eles olhavam abobalhados o imenso veículo, como se fosse algum tipo de criatura de outro mundo.

O caminhão parou diante do portão e tranquilamente esperou. O coronel Fernandes fez sinal para seus homens aguardarem; não correria riscos à toa.

De repente, a janela da porta do passageiro se abriu. Todos ficaram em alerta, prontos para agir. E o que surgiu foi similar a um raio de sol numa manhã nublada. Uma bela morena apareceu, sorridente, balançando uma bandeira branca. Ela usava óculos escuros, e sua imensa cabeleira negra esvoaçava ao vento. Uma visão

enlouquecedora para cerca de cem homens que estavam havia quase um ano confinados e com quase nenhuma mulher por perto.

— Oi, nós chegamos! Podemos entrar? — ela perguntou, alegre.

O coronel Fernandes ordenou que abrissem o portão imediatamente, e o caminhão entrou devagar, parando bem no meio do estacionamento. Apesar da empolgação inicial, ele mandou todos ficarem atentos, pois não sabia com quem estavam lidando.

Quando o caminhão estacionou, quem saiu primeiro não foi a bela morena, mas Gisele. E sua simples aparição fez as pernas de vários daqueles homens tremerem. De onde havia saído aquela deusa? Só podia ser um sonho.

Ela desceu com cuidado. Usava botas, calça jeans incrivelmente justa e uma blusa branca que evidenciava os seios fartos através dos botões semiabertos. Sobre o conjunto, um grosso casaco preto.

A morena veio em seguida; do mesmo modo estava com um casaco longo, porém completamente fechado. Ela também era muito bonita, e possuía um sorriso luminoso. Logo depois, veio Isabel, de vestido justo. Seus cabelos encaracolados se achavam cuidadosamente arrumados. E assim desceram diversas mulheres. Sandra também estava entre elas. Não era muito bonita, apesar do biotipo magro e os cabelos loiros naturais, mas também chamava a atenção.

E por último, surgiu Ivan, que dirigia o veículo.

O coronel Fernandes desejou naquele instante ter passado um perfume ou uma colônia. Não podia acreditar naquilo. Vários meses sem ver praticamente nenhuma mulher, e naquele momento estava diante de nove? E quem era aquele desgraçado sortudo?!

— Sejam todas bem-vindas, eu sou o coronel Fernandes. — Ele se aproximou, estendendo a mão para a morena sorridente.

— Olá, eu sou Fátima! Adorei este lugar! Fazia tanto tempo que não víamos nada tão organizado... Também, com todas essas coisas nojentas andando por aí! Aqui não tem essas criaturas, não é? É muito perigoso andar por aí, hoje em dia, espero que aqui estejamos seguras. Minha nossa, quantos homens! Duvido que algum desses monstros horríveis apareça por aqui!

O coronel gostou na hora da morena que falava pelos cotovelos.

— Sim, minha querida, vocês estão seguras, nós iremos protegê-las. São nossas hóspedes, está bem? — Fernandes respondeu, empolgado. — Baixem as armas, tenham educação! — ordenou a seus homens.

Os soldados em volta trataram de relaxar, e os demais, no telhado, desceram. Uns olhavam para Isabel, que sorriu de volta. Dezenas não conseguiam desviar o olhar de Gisele, que, tímida, tentava parecer simpática. A empolgação era geral com aquele grupo recém-chegado. Alguns até arriscavam cumprimentar algumas das mulheres, que acenavam de volta.

— Bom dia, meu nome é Ivan, sou o líder da comunidade de sobreviventes de São José dos Campos. Muito prazer. — Ivan estendeu a mão para o coronel, que quase já havia esquecido por que eles estavam ali.

— Ah, sim, claro. Sejam bem-vindos, fiquem à vontade. — Embora cumprimentasse Ivan, o coronel praticamente só olhava para Fátima. — Fui informado de que há outra líder na sua comunidade. Ela também veio?

— Minha esposa, Estela, está grávida, e concluímos que não seria uma boa ideia empreender uma viagem tão longa; ainda mais com o caos que se instalou nas nossas estradas — Ivan comentou, sorridente.

— Entendo. De qualquer forma, é um prazer recebê-los aqui. — O coronel queria muito saber se Fátima era solteira.

— O prazer é nosso. Ficamos felizes em saber que ainda existe comando aqui em São Paulo — Ivan afirmou, lisonjeiro.

— Sim, pode ficar tranquilo, ainda estamos de pé e na ativa. — O coronel Fernandes estufou o peito como um pavão.

— Antes de mais nada, coronel, estamos muito curiosos de saber por que o senhor nos convocou com tanta urgência até aqui — Ivan perguntou ali mesmo no estacionamento. — Esperamos que não tenha nada de errado acontecendo. Além da epidemia de zumbis, é claro.

— Sim, vamos conversar com calma, explicarei tudo. Na prática, temos informações de que vocês estão de posse de equipamento militar de uso exclusivo das forças armadas, o que é proibido pelas

leis do país. Teremos que solucionar isso. — O coronel olhava para Fátima, que o encarava, sorridente.

— Sério mesmo? Eu não sabia! Teremos que devolver tudo, então?
— Ivan se mostrava um tanto surpreso e envergonhado.

— Sim, meu rapaz, será necessário devolver tudo. Mas não se preocupe, iremos acomodá-los todos aqui conosco. São todos muito bem-vindos. — O coronel agora falava com ar quase paternal.

— Entendi. Isso significa que o disco voador vai ter que pousar agora mesmo — Ivan falou de forma corriqueira.

O que aconteceu em seguida foi muito rápido e incrivelmente embaraçoso.

Todas as simpáticas mulheres sacaram suas armas e apontaram para os homens em volta. Fátima, Gisele, Isabel, Sandra, todas ao mesmo tempo. Fátima, que era a mais próxima do coronel, apontou para o rosto dele a submetralhadora que trazia sob o grosso casaco longo que vestia. O único que não se mexeu, por ironia, foi Ivan, que permaneceu parado o tempo todo.

— Mas que diabos é isso?! — o coronel Fernandes trovejou ao ser pego de surpresa.

Vários homens se assustaram. Alguns mais próximos fizeram menção de apontar suas armas, e desistiram. Todas as mulheres ganharam, de um instante para o outro, um semblante feroz e perigoso.

— Mande-os soltar as armas, coronel. Estamos todos do mesmo lado, mas o senhor terá de confiar em nós — Ivan advertiu, em tom baixo, porém firme.

O coronel olhou em volta; havia pelo menos quatro armas apontadas na sua direção. O líder daquela divisão e seus soldados estavam em um número muito maior, mas bastaria um único vacilo para que ele fosse crivado de balas no mesmo instante.

— Fiquem calmos! Fiquem todos calmos! — o coronel gritou.
— Você não tem coragem de enfrentar o exército, rapaz. Estamos em número dez vezes maior. Pare de infantilidade e mande-as baixar as armas — ele ordenou, ameaçador.

— Você é a segunda pessoa em dois meses que diz que eu não tenho coragem, estou quase acreditando. — Ivan simpatizara com o

coronel, que lembrava seu pai. — Muito bem, podem se aproximar.

O coronel Fernandes não entendeu a princípio, mas então percebeu que Ivan usava um ponto eletrônico na orelha esquerda. Ele tinha um comunicador em algum lugar; havia mais gente participando daquela conversa.

O barulho estridente do som de diversos Urutus subiu pelos ares, e o grupo de soldados atônitos viu diversos tanques surgirem na rua. Dez veículos ao todo, com homens nas torres de artilharia empunhado metralhadoras de grosso calibre e fuzis.

Do caminhão do qual Ivan e as mulheres saíram desceram Zac, Oliveira, Silva, Souza e Dias, que se mantiveram escondidos dentro do veículo o tempo todo. Eles também empunhavam fuzis de assalto.

O coronel Fernandes olhava aquela cena, estupefato. Seu complexo estava sendo dominado sem que fosse disparado um único tiro.

Ao ver a investida dos tanques, os soldados imediatamente passaram a jogar as armas no chão e erguer as mãos, em sinal de rendição. Era impossível enfrentar vários blindados a pé.

O coronel se virou para Fátima, a bela morena de óculos escuros diante de si, que apontava a metralhadora para o seu rosto. Que decepção... Toda a simpatia e o encanto desapareceram: ela o encarava com aspecto intimidador.

— Até você, Fátima? — ele perguntou, decepcionado.

— Meu nome não é Fátima. Eu me chamo Estela. — Ela tirou os óculos escuros.

— Ah, mas que merda! Como eu sou burro! — E o coronel levantou as mãos também.

* * *

— Você joga sujo, rapaz, estou admirado. — O coronel Fernandes se deixou cair na cadeira do seu amplo escritório, com móveis de madeira maciça e um computador que já não funcionava havia meses. — Bravo! Bravíssimo!

— Peço desculpas pelo mau jeito, mas era necessário. Eu precisava saber onde estávamos nos metendo. O recado que recebemos não era exatamente cortês — Ivan falou com humildade.

— Nesse caso, liberte meus homens e estamos conversados — o coronel falou, seco.

— Em breve. Será uma visita bastante rápida. — Ivan se sentou numa cadeira diante do coronel, no que foi imitado por Estela. — Diga-me, senhor, como estão as suas condições aqui?

— Ótimas. Obrigado por perguntar. Por que você quer saber? — O coronel olhava de Ivan para Estela, e de novo para Ivan.

— Coronel, sei que não foi a melhor das abordagens. Mas olhe para mim, estou grávida de cinco meses! — Estela esboçou um sorriso maroto enquanto acariciava a barriga, que ela habilmente escondera sob o grosso casaco. — E sou casada. Não daria certo!

O coronel sorriu do comentário. Apesar de tudo, simpatizava com aqueles dois. Mas sentia falta de Fátima, o alter ego espevitado de Estela.

— Vocês nos pegaram pelo nosso ponto fraco! Se eu tivesse um superior para o qual precisasse responder, já estaria preso agora. — O coronel bateu a mão na testa.

— Não se culpe, coronel, nossa missão é de paz. Queremos cultivar uma parceria com vocês. Temos muitos recursos. Garanto que podemos nos ajudar mutuamente.

— Então você está me dizendo que quer colaborar conosco, Ivan? — O coronel Fernandes parecia cético.

— Sem dúvida alguma! Temos comida, armas, munição, e mais de dois mil sobreviventes com conhecimentos diversos. Aposto que podemos nos ajudar muito. Além disso, temos um problema em comum, e não são os zumbis.

— E do que se trata? Os desalmados já são uma preocupação constante. O que mais está acontecendo? — O coronel Fernandes se inclinou sobre a mesa, encarando Ivan.

Ivan narrou os eventos em Taubaté, descrevendo como vinham tentando desentocar Emmanuel. O coronel ouviu tudo em silêncio.

— Essa é a situação. Precisamos de reforços. Com mais soldados e apoio aéreo poderemos encerrar esse assunto e libertar aqueles que

ainda estão lá — Ivan finalizou sua história.

— Está falando sério? Vocês criaram uma verdadeira fortaleza, e agora armaram uma operação de guerra para libertar um grupo de prisioneiros civis das mãos de um bandido? — O coronel franziu o cenho.

— Sim, isso mesmo — Ivan afirmou com simplicidade, como se não entendesse a surpresa do seu interlocutor.

— Resumindo, estou diante de uma equipe de resgate, é isso? Vocês estão tentando salvar a humanidade e querem a minha ajuda?

— Sim, resumindo é isso, coronel — Estela respondeu.

— Preciso pensar a respeito. Confesso que estou surpreso pelo número de sobreviventes que você diz ter reunido. Se o que estou ouvindo é verdade, temo estar diante de um mal necessário. Não temos condições de receber todos aqui, e eu não posso, em sã consciência, pedir que vocês se desarmem. — O coronel respirou fundo.

— Por favor, seja rápido e nos mande uma resposta assim que possível. Há mulheres e crianças presas naquele lugar; precisamos encerrar essa operação o quanto antes. — Ivan fitava o coronel no fundo dos olhos.

Os três permaneceram em silêncio por alguns instantes. Logo em seguida, o olhar do coronel ganhou um brilho significativo.

— Já que vocês estão aqui, tenho uma surpresa para você, garoto. — O coronel se reclinou na cadeira, olhando para Ivan. — Tenho informações que, aposto, você ignora completamente.

Ivan olhou para ele, intrigado. A expressão altiva do coronel dava a entender que ele sabia mesmo de algo. E Ivan se perguntava se ia gostar do que estava por vir.

— São más notícias, não é, coronel?

— Nos tempos em que vivemos, não existem mais boas notícias. — O coronel esboçou um sorriso misterioso. — Venham comigo.

Fernandes se levantou e indicou a porta para Ivan e Estela, que o acompanharam um tanto cismados. Achavam-se prestes a ter algumas revelações que mudariam suas vidas para sempre.

Caminharam até fora do prédio, acompanhados por Isabel, Zac e Gisele, que esperaram do lado de fora da sala. Ivan fizera questão de trazer Isabel naquela campanha, apesar da inexperiência dela. Seu dom fazia da jovem uma arma mais perigosa do que qualquer outra que possuíam.

Avançaram por uma alameda muito agradável, com grama e árvores de ambos os lados. Eles rumavam para os fundos do complexo, na direção oposta ao estacionamento, onde os comandados de Ivan mantinham presos os soldados do coronel Fernandes.

— Seus homens são mesmo muito bons. Pregaram uma boa peça em todos nós. — O coronel continuava inconformado.

— Eles são muito disciplinados, e investimos pesado em treinamento. E já enfrentaram centenas de situações de perigo. Esse inferno embrutece um ser humano. — Ivan deu de ombros. — Mesmo que os zumbis desaparecessem amanhã da face da Terra, nenhum de nós voltaria a ser como antes. As pessoas que costumávamos ser morreram.

— Sei bem do que você está falando. Mas, diga-me, você pertenceu ao exército, certo, Ivan?

— Acho que está na cara, não é mesmo? — Ivan sorriu. — Sim, servi as forças armadas por dois anos.

— Foi o que imaginei. Bem, talvez tenhamos feito algo de bom por este país, afinal. — E isso era o máximo em termos de elogio que se poderia esperar do coronel. — Você, por acaso, se lembra de ter ouvido falar do IPCFEX durante o seu treinamento?

Ivan tentou puxar pela memória, mas nada lhe ocorreu. Na realidade, seria pedir demais. Durante o treinamento militar, os soldados aprendiam tanta coisa que era impossível assimilar tudo.

— Sinceramente, não, coronel.

— Poucas pessoas conhecem. IPCFEX é uma sigla que significa Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército. Esse era o departamento das forças armadas voltado para projetos e trabalhos de pesquisa em áreas como avaliação física, biomecânica, bioquímica, cardiologia, nutrição e tantas outras.

Ivan, Estela, Isabel, Zac e Gisele ouviam o coronel com grande interesse.

— Esse departamento foi responsável, durante anos, por todo tipo de pesquisa que envolvesse a melhor capacitação física dos nossos combatentes, inclusive estudos de neurociência — Fernandes prosseguiu. — Portanto, era composto basicamente por médicos e especialistas de diversas áreas, como fisioterapeutas e psicoterapeutas. E eles, por sua vez, coordenavam estudos conjuntos com grandes faculdades e universidades do Brasil e do exterior.

— Entendi. Era um braço científico do exército — Estela comentou.

— Exatamente, Fátima. Quer dizer, Estela! — o coronel consertou, rápido. — Pois bem, um dos coordenadores desse instituto conseguiu chegar aqui cerca de dois meses após o Dia Z. Ele está trabalhando, agora mesmo. É provável que nem saiba que vocês chegaram.

— Ele deve ser uma pessoa muito concentrada, não é mesmo? — Se havia um perfil do qual Isabel entendia era o dos pesquisadores, pois ela fora estudada por centenas ao longo de sua vida.

— Ele não é concentrado. É completamente maluco.

— Sim, coronel, dizem que de médico e de louco todos temos um pouco. — Ivan sorriu-lhe.

— Você não está me entendendo. Ele é literalmente maluco, e viciado em tranquilizantes. Passou mais de um mês escondido dentro de uma lanchonete após ver a mulher e os filhos se transformar em desalmados e tentarem matá-lo. — O coronel meneou a cabeça. — Começamos nossa pesquisa apenas porque eu queria mantê-lo ocupado antes que o pobre homem surtasse de vez. Mas de fato ele me surpreendeu.

— Pesquisa? Que tipo de pesquisa? — Gisele quis saber.

— Vocês verão — o coronel respondeu, misterioso.

Chegaram a um grande galpão de pé-direito duplo, nos fundos da 2ª Divisão, que estava com a porta entreaberta. O coronel puxou para o lado a pesada porta de correr, aumentando a passagem para o grupo adentrar o local. E o que eles viram os deixou pasmos.

Dentro do amplo espaço havia diversas jaulas improvisadas, feitas de tijolos aparentes, sem reboco. E dentro delas, dezenas de zumbis, que resmungavam e rosnavam o tempo todo, como animais selvagens enjaulados.

— Que diabos é isso? — Ivan perguntou, perplexo.

— Prefiro deixar as explicações para nosso amigo ali. — O coronel apontou para um homem de jaleco alvíssimo logo à frente, que conversava com um soldado, e olhou para eles curioso.

Ao se aproximar dele, o grupo viu uma mesa logo à sua frente, e sobre ela, um zumbi amarrado com grossas tiras de couro. Tratava-se de um homem de uns sessenta anos, amordaçado e completamente nu. Seu corpo estava limpo; pelo jeito, deram um banho nele. A criatura tentava se debater, buscando uma forma de se soltar.

O coronel fez as apresentações:

— Amigos, eu lhes apresento o doutor Oscar. Doutor, esses são os visitantes que aguardávamos.

Eles avaliaram Oscar por alguns instantes. Ele aparentava cerca de quarenta anos, usava óculos grossos e desproporcionais ao seu rosto. Seus cabelos desgrenhados eram um contraste com os dos militares, tão curtos, em estilo recruta. E Oscar tinha, de fato, feições de louco.

— Muito prazer. Que bom ver gente nova. Não nos deixam sair muito daqui, sabe? — Oscar apertou a mãos de um por um.

Todos perceberam que ele tinha uma espécie de tique nervoso. Enquanto cumprimentava com a mão direita, a mão esquerda permanecia tremendo de leve.

Ao tentar cumprimentar Gisele, ela nem se moveu; ficou olhando para mão dele parada no ar, com expressão de poucos amigos.

— Gisele não gosta de tocar, e muito menos de ser tocada por homens; não repare. — Ivan tentava consertar a situação diante do médico, que além de tudo era incrivelmente tímido.

— Tudo bem, tudo bem, eu sei como é isso. Conheci um cara uma vez que só gostava de tomar banho de meias, isso acontece sempre.

O comentário de Oscar fez com que Ivan e Estela trocassem olhares. Eles começavam a achar que o coronel Fernandes não exagerara.

— Oscar, por favor, sem esquisitices — o Coronel Fernandes falou, com grande dose de impaciência na voz. — Eu gostaria que você mostrasse o trabalho que vem fazendo aqui.

— Claro, será um prazer. Não tenho muitas oportunidades de mostrar minhas pesquisas, sabe? É uma pena. Sinto saudade da época em que participava dos congressos do exército. Era muito bom trocar experiências, fazer apresentações... Às vezes eu apresento minhas conclusões para mim mesmo diante do espelho. Isso me ajuda muito a tirar minhas dúvidas. E, claro, é sempre bom manter a prática; afinal de contas, a gente perde o jeito, com o tempo... — Oscar falava praticamente sem respirar.

O coronel Fernandes se irritou.

— Foco, Oscar, foco! Pelo amor de Deus!

— Sim, senhor, sim, senhor. — Oscar ajustou os óculos no rosto. — Muito bem, o que vocês sabem sobre os desalmados?

— Não muito, para falar a verdade. Sabemos que eles só morrem quando o cérebro é destruído. Nem mesmo um tiro no coração é capaz de detê-los. Por isso, nos acostumamos a chamá-los de mortos-vivos. Acreditamos que eles já estão de fato mortos — Ivan afirmou.

— E já vimos que eles só comem carne. Pode ser humana ou de qualquer outro animal, mas tem que ser carne, em geral fresca — Estela complementou.

— O que mais? — Oscar parecia mais concentrado agora.

— Eles não têm medo de absolutamente nada, mas se dispersam com o fogo — foi a vez de Zac contribuir.

— E são completamente irracionais. Não entendem nada — Gisele complementou.

— Mesmo quando se trata de uma pessoa que o ama muito. Nada é capaz de devolvê-los à razão. — Isabel sentiu um calafrio ao se lembrar da imagem de Josué alucinado, tentando matá-la.

— Muito bem, mas ninguém até agora falou o ponto central: o que vocês sabem sobre o surgimento deles? — Oscar indagou.

— Absinto. — A afirmação de Ivan foi acompanhada de comentários e anuências de todos os demais. — Essa praga começou no dia em que aquele planeta desgraçado chegou mais perto da Terra.

— Sim, isso mesmo. E alguém tem algum palpite do que houve naquele dia?

Ninguém soube responder ao doutor Oscar. Todos se lembravam do calor insuportável, seguido pelas multidões de pessoas desmaiando nas casas, nas ruas, batendo os carros, em toda parte. E, quando acordaram, simplesmente não eram mais humanos.

— Afinal de contas, eles são humanos ou não? — Ivan perguntou, desviando um pouco do tema da conversa; mas essa era sempre uma dúvida.

— O que você acha?

— Eu me acostumei a pensar que não, doutor. Mas realmente não sei — Ivan foi sincero.

— Eles têm aparência humana, mas por todos os parâmetros médicos disponíveis, não são humanos — disse Oscar. — O metabolismo é diferente, os batimentos cardíacos são três vezes mais rápidos, a respiração, duas vezes mais lenta. Eles enxergam muito melhor no escuro, o que explica por que são mais ativos à noite. E seu exame de sangue apresenta elementos simplesmente indecifráveis.

Todos prestavam total atenção às suas palavras. Oscar continuou:

— Qualquer médico do mundo, diante dessas informações e sem ver a origem dos dados, diria com certeza de que não se trata dos exames de um ser humano. Eu só não tenho equipamento para fazer o sequenciamento do DNA, mas sou capaz de apostar que até esse estaria alterado.

— Então o que eles são? — Ivan observava a criatura presa à mesa.

— Zumbis, é claro. — A expressão de Oscar dava a entender que Ivan devia ter um parafuso a menos na cabeça por fazer uma pergunta tão idiota.

— Oscar... — O coronel Fernandes encarou o doutor com dureza.

Oscar se encolheu ligeiramente.

— Eu sei, desculpe. — Ele meneou a cabeça, contrariado.

— E, afinal de contas, essas criaturas estão vivas ou mortas? — Estela quis saber.

— O termo mortos-vivos que vocês usaram se aplica perfeitamente bem. Eles não podem ser considerados mortos, por

terem atividade motora. Por outro lado, eis os resultados dos eletroencefalogramas de várias criaturas estudadas. — Oscar indicou a tela do computador, que mostrava algumas imagens. — São exames de pessoas com morte cerebral. Não há quase nada lá. Nenhum indivíduo é considerado clinicamente vivo apresentando um quadro desses. Eles estão congelados em um meio-termo.

— Calma, aí. Você disse *quase* nada. — Ivan deu ênfase à palavra que chamara sua atenção. — Então existe algo.

— Sim, existe sim. Mas, antes de falar disso, preciso voltar ao começo da nossa conversa. — Oscar esboçou um sorriso vitorioso; havia conquistado sua plateia. — O que vocês imaginam que aconteceu quando Absinto se aproximou a pouco mais de um milhão de quilômetros da Terra?

— Só Deus sabe! — Isabel deu de ombros. — É impossível para qualquer um de nós saber.

— Não é, não. Vocês só precisavam ter à mão uma das maiores invenções do século XX — Oscar falou, matreiro.

— E qual seria essa invenção fantástica? — Ivan franziu a testa.

— A internet.

— A internet? Como assim, doutor, o que você quer dizer? — Gisele parecia perplexa.

— Quero dizer que a NASA soltou um comunicado aberto na internet pouco tempo depois de o mundo enlouquecer. Claro que pouca gente viu, porque quem sobrou estava correndo dos zumbis, e a internet no Brasil parou de funcionar menos de seis horas após a catástrofe. Mas acredito que alguns poucos leram o comunicado, e eu sou um deles. — Oscar, vitorioso, apontou o polegar para si mesmo.

Todos se entreolharam, chocados. Aquilo era algo com que nenhum deles contava: a possibilidade de existir alguma explicação para aquela catástrofe.

— E o que dizia esse comunicado? — Ivan se mostrava vivamente interessado.

Oscar narrou em detalhes o conteúdo da mensagem emitido naquela data fatídica, que explicava sobre os bilhões de pontos luminosos avistados deixando a Terra e rumando direto para o

planeta intruso, no mesmo momento em que o apocalipse zumbi fora deflagrado.

— E o comunicado dizia que eram almas humanas? Foi exatamente essa palavra que eles usaram? — Zac o encarou, cético.

— Sim, exatamente essa palavra; mas claro que era apenas uma teoria. Pelo visto, Deus tem veia poética. — Oscar sorriu, como se fosse possível achar graça daquele assunto.

— Sinceramente, eu acho que todos precisamos manter a mente aberta. Afinal de contas, apenas um ano atrás ninguém imaginava que poderiam surgir zumbis matando pessoas por aí. Mas parece tão absurdo... Não poderiam ser cometas? — Estela sugeriu.

— Impossível. O comunicado dizia que os pontos luminosos se deslocavam a cerca de um décimo da velocidade da luz. Não existe nenhum tipo de corpo celestial que se desloque tão rápido. Sua velocidade era quinhentas vezes maior, em média, do que seria esperado de um cometa ou meteoro — Oscar foi categórico.

— Agora entendi por que você os chama de desalmados; faz sentido. — Ivan o fitava, pensativo.

Então, segundo aquela teoria, a alma de fato existia. Era irônico um dos maiores mistérios da humanidade ser respondido daquele jeito. Mas ainda assim havia furos naquilo tudo.

— Oscar, eu acho que está claro que algo deixou a Terra naquele dia, e também que era um grande número dessas... coisas. E pelo visto não poderiam ser cometas. Mas ainda assim não há provas de que fossem almas — Ivan ponderou.

— Ivan, você já ouviu falar da glândula pineal? — Oscar perguntou à queima-roupa.

Os demais não entenderam nada, mas Ivan e Estela se sobressaltaram. Aquilo era absurdo. Havia limites para tantas teorias fantásticas.

— Sim, e eu não acredito nessas conversas esotéricas — Ivan afirmou, contundente.

— Alguém pode me explicar o que é isso? — Gisele pediu. — Eu nunca ouvi falar dessa coisa.

Oscar se voltou para ela.

— A glândula pineal fica no cérebro, e é minúscula. Por muito tempo se pensou que ela não possuía nenhuma utilidade, mas hoje já se sabe que ela tem algumas funções, como por exemplo o desenvolvimento sexual.

— Bom, está bem, e qual é o problema? Cadê o esoterismo, doutor? — Gisele perguntou.

— A questão é que muitas correntes religiosas, esotéricas e os hindus defendem que a glândula pineal é a ligação do corpo com a alma. — Oscar meneou a cabeça, afirmativamente. — Seria, segundo algumas linhas de pensamento, o órgão mais importante do corpo.

— Eu nunca ouvi falar disso! — Isabel franziu o cenho. — E olha que eu entendo muito desse tipo de coisas.

— Pois é, eu já li sobre isso, alguns livros falavam a respeito. Mas nunca acreditei; acho um tremendo delírio. Seria teoricamente a explicação para os fenômenos da mediunidade. — Ivan suspirou.

— Delírio ou não, até mesmo o grande filósofo René Descartes defendeu que a glândula pineal era a sede do espírito, a chave para explicar como o corpo e alma se conectavam — Oscar explicou. — E como a glândula pineal tem cristais de apatita, ela funcionaria como uma antena que emite e recebe ondas eletromagnéticas. Seria a explicação para fenômenos como telepatia, clarividência e até mesmo a capacidade que algumas pessoas supostamente possuem de mover objetos com o poder da mente. Para alguns, trata-se de um órgão poderoso, caso alguém tivesse a capacidade de usá-lo de maneira correta.

Instintivamente Ivan, Estela, Gisele e Zac olharam para Isabel, que por sua vez arregalou os olhos, surpresa. Aquela história toda de repente parecia menos absurda.

— Oscar, por que você começou a falar da glândula pineal? O que ela tem a ver com os zumbis? — Ivan quis saber. — Você disse que havia algo nos eletroencefalogramas dos zumbis. Está relacionado com essa glândula?

— Acertou em cheio, Ivan. Vejam isso. — Oscar se dirigiu a um armário que ficava próximo da mesa na qual estava amarrado o zumbi. Abriu a porta e pegou dois frascos de vidros cheios de

líquido. — Senhores, esta aqui é a glândula pineal removida do cérebro de um indivíduo comum.

Ele mostrou para todos. Era um pedaço de tecido amarronzado do tamanho de uma ervilha, que flutuava naquele líquido levemente amarelado.

— E esta aqui é a glândula pineal removida do cérebro de um desalmado. — No outro frasco que Oscar segurava havia um fragmento fibroso de cérebro dez vezes maior do que aquele que eles viram antes.

O formato era o mesmo — lembrava vagamente uma pinha —, mas a pineal do desalmado era gigantesca, do tamanho de um limão.

— Eu fiz vários testes com os cérebros dos zumbis. Removi o lobo frontal, o temporal, o parietal, e nada; isso só os deixou mais irritados. Adivinha o que aconteceu com todos eles quando removi a glândula pineal.

— Eles morreram.

— Isso mesmo, Ivan. Foi como desligar um interruptor. Essa glândula é a chave. Os zumbis infectados por mordida têm a pineal muito mais desenvolvida que um ser humano, e os desalmados a possuem ainda maior do que os infectados. E isso de alguma forma os mantêm vivos quando deveriam estar mortos. Um bom tiro na cabeça e pronto, assunto encerrado. — Oscar sorriu. — Legal, não é mesmo?

— E você acha que a glândula seria a ligação do corpo com a alma, portanto... — Ivan ignorou o último comentário de Oscar. Aquele assunto o incomodava.

— Ao ser arrancada a alma, a glândula sofreu uma mutação e fez os mortos andarem. Como isso acontece, que papéis ela começou a desempenhar a ponto de substituir partes inteiras do cérebro que estão completamente mortas, eu não sei. Mas ela muda totalmente o funcionamento do corpo dos desalmados, e em parte o funcionamento dos corpos dos infectados — Oscar garantiu.

Um silêncio pesado pairou sobre aquele grupo. Era tudo estranho demais, absurdo demais. E por algum motivo fazia sentido.

— Por que os chama ora de desalmados ora de infectados... como se fossem coisas diferentes?

— Ótima pergunta. Essa é a parte que mais interessará a todos vocês. — Oscar abanou a mão. — Venham comigo.

Eles seguiram até uma das jaulas improvisadas. Lá dentro havia um morto-vivo, um homem nu de cabelos e barba longos e desgrenhados que aparentava uns cinquenta e cinco, talvez sessenta anos.

Ao vê-los se aproximando, ele cambaleou contra a grade e enfiou o braço entre as barras de ferro, tentando alcançá-los a qualquer custo. Ele urrava, furioso, e um fio grosso de saliva escorria pelo canto da boca.

O morto-vivo estava tão alucinado que começou a bater a cabeça contra as grades de frustração quando não alcançou Ivan e seus companheiros. O rosto se distorcia numa expressão de ódio. Seus dentes eram podres, e a pele, ressecada e cinzenta.

— Indivíduo número um; trata-se de um desalmado. — Oscar apontou o zumbi feroz, que tentava escapar. — Ele foi transformado no dia do evento, não foi contaminado por outra criatura.

— Como sabe disso? — Ivan perguntou, intrigado.

— Nós o examinamos inteiro, não há nenhum sinal de mordida. Ter essa certeza era fundamental para nossos estudos. Estão reparando que ele está cheio de energia? Esse infeliz seria capaz de correr a maratona desse jeito!

— Sim, Oscar, e daí?

— Calma, Ivan, eu chego lá. Indivíduo número dois, reparem bem neste aqui. — Oscar apontou para o zumbi dentro da cela ao lado.

Aquele exemplar era diferente. Uma mulher de uns vinte e cinco anos, cabelos ruivos e pele branca. Ela também estava nua e esquelética. Parecia uma das mulheres que se viam em matérias falando sobre bulimia e anorexia. Estava deitada no chão da jaula, e ao vê-los começou a se arrastar até a grade.

A criatura enfiou o braço, que era apenas pele e osso, pelas barras e tentava alcançá-los. A mão tremia como se sofresse do Mal de Parkinson, e ela gemia de forma dolorosa. Era um ser que aparentava estar no limite de suas forças. Seu rosto fora destruído pelos ataques que sofrera — não havia nariz nem lábios; faltava um

dos olhos, e parte da pele da face fora também arrancada. Viam-se lacerações nos ombros, nos braços e no torso.

Todos do grupo se compadeceram daquela criatura, cuja existência se reduzira àquele monte de escombros. Sem dúvida, uma visão muito triste. Era comum aos sobreviventes esquecer que eles foram pessoas um dia.

— Essa zumbi foi infectada. Reparem que ela sofreu muitas mordidas. Apesar dos ferimentos, nada seria grave o suficiente para matá-la, mas o próprio contágio causa a morte cerebral — Oscar falou. — Qual é a grande diferença entre os dois?

Todos olharam com atenção, mas as discrepâncias entre os seres eram gritantes; era muito fácil enxergar as diferenças entre eles.

— O primeiro está cheio de gás, mas o segundo está caindo pelas tabelas — Zac se pronunciou.

— O primeiro mostra-se saudável, o segundo parece estar morrendo — Ivan traduziu a seu modo.

— Sim. E querem saber a outra grande diferença existente?

Ninguém se manifestou, mas todos estavam bastante ansiosos pela resposta de Oscar.

— O indivíduo número um não come nada há seis meses. O número dois comeu há apenas dois. — Oscar os encarou, confiante.

Aquilo era uma revelação e tanto.

— Os desalmados, os zumbis originais transformados pela aproximação do planeta Absinto, são muito mais resistentes e numerosos que os infectados — Oscar concluiu. — Já matamos de inanição meia dúzia de seres similares ao indivíduo número dois, mas nenhum desalmado. Não importa o que se faça com eles, são resistentes à fome, ao frio, à sede, ao fogo, a gases venenosos, tudo. E quanto mais fome passam, mais agressivos ficam, como nosso indivíduo número um aqui.

Todos estavam admirados.

— De fato o fogo os confunde e dispersa, e eu acredito que o calor próximo ao cérebro causa um incômodo bem real. Também temos evidências de que, em caso de dores muito intensas, eles chegam a sentir algum desconforto, o que pode ajudar a distraí-los. Mas,

tirando isso, é muito difícil fazer mal a um desalmado. — Oscar respirou fundo.

— Minha nossa, eu imaginei que com o tempo eles fossem se extinguir, mas desse jeito... — Ivan suspirou, desanimado.

— Os infectados vão mesmo. Com o passar dos anos teremos cada vez menos desses. Na realidade, hoje a população desses zumbis já deve estar diminuindo naturalmente, e deve até acabar. Mas os desalmados são perfeitos, uma obra de arte da Natureza.

— Você parece admirar esses desgraçados, doutor! — Zac apontava para o indivíduo número um.

— Claro que admiro. Os desalmados são mais fortes, mais resistentes e mais numerosos. O mundo pertence a eles agora. Não passamos de gado esperando pelo abate — respondeu Oscar.

Antes que Zac perdesse a paciência, Ivan se adiantou com a questão que mais o incomodava:

— Oscar, você consegue supor por quanto tempo essas criaturas vão continuar caminhando por aí? Será que essas coisas têm prazo de validade? Ao que me consta, nada é eterno. Em algum momento as baterias vão ter que se esgotar, certo?

— Não tem um único dia em que eu não me faça essa mesma pergunta. Fiz a autópsia de vários zumbis também, desalmados e infectados. Os órgãos dos desalmados são muito conservados; na maioria dos casos, o fígado ou o coração de um desalmado se assemelha ao de uma pessoa de vinte anos, mesmo que ele aparente cinquenta ou sessenta. Eles foram feitos para durar muito.

Ivan franziu a testa.

— O lado bom... e não deem risada, mas foi uma preocupação nossa... é que eles parecem não se reproduzir. Ao contrário de todos os outros animais conhecidos, eles não acasalam e não procriam. O estrago em seu cérebro, pelo visto, é grande demais — Oscar explicou. — Por isso a possibilidade de a população de zumbis aumentar é muito pequena, está restrita ao número de sobreviventes. Mas eu diria que os desalmados irão durar várias décadas ainda. Talvez séculos.

— Procriar? Quer dizer que vocês juntaram duas dessas coisas e tentaram...

— Exato, Ivan, não funcionou. Não rolou um clima entre eles.
— Oscar deu risada.

— Meus Deus, isso é doentio — Ivan murmurou.

Aquelas notícias eram simplesmente desoladoras. Todos ali sonhavam com a possibilidade de um dia ver o mundo voltar ao normal. Agora sabiam que isso jamais aconteceria. Nem eles, seus filhos ou netos poderiam viver em paz novamente. A guerra contra os zumbis atravessaria gerações inteiras. Se tivessem êxito, muitas crianças nasceriam, cresceriam e morreriam escondidas das feras.

Ivan observava o zumbi que se arrastava dentro da jaula, o tal indivíduo número dois. Uma criatura infeliz que mal tinha forças para gemer, e que, como ele, foi poupada em um primeiro momento, para depois ser jogada naquele inferno, e agora se transformar em cobaia de laboratório. Oscar tinha razão: no fundo os desalmados eram os mais afortunados.

Parecia que aquela criatura entendia que Ivan pensava nela, pois começou a gemer ainda mais alto. Um gemido triste e doloroso.

— Oscar, eu peço desculpas, mas não aguento mais. — Em seguida Ivan sacou a pistola e deu um tiro certo na têmpora do zumbi, e seu cérebro se esparramou contra a parede da cela.

A criatura tombou, inerte.

— Não! Você enlouqueceu?! Eles são meus! — Oscar se ajoelhou, desesperado, ao lado do ser que jazia no chão com o crânio despedaçado.

As demais criaturas do galpão começaram a gemer e urrar ainda mais alto por causa do barulho do disparo.

— Você é um louco, selvagem, ignorante... — Oscar bradava.

— Cala a boca, Oscar! Chega! — o coronel interveio. — Eu também já estava de saco cheio dos resmungos dessa coisa. Pelo menos agora acabou.

Oscar olhou com ódio para o grupo, e se afastou pisando duro. Ivan suspirou e guardou a pistola no coldre. Já sabia tudo que precisava, não fazia questão da amizade daquele maluco. Apesar das circunstâncias, ninguém merecia viver como uma cobaia, condenado a morrer lentamente.

— Eu avisei que as notícias não eram boas. — O coronel deu de ombros. — Vocês fizeram a coisa certa. Quem quiser sobreviver terá que se preparar para uma nova vida. A antiga está perdida para sempre. Não existem armas nem balas suficientes para matar tantas criaturas, e o tempo está ao lado delas.

— É, não eram as notícias que esperávamos... — Ivan concluiu, desanimado.

Todos saíram em silêncio do galpão, deixando para trás os resmungos e lamentos dos zumbis trancados dentro das jaulas.

* * *

— Muito bem, Ivan, como ficamos? — Fernandes tornou a se sentar na cadeira da sua sala.

— Agradeço muito a hospitalidade, coronel, mas vamos embora.

— E eu imagino que você não vai devolver os equipamentos roubados, certo?

— Não, coronel, precisamos deles. Vocês estão bem protegidos aqui. Mas serão bem-vindos em São José dos Campos, se quiserem recomeçar a vida conosco.

— Eu agradeço muito, mas não. Esta é nossa cidade, e iremos lutar por ela.

— Esta cidade é um grande cemitério, coronel. Chegamos ontem à tarde, e antes de irmos para cá passamos no bairro onde a minha mãe morava. Sabe o que encontramos lá? Somente morte. Zumbis para todos os lados. É isso o que São Paulo se tornou, uma terra de mortos-vivos.

— Eu sei disso tudo, Ivan. Mas não podemos desistir. Abrir mão de São Paulo seria assumir que os zumbis venceram.

Conversaram durante mais alguns instantes. Ao final, Ivan e Estela se levantaram para se despedir, quando receberam uma notícia interessante.

— Nós não somos os únicos, Ivan. O helicóptero conseguiu chegar a dois postos de comando paranaenses que também estão seguros. Não temos como nos comunicar constantemente com eles, pois nosso sistema de rádio está arruinado, mas mesmo assim é um

alento. Tanto o 3º Regimento de Carros de Combate de Ponta Grossa como a 5ª Companhia de Polícia do Exército de Curitiba sobreviveram a essa catástrofe. E acreditamos que há outros focos de resistência espalhados por aí.

— Essa é uma ótima notícia, coronel, nos ajudará na nossa próxima empreitada. — Ivan o pôs a par, rapidamente, da tentativa de resgate de Jezebel, que seria realizada tão logo conseguissem resgatar os últimos reféns de Emmanuel.

— Perfeito. Passarei as frequências em que eles estão operando. Precisamos providenciar com urgência um sistema de rádio, está fazendo falta.

— Não seja por isso. — Em seguida, Ivan abriu a porta e pediu para Zac trazer o equipamento.

Zac empurrou para dentro da sala uma mesinha com rodas na qual estava instalada uma unidade GMR, o super-rádio do exército usado para coordenar ações táticas.

— Não acredito! Tínhamos uma dessas, mas a perdemos num incêndio. Assim poderemos manter contato constante com vocês e com as divisões do Paraná. — O coronel sorriu largo.

Encerraram a conversa com a promessa de se falarem com frequência. Quando foi se despedir do coronel, Ivan fez uma pergunta:

— Vejo que o senhor mudou completamente de atitude conosco. O que o fez mudar de opinião?

— Vocês estão cuidando de duas mil pessoas; é muito mais do que estamos fazendo aqui. — Fernandes fitava Ivan com genuína admiração.

— Mesmo assim, as armas são roubadas.

— Não, as armas pertencem ao povo. Foram adquiridas com o intuito de servi-lo. Elas estão cumprindo seu propósito, estão no lugar certo.

Ivan e Estela se despediram do grande soldado prometendo voltar a vê-lo em breve.

CAPÍTULO 7

UMA VISITA INESPERADA



IVAN E ESTELA, PENSATIVOS, voltavam em um Urutu para São José dos Campos. Por um lado, sabiam que haviam conquistado um forte aliado. Por outro, sentiam-se um pouco menos esperançosos — a notícia sobre a provável longevidade dos zumbis era desalentadora.

— Eu tinha esperança de que mais uns cinco ou dez anos de resistência seriam suficientes. Mas, pelo visto, estava enganada — Estela dizia a Isabel, que estava sentada na parte traseira do veículo, logo atrás dela.

— Eu não havia pensado muito nisso, mas sempre contei com a possibilidade de as coisas se normalizarem, um dia. É difícil aceitar, mas acho que não estaremos aqui para ver o dia em que o mundo se reerguerá. — Isabel exalou um suspiro. — Se é que esse dia chegará.

A volta estava sendo bem mais rápida que a ida. Eles avançavam pela Dutra na contramão porque era a pista cuja passagem liberaram para chegar a São Paulo, apenas quatro dias antes. Levaram três dias para vencer os oitenta quilômetros que os separavam da capital, contando com o esforço conjunto de quase cento e cinquenta homens e mulheres.

Antes de rumarem para o encontro com o coronel Fernandes, passaram no condomínio para pegar os últimos tanques de que dispunham, além de mais soldados, roupas e mantimentos.

— Essa viagem foi uma prévia dos desafios que enfrentaremos para buscar sua irmã, Isabel. Você já percebeu, não?

— Sim, eu sei, Ivan. Se ao menos pudéssemos usar o helicóptero...

— É, eu tive a mesma ideia, mas não vejo como pedir isso ao coronel. Ter uma aeronave como aquela nessa situação é uma vantagem inacreditável. Não faria sentido arriscar aquela preciosidade para salvar uma civil, seria loucura. — Ivan tentava se lembrar de por que aceitara resgatar Jezebel. Era a decisão errada, tinha certeza disso.

Passavam em frente ao Shopping Internacional de Guarulhos quando foram chamados pelo rádio. Àquela distância, começavam a se aproximar do alcance necessário para receberem chamados pelos comunicadores Cobra, que usavam quando estavam na estrada.

— Ivan, temos problemas! — Silas soou nervoso, pelo rádio, tendo ao fundo uma algazarra insuportável de tiros e explosões.

— O que houve, Silas? Que diabos está acontecendo aí? — Ivan, preocupado, se esforçava para entender o que o companheiro dizia. A distância ainda era muito grande, estava recebendo o sinal com muita estática.

— Emmanuel enlouqueceu! Ele está nos atacando! — Silas praticamente gritava.

— Como assim atacando? Aquele maluco não tem poder de fogo para isso!

— Tem sim, Ivan! Ele estava escondendo o jogo. Os caras estão destruindo tudo por aqui!

Ao fundo da transmissão uma nova explosão se fez ouvir, tão alta que o ouvido de Ivan doeu.

— Fale para os homens aguentarem firme, estamos a caminho!
— Ivan gritou em resposta.

— Ivan, tenho uma péssima notícia para dar... — Silas não conseguia disfarçar a angústia que sentia.

— Meu Deus... alguém morreu, não é?

— Sim, isso mesmo. — E Silas narrou uma parte daqueles acontecimentos, que fez com que muitos dos presentes ficassem consternados.

Ivan trincou os dentes de ódio, enquanto Estela começava a chorar. Aquela notícia não podia ser verdadeira; se fosse era injusta demais.

Imediatamente todos os motoristas dos blindados foram avisados, e aceleraram ao máximo os gigantes de aço. Iriam direto para Taubaté. O dia do grande duelo chegara, enfim.

* * *

Emmanuel aceitou o tempo todo a pressão imposta por Ivan, mas tinha ainda algumas cartas na manga. Ele possuía recursos bastante poderosos, porém, queria, antes de tudo, tentar vencer pelo cansaço. Contava com a possibilidade de seus inimigos desistirem após algum tempo.

Entretanto, à medida que os dias viraram semanas, e as semanas, meses, ficou claro que aquele Ivan era teimoso, e não desistiria facilmente. Por isso Emmanuel ordenou que todos os homens ficassem de sobreaviso, prontos para dar o bote no momento em que surgisse uma oportunidade real.

Esse momento começou a se desenhar quando viram cinco tanques indo embora. Aquilo era normal, eles já haviam observado esses movimentos antes, porque Ivan revezava os homens.

A questão era que daquela vez o próprio Ivan embarcara no Urutu, acompanhado de Estela e outras pessoas. Fizeram isso de madrugada e com o máximo de discrição possível, mas os vigias de Emmanuel contavam com binóculos infravermelhos, uma cortesia do exército brasileiro.

Quando informado daquela novidade, Emmanuel se animou, e mandou que ficassem de olho. Queria saber se eles retornariam, e se ocorreria o próximo rodízio de tropas, que costumava acontecer a cada quinze dias e já estava atrasado.

Passaram-se alguns dias, e não viram ninguém chegando ou partindo. Emmanuel concluiu que deviam estar com problemas em outro lugar; havia uma divisão de forças. Talvez o quartel-general deles estivesse sob ataque, ou houvesse uma batalha em outro lugar. Mas o fato era que eles não estavam ali, e os vários homens que

ficaram para trás deviam estar muito cansados depois de semanas acampados em condições precárias, e tendo que lutar contra os zumbis quase todos os dias. Emmanuel sentiu que se achava diante de uma oportunidade, e não a deixaria passar.

Furaria aquele bloqueio antes que Ivan voltasse. Quando ele retornasse, encontraria um monte de cadáveres e um acampamento em frangalhos. Nem ele seria idiota de continuar com aquele cerco após perdas tão pesadas.

* * *

Silas e Reginaldo eram os responsáveis pelo acampamento — dois homens endurecidos pelos vários enfrentamentos com os zumbis. Além disso, manter Emmanuel sob vigilância era uma tarefa importante, mas relativamente simples.

Aquela manhã começou sem grandes ocorrências. Tiveram pequenos episódios noturnos. Estavam em campo aberto, e os zumbis sempre circulavam pelas ruas e estradas; por isso o surgimento das criaturas era inevitável.

Alguns mortos-vivos se aproximaram durante a madrugada e ficaram presos no arame farpado. Os soldados encarregados pela vigilância arrebentaram-lhes os miolos com tiros de fuzil, e livraram-se dos cadáveres, sem maiores dificuldades.

Eram sete horas da manhã, e os soldados começavam a sair das barracas, preguiçosamente.

Reginaldo e Silas se encontraram na barraca principal para conversar. Era estranho estar tudo tão vazio. Estavam acostumados a ter sempre diversos líderes naquele lugar.

— Bom dia, irmão! — Silas cumprimentou o amigo carioca.

— Bom dia! Preciso de um café. Não conseguia dormir, com os zumbis criando problemas. — Reginaldo bocejou.

O café passava lentamente pelo coador de pano. Os dois sentaram-se em torno da mesa, aguardando que ficasse pronto, e começaram a conversar. Eram tipos diferentes, aqueles dois. Ambos pardos, mas, enquanto Silas era alto e forte, Reginaldo era franzino.

Tinham quase a mesma idade e viviam com a mesma obsessão: matar zumbis.

— Cara, eu estava lembrando dos tempos do shopping.

— Reginaldo meneou a cabeça.

— Não gosto nem de lembrar daquela época! — Silas observava o café coar.

— Nem eu. Era péssimo não ter perspectiva nenhuma de vida.

— Os tempos de confinamento no shopping começaram tranquilos, mas Reginaldo se lembrava bem do ataque dos zumbis que dizimou diversos amigos, e quase havia custado suas próprias vidas.

— Dá para acreditar que chegamos tão longe? Enfrentar os zumbis parecia uma tarefa impossível, e cá estamos.

— É, Silas, mais parece um milagre. Mas eu espero sinceramente que esse atoleiro em que nos enfiamos se resolva logo, quero muito voltar para casa.

— Por falar em casa, Reginaldo, você ainda pensa no seu bairro, na sua família? Você sabe, na sua antiga vida?

— Todos os dias, sem exceção. Recordo os tempos em Niterói, o pagode no morro, meus amigos, minha mãe. Sinto falta de tudo.

— Reginaldo tinha o olhar perdido em algum ponto da grande tenda.

Silas refletiu por instantes. Era inegável que cada um reagia de um jeito, mas ele já não pensava mais na antiga vida. Para ele, tratava-se de uma página virada, como se nunca houvesse existido.

Ficaram mais alguns instantes conversando tranquilamente.

Ninguém deu muita atenção quando um dos homens de Emmanuel se aproximou do portão principal do quartel. Aquilo era comum, eles sempre circulavam por ali fazendo a ronda. Ninguém atacava ninguém; afinal, sabiam que qualquer agressão teria retaliação imediata. Mas daquela vez foi diferente. O homem se aproximou do portão e o abriu, escancarando-o o máximo possível.

Ao verem aquilo, os soldados responsáveis pela vigilância se apressaram em chamar Silas e Reginaldo pelo rádio, mas não deu tempo sequer de obterem resposta. Cerca de cem metros à frente, de trás de um dos prédios do quartel, surgiu algo saído de algum tipo

de pesadelo. Os soldados ficaram sem reação por uma fração de segundo.

Era um tanque Leopard de fabricação alemã, um monstro de quase dez metros de comprimento, quarenta e duas toneladas e um canhão que disparava mísseis de cento e cinco milímetros. Fazia parte de um gigantesco lote de tanques de guerra adquirido pelo exército brasileiro em 2009 do governo belga.

Tratava-se de um veículo movido por lagartas, diferente dos Urutus, com seus pneus gigantescos, e por isso mesmo não se aplicava a todos os tipos de terreno. Mas possuía um poder de destruição que nenhum dos veículos de Ivan e seu grupo de combatentes era capaz de igualar.

— Meu Deus do céu, o que é... — um dos soldados começou a falar, com o rádio ainda na mão.

Sem nenhum aviso ou advertência, o Leopard disparou um míssil M-426 de fabricação israelense. O projétil carregava quatro quilos de explosivo e possuía alto poder de penetração por sua ponta feita de tungstênio.

O som do disparo foi ensurdecador, e o míssil passou emitindo um assobio alto pelo portão aberto, atingindo de frente um dos Urutus. Aquele tanque possuía precisão de tiro de quatro mil metros; mesmo o operador menos experiente era capaz de atingir um alvo estático como aquele.

A explosão foi tão violenta que arrancou o pneu dianteiro direito do blindado e o lançou no meio do acampamento. O pneu caiu em chamas exatamente sobre a barraca onde Reginaldo e Silas se encontravam.

Os dois amigos pularam quando a barraca imensa veio abaixo. O estrondo da explosão do Urutu pôde ser ouvido a mais de dois quilômetros de distância, e o veículo tombou de lado para a esquerda. Uma grossa coluna de fumaça negra subiu pelos ares, tornando a atmosfera asfixiante.

Ao sair do meio da barraca destruída, Silas e Reginaldo viram homens correndo para todos os lados, como baratas tontas.

No rádio um dos soldados gritava, histérico:

— Senhor, estamos sob ataque! Repito, estamos sob ataque!

— Mandem todos se protegerem! Fiquem abaixados! — Silas respondia, às pressas.

— Que merda é aquela?! — Reginaldo apontava o tanque, que se aproximava do portão.

O Leopard disparou um novo tiro, atingindo mais um Urutu, que se ergueu do solo, virou para trás e se espatifou de cabeça para baixo. Um dos homens que estavam sobre o veículo foi arremessado a mais de trinta metros de distância.

— Puta merda, precisamos deter aquela coisa! — Silas gritou para Reginaldo.

O tanque se aproximava cada vez mais, e agora estava a menos de cinquenta metros do acampamento, onde o caos imperava. Homens e mulheres corriam apavorados de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Muitos mal haviam acabado de acordar.

O tanque disparou um terceiro projétil, que atingiu a torre de tiro de um dos Urutus, explodindo-a. A metralhadora que ficava no topo saiu voando, girou pelo ar e caiu no chão com um baque seco, como um galho de árvore arrancado pelo vento.

Reginaldo e Silas correram para trás de um Urutu, tentando se proteger. Precisavam se esconder e pensar numa forma de parar aquela coisa. Alguns metros à frente de onde estavam, quatro cadáveres jaziam queimados e espalhados pelo chão, vítimas das explosões.

— André, onde você está? — Reginaldo berrava para o rádio.

— Estou entrando no meu veículo! Meu time está comigo! — o soldado afirmou.

— Ótimo, dispare contra aquela coisa! Seu carro é um dos poucos que possui canhão, precisamos tentar destruir esse filho da puta! — Reginaldo ordenou aos berros.

André ligou o Urutu, cujo motor roncou alto. Ele manobrou o imenso veículo, que estava praticamente de costas para o atacante. Ao fazer a manobra, soldados correram, saindo da frente, tentando não ser atropelados.

O Urutu virou à esquerda, colocando-se de frente para o Leopard, e disparou um tiro precipitado que passou ao lado do tanque soltando um silvo.

O tanque disparou mais um tiro, que atingiu a quina direita do Urutu, resultando numa explosão que abriu um buraco na blindagem do tamanho de uma bola de basquete.

Os soldados gritaram dentro do veículo avariado. O copiloto foi atingido pela onda de choque da explosão com tamanha violência que seus dentes se despedaçaram imediatamente. Seu pescoço quebrou-se de tal forma que sua cabeça quase girou ao contrário, matando-o na hora.

O motorista, atordoado, tentava recuperar o controle do veículo avariado, que ficara parado diante do inimigo, em diagonal.

— Vamos, pessoal, recarregar! Antes que ele atire de novo — André falava para os amigos, sentindo os ouvidos zunirem em função dos tímpanos perfurados pelo som ensurdecedor.

Uma nova explosão atingiu o veículo, dessa vez completamente frontal. Uma onda de fogo varreu o interior do Urutu, engolindo seus ocupantes, que gritavam em agonia.

André teve mais sorte; seus ossos foram esfrangalhados com o impacto e ele morreu imediatamente. Seu último pensamento foi dedicado à namorada, que ficara no condomínio e a quem pretendia pedir em casamento tão logo voltasse para casa.

Reginaldo e Silas permaneciam abaixados atrás do Urutu, enquanto o tanque gigantesco passava logo ao lado, procurando uma nova vítima.

— Temos de alcançar aquele outro ali! — Silas indicou um dos tanques para Reginaldo, que se achava mais afastado. — É o único que restou que tem um canhão!

Reginaldo olhou e assentiu. A fumaça preta somada ao cheiro de pólvora e carne queimada era nauseante, Emmanuel os acertara em cheio.

— Atenção todos os soldados, abram fogo contra o tanque, agora! — Reginaldo ordenou.

De todos os pontos do acampamento homens e mulheres começaram a disparar seus fuzis e suas metralhadoras contra o gigantesco blindado. As balas atingiam sua blindagem sem surtir quase nenhum efeito.

O Leopard contava também com duas metralhadoras, que podiam ser operadas de dentro do veículo e que começaram a disparar contra os soldados que tentavam se proteger.

Silas, Reginaldo e mais quatro soldados começaram a correr na direção oposta, sempre abaixados. Tentariam usar a distração de mais de cem soldados atirando contra o blindado para tentar chegar ao Urutu; era a única chance deles.

Estavam a cerca de vinte metros do tanque quando uma bala de rifle entrou pelas costas de Reginaldo, explodindo seu peito, e ele desabou, fulminado. Silas se abaixou junto com outros dos homens atrás de um jipe e um caminhão estacionados. Um dos combatentes correu para o amigo abatido, mas, antes de chegar até ele, levou um tiro que explodiu seu crânio.

Silas não conseguia acreditar no que via, mas seu torpor durou pouco. Ele se deu conta de que estavam sendo alvejados por diversas armas. Abaixado atrás do jipe, olhou para o quartel. Havia vários reféns sobre o telhado do prédio mais próximo, perfilados ombro a ombro e usados como escudos humanos. Ao lado e entre eles, vários homens de Emmanuel atiravam ao mesmo tempo.

Ao olhar em volta, Silas avistou diversos dos seus soldados sendo alvejados pelas costas. Estavam tão ocupados atirando no tanque que não perceberam o ataque covarde partindo de cima do prédio.

— Protejam-se! Tem atiradores no telhado! — Silas gritou, e correu até Reginaldo, que jazia no chão, de bruços, e o agarrou pela perna, arrastando-o para trás do jipe.

Não fazia a menor ideia do que fazer para ajudar o amigo gravemente ferido, mas não podia deixá-lo caído no meio da lama enquanto os jargunços de Emmanuel disparavam contra eles.

— Velho, fica calmo, vou tirar você daqui! — Silas dizia para Reginaldo, enquanto virava o amigo de frente para si.

Era uma visão desoladora, o buraco no peito era imenso, e o sangue corria, abundante. Um fio de sangue escorria pela sua boca, vindo direto dos pulmões em colapso.

— Acho que não, irmão... dessa vez acabou... — Reginaldo falou, com imensa dificuldade pela dor e falta de ar insuportáveis.

— Fique calmo, eu vou levar você embora, Sandra vai saber o que fazer! — Silas tentava inutilmente estancar o sangue que jorrava do ferimento do tamanho de uma maçã.

— Tudo bem, velho, está tudo bem... Fala para Ivan e Estela se cuidarem... diz para eles não ficarem tristes, minha mãe está aqui, ela veio me buscar... — Reginaldo afirmou num último esforço supremo, com a visão perdida em algo que não existia ou somente ele enxergava, enquanto uma lágrima solitária corria pelo canto de um dos olhos.

Logo em seguida, Reginaldo soltou um último e doloroso suspiro e finalmente partiu.

Silas gritou de ódio diante do cadáver do amigo, que fora como um irmão desde que os zumbis infestaram a Terra. Foi nesse momento que ele entrou em contato com Ivan pelo rádio e narrou o que acontecia. Eles teriam de tentar suportar o ataque até os reforços chegarem.

Silas apanhou o fuzil e começou a atirar contra o grupo de Emmanuel no telhado do prédio. Ele tinha ótima pontaria, mas a distância era muito grande. Tentaria não atingir os reféns, mas àquela altura dos acontecimentos era incapaz de garantir o que quer que fosse.

Aquele lugar virou uma verdadeira praça de guerra, com homens atirando contra o tanque, o Leopard derrubando soldados aos montes, homens de Emmanuel matando e morrendo sobre o telhado.

Silas disparava contra os atiradores lá em cima, tentando encontrar um alvo mais fácil. Após várias tentativas ele viu um dos homens cair para trás com um tiro no tórax. Um dos reféns caiu também, e Silas não fazia ideia se fora da sua arma que partira o tiro fatal.

O Leopard começou a contornar o acampamento, fazendo menção de entrar no que sobrou do círculo de blindados — muitos dos quais totalmente destruídos — que servia de proteção para os soldados. Se o Leopard conseguisse seu intento, estariam todos perdidos, com um tanque inimigo atirando neles dentro do círculo e os homens de Emmanuel do lado de fora apenas esperando que saíssem.

Silas precisou tomar uma decisão, e aquela foi muito difícil, mas não via alternativa.

— Quero que vocês corram até aquele blindado e tragam-no para cá agora mesmo. Destruam aquele tanque! — Silas ordenou aos soldados que o acompanhavam, apontando o único Urutu que possuía um canhão de ataque.

— Sim, senhor! — os homens responderam em uníssono e saíram correndo, deixando a segurança de trás dos veículos.

Silas também se levantou, mas ele correu na direção contrária. Tinha um plano em mente, e esperava que desse certo.

Enquanto isso, o Leopard avançava implacável pelo flanco direito do acampamento. Aquele tanque parecia invencível. Os tiros dos vários soldados combinados apenas causava meros arranhões e pequenas perfurações na sua blindagem, sem maiores efeitos. Suas metralhadoras, no entanto, perfuravam até mesmo a lataria dos jipes e caminhões, o que permitia atingir seus alvos mesmo que eles estivessem protegidos.

Emmanuel observava tudo do alto do prédio com um sorriso vitorioso. Tudo corria como planejado; ele dispunha daquele único tanque, mas sabia que, contando com o elemento surpresa, poderia romper as defesas do acampamento. Assim que os soldados se vissem obrigados a correr para fora do círculo, seriam todos alvos fáceis.

O Leopard chegou até o fim do acampamento e virou à direita, indo na direção de onde explodira um dos tanques. Ali ficara uma abertura ideal para ele invadir o coração daquele grupamento. Quando fez isso, o motorista avistou vários soldados entrando no Urutu com o canhão de vinte e cinco milímetros.

Aquela era uma arma muito menos potente que o canhão de cento e cinco milímetros do Leopard, mas talvez fosse suficiente para deixá-lo fora de combate, por isso o piloto não arriscaria. Assim, manobrou o tanque na direção do Urutu cujo motor acabara de ser acionado.

Quando o blindado do grupo de Ivan se colocou em movimento ao mesmo tempo que o atirador tentava mirar o Leopard, um tiro certeiro partiu do blindado que pertencia ao grupo de Emmanuel.

Ele atingiu a frente do Urutu do lado esquerdo, exatamente onde ficava o motorista. A explosão incinerou a parte interna do Urutu, e as chamas saíram junto com a fumaça negra através das aberturas de disparo, tingindo a blindagem pelo lado de fora com fuligem.

O piloto sorriu ao ver o estrago que causara. O Leopard possuía mira guiada a *laser*, o que lhe rendia uma pontaria impecável. Aquele acampamento estava prestes a cair, não havia como evitar.

Enquanto isso, homens e mulheres continuavam tentando resistir a todo custo. Ora atiravam no blindado, ora tentavam alvejar os atiradores de Emmanuel no telhado, porém, com a dificuldade extra de terem que evitar acertar os reféns.

O que aconteceu em seguida foi muito rápido e pegou todos de surpresa. Quando o Leopard fez menção de reiniciar a manobra para penetrar o acampamento, o som ensurdecedor de um Urutu arrancando de repente encheu todo o local. Os soldados se sobressaltaram e, por instinto, se abaixaram.

Um blindado arrancou em disparada, atravessando o meio do acampamento e atropelando barracas, equipamentos e cadáveres. Avançou esmagando tudo que havia pelo caminho e ganhando mais e mais velocidade.

O piloto do Leopard foi pego de surpresa com aquele ataque imprevisto de um veículo que nem sequer possuía canhão, e fez menção de atirar nele também, mas não deu tempo. Em uma fração de segundo, o Urutu saiu do círculo e se espatifou contra a lateral do gigantesco blindado.

O tanque alemão era muito maior e mais pesado do que o brasileiro, mas, movido por lagartas, um sistema de tração relativamente frágil.

Quando Silas o atingiu, o Urutu de treze toneladas foi esmigalhado contra o gigante de mais de quarenta mil quilos, porém o impacto foi forte o suficiente para esmagar as lagartas do lado direito do veículo, inutilizando-as. O Leopard parou na hora, com o outro blindado cravado nele.

A equipe de Emmanuel dentro do veículo se desesperou. Eles precisavam retornar para o quartel imediatamente; ficar ali sem conseguir se mover era suicídio, pois os soldados de Ivan

arrancariam suas cabeças por terem sido os responsáveis pela destruição de meia dúzia de tanques e pela morte de dezenas de companheiros.

Abriam a porta de acesso que ficava sob o tanque e saíram por ali. Aproveitariam a confusão de tiros, fumaça e veículos em chamas para escapar. Eram quatro homens ao todo, e um deles era Chicão.

Mal se afastaram dez metros do tanque inutilizado quando viram algo se aproximando. Algo que havia sido atraído pelo som de inúmeros disparos e explosões, e que eles não viam fazia meses.

Diante deles, o imenso grupo de zumbis que passara ao lado do quartel certa noite, meses antes. A mesma horda que fez com que Emmanuel obrigasse todos a ficarem escondidos durante dias a fio.

Uma visita inesperada de mais de quinze mil zumbis que marchavam na sua direção.

Vinham de todas as direções, pela rua, da mata, de todos os cantos. Eram tantos que não dava para ver onde o bando acabava. Os sons de lamentos e gemidos das criaturas desgraçadas aumentavam rapidamente, em progressão geométrica. Os atacantes do bando de Emmanuel começaram a correr na direção do portão, que estava a mais de cem metros de distância.

Dentro do Urutu, Silas se arrastou do banco do motorista. Seu plano dera certo, mas ele não estava nem um pouco feliz com o que havia feito. Quando mandou os homens buscarem o Urutu com o canhão, sabia que colocava a vida deles em grande risco; infelizmente, o pior aconteceu. Eles serviriam apenas como uma distração enquanto ele tentava salvar alguma coisa. Envergonhava-se de si mesmo. Decerto se fosse Ivan a bolar aquele plano, ele teria assumido a parte mais perigosa da missão.

Silas subiu até a torre de tiro para ter uma visão melhor. Dali ele também teria acesso à metralhadora de grosso calibre, e essa poderia ser a chance de acabar com os ocupantes do tanque em definitivo. Mas ao sair, deparou com aquele imenso pesadelo: milhares de criaturas que se arrastavam na direção deles, a menos de cinquenta metros de distância. Por todos os lados tiros ainda eram ouvidos, mas os primeiros soldados começavam a parar de atirar, atraídos pelo som cada vez mais alto das criaturas que se aproximavam.

— Parem de atirar! Todos para dentro dos tanques, agora! — Silas berrou no rádio. — Temos uma multidão de zumbis chegando!

Os soldados correram para os tanques ainda intactos.

Emmanuel e seu bando não entenderam, a princípio, por que aquelas pessoas pararam de atirar e começaram a correr, por estarem muito mais preocupados com o tanque, que fora inutilizado. Mas logo avistaram a massa de feras que se aproximava não só do acampamento, mas também do portão, que continuava escancarado.

Vários homens do grupo correram na direção do portão com o intuito de fechá-lo. Se aquelas coisas entrassem, estariam todos mortos.

Nove capangas desceram às pressas e, quando chegaram ao portão, já havia meia dúzia de feras dentro do quartel e outros milhares se aproximando, começando a fechar o caminho dos quatro ocupantes do tanque que corriam na direção da entrada do complexo, a cerca de trinta metros de distância agora.

— Não fechem o portão, estamos chegando! — Chicão empurrou uma mulher de rosto cinzento e corpo desfigurado, que mancava na direção do quartel e estava na sua frente.

Eles estavam passando entre os zumbis, que marchavam na direção do complexo militar e ainda não repararam que o almoço corria entre eles.

Os homens que desceram até a entrada chegaram atirando nos zumbis que se encontravam dentro do quartel, e não pensaram duas vezes: cerraram o portão rapidamente, trancando-o com um estrondo.

Chicão bateu no portão pelo lado de fora, desesperado, com as criaturas começando a cercá-lo.

— Abram! Socorro, seus putos, abram essa merda, eu estou mandando! — Chicão gritava a plenos pulmões.

Um zumbi o puxou pelo ombro e mordeu a carne na altura da nuca, rasgando a pele como se fosse papel. Chicão berrou de dor e o empurrou para trás. Ao se virar, viu as centenas de criaturas que se acotovelavam sobre ele, esmagando-o contra a grade.

— Não, não, não! — Chicão gritou mais uma vez ao ser mordido por inúmeros zumbis, que se amontoavam sobre ele, esmagando-o,

pisando-o, quebrando seus ossos e reduzindo-o a pedaços em poucos segundos.

Os outros homens que tentavam chegar ao portão também foram cercados e agarrados por todos os lados. Um deles caiu no chão, com o rosto contra o asfalto gelado, e sentiu a pele arder com o frio enquanto era dilacerado vivo pelas criaturas famintas. Uma das feras, não conseguindo espaço para mordê-lo, agarrou-o pelo crânio e começou a bater seu rosto contra o chão, quebrando o nariz, os dentes, o maxilar, até esmagar sua cabeça. Vitorioso, o morto-vivo devorou sua massa encefálica.

No acampamento, homens e mulheres também se acotovelavam nos Urutus, tentando arrumar um lugar seguro. Silas abriu a porta de acesso do veículo que destruíra, e várias pessoas começaram a entrar ao mesmo tempo.

— Não vão caber todos, vão para outro carro, rápido! — Silas ordenou, enquanto alguns tentavam inutilmente entrar naquele veículo que comportava catorze adultos e já estava com mais de vinte e cinco no seu interior.

Os zumbis invadiram o acampamento em ondas cada vez maiores e por todas as direções.

Alguns soldados, diante da impossibilidade de se abrigar, partiram para o confronto, atirando contra o maremoto de zumbis, que engolia o lugar. Outros, ao se verem cercados, sacaram suas pistolas e explodiram os próprios miolos.

Silas foi até a torre de tiro e olhou em volta. Estavam cercados. Quatro Urutus e o Leopard se achavam abarrotados com cerca de noventa soldados, de um total de duzentos que foram designados para proteger aquele acampamento.

Os zumbis ocupavam todos os espaços, e se acotovelando em volta dos tanques. Ao vê-lo, ficavam ainda mais ouriçados, tentando inutilmente alcançar o topo daquela máquina de três metros de altura.

O soldado olhou para o quartel e viu os homens de Emmanuel desesperados tentando proteger o portão, enquanto vários outros ocupavam o telhado com os reféns remanescentes. E o que via era

um mar de zumbis. Milhares de criaturas sedentas disputavam vorazmente pedaços de carne dos soldados mortos.

Com um número imenso daqueles monstros, os cadáveres dos combatentes abatidos no tiroteio nem tinham tempo para se transformar: estavam sendo triturados pelos dentes das feras. E Reginaldo era um deles, um bravo companheiro que só existiria na memória de seus amigos recentes.

Silas foi arrancado dos seus devaneios quando um tiro de rifle ricocheteou na blindagem do seu tanque. Avistou então um dos homens de Emmanuel sobre o telhado tentando acertá-lo.

Ele se jogou para dentro e gritou para que os outros soldados se protegessem. Pelo visto, o ânimo de Emmanuel não arrefecera. Destruir todo o acampamento não fora o suficiente.

— Atenção, todos vocês — Silas gritava pelo rádio, para fazer a voz se sobressair ao som ensurdecedor dos milhares de zumbis grunindo do lado de fora —, quero saber a situação de cada veículo. Quantos sobreviventes, quantos feridos, quais carros estão em condições de rodar.

Silas foi recebendo os relatos. O blindado no qual ele se encontrava não tinha a menor condição de rodar, tal como o Leopard, que também se achava avariado. Mas os outros três Urutus encontravam-se intactos.

Aquela era uma situação complicada. Alguns teriam de ficar para trás, e Silas se incluía nesse grupo. Então ele comandou, pelo rádio, que os tanques em condições de rodar deixassem aquele lugar imediatamente.

Todos os que se encontravam nos veículos inteiros protestaram, mas ele foi taxativo. O lugar onde estavam era perigoso demais, por se achar cercados por zumbis e os homens de Emmanuel. Tinham de recuar, era a única opção.

Assim, os três Urutus acionaram os motores e se colocaram em marcha. Avançaram devagar, atropelando e dispersando a multidão de zumbis, que permanecia em estado de letargia quando não estavam caçando.

Dentro dos tanques os ocupantes ouviam o som dos ossos quebrando logo abaixo de seus pés.

Emmanuel e seus homens intensificaram os disparos contra aqueles veículos, mas sabiam que suas armas não teriam efeito algum. Quando os Urutus enfim ganharam distância, o grupo começou a disparar rajadas de balas para cima, num sinal de desafio e vitória.

Mas no fundo sabiam que saltaram da frigideira direto para o fogo.

* * *

Pelo rádio, marcaram um encontro com o grupo que voltava de São Paulo. Ivan estacionou seu blindado no ponto combinado, por volta das duas da tarde daquele dia interminável. Vinha seguido pelos outros nove Urutus que participaram da operação na capital paulista. Naquele local, os três veículos com os sobreviventes o aguardavam.

Ele e Estela conversaram com os líderes remanescentes, além de alguns sobreviventes. Eles já haviam recebido diversos relatos pelo rádio, mas ouvir a narrativa daquela forma, ao vivo, era simplesmente assustador.

— Subestimamos aquele puto. Devíamos ter imaginado que um quartel tão grande como aquele podia ter um blindado à disposição, como fomos estúpidos! — Ivan vociferou, morrendo de raiva. Ele calculava os mortos, as decisões erradas e a catástrofe de tentar salvar um grupo menor que as perdas que sofreu...

— Ivan, aposto que você vai ficar mais bravo ainda, mas eu acho que já tinha visto o tal do tanque antes — Isabel falou, sem jeito. Ela receava a reação do líder do condomínio.

— Como assim? Você sabia da existência daquela coisa? E não falou nada?! — Ivan perguntou, num tom tão sinistro que fez o sangue de Isabel gelar.

— Não exatamente. Eu vi algo coberto com uma lona quando toquei a mão de Emmanuel. Era imenso, e estava guardado em um galpão bastante amplo. Não deu para ver do que se tratava. Conteí a cena para Canino, e ele também não sabia o que era. Eu sinto muito, Ivan. — Isabel se sentia pesarosa diante de tantos mortos, e se

culpava também por não ter imaginado que aquilo pudesse ser uma arma.

— Não foi culpa sua. Se estava coberto com uma lona você não tinha como adivinhar. Seu poder tem limites, ao contrário da loucura daquele maníaco, que parece não ter fim — Ivan afirmou, depois de um instante de silêncio. Um instante longo e angustiante.

Estavam todos calados. Era horrível admitir, mas a ideia original dele de invadir o quartel agora soava muito mais eficiente. No final das contas, o saldo provavelmente teria sido bem mais positivo. E essa sensação corroía o ânimo de todos e começava a transformá-los.

Mais de uma centena de mortos. Sete tanques destruídos. E quase cinquenta soldados acuados em meio a milhares de zumbis famintos. Agora sim as coisas se complicaram.

Mas Ivan não explodiu. Não gritou com ninguém. Não deu uma das suas costumeiras broncas. E aquilo preocupou muito Estela. Ela conhecia o marido, e sabia que aquela reação podia significar problemas futuros.

— Muito bem, eu tenho um plano. Digam-me que tivemos a sorte de o GMR ter escapado ileso — Ivan pediu.

Os soldados assentiram. A unidade de rádio ficava sempre dentro de um dos blindados, e era um dos que estavam ali. Eles possuíam outra unidade em São José dos Campos, mas Ivan precisava ter uma conversa com alguém que não podia esperar até ele voltar para a cidade.

Assim, fez o chamado pelo rádio enquanto os demais aguardavam. E combinou todos os detalhes necessários para executar seu audacioso plano.

Ivan também conversou com Silas pelo rádio. O amigo estava ferido e esgotado, mas permanecia firme.

— Aguenta mais um pouco, meu irmão. A gente vai tirar vocês dessa enrascada — Ivan garantiu, tentando passar ânimo para o amigo.

— Meu velho, eu confio em vocês. Sei que a cavalaria está a caminho. Mas nada vai mudar o fato de que perdemos um monte de companheiros. E nada trará nosso amigo de volta. — Se não

estivesse cercado de soldados, Silas estaria chorando pela morte de Reginaldo.

Ivan passou a mão nos cabelos desgrenhados. Sentia vontade de gritar “Eu avisei!” para os quatro cantos daquela cidade miserável, mas sabia que não adiantaria nada. Desse modo, ateve-se a pronunciar palavras de incentivo e apoio para o camarada arrasado.

— Eu acho que ele estava em paz, Ivan. No final, Reginaldo disse que a mãe dele veio buscá-lo.

— Espero que isso seja verdade, Silas. Esse é um prêmio para poucos, e ele mereceu. — Ivan soltou um longo suspiro.

Após desligar o rádio, Ivan permaneceu alguns instantes olhando o vazio. Sentia a dor queimar o peito e um nó se formar na garganta quando notou que Estela, próxima dele, acompanhara toda a conversa.

Os dois se abraçaram enquanto algumas lágrimas caíam de seus olhos.

— Ele era meu melhor amigo... — Ivan falou, por fim. Naquele momento, sentiu algo explodindo dentro do peito, uma vontade enorme de começar a quebrar todas as regras.

— Eu sei, meu amor, também vou sentir falta dele. Reginaldo salvou minha vida no ano passado, durante a invasão do condomínio. Eu tinha uma dívida de gratidão para com ele que nunca poderá ser paga.

— Pague amanhã, Estela, arrancando o coração de Emmanuel — Ivan pediu com um olhar sinistro.

— Eu juro.

Assim eles guardaram todo o ódio e toda a frustração para o momento do resgate, quando estariam frente a frente com Emmanuel.

No dia seguinte, logo cedo, partiriam para salvar os sobreviventes e aplicariam o golpe de misericórdia em Emmanuel. Aquele canalha receberia uma lição final.

* * *

O dia amanheceu como terminou: tenso. Os homens de Emmanuel se revezavam no telhado vigiando os dois tanques inutilizados, aguardando uma oportunidade de matar um dos seus ocupantes. Em volta do quartel, milhares de zumbis se acotovelavam junto ao cercado, ao portão e em volta dos veículos destruídos.

Silas e os demais sobreviventes aguardavam pacientemente, trancados nos tanques, com fome, sede e morrendo de calor. Ivan já havia explicado o que seria feito, e eles teriam de estar preparados. Sentiam-se esgotados com a situação terrível que já durava quase vinte e quatro horas, mas não havia outra opção a não ser torcer para que tudo desse certo.

Às nove horas em ponto, a Operação Aríete começou. Três homens cumpriam o turno de vigilância no telhado do edifício do quartel. Os vigias foram pegos de surpresa ao ver dois Urutus avançando pela estrada em alta velocidade, rumando na direção do quartel. Vinham seguramente a uns oitenta quilômetros por hora, uma proeza em se tratando de veículos de treze toneladas.

Os homens avisaram Emmanuel, imaginando que os Urutus pretendiam tentar um resgate. As ordens eram claras: se algum veículo tentasse se aproximar para salvar os ocupantes dos tanques, eles deveriam atirar em qualquer um que ousasse botar a cara para fora.

Emmanuel surgiu no telhado, junto com outros de seus homens e os treze últimos reféns sobreviventes, e avistou os Urutus a distância, se aproximando. Ele sorriu com aquela cena — dois tanques para tentar resgatar aquelas pessoas parecia até uma piada de mau gosto, pela quantidade de zumbis do lado de fora do complexo.

— Estejam todos preparados. Quando eles se aproximarem dos tanques, abram fogo. Fui claro? — Emmanuel ordenou.

Quando os Urutus seguiram direto pela estrada sem diminuir a velocidade, passaram pelo acampamento e começaram a atropelar os zumbis que vagavam por ali, o sorriso de Emmanuel murchou imediatamente.

Aquilo não era uma missão de resgate — era um ataque. Os Urutus rumavam para o quartel, e, na velocidade em que vinham,

não parariam.

Quando Emmanuel percebeu que os blindados rumavam na direção do portão, tudo ficou muito claro. Ivan era bem mais louco do que ele imaginara.

— Fugam! Eles vão derrubar o portão! — Emmanuel gritou, dando meia-volta no telhado e correndo para porta que dava acesso à escada.

Os tanques atropelaram dezenas de criaturas, viraram bruscamente à esquerda e atingiram o portão com estrondo, arrancando-o das dobradiças. Com isso, vários zumbis foram arremessados para dentro do quartel. Os milhares de mortos-vivos que rondavam por ali começaram a rumar para a entrada escancarada, atraídos pelo som dos Urutus.

O Urutu que ia à frente acelerou forte, fazendo o motor rugir. Ele virou à esquerda, mergulhando frontalmente contra a entrada principal do edifício no qual Emmanuel, seus capangas e os reféns sobreviventes se encontravam.

O tanque destruiu a porta de ferro e vidro, despedaçando também os batentes e parte da parede. Fragmentos de tijolos e concreto voaram para dentro do saguão de entrada do prédio. O blindado ficou com as laterais danificadas, e fincado na entrada como um prego enfiado numa tábua.

Ivan, Oliveira, Silva, Souza, Dias, Zac, Isabel e mais quatro homens desceram do tanque. No veículo permaneceram apenas o motorista e dois soldados. Um empunhava a metralhadora de cinquenta milímetros, e o outro se manteve a postos com o lança-chamas.

Do segundo Urutu desceram outros dez soldados, que se esgueiraram para passar pelo veículo que fechava a entrada do prédio. Os demais combatentes ficaram do lado de fora, dando cobertura.

— Mantenham os zumbis do lado de fora! Protejam a entrada do prédio! — Ivan ordenou aos gritos.

Ele e seus soldados chegaram até as escadas e começaram a subir. Seria uma luta desigual, vinte homens contra os mais de trinta que eles esperavam encontrar. Mas contavam com melhores

equipamentos, melhor treinamento e um fator sempre determinante: o desespero.

Quando vários homens armados surgiram descendo as escadas correndo, empurrando uns aos outros, todos eles abriram fogo. Derrubaram a primeira leva de capangas sem que houvesse nenhuma baixa de seu lado. Ivan atingiu um deles com uma rajada de balas no peito, e virou a arma, criando um rastro de buracos na parede até acertar o seguinte, perfurando-o várias vezes de baixo para cima.

Como as escadarias eram muito largas, Ivan e seus homens avançavam em bloco. Os capangas de Emmanuel, pegos de surpresa, caíam nos degraus, e alguns tentavam recuar. O grupo de Ivan continuava a subir, matando todos que encontravam.

Chegaram ao terceiro andar deixando um rastro de cerca de quinze mortos e feridos contra apenas duas baixas do lado deles. Alguns fugiram pelos corredores e se esconderam dentro das diversas salas do edifício. Ivan ordenou que esses fossem deixados para trás. Se fugissem, sorte deles. Ivan só não aceitava que um deles fugisse. Emmanuel tinha de ser capturado, vivo ou morto.

No lance de escadas seguinte, um rapaz topou com eles e jogou a arma no chão imediatamente, em sinal de rendição. Era Rodrigo, um dos homens de confiança de Canino, que mudara de lado. Ivan se aproximou e gritou, alto como um trovão:

— Onde estão os reféns? Ficaram no telhado? Responda! — Ivan ordenou.

— Sim, ficaram! — o jovem afirmou.

Ivan pegou a pistola do chão e a enfiou na cintura. Em seguida, mandou o rapaz correr sem olhar para trás. Ao dar alguns passos, porém, Rodrigo estacou, olhou para trás e fez uma pergunta que pegou todos de surpresa:

— Eu posso procurar vocês? — Rodrigo tremia de medo.

— Como assim? — Ivan, impaciente, o mediu de cima a baixo. Não tinha tempo para jogos, nem conversa fiada.

— Quero me juntar a vocês! Não estou a fim de ficar sozinho por aí! — Rodrigo falou com tanto pavor na voz que Ivan foi forçado a acreditar nele.

Mas não podia ser gentil naquele momento.

— Vá até São José dos Campos e procure o Condomínio Colinas. Se você conseguir chegar até lá, pensarei no seu caso. — Logo em seguida, Ivan e seu grupo continuaram subindo as escadas, largando Rodrigo para trás.

O plano de criar o caos naquele território funcionara. Ao verem os zumbis invadindo o quartel, Emmanuel e seus homens abandonaram os reféns à própria sorte. A missão de Ivan e seu grupo era chegar até o telhado e resgatá-los.

Quando alcançaram o quinto andar, foram recebidos à bala — Emmanuel e seus últimos homens mais fiéis os aguardavam. Silva tomou um tiro no peito, e um dos soldados foi baleado no rosto e caiu fulminado no chão, rolando as escadas. Os demais se abaixaram e procuraram se proteger, recuando nos degraus.

Silva, se arrastando, alcançou o resto do grupo. Assim que ele saiu da linha de tiro, todos começaram a atirar. O colete a prova de balas aguentara o golpe, mas a dor era insuportável.

— Você está bem? — Ivan gritou enquanto atirava, tentando enxergar algum dos seus atacantes, que estavam posicionados em ambos os lados do corredor do quinto andar.

— Acho que sim. — Silva abriu o colete, e conferiu a marca roxa no peito e a pele esfolada. — Mas devo ter trincado uma costela. Está doendo demais!

— Fique abaixado! — Ivan falou, ele mesmo também deitado nos degraus. — Emmanuel! Vai ser por bem ou por mal?

— Acredita que vai conseguir, Ivan? — Emmanuel gritou. — Como espera sair daqui?

— Eu também tenho minhas próprias cartas na manga. Você vai ver!

Em seguida, Ivan e seus soldados jogaram quatro granadas de mão, que quicaram pelo corredor. Quando Emmanuel e seu grupo viram aquilo, tentaram recuar, mas não houve tempo. As explosões fizeram o andar inteiro tremer, levantando uma fumaça negra e derrubando algumas portas. Até as lâmpadas do corredor explodiram, espalhando cacos de vidro por toda parte.

Para aproveitar a oportunidade, com o inimigo atordoado, Ivan e os demais avançaram, abrindo fogo, numa troca de tiros franca e aberta. Um disparo o atingiu no limite do colete a prova de balas e resvalou penetrando o ombro.

Dias levou um tiro na perna; outro soldado recebeu um projétil na garganta, e caiu no chão, se esvaindo em sangue. Nesse mata-mata, os homens do bando de Emmanuel foram abatidos a bala.

Oliveira correu primeiro até Ivan, que, após checar o último oponente morto, se abaixou, apoiando a mão na parede. O ferimento doía demais; parecia que enfiaram uma faca na sua carne.

— Você está bem? — Oliveira perguntou ao ver o líder com mão ensanguentada, após pressionar o ferimento.

— Estou sim, foi superficial. Verifique os outros — Ivan afirmou, com uma expressão de sofrimento.

Oliveira se debruçou sobre o soldado Adriano, cuja garganta fora devastada pelo tiro de fuzil. A artéria estava rompida; não havia o que fazer naquelas circunstâncias.

O jovem cabo hesitou por um instante. Afinal, Adriano ainda estava vivo. Mas o soldado o agarrou com força pela manga. O sangue escorria pela sua boca, e as cordas vocais foram despedaçadas, mas seu olhar, combinado com um aceno de cabeça que parecia dizer para Oliveira seguir em frente, foi o incentivo de que ele precisava. Oliveira se levantou e deu um único tiro na testa de Adriano, que morreu na hora.

Ivan sacou o rádio e chamou as equipes nos tanques, que tentavam a todo custo manter os zumbis fora do prédio.

— Senhor, está crítico. Eles são tantos que estão empurrando o tanque para dentro. Os malditos vão entrar a qualquer momento! — o soldado falava o mais alto possível, tentando fazer a voz se sobressair aos sons dos fuzis e das metralhadoras que explodiam os zumbis numa escala inimaginável.

— Aguentem o máximo que puderem! Podemos iniciar a segunda etapa? — Ivan quis saber.

— Sim, senhor! O acampamento já está bem mais vazio. Um grande número de criaturas se encontra dentro do quartel!

Ivan nem se despediu do soldado e já chamou Estela. Ela era responsável pela próxima fase.

— Estela, está na escuta? — Ivan conferiu o ferimento novamente.

— Sim, estou. Vocês estão bem? — ela indagou, aliviada por ouvir o marido.

— Estou sim, mas infelizmente sofremos algumas baixas. Amor, sinal verde. Pode arregaçar.

— Deixa comigo. Eu amo você! — Estela disse, apressada.

— Eu também amo você. Tomem cuidado!

Estela, que se encontrava na torre de tiro do Urutu, recolocou os óculos escuros, fez o sinal para que os demais tanques a seguissem e deu a ordem para o motorista avançar. Ivan e os outros soldados tinham a missão de atrair os zumbis e resgatar os reféns, agora era a vez deles. Estela, Gisele e seus homens invadiriam o que sobrou do acampamento, e resgatariam Silas e os demais soldados.

Enquanto avançava, Estela chamou Gisele pelo rádio, que também estava na torre de tiro de um dos Urutus. No passado, Estela sentira ciúme daquela mulher, mas agora elas eram grandes amigas.

— Pronta para botar para quebrar?

— Espero que sim, Estela. — Gisele conferia a munição do fuzil.

— Tomara que os rapazes fiquem bem, lá no prédio.

— Eles ficarão bem, o pior já foi. — Estela tentava se convencer disso...

Nesse meio tempo, Isabel olhava em volta, no corredor. Mantivera-se protegida até o tiroteio acabar, e agora se sentia segura para se aproximar.

Ela atuara pouco até aquele momento, pela total inexperiência, mas o fato de conhecer o local, as pessoas e a capacidade de descobrir a verdade de qualquer um fazia dela uma peça fundamental naquela operação. E foi justamente ela que notou o problema.

— Ivan, cadê Emmanuel? — Isabel acabara de checar o último cadáver. — Ele não está aqui!

— Então, vamos procurá-lo! Precisamos achar aquele corno antes de prosseguirmos. Quero que vocês verifiquem sala por sala. O maldito tem que estar neste andar, ele não passou pela escada.

Com todos concentrados em achá-lo em meio àquele caos, Emmanuel não teve muita dificuldade em sair de uma das salas e agarrar Isabel pelo pescoço, tomando-a como refém e colocando seu corpo como escudo.

— Ora, vejam só! Que surpresa agradável, a piranha fujona a casa torna! — Emmanuel falou, sarcástico. Seu supercílio sangrava, e ele estava sujo do pó levantado pela detonação das granadas.

— Solte Isabel! — Ivan experimentou uma sensação estranha de *déjà-vu*.

No ano anterior, ele e outros viveram algo muito similar, mas a refém era Gisele. E desta vez Estela não estava lá para salvar o dia.

— Não mesmo, nós vamos dar um passeio! — E Emmanuel se pôs a arrastar Isabel para a escada.

Ivan e seus homens foram acompanhando Emmanuel, que subia os dois últimos lances de escada arrastando Isabel consigo. A moça mal conseguia respirar, pois ele apertava forte sua garganta.

— Calma, deixem-no ir para o telhado — Ivan sussurrou para seus homens. — Emmanuel, não faça nenhuma besteira! — gritou.

— Não vou fazer nada! Só quero conversar com a minha velha amiga! — Emmanuel fechou atrás de si a porta que dava acesso ao telhado.

* * *

Estela e seus homens caíram sobre o acampamento como um raio. Com onze tanques e cerca de mil zumbis para enfrentar, eles massacraram os mortos-vivos de todas as formas — atropelados, por granadas e tiros.

O tanque em que Estela se encontrava chegou primeiro ao acampamento. Várias criaturas, ao verem os veículos se aproximando, caminharam desengonçadas na direção deles. O blindado passou por cima da primeira, estraçalhando-a contra o chão de terra batida. Centenas de soldados abriram fogo, mutilando os seres.

As mãos de Estela tremiam ao disparar a metralhadora de cinquenta milímetros, moendo a carne dos zumbis de forma

implacável. Era um espetáculo de ossos triturados, membros amputados, vísceras esparramadas. A dança da morte na qual ela e seus soldados se tornaram especialistas.

Os restos mortais dos zumbis massacrados se juntaram ao que sobrou dos homens chacinados na véspera. A visão dos cadáveres despedaçados, praticamente esfacelados, porém ainda vestindo restos de uniformes, fez o coração de Estela vibrar de ódio. Queria matar Emmanuel.

Após liberarem o entorno dos tanques, Estela mandou os soldados saírem para ajudar os sobreviventes, esgotados depois de tantas horas presos. Foi no momento em que ela viu seu amigo Silas sair de um dos tanques que Ivan a chamou pelo rádio.

— Amor, você tem uma boa visão do telhado do prédio onde estamos? — Ivan perguntou.

— Excelente, por que?

— Você está com o Doutrinador? — Ivan torcia para que a resposta fosse sim.

— Nunca me separo dele. — Estela se abaixou e pegou seu poderoso rifle de mira telescópica.

— Emmanuel acaba de chegar ao telhado com Isabel como refém. Ele nos trancou do lado de dentro. Você precisa matá-lo!

Era a oportunidade que Estela queria, pela qual tanto rezou. Deus ouvira suas preces.

O Doutrinador era o temido rifle L115A3, a arma mais precisa do mundo. Pesava quase sete quilos, e por isso possuía dois suportes de apoio na parte posterior do cano. Ele era capaz de atingir alvos com potência letal a mais de mil e quinhentos metros de distância.

Aquela arma fora um dos artefatos mais temidos da chamada Guerra ao Terror, e foi usada para matar terroristas escondidos em montanhas e desertos. As vítimas morriam sem sequer terem tempo para descobrir de qual direção o tiro partira.

Ela apoiou a arma sobre a proteção da torre de tiro. Olhou pela mira telescópica, que era capaz de ampliar imagens mais de dez vezes, e focou o telhado do prédio.

Emmanuel chegara ao telhado arrastando Isabel. Os reféns, encolhidos em um canto, estavam apavorados com os milhares de

zumbis que cercavam o edifício, que poderiam chegar a qualquer momento.

Quando viram a porta se abrir, os reféns correram para o acesso, imaginando que estavam a salvo. Recuaram imediatamente, porém, ao deparar com seu algoz arrastando aquela mulher pelos cabelos e de arma em punho.

— Afastem-se! Quem chegar perto morre! — Emmanuel disparou a pistola para o alto. Em seguida, desferiu um safanão em Isabel que a fez girar e cair de cara no chão, cega de dor.

Emmanuel a fez virar-se e sentou-se sobre ela para esmurrá-la, sem piedade. Bateu no rosto, no olho, no queixo, com raiva homicida.

O grupo de treze reféns assistia à surra que ele aplicava nela acuados em um canto. Um dos homens deu um passo à frente, fazendo menção de se aproximar. Emmanuel se virou e disparou um tiro certo no peito do rapaz, que caiu no chão lavado em sangue.

— Mais alguém vai bancar o herói? Eu mato todos! Todos! — Emmanuel apontava a arma na direção dos reféns.

Quando ele fez menção de se abaixar, um projétil disparado a centenas de metros de distância o atingiu no estômago. Para sorte dele, a bala se fragmentou; caso contrário, teria sido morte instantânea. Emmanuel caiu no chão ao lado de Isabel.

Estela olhava o telhado, tentando enxergar algo. A mureta de contenção não permitia que visse Emmanuel. Tinha certeza de que acertara o alvo, mas não sabia se o tiro fora fatal.

Emmanuel se arrastou até Isabel, com o ventre jorrando sangue, e a agarrou pelos pulsos, prendendo-a contra o solo. Ela estava com o lábio rachado e o supercílio sangrando, além do olho inchando rapidamente. Isabel apanhara tanto que estava até ofegante. Mas não derramou uma única lágrima; ela não daria esse gosto a ele.

— Vadia... piranha... eu vou matar você... a culpa é toda sua... Vou arrastar você para o inferno junto comigo... — Emmanuel a encarava com um ódio insano.

Ele encostou a pistola na cabeça de Isabel, parcialmente deitado sobre ela. Um lampejo de satisfação passou pelo rosto dele, contorcido pela dor. Ao menos se vingaria.

* * *

Do lado de dentro, Ivan e os homens aguardavam um desfecho para aquele impasse. A porta pela qual Emmanuel e Isabel saíram era extremamente reforçada; nem mesmo uma granada seria capaz de arrombá-la. Alguém teria que abri-la pelo lado de fora ou não teriam como chegar até o telhado. Naquele momento, o soldado que pilotava o tanque que estava fincado na entrada do prédio o chamou pelo rádio:

— Senhor, estamos sem munição! Os zumbis invadiram o prédio, precisamos recuar!

Ivan apertou o rádio entre os dedos. Agora não fazia mais sentido manter os soldados cercados pelos zumbis lá embaixo. Ivan, então, ordenou ao soldado:

— Recuem, saiam já daí!

Quando o Urutu deu ré e desobstruiu a passagem, centenas de mortos-vivos invadiram o edifício. Alguns se espalharam pelo saguão de entrada, e muitos começaram a subir as escadas.

Eles rumavam na direção do local onde Ivan e seus soldados se achavam encurralados.

* * *

Estela continuava vasculhando o telhado com o olhar. Ela viu os Urutus saindo, o que significava que o tempo do seu marido se esgotava.

— Vamos, Isabel, abre essa porta... — Estela sussurrava para si mesma.

Por um instante ela conseguiu ver a distância a cabeça de Emmanuel, que por uma fração de segundo se ergueu, e tornou a desaparecer. O desgraçado estava vivo.

— Meus Deus, de novo não... — Estela balbuciou, lembrando-se de Heraldo. O tiro que ela errara custara a vida de tantos amigos. Que Deus não permitisse que a história se repetisse.

Se ela visse o que subia as escadas daquele prédio naquele exato momento, sem dúvida entraria em desespero.

* * *

Os zumbis invadiram o edifício como uma praga de gafanhotos. Eles se acotovelavam nas escadas, se espalhavam pelos corredores, invadiam as salas. Um exército de seres maltrapilhos, imundos, deformados.

Muitos perderam alguns membros, outros possuíam a pele repleta de lacerações, e quase todos apresentavam dentes podres e negros. E todos traziam olhos brancos e um apetite insaciável por carne humana.

E dentro de minutos alcançariam todo o grupo de Ivan.

Então ele chegou à conclusão de que estava na hora de acionar a última parte do plano. Se Isabel não conseguisse abrir a porta, eles estariam perdidos. Pegou o rádio e deu mais uma ordem:

— Pode vir, estamos aguardando. — E balbuciou, observado por Zac, Oliveira e o que sobrou do seu time: — Vamos lá, Isabel, você consegue. Abre essa porta...

* * *

Isabel sentiu o cano ainda quente da pistola encostado na sua cabeça, ciente de que Emmanuel apertaria o gatilho. Ela precisava pensar em algo rapidamente. E para isso lançou mão da única arma de que dispunha: agarrou o pulso esquerdo de seu algoz e fechou os olhos, procurando se concentrar.

Ao ver aquilo, Emmanuel sorriu, feroz, satisfeito com o aparente desespero da sua mais odiada inimiga.

— Isso mesmo, reza, vadia! Reza para que Deus te leve embora, porque você vai morrer! A última coisa que vai ver na sua vida será a minha cara! — Emmanuel afirmou, vitorioso.

— Emmanuel, eu te perdoo. — Isabel respirou fundo. — Deve ter sido muito difícil para você quando seu pai matou sua mãe na sua frente.

Ele congelou naquele momento. Emmanuel piscou diversas vezes ao ouvir aquilo. Ninguém sabia daquela história, ele nunca contou para nenhuma pessoa do mundo sobre aquele episódio.

— Do que é que você está falando? Você é louca, isso nunca aconteceu! — Emmanuel gritou, apertando a arma contra a têmpora de Isabel.

— Não se sinta mal. Você teve seus motivos para fazer o que fez. Afinal, ele esfaqueou a sua mãe. O que mais você poderia ter feito? — Isabel perguntou com uma boa dose de crueldade.

Emmanuel arregalou os olhos. Não era possível que ela soubesse daquilo. Aquele era um segredo muito bem guardado.

— Eu... não sei do que você está falando — Emmanuel vacilou pela primeira vez.

— Estou falando de quando você matou seu pai depois que ele assassinou a sua mãe com sete facadas. — Isabel o encarava, implacável.

Emmanuel começou a tremer. Não era possível. Ninguém sabia daquele ocorrido. Para todos os efeitos, os pais o abandonaram. Foi a história que ele contou para a polícia, para os avós paternos, para todos. Emmanuel tinha apenas doze anos quando isso aconteceu.

Aquela fora a única opção que ele enxergara, na época. Só lhe restara a família do pai. Se todos soubessem do assassinato, ele temia ser mandado para o reformatório, e todos lhe virariam as costas.

— Você é o diabo! Eu vou matar você! — Emmanuel gritou, enlouquecido, apertando a arma contra a cabeça de Isabel. Queria matá-la, mas uma parte teimosa sua precisava entender como aquela mulher sabia de tudo.

— Não, seu pai era o demônio. Ele enchia a cara de cachaça, batia em você e espancava a sua mãe. E estava bêbado quando a matou. Mas você enganou a todos, escondeu os cadáveres, deu fim em um monte de roupas e fingiu que eles fugiram enquanto você estava na escola — Isabel falava à medida que arrancava os segredos dele, e reunia coragem diante da reação confusa de Emmanuel. — Parabéns, Emmanuel! Ninguém desconfiou. Com doze anos você já era um mestre da mentira!

— Cala a boca! Cala a boca agora! — Emmanuel se esforçava para manter-se abaixado. Ele tremia, tanto por reviver aqueles fatos quanto de dor, pois o ferimento no seu ventre era grave.

Isabel olhou para o peito dele e viu ali sua única chance. Era uma medalhinha de São Jorge pendurada em um cordão que pendia do pescoço daquele maníaco.

* * *

Estela permanecia imóvel. Torcia para que Isabel surgisse livre e abrisse a porta. O tempo de Ivan e dos outros se esgotava. Então imaginava que ela ainda devia estar sob o poder de Emmanuel, pois via os reféns acuados em um canto. O desgraçado devia estar com ela, escondido. Isso se não a tivesse matado.

— Vamos, vamos, vamos, vamos, vamos... Aparece, seu desgraçado, dê-me uma oportunidade! — Estela murmurava.

Dentro do prédio, os primeiros zumbis chegavam ao quinto andar. Ivan e os demais já se preparavam para o confronto. Era questão de instantes.

— Preparem-se, todos, eles estão chegando! Vamos ferrar com eles até a morte. A gente se encontra no inferno, pessoal! — Ivan falou, conferindo o fuzil.

Era um tipo de despedida. Ele sabia que não havia mais tempo. Não tinham munição para tantos zumbis

* * *

Isabel olhou fixo para a medalha. O que ela pretendia fazer era praticamente impossível, mas era sua última chance.

— E essa medalha que era da sua mãe? — Isabel perguntou. — Você quase morreu ao fugir da prisão para recuperá-la, e depois se arriscou diante de vários zumbis para conseguí-la de volta, não é mesmo?

Emmanuel congelou, aterrorizado. Como aquela vagabunda sabia aquilo tudo?

— Você é uma bruxa... você é a filha do diabo... — Emmanuel sussurrou, com lágrimas nos olhos, aliviando a pressão da arma na têmpora de Isabel, que já mostrava uma marca vermelha.

— Sua mãe está aqui, e espera por você, Emmanuel. Ela veio buscá-lo — Isabel afirmou, com suavidade.

E naquele momento, a medalha que Emmanuel tirara do pescoço da sua mãe assassinada, décadas antes, começou a flutuar magicamente no espaço, diante dos olhos esbugalhados dele.

A medalha subiu até a altura de seus olhos, puxando para cima consigo o cordão que a mantinha pendurada no pescoço de Emmanuel. Ele ficou tão pasmo, tão estupefato diante daquela situação inusitada que a arma quase caiu da sua mão. Seus olhos foram dominando o corpo, tamanho o assombro.

À medida que a medalha subia, Emmanuel erguia o corpo para acompanhar aquele fenômeno até ficar completamente ereto. Então ele olhou para o lado e avistou o Urutu parado a centenas de metros bem à sua frente.

— Estela... — ele sussurrou.

* * *

— Eu avisei... — Estela balbuciou ao ver Emmanuel exposto do peito para cima detrás da mureta de proteção.

Ela apertou o gatilho e o projétil foi cuspidor pelo cano da arma em incrível velocidade.

* * *

Ivan e os demais abriram fogo quando o primeiro zumbi, um homem esquelético, cabelos ralos e corpo dilacerado, surgiu ao pé da escada. Zac disparou um tiro certo que o atingiu na testa, fazendo-o girar e cair. Mas logo atrás dele vinham outros.

Eles estavam totalmente encurralados, e com pouca munição. O tempo se esgotara.

* * *

Emmanuel sentiu o impacto violento como um coice quando a bala entrou pelo seu peito e saiu no meio das suas costas, produzindo um buraco e se alojando na parede, alguns metros atrás.

Ele desabou imediatamente e, ao bater no chão, um jato de sangue jorrou da sua boca, tingindo seus dentes de vermelho.

Isabel se colocou de pé, com dificuldade. Os reféns se ergueram inseguros, sem saber se deviam se aproximar. Mas ela não tinha tempo para hesitações. Sentia-se feliz, e não só porque conseguira se livrar de Emmanuel.

Ela havia descoberto algo mais.

* * *

A situação de Ivan e os outros era crítica. O andar se achava repleto de zumbis, que tentavam subir o último lance de escada, justamente onde eles se espremiavam contra a porta.

O grupo abatia as criaturas às dezenas, deixando-as se amontoar nos degraus enquanto atiravam, dificultando assim a passagem para os que vinham logo atrás. Mas as balas estavam no fim, e só ali, diante deles, havia mais de duzentos mortos-vivos.

— Ivan, eu acho que fodeu... — Zac falou ao constatar que o seu fuzil não tinha mais balas. Ele sacou a pistola e começou a atirar.

— Aguentem firme! Guardem a última bala para si mesmos! — Ivan gritou, sem parar de atirar, explodindo os miolos de um homem que tentava atravessar a barreira de zumbis abatidos pisando nas costas de uma mulher.

Ele caiu para trás, mas em seguida outro ser já pisava sobre a sua barriga, buscando se aproximar.

Com dificuldade até para se manter de pé — o ferimento à bala doía demais —, Ivan só não caía por causa da adrenalina e do medo da morte cada vez mais próxima. Ele sentiu o coração, que já estava acelerado, simplesmente disparar ao ouvir a porta sendo destrancada atrás de si. Ao se virar, deu de cara com o rosto todo ferido de Isabel.

— Você conseguiu! — Ivan exclamou. — Vamos sair daqui!

Ivan e seus homens correram para o telhado, e Isabel ficou congelada na soleira, vendo os zumbis, que já haviam tomado tudo, se aproximando.

— Sai da frente! Fechem a porta! — Ivan empurrou Isabel para o lado.

Logo adiante, os primeiros zumbis estavam a seis degraus de alcançá-los

— Não! — Isabel gritou deixando todos perplexos. — Precisamos voltar, Canino está vivo!

CAPÍTULO 8

COMANDO



IVAN TRANCOU A PORTA, deixando os zumbis presos do lado de dentro, e depois se virou para falar com Isabel, que protestava veementemente.

— Ele está vivo? Tem certeza? — Ivan pressionava o ombro ferido. Parecia que o simples fato de sair daquela emboscada fizera a dor triplicar.

— Claro que sim! Eu vi na mente de Emmanuel, eles o mantiveram preso esse tempo todo. Canino está ferido e doente, mas vivo! — Ansiosa, Isabel queria encerrar aquela conversa logo, pois seu amado se achava muito perto.

— E você sabe onde ele está? — Ivan quase temia a resposta.

— Sim, no andar de baixo, num conjunto de salas no fim do corredor. Eram as salas onde os reféns eram mantidos, mas Canino ficou isolado dos demais. — Isabel se abaixou e pegou a pistola de Emmanuel, que ainda gemia no chão após ser baleado. — Precisamos ser rápidos, ele deve estar apavorado.

— Isabel... — Ivan tentou falar.

— Perdi meu fuzil! Mas tudo bem, eu me viro com a pistola. Vocês são muito melhores de pontaria do que eu. — Isabel checava a munição da arma.

— Isabel, não iremos — Ivan falou, por fim.

Ela congelou. Sentia o coração batendo, o rosto inchando depois da sova que Emmanuel lhe aplicara. Conseguia perceber cada

terminação nervosa reclamando de dor e cansaço. Até o tempo parecia estar correndo mais devagar naquele instante.

— Você não pode estar falando sério... meu namorado está vivo, estamos muito perto... — Isabel balbuciou.

— Isabel, entre nós e seu namorado existem centenas de zumbis se acotovelando entre corredores e escadas. Nem sabemos se ele ainda está vivo. E mesmo que matemos todos os zumbis do andar, existem outros milhares dentro do prédio se espremendo, tentando chegar aqui em cima.

— Vocês não podem fazer isso, Ivan! Não é justo! — Isabel pegou o rádio e chamou Estela, que àquela altura se perguntava o que estaria acontecendo lá em cima.

Estela assistia a tudo usando a mira telescópica do Doutrinador.

— Estela, por favor, me ajuda! — Isabel suplicava, sentindo as lágrimas rolares por seu rosto ferido.

— O que houve? Por que você está chorando? — Estela perguntou, preocupada.

Isabel explicou rápido a situação, sendo observada por Ivan e os outros homens. Eles estavam cansados, feridos, e só iriam atrás de Canino se fosse viável. No entanto, aquele desafio parecia estar além de todas as possibilidades.

— Calma, Isabel, vamos tentar encontrar uma solução. Talvez exista algum meio de resgatá-lo que ainda não estamos conseguindo enxergar. Mas você precisa manter o controle — Estela disse.

Ivan pediu o rádio para Isabel. Não estava confortável com o problema da jovem, mas também não seria acuado por ela. Ele e o resto do grupo não iriam cometer mais erros como aquele. Aquela operação se tornara uma catástrofe — desde o início do apocalipse zumbi eles não sofriam tantas baixas em tão pouco tempo. Estavam em um número muito superior, e mesmo assim quase foram esmagados por aquele infeliz, que gemia e agora se esvaía em sangue, no chão. Ainda por cima perderam diversos blindados e equipamentos.

Ele vinha pensando naquilo havia alguns dias, sabia que as coisas teriam de mudar. Algumas ações muito difíceis seriam necessárias; o modo como eles estavam conduzindo o condomínio estava errado.

Um grupo heterogêneo como aquele sempre penderia pela solução politicamente correta, e não a estrategicamente mais eficaz. Essas decisões exigiam muita coragem para serem tomadas, e por isso a comunidade necessitava de um líder de pulso firme que assumisse os riscos pelos demais.

O grupo precisava que Ivan tomasse as rédeas. Não era orgulho nem prepotência; para ele só interessava a comunidade no geral, e sua família em particular. Era por eles, por todos eles, que ele fazia o que vinha planejando. Muitos não aceitariam, sobretudo no começo, mas o tempo lhe daria razão.

Ivan pegou o rádio e o desligou, para surpresa de Isabel, que ficou olhando para ele, sem entender direito. Os demais soldados também não entenderam o significado daquele gesto.

— Isabel, entenda de uma vez por todas: eu sinto muito mesmo. Lamento profundamente. Você tem todo o direito de me odiar, mas não vamos entrar nesse prédio de novo. É um risco inaceitável, e não será feito — Ivan decretou, olhando-a com sincero pesar.

Isabel enlouqueceu. Começou a tentar abrir a porta para salvá-lo sozinha. Deu tapas em Ivan. Ele não reagiu, deixou-a extravasar todo o ódio sobre o telhado, sem permitir que abrisse a porta.

— Canalha! Mentiroso! Covarde! Você não passa de uma farsa!
— Isabel gritava, descontrolada.

Os outros soldados intervieram, tentando impedi-la.

— Você não está errada. E eu não a condeno. Pode parecer a decisão mais cruel aos seus olhos, mas não vou voltar atrás. — Ivan tentava permanecer firme.

Isabel urrava de impotência e tristeza. Sentia como se estivesse matando Canino com as próprias mãos. A mesma sensação de quando Emmanuel mandou entregar o dedo do namorado decepado, porém amplificada.

Naquele momento em que ela se jogou no chão e se entregou ao desespero — com os reféns assistindo a tudo em silêncio, completamente apavorados e se perguntando como sairiam daquele lugar —, o gigantesco helicóptero Sabre surgiu a distância.

Todos retornavam em silêncio no helicóptero. Aquela aeronave era o ponto crucial do plano que Ivan só conseguiu costurar quando entrou em contato pelo rádio com o coronel Fernandes.

— Você já está me ligando? Saiu daqui há apenas algumas horas, portanto só pode ser grave — o coronel dissera, na ocasião.

— Coronel, quer que eu entregue um Urutu para o senhor?
— Ivan perguntara, sem rodeios.

O coronel franzira a testa. Aquilo só podia significar encrenca.

— Depende do que terei que fazer em troca — o coronel respondera, cismado.

Ivan dera uma rápida explicação da situação que enfrentariam e o seu plano. Afirmara que provavelmente ficariam presos no prédio, e nesse ponto precisariam de um meio de fuga pelo ar.

— Muito bem, Ivan, meu preço são dois tanques. É pegar ou largar.

Ivan concordara; não havia muita opção naquele momento.

E dessa forma, na manhã seguinte, o imenso helicóptero partiu de São Paulo para Taubaté, aterrissando numa grande praça da cidade apenas trinta minutos antes de Ivan e sua equipe iniciarem a operação de ataque.

Como o Sabre era um helicóptero com capacidade de carga de quase duas toneladas e meia, foi necessário tirar todo o armamento dele. Não havia nem mesmo uma equipe operacional, ele veio apenas com o piloto e o copiloto, exclusivamente para poder carregar cerca de trinta passageiros que teriam de se espremer dentro da aeronave.

E assim foi; o helicóptero pousou sobre o heliporto do prédio e todos embarcaram. Mas Isabel fez questão de embarcar por último. Sentia tanta raiva que cometeria um ato brutal de vingança.

Ela foi até Emmanuel e verificou se ele ainda vivia. O crápula estava muito fraco, não resistiria mais do que dez minutos. E não seria necessário tanto para o que ela pretendia fazer.

— Isabel, pelo amor de Deus, me ajude... Não me deixe morrer aqui — Emmanuel implorou, débil.

— Você acredita em Deus agora, seu desgraçado filho da puta? Pois eu juro que tão cedo você não se encontrará com ele. — Isabel o

encarava, cheia de ódio.

Ela avançou até a porta, pegando de surpresa todos os demais que já estavam no heliporto localizado numa plataforma mais elevada, cujo acesso era por uma pequena escada lateral. Ivan ainda decidia o que fazer com Emmanuel, mas Isabel decidiu por ele.

Ela escancarou a porta. E deu de cara com vários zumbis, que a olharam ao mesmo tempo.

Isabel correu para a escada, deixando as criaturas e Emmanuel para trás. Ao ver os primeiros seres surgindo no telhado, Ivan e os demais não pensaram duas vezes: entraram na aeronave e, tão logo Isabel entrou correndo, ordenaram que o piloto alçasse voo, deixando aquele mausoléu para trás.

O grande quartel do Comando de Aviação do Exército pertencia aos zumbis agora, os verdadeiros donos de toda a Terra.

* * *

Emmanuel se desesperou ao ver as criaturas surgindo. Não podia acreditar que Isabel fizera aquilo. Ao ver o helicóptero levantar voo, a dura realidade se abateu sobre ele.

Emmanuel se arrastou até a mureta de proteção, não viraria comida de zumbis. Preferia se jogar de lá de cima a permitir que isso acontecesse. Assim, agarrou-se na mureta, tentando ficar de pé. Não se atrevia a olhar para trás, mas ouvia nitidamente os zumbis se aproximando, invadindo o telhado e chegando cada vez mais perto.

Então, fez um último movimento para lançar seu corpo rumo ao chão, mas foi surpreendido por uma criatura que o agarrou pelo ombro e mordeu a sua nuca com violência. A dor foi esmagadora e minou o resto de suas forças. Ele só conseguiu gritar e cair para trás, vendo sua última chance de uma morte menos dolorosa escapar por entre seus dedos.

Emmanuel bateu as costas contra o concreto e olhou para cima, fitando o ser que o atacara. E se espantou com o que viu. Era Tadeu, o rapaz que ele condenara à morte e lançara aos zumbis, meses antes. O mesmo que teve os pés quebrados a marteladas por seus capangas, por ordem sua, para impedi-lo de correr.

Emmanuel estava na dúvida se era ele mesmo ou se já estava delirando. Mas tinha quase certeza de que era o mesmo homem, agora transfigurado numa fera homicida. Ainda assim, ele sorriu, sem saber exatamente por quê. Talvez sorrisse porque Tadeu cumprira sua promessa: voltara do inferno para se vingar.

Vários zumbis cercaram Emmanuel e o atacaram ao mesmo tempo, dilacerando-o ainda vivo.

Tomado de uma crise de raiva e loucura, ele não soltou nenhum grito.

* * *

Ivan, Isabel e os demais chegaram em segurança ao ponto de encontro, para o qual o resto do grupo e os soldados resgatados também rumavam. Ele estava tenso, porque agora viria a parte mais complicada — teria de enfrentar a única pessoa do mundo capaz de fazê-lo pensar em outra solução, diferente da que anunciara: Estela.

Quando o tanque com a esposa surgiu, Estela estava na torre de tiro. E ela o olhava de forma misteriosa, indecifrável. Estela desceu do tanque sem pronunciar uma única palavra. Devia estar feliz ao ver o marido são e salvo depois de ele ter ficado preso dentro de um prédio lotado de mortos-vivos, mas não conseguia se sentir assim.

No fundo, ela estava tão acostumada a correr perigo que já não se assustava facilmente. O sentimento era outro. Uma mistura de preocupação e raiva.

Estela sabia o que estava por vir. O marido já dava sinais inequívocos, nos últimos tempos, do que pretendia fazer, e pelo visto agora ele decidira agir. Estela se aproximou de Ivan, que a aguardava na calçada.

— É assim agora? Você o abandonou para morrer? — Estela perguntou, áspera.

— Nem sequer sabemos se ele ainda estava vivo. E se estava, não havia forma de resgatá-lo. Eu não arriscaria as vidas de dezenas de pessoas, naquelas condições — Ivan respondeu com firmeza.

— E você desligou o rádio para que eu não tentasse impedi-lo, certo?

— Isso mesmo. Não era uma questão a ser votada. Aliás, as votações acabaram. Este grupo não tem condições de tomar decisões que envolvam situações de perigo — Ivan decretou com dureza, olhando as pessoas em volta, que se aproximavam para acompanhar a conversa.

— Ivan, estamos todos cansados, você está ferido, e mais de cem amigos nossos morreram. Agora não é o momento de falar disso — Oliveira dizia, aproximando-se com Sandra.

— Discordo, cabo, agora é a hora ideal, enquanto está vivo nas nossas memórias o mal que causamos nesses últimos dois meses. Se eu tivesse feito a coisa certa, nada disso teria acontecido. Mas me deixei levar pela opinião do grupo — Ivan afirmou, sério. — Agora, chega. Eu tomo as decisões táticas, e vocês obedecem. Assunto encerrado. — E lançou-lhes aquele olhar que todos ali conheciam tão bem.

— Ivan, não faça isso. Você não tem esse direito. — Estela encarava o marido. Até a irritação se dissipara. Ela agora estava apenas preocupada com os desdobramentos daquele comunicado.

— Não, eu não tenho esse direito. Mas ou as coisas são do meu jeito, ou eu abandono de uma vez por todas as decisões do condomínio. Para mim, chega, não sou obrigado a assistir a outra série de erros como essa. E todos vocês aqui sabem que tenho razão. Sem mim vocês não conseguem manter aquela comunidade.

— Então é isso? Você agora se tornou um ditador? — Estela indagou, cortante igual uma navalha.

Ivan congelou.

— Não é isso, Estela! Eu odeio ditaduras! Mas o comando tem que ser centralizado, não dá para continuar dessa forma. Temos muitas pessoas que ganharam experiência militar com o passar dos meses, mas poucos aqui são soldados de verdade. Falta pragmatismo a esse grupo. Falta firmeza para tomar decisões difíceis. Alguém tem de assumir a responsabilidade — Ivan argumentou.

Estela queria continuar discutindo. Ela nunca aceitaria aquela história, e sabia que aquilo não terminaria bem. Mas de repente sua visão ficou turva, sua cabeça começou a girar e o mundo inteiro escureceu.

Ela não viu mais nada, apesar de ter conseguido escutar Ivan gritando seu nome.

* * *

Ao abrir os olhos, Estela reconheceu imediatamente o lugar em que se encontrava: em São José dos Campos, dentro de um dos quartos do posto de saúde. A diferença era que, desta vez, tinha uma máscara de oxigênio no rosto, e estava ligada a um cardiógrafo, que monitorava sua frequência cardíaca.

Procurou respirar fundo e manter a calma, mas ficou óbvio que aquele era um péssimo sinal. Ao olhar para o lado, avistou Ivan sentado numa poltrona. Ele dormia profundamente, apesar do visível desconforto. Usava uniforme ainda; pelo visto nem sequer tomara banho. E o seu rosto parecia envelhecido e cansado.

No momento em que ela se mexeu, Ivan acordou, tamanha a sua ansiedade. Em um segundo ele estava de pé ao lado dela.

— Olá, meu amor, que bom que você acordou! — Ivan falou com suavidade, acariciando o rosto da esposa. — Como se sente?

Estela puxou a máscara de oxigênio para baixo, para conseguir falar com mais liberdade. Não sabia se podia fazer aquilo, mas precisava conversar com o marido.

— Acho que estou bem... O que houve? Está tudo em ordem com o bebê? Tudo bem com nosso filho? — Estela teve muita dificuldade em falar, sentia-se dopada.

— Você teve uma crise de hipertensão junto com uma arritmia. Deu-nos um susto e tanto. Sandra precisou te socorrer no meio da rua. — Ivan segurava sua mão. — Achei que fosse perder você... — Nesse momento sua voz falhou. Sem aquela mulher ele sabia que não conseguiria seguir em frente.

— Quanto tempo eu dormi?

— Dois dias inteiros. Seu coração não parou por muito pouco. Acho que todo o esforço causado por dois meses de cerco ao quartel lhe fez muito mal. — Ivan não conseguia esconder o alívio por sua esposa ter recobrado os sentidos.

— Você não respondeu a minha pergunta, Ivan: e o bebê?

— Ela está bem, fique calma. Mas agora você terá que esquecer todo o resto. Sandra já disse que você irá passar os próximos meses de cama. Até o nascimento, não poderá fazer mais nada. De agora em diante, todo o cuidado é pouco.

— Ela? Você disse ela? — Estela sorriu.

Os dois últimos meses haviam sido tão estressantes que ela nem ao menos cogitara a hipótese de tentar descobrir o sexo do bebê.

— Sim. É uma menininha. — Os olhos de Ivan brilhavam de felicidade.

Estela sorriu, feliz. Sempre desejou dar à luz mais uma menina. Só não pensava que fosse em condições tão adversas.

— Amor, e Isabel? Como é que ela está?

— Ela me odeia, Estela. Não conseguiu se recuperar ainda. — Ivan soltou um pesado suspiro.

Estela suspirou também. Sentia-se muito fraca, com a cabeça pesada. Encontrava-se sob o efeito de doses cavalares de medicamentos, por isso tudo estava fora de foco.

— E os demais? — Estela quis saber, preocupada com os efeitos de mais uma tragédia no seio daquela comunidade.

— Em luto. Ninguém se conforma com o que aconteceu. Mais uma vez famílias foram destruídas. Ontem organizamos um velório simbólico em homenagem aos que perderam a vida. — Ivan esfregou o rosto. As lembranças de homens, mulheres e crianças chorando a morte de seus entes queridos na véspera ainda estava bem vívidas em sua mente.

Estela ficou atordoada ao ouvir aquilo; era muita crueldade que ainda houvesse tanto sofrimento.

— Ivan, não concordo e nunca concordarei com sua ideia de centralizar todas as decisões em você... além disso as pessoas podem não aceitar. Você já parou para pensar nisso? — Estela falou fraca, no limite de suas forças.

— Elas já concordaram. Conversei longamente com nosso conselho, e depois de muita relutância todos concordaram. Propus até mesmo uma votação, mas disseram que não era necessário. Falaram que a única pessoa que eles entendem que poderia concorrer comigo ao cargo estava internada neste quarto aqui.

Portanto, não fazia sentido votar nada. — Ivan sorriu, orgulhoso do imenso respeito que a esposa impunha.

Estela suspirou. Ela tinha certeza de que aquilo estava errado, mas não tinha forças para discutir e muito menos para tentar impedir o marido. Teria que rezar para se recuperar logo e assim estar apta a intervir, se necessário.

— Amor, jure que você manterá a serenidade e, sobretudo, o senso de justiça. É uma imensa responsabilidade que está assumindo, não se esqueça disso — Estela pediu com dificuldade. — Qualquer deslize poderá ser fatal.

— Eu prometo, amor.

— Não prometa. Jure. Quero que você jure por mim e nossos filhos — Estela insistiu.

— Eu juro que velarei por toda alma deste condomínio, cada uma delas, e que empenharei minha própria vida se for necessário para manter todos a salvo. — Ivan, muito sério, beijou a mão de Estela.

— Obrigada, querido. — E logo Estela voltou ao sono novamente.

* * *

Isabel estava inconsolável, completamente enlouquecida por terem deixado Canino para trás. Não conseguia se perdoar, e muito menos parar de sentir raiva de Ivan.

E a sua tristeza aumentou imensamente quando retornaram ao Condomínio Colinas. Logo que chegaram, uma das reféns resgatadas na derradeira investida contra o grupo de Emmanuel a procurou. Era dona Mariana, a responsável pela cozinha do quartel.

— Isabel, quero agradecer por tudo que você fez. Graças à sua coragem estamos todos livres, muito obrigada. — Dona Mariana segurou ambas as mãos da moça que estava com o rosto inchado de tanto apanhar de Emmanuel e os olhos vermelhos pelas inúmeras lágrimas derramadas.

— Não precisa me agradecer, eu não fiz nada. Aliás, acho que mais atrapalhei do que ajudei. — Isabel queria muito sair correndo dali e se jogar na sua cama.

— Você foi muito corajosa e fez algo que nenhum de nós teria sido capaz de fazer! Vou rezar por você sempre. — Dona Mariana sorriu-lhe.

Isabel nada disse; estava cansada demais para responder. Sentia-se esgotada. Se não fosse por Jezebel, não teria motivos para seguir em frente com aquela vida.

— Sei que você está triste pelo que aconteceu com Canino, mas eu tenho que entregar uma coisa. Não sei se você se sentirá pior ou melhor, mas eu preciso dar assim mesmo — dona Mariana falou.

Antes que Isabel pudesse perguntar do que se tratava, dona Mariana levou a mão ao bolso do casaco surrado que vestia, retirando de lá uma folha de papel dobrada várias vezes e levemente amassada.

— Aquele rapaz que obedecia seu namorado, o tal Rodrigo... foi ele quem me deu isto aqui. Disse que se eu tivesse chance era para entregar para você.

Isabel pegou a folha da mão de dona Mariana e ficou olhando para ela. Sem mesmo abrir já sabia do que se tratava, só não fazia ideia se estava pronta para aquilo. Provavelmente não. Agradeceu à dona Mariana e saiu andando na direção do seu apartamento, sem pronunciar uma única palavra. No começo ela apenas caminhou, mas logo começou a correr. Pronta ou não, o fato era que não aguentaria nem mais um minuto. Tinha de ler o que estava escrito ali.

Ao chegar ao apartamento, Isabel deu graças a Deus por Hilton e Scheyla estarem ausentes. Assim, ela se sentou no sofá e começou a desdobrar a folha, nervosa. Mentalmente pedia forças para conseguir suportar o que estava por vir.

E assim Isabel começou a ler a mensagem que Canino lhe deixara.

* * *

Meu amor, se você estiver lendo estas palavras, espero sinceramente que eu esteja ao seu lado. Caso contrário, é bem provável que já esteja morto.

De qualquer forma, quero dizer que você trouxe a luz para a minha vida. Antes de te conhecer eu estava cego, preso ao passado e sem me importar com o futuro. Você me purificou, me fez enxergar as coisas com mais clareza. Você me fez acreditar novamente.

Desde a morte de minha mãe eu estava perdido, sem saber o que buscar para a minha vida. Graças a você eu quis construir um amanhã diferente. Eu nos vi juntos, numa casinha à beira-mar, brincando com nossos filhos e um cachorro vira-lata. Essa passou a ser a minha nova visão daquilo que seria o paraíso.

Não tenho o seu dom de ler mentes, mas sei que no fundo você começava a desejar algo similar. E desde já peço desculpas se falhei em construir junto com você esse pequeno sonho.

Se eu tiver morrido, quero apenas que você siga em frente. Guarde-me em algum lugar da sua memória (e eu espero que seja um lugar bom) e continue com a sua vida.

Não perca tempo remoendo a tristeza e as lembranças ruins. Acredite em mim, não vale a pena. Eu sei, meu Deus do céu, como eu sei...

Apenas lembre sempre que eu te amo. Mesmo antes de te conhecer acho que já te amava, pois sempre acreditei que um dia um anjo entraria na minha vida. Um anjo que carregava em si um poder dado pelo próprio Deus.

Você é o meu anjo. E nada nem ninguém poderá tirar de mim o tempo que passamos juntos. Seja feliz, e eu garanto que onde quer que eu esteja, estarei feliz também.

Com amor,

Carlos.

Isabel apertou a carta amassada contra o peito e começou a chorar outra vez.

* * *

Após a conversa com Estela, Ivan finalmente conseguiu ir para casa tomar banho, trocar de roupa e ver os filhos, que, durante todo aquele tempo, ficaram sob os cuidados das voluntárias do condomínio.

Quando chegou em casa, encontrou Matheus e Eduardo brincando no jardim. Ao vê-lo, os meninos correram até o pai e o abraçaram. Matheus era o filho biológico de Ivan, e acabara de completar nove anos. Eduardo tinha onze, era adotivo, uma das oito crianças que ficaram órfãs quando os zumbis tomaram a Terra e agora estavam sob os cuidados de Ivan e Estela.

— Pai, tudo bom? E a mamãe? — Matheus perguntou.

— Papai, a mamãe está bem? Quando ela volta para casa?
— Eduardo quis saber.

— A mamãe já está se sentindo melhor, e em breve voltará para casa. E a irmãzinha de vocês está ótima. — Ivan abraçou com ternura os dois filhos.

Com tantas crianças que ficaram sob os seus cuidados, muitas por terem sido encontradas por ele numa situação complicada, Ivan tentava se desdobrar. Tinha uma relação excelente com Matheus e Ana, sua outra filha biológica. E um enorme carinho por Mônica, a menina que ele e Estela encontraram no ano anterior, dentro de uma casa, e valentemente protegeu sozinha os irmãos menores por quase quarenta dias. Com as demais crianças, o relacionamento estava em construção; todas carregavam grandes cicatrizes pelos eventos de perdas sucessivas. Mas todas estavam felizes, e a cada dia Ivan conseguia fortalecer aquele novo vínculo familiar.

Com Eduardo era diferente. Se no começo o menino se recusava a aceitar Estela e Ivan como seus novos pais, hoje ele tinha uma afinidade com eles que impressionava. O menino só chamava Ivan de “papai”, obedecia-o integralmente e o cobria de carinho.

O fato mais complexo daquela relação era que Eduardo ficara órfão em circunstâncias muito cruéis — fora Ivan quem, pessoalmente, matara seus pais, fato esse que o menino e as demais crianças ignoravam. Foi por piedade, mas Ivan carregava mais essas mortes na consciência.

Pela primeira vez em dois meses Ivan dormiu em casa com os filhos, fazia tanto tempo que mais parecia outra vida.

No dia seguinte, logo cedo, Ivan tomou um banho, trocou de roupa, brincou um pouco com seus filhos, e aproveitou para explicar para eles que a mãe precisaria descansar muito quando retornasse. Depois disso, saiu. Estava na hora de conversar com Isabel.

Ivan a encontrou no posto de saúde. Ela e Hilton pediram para trabalhar como voluntários ao lado de Sandra. Ambos eram psiquiatras, e seus conhecimentos podiam ser úteis, sobretudo naqueles tempos em que mentes e almas eram tão ou mais castigadas do que os corpos das pessoas.

O condomínio contava com uma vasta lista de gente com problemas psicológicos diversos, agora ampliada após os eventos de Taubaté. Homens e mulheres que mataram parentes para sobreviver; que foram perseguidos e agredidos por entes queridos; infelizes que precisaram se alimentar de lixo, ratos e até mesmo de baratas para continuar vivos e que agora estavam em segurança, tentando deixar para trás os dramas do passado. Uma verdadeira multidão com grandes problemas emocionais.

Ivan ficara sabendo que uma das primeiras pacientes daqueles dois seria Gisele. Finalmente ela decidira buscar ajuda; agora só restava torcer para que eles fossem capazes de fazer alguma coisa.

Assim que viu Ivan se aproximando, Isabel fechou a expressão. Ela o odiava do fundo do coração.

Nem se vivesse mil anos conseguiria perdoá-lo pela morte de Canino. E ela pressentia que seu ódio só aumentaria, com a nova orientação de priorizar a segurança do condomínio e só buscar ajudar pessoas ao redor do país se estivessem em plenas condições.

— Posso falar com você, Isabel?

— Veio aqui para destruir o que sobrou da minha vida? — Isabel perguntou, ácida.

— Isabel, não faça isso — Ivan soava conciliador.

— O que esperava? Você condenou à morte o homem que eu amava, e agora pretende fazer a mesma coisa com o que restou de minha família!

— Você viu o que aconteceu, Isabel. Dois meses de sacrifícios, vários homens mortos, diversos veículos destruídos. Não podemos resgatar Jezebel, é loucura, e completamente injusto com os que teriam de partir nessa aventura. Não posso impor outra dose similar de sofrimento aos moradores deste lugar.

— Vários homens mortos também pelo fato de que você não me deixou interrogar os homens de Emmanuel quando capturamos o caminhão-tanque e a equipe de resgate. Bastaria ter feito isso para sabermos que eles tinham um tanque de guerra escondido!

— Sim, essa foi uma falha minha, admito. Eu me empolguei e não considerei a hipótese de ele ter uma carta tão poderosa na manga.

Mas insisto que não podemos nos arriscar nessa empreitada. — Ivan exalou um suspiro.

— Chegamos a São Paulo em apenas quatro dias — Isabel tentou argumentar, embora soubesse que seria inútil.

— Canela fica quinze vezes mais distante. Levará meses para chegarmos, supondo que consigamos. Não posso fazer isso, não arriscarei centenas de vidas — Ivan afirmou, convicto. — Sinto muito.

Isabel chegou perto de Ivan. Ficou tão próxima que quase encostava nele. Ivan, porém, não recuou, permaneceu imóvel.

— Diga que sente muito para a minha irmã. — Isabel o olhava bem dentro dos olhos. — É ela quem você está matando, não eu.

— Eu falo com ela. É minha responsabilidade. — Ivan tentava amenizar o fardo de Isabel.

— Não seja estúpido, Ivan! Acha que vou permitir que um estranho, alguém que está pouco se lixando para mim ou minha família, fale sobre uma coisa dessas com a minha irmã?! Você só pode ter enlouquecido! — Isabel cuspiu as palavras nele.

— Tudo bem. Eu entendo.

— Não, você não entende. Você é incapaz de entender. Afinal, está aqui, protegido com a sua mulher e seus filhos. Você não conhece o inferno em que o mundo se transformou. Acha que sabe o que está acontecendo, mas você não sabe. — Isabel o mediu de cima a baixo.

Aquilo o revoltou.

— O que está dizendo é um absurdo, Isabel. Eu vi coisas que fariam você vomitar, posso garantir!

— Sim, Ivan, você viu coisas, você não as vivenciou. Não sabe o que é passar fome por dias a fio, morrer de medo, estar frágil e sozinho. Eu sei. Jezebel sabe. Mas essas são sensações que você nunca conhecerá. É por isso que não está preparado para comandar este lugar — Isabel falou em tom acusatório.

— Essa é a diferença entre mim e você, Isabel. Eu preciso separar as coisas para decidir o que é melhor para a maioria. Você carrega todas essas lembranças e se guia pela emoção, e isso a impede de enxergar o peso das suas escolhas. Você mandaria duzentas pessoas

buscar sua irmã só de imaginar o sofrimento dela, mesmo que isso custasse as vidas de metade do grupo — Ivan respondeu.

— Bom, nunca descobriremos, não é mesmo? Você já decidiu, certo?

— Sim, eu já decidi. Não iremos. — Ivan sustentou o olhar de aço de Isabel.

— Muito bem. Quem salva uma vida salva a humanidade inteira, não é? — Isabel falou com ironia.

— Estou salvando dezenas, talvez centenas de vidas. A da sua irmã não vale mais do que a dos outros.

— Duvido que você pensasse assim se fosse sua esposa ou um dos seus filhos lá... Você fez questão de dar uma passada no bairro da sua mãe em São Paulo, lembra?

Ivan dessa vez não teve uma resposta para dar. Era preferível não ficar imaginando uma situação que considerava impossível de resolver.

— Se estivesse no meu lugar, Isabel, com a vida de centenas de pessoas nas mãos, você faria a mesma coisa e não iria — Ivan afirmou, desanimado.

— E se fosse por sua mulher você mandaria mil homens para salvá-la — Isabel retrucou.

— Isabel, vamos encerrar essa discussão. Nós não estamos chegando a lugar algum.

Ivan ficou pensando sobre o que faria se fosse Estela em perigo. Certamente não poria a vida de tanta gente em risco. O mais provável é que fosse sozinho buscá-la. Mas não diria isso a Isabel para não encorajá-la, ela não duraria muitos dias sozinha, mesmo com armamentos e outros recursos.

Ela então virou as costas, sem falar nem mais uma palavra. Estava na hora de conversar com Jezebel. Isabel enxugou as lágrimas, que não paravam de cair. Aquela decisão era o equivalente a decretar a sentença de morte da irmã.

Isabel correu até a sala de rádio. No caminho, viu duas meninas brincando no gramado de uma casa. Elas deviam ter por volta de sete. Brincavam de pular corda. Com o fim da internet e o eterno racionamento de energia elétrica, as velhas brincadeiras ressurgiram.

Isabel observou as duas e imediatamente se lembrou da irmã. Ficou pensando nas brincadeiras que faziam juntas, nas maluquices que elas aprontavam. Sem dúvida não eram muito diferentes daquelas duas garotas.

E muitas vezes eram só elas, mais ninguém. As duas irmãs estranhas para as quais todos apontavam o dedo na rua.

Isabel e Jezebel contra o mundo.

Ela retirou a aliança e a colocou na palma da mão. E sorriu ao vê-la se mover sozinha, virando-se de um lado para o outro, obedecendo seu comando mental. Ficou ali contemplando por alguns instantes a maldição que a ligava à Jezebel.

Isabel tomou uma decisão drástica. Nada mais a prendia àquele lugar. Se Jezebel estava condenada a morrer, não morreria sozinha. Ela iria atrás da irmã.

* * *

— Você não pode estar falando sério... — Jezebel falou, aflita.
— Por favor, me diga que é mentira.

— Eu adoraria dizer isso, mas não posso. Eles realmente não vão te resgatar — Isabel disse, com uma lágrima solitária descendo pela sua face.

— Ele prometeu! Ele falou que vinha! Quem esse tal de Ivan pensa que é?! — Jezebel gritou, angustiada.

— Jezebel, fala baixo! — Isabel implorou. — Eles vão ouvir você. Você mesma já disse que tem zumbis vagando pela rua e a casa não é mais segura.

— Eu não ligo! Não me importo! Estou a mais de dois meses esperando ansiosamente por algo que não vai acontecer! É melhor morrer! — Dando vazão ao desespero, Jezebel decidiu mandar todo o cuidado e todas as precauções às favas.

— Minha irmã, fique calma. Eu estou indo, eu vou buscar você está bem? — Isabel garantiu, por fim.

Jezebel congelou do outro lado do rádio. Foi um choque tão grande que quando ela olhou para o porta-lápis que ficava sobre a

mesa, ele tombou sozinho, algo que ela nunca conseguira fazer na vida.

— Como é que é? — Jezebel indagou numa voz baixa e pausada que até assustou Isabel.

— Eu disse que irei buscar você... Vou conseguir um carro emprestado, além de combustível, comida e armas. Farei pausas, agora que sei que tem um quartel em São Paulo e outros no Paraná, e posso ir de um para o outro e descansar. Além do mais, até São Paulo as estradas já estão livres.

— Você não vem... — Jezebel falou de forma apática.

— Vou sim, você só precisa manter a calma e esperar. Em algumas semanas tenho certeza de que...

— Você não vem! Eu te proíbo! — Jezebel gritou tão alto que o ouvido de Isabel até mesmo doeu.

— Calma, Jeza, lembre-se dos zumbis... — Isabel tentava convencer a irmã a imitá-la.

— Fodam-se os zumbis! Fodam-se todos eles! E foda-se esse tal de Ivan! Diga para ele que por mim ele queimar-se-á no inferno! — Jezebel urrou, furiosa, farta de tomar cuidado.

— Calma, irmã, calma... — Isabel suplicava.

— Eu proíbo você, Isabel! Não permito que faça uma cagada dessas, está me entendendo?!

— Não vou deixar você morrer aí sozinha! — Isabel respondeu, irritada, subindo o tom de voz também.

— Já estou morta! Tudo está perdido, é uma mera questão de tempo. Vir para cá sozinha só a matará também. Eu não quero! — Jezebel deu um último grito altíssimo.

Na rua, diversas criaturas andavam de um lado para o outro, errantes. Não tinham destino e nem raciocínio, por isso sua rotina era essa, caminhar lentamente para cima e para baixo. Alguns se ocupavam de ir até o fim da rua e depois voltar. Faziam isso dezenas de vezes por dia. Era algo realizado sem propósito específico, um reflexo automático.

Um expectador menos avisado que os visse aparentemente tão distraídos e abobalhados poderia concluir que os zumbis eram seres inofensivos e alienados. E aquele seria um erro fatal. Eles prestavam

atenção a tudo, estavam sempre em busca de algum som ou cheiro que pudesse levá-los até a sua próxima vítima.

Quando os gritos de Jezebel se espalharam pela vizinhança, várias criaturas estacaram. Olharam em volta, confusas. Pareciam tentar identificar a origem daquele som, que mais parecia um convite para uma refeição. Quando detectaram de onde vinha, começaram a se mover.

Os seres foram caminhando, cambaleando, caindo e levantando-se até a imensa casa de onde os gritos partiam. No começo eram apenas alguns; em poucos instantes, dezenas. Vinham em silêncio; assim eram os zumbis. Muitas vezes eles só resmungavam, rosnavam e urravam seguindo uma pista. Antes disso, se moviam desajeitados, mas com a quietude dos felinos.

Jezebel só percebeu o que estava acontecendo quando era tarde demais.

* * *

Jezebel falava pelo rádio quando foi interrompida com a entrada de dezenas de criaturas na casa que pertencera ao seu pai, o lugar que guardava algumas das suas lembranças mais felizes. Invadiram a sala aos montes, guiados pelos gritos ensurdecedores.

— Meu Deus do céu...

— O que aconteceu, Jeza? — Isabel sentiu o sangue gelar nas veias ao ouvir o tom da irmã.

— Eles já estão aqui. Agora está tudo acabado, minha irmã — Jezebel afirmou, derrotada.

— Não acabou, não! Corre, Jeza, corre! — Isabel gritava desesperada no rádio, tentando convencer a irmã a não se render.

— Sinto muito, Isabel. Não vou deixar você se matar. Eu a amo demais para permitir isso.

Jezebel se levantou dentro do seu esconderijo enquanto ouvia as criaturas tropeçando nos móveis na sala de estar logo ao lado.

— Jezebel! Não! — A voz de Isabel soava embargada pela dor.

— Eu darei um beijo no papai se eu o encontrar, está bem? Se cuida, Isabel, eu amo você. — E Jezebel desligou o rádio.

Isabel começou a gritar, chorar de desespero, e arremessou o microfone na parede de tanta dor e impotência. Observara a morte lenta da própria irmã por tantas semanas, e agora o desfecho.

CAPÍTULO 9

A SENHORA DOS MORTOS



O PRIMEIRO ZUMBI surgiu diante de Jezebel logo que ela abandonou o rádio. Ela dispunha apenas de uma faca como arma, mas tampouco era hábil em utilizá-la. Quando a fera avançou sobre ela, empurrando-a contra a parede, Jezebel reagiu por puro instinto.

Ao bater as costas contra o concreto ela aplicou uma facada de baixo para cima, enfiando a lâmina no queixo e fazendo-a penetrar até o cérebro do ser, que caiu fulminado no chão, salpicando suas roupas de sangue.

Jezebel correu para a sala, que já estava lotada de zumbis, e encontrou várias criaturas deformadas, com rostos e corpos destruídos. Correu com a faca em punho entre os zumbis, que se esticavam tentando agarrá-la. No íntimo ela já havia se entregado, mas as pernas possuíam vontade própria, impulsionadas pela adrenalina e o instinto de sobrevivência.

Quando Jezebel quase chegava à cozinha, que daria acesso à porta dos fundos e talvez lhe permitisse alguma chance de escapatória, uma zumbi, uma mulher negra de uns quarenta anos, a agarrou pelos cabelos encaracolados. Puxou com força impressionante, quase lançando Jezebel ao chão.

Quando ela se desequilibrou, a mulher maltrapilha e de olhos mortos agarrou seu braço esquerdo e mordeu com violência, rompendo inúmeros nervos e veias. Jezebel gritou de dor, e seu sangue jorrou na parede, manchando tudo de vermelho.

Ferida, ela golpeou da direita para a esquerda com a faca, que entrou pela têmpora da zumbi, que desabou no chão, soltando seu braço dilacerado.

Jezebel voltou a correr, saindo pela cozinha e ganhando a rua. Na entrada da casa encontrou mais zumbis. De alguma forma as criaturas eram atraídas por aquelas aglomerações.

Eram muitos, vindos de diversas direções. Jezebel começou a sentir a respiração cada vez mais pesada e o corpo ficando entorpecido, junto com uma enorme vontade de vomitar. Sabia estar infectada, já vira aquilo acontecer. Em breve aquele pesadelo terminaria, e uma nova e desconhecida fase começaria. Pensou em sem matar, mas não tinha coragem. Só rezava para que tudo acabasse. Tinha esperanças de que aqueles seres não guardassem lembranças, vontades ou medos. Fossem apenas cascas ocas e mortas.

A consciência já falhava... sabia que estava prestes a se transformar.

Jezebel corria pela avenida Oswaldo Aranha, que ficava no centro de Canela, afastando-se dos zumbis que a perseguiram. Outros surgiam das ruas transversais e se juntavam aos seus perseguidores. Mas logo ela só conseguia andar, suas forças estavam se esvaindo rapidamente.

Ela venceu os quase mil metros que separavam a casa do seu pai do prédio em que vinha se escondendo por todos aqueles meses, na rua Felisberto Soares. Era um edifício antigo que se tornara seguro, pois sua única entrada fora bloqueada por um ônibus capotado.

Uma escada apoiada à sacada do primeiro andar nos fundos do prédio garantia o acesso e mantinha os zumbis longe. Assim Jezebel conseguira resistir tanto tempo. Mas agora não seria mais preciso... Só não queria servir de refeição enquanto tivesse alguma lucidez.

Subiu na escada com dificuldade, enquanto seus perseguidores buscavam entrar no prédio por todas as portas e janelas. Suas mãos tremiam, a cabeça girava, seu corpo inteiro ardia em febre. Sentia que um buraco negro se abria sob seus pés e tentava tragá-la para seu interior.

Num último esforço sobre-humano, Jezebel abriu o engate da escada, derrubando-a no meio dos seres frustrados que a observavam do térreo, ferozes. Normalmente ela puxava-a para cima, mas não tinha forças para fazê-lo, nem via mais necessidade; aquela seria uma viagem só de ida.

Ao entrar no apartamento, Jezebel caiu de joelhos, arfando. Sentia a boca amarga, e acabou vomitando suco gástrico e saliva, porque não comia nada havia mais de vinte e quatro horas.

Praticamente se arrastou até a sala daquele apartamentinho, que fora sua morada por quase um ano. Nada daquilo lhe pertencia, mas depois de tanto tempo tudo parecia tão familiar. Os quadros, os móveis, os eletrodomésticos que nunca mais foram ligados, todos os seus companheiros naquele longo período de solidão.

Na sala, Jezebel finalmente caiu diante da mesa de centro na qual havia a única coisa que ela levara da casa do pai: um porta-retratos com uma foto da família — ela, o pai e Isabel. Ao fundo, a belíssima Cachoeira do Caracol, famoso ponto turístico da cidade. Uma lembrança persistente de uma época feliz que estava morta para sempre.

— Isabel... — Jezebel sussurrou, e por fim sua alma desabou em direção ao vazio.

Naquele último instante, usando o fio de vida, ela fez o porta-retratos tombar para a frente. E seu corpo caiu, inerte, no meio da sala.

* * *

Isabel saiu da sala de rádio, alucinada, decidida a matar Ivan com as próprias mãos. Iria esganá-lo, sufocá-lo. Fazê-lo pagar com sangue por todo o sofrimento que ele causara.

Ela correu descontrolada até o posto de saúde, o último lugar em que o vira. Não queria chamar a atenção. Aquele condomínio estava lotado de pessoas armadas, e qualquer uma poderia detê-la facilmente.

Encontrou Sandra, que vestia jaleco branco porque estava realizando atendimentos, e acabara de cuidar de um paciente.

Sandra se mantinha muito ocupada desde que retornara de Taubaté: eram inúmeros sobreviventes e entes queridos dos soldados mortos com os nervos em frangalhos desde a desastrosa campanha na cidade vizinha — e os pacientes não paravam de chegar. O clima do condomínio inteiro era de pesar.

Sandra sorriu ao vê-la, mas logo notou que algo estava errado.

— Olá, Isabel, como você está? Posso ajudar? — Sandra franziu a testa.

— Preciso falar com Ivan. Ele ainda está aqui? — Isabel perguntou, tropeçando nas palavras.

— Não, ele acabou de ir para casa. — Sandra a olhava, preocupada.

— Você sabe onde ele mora? — Isabel, muito agitada, tentava não transparecer sua motivação.

— Na primeira rua à direita, num sobrado grande de tijolos aparentes. Tem certeza de que está tudo bem? — Sandra insistiu.

— Está tudo bem, sim. Só preciso falar com ele, é urgente. Obrigada, Sandra! — E Isabel saiu às pressas.

Sandra teve um mau pressentimento. Esperava que Isabel não fizesse nenhuma besteira, nem tivesse outro ataque de fúria contra ele.

Ivan podia ter vários defeitos, mas todos eram gratos pela criação daquela comunidade, fruto de sua liderança firme. Se Isabel fizesse algo para prejudicá-lo, muitas pessoas ficariam contra ela.

Isabel saiu andando normalmente pela rua até virar a esquina, depois recomeçou a correr. Estava desarmada — possuir uma arma era uma prerrogativa dos soldados, e ela não possuía esse status, apesar de ter ajudado no cerco ao quartel de Taubaté.

Não sabia o que poderia fazer... era guiada por ódio, não conseguia raciocinar direito.

Quando se aproximou, viu Ivan no quintal em frente à sua casa, brincando com os filhos. Eram mais de meia dúzia de crianças correndo atrás do pai numa brincadeira de pega-pega. Então elas o agarraram, derrubaram-no no gramado, e subiram nele, gargalhando. Ivan gritava e ria enquanto era esmagado pelos filhos.

Era um momento raro: ele precisava dar um pouco de atenção para as crianças, apesar de toda a preocupação com Estela, e com toda a comunidade de sobreviventes.

Ao presenciar aquela cena, Isabel estacou. Esperava encontrar um monstro, não um pai de família. Era muito mais fácil imaginá-lo como um ser sem alma. Ela já havia esquecido daquela particularidade da vida de Ivan. As crianças descalças riam e gritavam. Uma menininha de cerca de sete anos se pendurou no pescoço dele, enchendo-o de beijos.

Isabel se apoiou no porta-malas de um carro estacionado ali na rua, um Vectra sujo de pó, provavelmente abandonado por quase um ano inteiro. Então recomeçou a soluçar. Até mesmo o alívio da vingança estava lhe sendo negado. Não podia fazer aquilo, não tinha coragem de tirar a vida de quem quer que fosse, muito menos de um pai de família, ainda mais diante dos filhos.

Ela se sentou no asfalto, abraçou os joelhos e chorou até não aguentar mais.

* * *

Jezebel se mexeu no meio da sala. Primeiro apoiou as duas mãos no chão, ficando de quatro. Em seguida, ergueu o tronco, ainda de joelhos. Esticou-se toda, espreguiçando-se, retesando os músculos e fazendo os ossos estalarem.

Virou a cabeça para cima e para os lados, relaxando a musculatura do pescoço. Por fim, colocou-se de pé, sem maiores dificuldades.

Caminhou até o meio da sala, olhando tudo ao redor. Sentia um certo torpor, um pouco de curiosidade misturada a uma sensação de despreocupação e leveza. Sua expressão era serena. Mas tinha mais.

Quando chegou diante do espelho próximo à mesa de jantar deparou com o próprio reflexo. Seus olhos, antes vívidos, agora eram brancos e leitosos. Mas em vez de leveza e paz, aqueles eram olhos de um ser tocado pela maldição.

Ela virou a cabeça de lado e ficou olhando sua imagem como uma criança parada diante de um brinquedo fascinante. E sem nenhum movimento diferente o espelho rachou de cima abaixo. Jezebel

piscou diante daquela cena, mas não se surpreendeu. Passou os dedos com suavidade sobre o espelho partido, admirando a perfeição da fratura. Ele se quebrara de forma precisa, uma rachadura em linha reta, exatamente no meio, dividindo-o em partes iguais.

Quando mirou o próprio rosto de novo, Jezebel parou. Ficou observando, sobretudo, sua nova face transformada, tocando-a com as mãos. E o olhar que antes mostrava uma expressão vazia se transformou em fúria macabra, e o espelho explodiu, despedaçando-se em milhares de cacos que voaram pelo apartamento. O que sobrou da enorme peça despencou da parede, batendo no piso e soltando um estrondo, e rachando a grossa moldura.

Jezebel então virou-se na direção da sacada do apartamento, disposta a observar a rua. A porta-balcão vivia fechada, e ainda sob a proteção das cortinas cerradas, para que os zumbis não soubessem que aquele lugar era habitado. Ao chegar a menos de dois metros de distância, a porta-balcão explodiu de dentro para fora, destruindo a parede, a mureta de proteção e fazendo com que toda a sacada desabasse sobre o ônibus capotado, que mantinha a entrada principal lacrada. A cortina, arrancada com a explosão, voou para fora, e foi parar a alguns metros de distância do prédio.

O barulho chamou a atenção de vários zumbis, inclusive de alguns dos que perseguiram Jezebel momentos antes. Eles começaram a caminhar até a frente parcialmente destruída do prédio. Jezebel olhou a rua, aproximando-se demais da beirada; mais um passo e despencaria sobre o ônibus.

Ela virou-se de costas e rumou até a porta da sala, que rangeu nas dobradiças até arrebentarem, fazendo toda a peça de madeira cair para dentro, arrancando lascas do batente. Jezebel pisou sobre ela e seguiu em frente, ganhando o corredor. A porta corta-fogo que levava às escadas abriu-se sozinha, então ela começou a descer os degraus com relativa suavidade.

À medida que Jezebel descia, as lâmpadas do teto explodiam à sua passagem, cobrindo os degraus de cacos de vidro; e os corrimãos de metal começaram a se dobrar como se fossem feitos de material flexível, rachando as paredes.

Quando Jezebel chegou ao hall de entrada do edifício, um espaço pequeno e escuro com uma pequena recepção e um sofá, surgiu um zumbi que fez menção de aproximar-se dela. Então o que se pôde ver foi a criatura sendo arremessada pela porta de vidro da entrada, passando por cima do ônibus capotado. Jezebel produziu esse efeito sem sequer tocá-lo ou mover um único músculo.

Ela caminhava indiferente a tudo, partindo da entrada do prédio, mas aquela serenidade era apenas aparente. Por dentro, Jezebel fervia de ódio, parecia que espumava, e quando estava a cerca de cinco passos do edifício, um estrondo alto, como uma detonação de dinamite, fez tudo tremer, e a parte frontal do edifício explodiu, destruindo toda a fachada.

O ônibus foi arremessado longe, girando no ar e batendo no chão cerca de vinte metros à frente. Aterrissou sobre as rodas, mas logo oscilou e tombou de lado, fazendo as poltronas se soltarem dentro veículo e se esparramarem pelo assoalho. Uma grossa coluna de fumaça e poeira subiu ao céu, como se preparassem o caminho.

Diversas criaturas começaram a rumar em direção de Jezebel, mas apenas a acompanhavam. Ela caminhava à frente. Das ruas perpendiculares, das casas, lojas, dos postos de gasolina, de todas as partes, mortos-vivos eram atraídos em sua direção. E logo se juntavam à massa de seres que a seguiam.

Ao passar pelo próximo quarteirão, as lojas começaram a explodir em sequência. Cacos de vidros e fragmentos de móveis e ferragens voavam em meio à fumaça e à poeira.

Em diversas partes do percurso havia carros, ônibus e caminhões abandonados no meio da via, alguns batidos, outros apenas largados. Ela se aproximava, e os veículos eram lançados nas alturas, tombando sobre as calçadas ou mesmo sobre outros carros, desobstruindo o caminho.

Quando chegaram ao cruzamento com uma avenida, Jezebel parou, e foi imitada pela massa de criaturas que a acompanhava. Ao olhar para o lado, ela viu, algumas centenas de metros adiante, a via lotada de veículos parados, na certa em função de algum congestionamento causado no momento clímax da transformação promovida pelo planeta Absinto. Então, a pista se descolou do chão,

como se fosse uma gigantesca cobra de asfalto, erguendo e sacudindo os diversos veículos como se não passassem de brinquedos, que começaram a despencar.

Quando isso aconteceu, podia-se ouvir um grotesco som de rochas se partindo. Um caminhão-tanque caiu e se espatifou no solo, explodindo numa bola de fogo e fumaça negra de centenas de metros de altura. O chão começou a tremer, os bueiros, a explodir, arremessando as pesadas tampas de ferro nas alturas, e rachaduras surgiram por toda a avenida. Parecia que a qualquer momento uma fenda gigante apareceria e engoliria tudo.

Os postes de iluminação tombavam um atrás do outro, como peças de dominó, lançando cabos de energia e pequenas explosões por todos os lados.

Enfim, Jezebel chegou à frente da casa que fora sua morada e de seu pai. Quando olhou para trás, mais de mil e quinhentos zumbis a seguiam, uma parcela significativa da população de criaturas da cidade. Caminhavam em silêncio, e cada vez mais outras surgiam, como que atraídas por um ímã irresistível.

Jezebel se aproximou da casa, e os portões se dobraram. A porta da sala caiu para o lado de dentro junto com o batente, levando parte da parede também ao chão.

As criaturas lá dentro, ao avistar Jezebel, saíram sem produzir ruído, deixando a residência vazia. Então ela entrou.

O inferno, naquele momento, sem dúvida explodia em festa. O Anticristo agora caminhava pela Terra. O profano finalmente havia sido desencadeado.

Jezebel entrou na sala onde estava o rádio do seu pai, e seu rosto se contorceu numa careta de ódio. O aparelho foi ligado instantaneamente, e ela se sentou diante do microfone, que foi acionado num passe de mágica, fazendo o som de estática surgir em outro aparelho a mais de mil quilômetros de distância.

A energia que agora ela emanava fazia as paredes da casa tremer. Nesse momento, o lustre da sala despencou do teto, espatifando-se na mesa de jantar, e todas as portas da casa começaram a bater, fora de controle. Sofás, poltronas e todos os demais móveis eram sacudidos e flutuavam, atingindo o teto.

* * *

Ariadne não fazia ideia do que significava aquela barulheira saindo pelos alto-falantes do rádio no Condomínio Colinas. Acabaram de substituir o microfone destruído por Isabel no seu acesso de raiva, então ela descartou o problema no aparelho. Assim, ela começou a ouvir um som que no início parecia um assovio feito de metal, e sentiu o sangue gelar, como se todo o mal do mundo estivesse do outro lado da linha.

Ariadne reuniu coragem diante daquela sensação e apertou o botão do microfone, acionando o comunicador.

— Aqui é do Condomínio Colinas. Tem alguém aí? — perguntou, insegura, sem saber ao certo o porquê.

Quando ela falou, um estrondo gigantesco surgiu do outro lado, resultado de centenas de móveis e objetos desabando ao mesmo tempo no chão da casa que fora o lar de Jezebel e sua família.

Depois disso, todos os ruídos cessaram. Ou quase todos. Ariadne conseguia ouvir ao fundo o som de uma respiração pesada, gutural.

— Aqui é do Condomínio Colinas. Tem alguém aí? — Ariadne insistiu, instintivamente torcendo para que ninguém respondesse.

O que ela ouviu em seguida, porém, encheu seu coração de terror, e seria lembrado onde quer que houvesse um ser humano que guardasse a mais vaga lembrança daqueles dias em que o Mal passou a vagar, livre, pelo mundo:

— eu quero falar com esse desgraçado que vocês chamam de Ivan!
— Jezebel ordenou, com uma voz rasgada, estridente, metálica, carregada de fúria.

Continua...

AGRADECIMENTOS



AGRADEÇO À MINHA ESPOSA, Cláudia, e a todos os meus familiares e amigos que mais uma vez estiveram ao meu lado nessa nova empreitada.

Por ajudarem de novo na dura tarefa de divulgar um livro no nosso país, agradeço o apoio das equipes das páginas “Revil” – <http://www.facebook.com/revilbr>; “Zumbis no Face” – <http://www.facebook.com/zumbisnoface>; “The Walking Dead Brazilian” – <http://www.facebook.com/thewalkingdeadbrazilian>; “Zumbicast” – <http://www.zumbicast.com.br>; “Universo Zumbi” – <http://www.universozumbi.com.br>, “Planeta Morto” – <http://www.facebook.com/planetamorto>, “Hora do Medo” – <https://www.facebook.com/blogahoradomedo> e “The Walking Dead Brasil” - <https://www.facebook.com/TheWalkingDeadBrasil>.

Quero agradecer aos parceiros Caíque Fernandes, Vanderlei Diego, Gabriel Gregório, Gustavo de Oliveira, Hilton Gabriel, Scheyla dos Santos, André Ceraldi, Zotto Vaz, Fábio Zonatto, Denise Oliveira, Danilo Carvalho, Guilherme Guckert, Fernanda Oz, Thiago Vitezi, Felipe Pocchini, Rodrigo Florêncio, Matheus Henrique e Kelly Ribeiro pelo apoio que sempre têm prestado a mim e ao meu trabalho.

E novamente agradeço a Deus, que nunca me deixa desistir.

O AUTOR



RODRIGO DE OLIVEIRA é Gestor de TI e fã de ficção científica, dos clássicos de terror, em especial da obra de George Romero. A ideia para esta série surgiu após um longo pesadelo tão real que, ao acordar, começou a escrever freneticamente, até concluir seu primeiro livro.

Casado, com dois filhos, nasceu em São Paulo, e vive entre a capital e o Vale do Paraíba.



A série *As Crônicas dos Mortos* tem previsão de cinco livros. Uma história, sobre um evento que acontece com um grupo em São Paulo pode ser acessado gratuitamente, por tempo determinado, através da página da editora em formato ebook. São 70 páginas eletrizantes e traz um personagem que voltará a aparecer na série.

ELEVADOR 16

Na hora do almoço, 16 pessoas entram no elevador... mas ele para entre dois andares.

As comunicações não funcionam, nem alarmes ou celulares, ninguém aparece para ajudar. E eles não sabem que, em todo o mundo, algo muito estranho aconteceu. Em poucos segundos, 10 pessoas caem num surto coletivo, como que desmaiadas. Entre o desespero e tentativas de busca por ajuda, um deles começa a abrir os olhos. Mas eram olhos vazios, olhos do mal...

Acesse nosso site: www.faroeditorial.com.br

Próximo lançamento: **A SENHORA DOS MORTOS**

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2014

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação de textos **TUCA FARIA**

Revisão **MÔNICA VIEIRA E PROJECT NINE**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa © **ALESSANDRO GUERRIERO | SHUTTERSTOCK;** © **KALMAN89, DAVID ESPIN, PANCAKETOM | DREAMSTIME**

Imagens internas **DREAMSTIME**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Rodrigo de

A batalha dos mortos [livro eletrônico] /
Rodrigo de Oliveira. -- São Paulo : Faro
Editorial, 2014. — (As crônicas dos mortos)
800Kb ; ePUB

ISBN 978-85-62409-23-3

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

14-06703 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



1ª edição brasileira: 2014

Direitos de edição em língua portuguesa,
para o Brasil, adquiridos por Faro Editorial

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br